

GIOVANNA SOUZA PICOLO

**EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE NA
ESCOLA: concepções de professores/as e gestores/as da
rede pública e privada de Ensino Médio**

GIOVANNA SOUZA PICOLO

**EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE NA
ESCOLA:** concepções de professores/as e gestores/as da
rede pública e privada de Ensino Médio

Dissertação de Mestrado apresentado ao Conselho,
Programa Educação Sexual da Faculdade de
Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como
requisito para obtenção do título de Mestre em
Educação Sexual. Exemplar apresentado para
exame de defesa.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento,
sexualidade e diversidade na formação de
professores

Orientador: Prof^ª. Dr^a Célia Regina Rossi

ARARAQUARA – S.P.
2024

P598e

Picolo, Giovanna Souza

EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE NA ESCOLA :
concepções de professores/as e gestores/as da rede pública e privada
de Ensino Médio / Giovanna Souza Picolo. -- Araraquara, 2024
287 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Célia Regina Rossi

1. Educação integral em Sexualidade. 2. Ensino Médio. 3. Rede
Pública. 4. Rede Privada. 5. Professores. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade
Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa qualitativa e descritiva realizada sobre as concepções e reflexões acerca da sexualidade e relações de gênero no ambiente escolar de Ensino Médio revela uma série de impactos potenciais em diversos aspectos da sociedade. Do ponto de vista científico e técnico, a pesquisa oferece uma compreensão mais profunda dessas questões, além de desenvolver metodologias para abordá-las de forma qualitativa. Socialmente, a pesquisa promove discussões abertas e inclusivas sobre sexualidade e gênero, estimulando o desenvolvimento de programas de Educação Integral em Sexualidade e a criação de espaços seguros para alunos LGBTQ+. No âmbito econômico, a pesquisa pode contribuir para a redução de problemas de saúde relacionados à sexualidade, impactando positivamente os sistemas de saúde e os gastos públicos. Educacionalmente, sugere-se a inclusão da temática da sexualidade e gênero nos currículos escolares e nos cursos de formação de professores, bem como a realização de formação continuada para aprimorar práticas pedagógicas. Culturalmente, a pesquisa promove uma cultura escolar mais aberta ao diálogo e à diversidade, incentivando a reflexão sobre valores sociais e culturais. A pesquisa também tem potencial para internacionalização, disseminando seus resultados para outras instituições de ensino e influenciando políticas educacionais em níveis local, regional e nacional. Além disso, contribui para o desenvolvimento sustentável ao promover o desenvolvimento humano e a igualdade de gênero, fortalecendo os direitos sexuais e reprodutivos dos jovens.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The qualitative and descriptive research conducted on the conceptions and reflections regarding sexuality and gender relations in the high school environment reveals a series of potential impacts across various aspects of society. From a scientific and technical standpoint, the research offers a deeper understanding of these issues, as well as develops methodologies to address them qualitatively. Socially, the research promotes open and inclusive discussions about sexuality and gender, stimulating the development of Comprehensive Sexuality Education programs and the creation of safe spaces for LGBTQ+ students. Economically, the research can contribute to reducing health problems related to sexuality, positively impacting healthcare systems and public spending. Educationally, it suggests the inclusion of sexuality and gender themes in school curricula and teacher training programs, as well as ongoing

professional development to enhance pedagogical practices. Culturally, the research fosters a school culture more open to dialogue and diversity, encouraging reflection on social and cultural values. The research also has the potential for internationalization, disseminating its findings to other educational institutions and influencing educational policies at local, regional, and national levels. Furthermore, it contributes to sustainable development by promoting human development and gender equality, strengthening the sexual and reproductive rights of young people.

GIOVANNA SOUZA PICOLO

EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE NA ESCOLA: concepções de professores/as e gestores/as da rede pública e privada de Ensino Médio

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientador: Prof^{ra}. Dr. Célia Regina Rossi

Data da defesa: 20/02/2024

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: **Prof. Dra. Celia Regina Rossi**
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro.

Membro Titular: **Prof. Dr. Rinaldo Correr**
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro.

Membro Titular: **Profa. Dra. Érica Rodrigues do Nascimento**
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Para Thales Sant'Anna Picolo, meu irmão e o melhor que poderia existir.... Eu te amo!
Para a Giovanna de 2015, por toda sua resiliência e coragem...
Nós conseguimos!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Rene Picolo e Gisela Benício de Souza, por todo amor, dedicação e cuidado nesses 26 anos de vida; mas em especial nessa trajetória de pesquisadora. Sem o apoio de vocês, eu não chegaria tão longe.

Aos meus avós, Gilberto Picolo e Rosanea Picolo, fontes de infindável amor e amparo. Aos meus avós, João Benício de Souza e Lasara de Souza que já encerraram sua existência mas cujo amor e cuidado estão presentes em meu coração.

Ao meu irmão Thales Sant'Anna Picolo por ser minha maior fonte de inspiração e coragem para seguir com a pesquisa até o fim. Obrigada por me ensinar tanto, eu te amo.

À todos os familiares não citados por todo apoio, por serem minha base e porto seguro. Eu amo cada um de vocês.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Célia Regina Rossi que me acompanhou desde a graduação, acreditou em minha pesquisa e em meu potencial como pesquisadora. Obrigada por fazer parte da minha construção profissional e humana.

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação Sexual pelos conhecimentos transmitidos, trocas de experiência e dedicação na criação de profissionais que acreditam e atuam pela transformação da sociedade por meio da Educação Sexual. Vocês são inspiradores.

Ao Leonardo Rosa, meu atual companheiro, pelos inesgotáveis momentos de paciência, carinho e amor, 'eu te amo o oceano inteiro'. À família Rosa pelos momentos de felicidade que tornaram essa trajetória mais leve e possível, eu tenho sorte de compartilhar a vida com vocês.

Aos meus amigos Ana Alves de Sousa, Pedro Henrique Magnani e Lucas Fantinel Barata, que longe ou perto compartilham comigo os memoráveis momentos da juventude e brilham na minha vida. À Carolina Fetchir, amizade inspiradora e prazerosa propiciada pelo programa. A companhia de vocês torna a vida ainda mais singular.

Aos amigos e colegas não citados mas que de alguma forma contribuíram para minha jornada.

À minha psicóloga Marisa Mastrococo, profissional integral do meu desenvolvimento humano e psicossocial. Obrigada por todos os aprendizados que me tornaram quem sou hoje.

Às escolas participantes da pesquisa, bem como seus professores(as) e gestores(as) pela abertura, disposição e contribuição; espero retornar com contribuições significativas a todos.

Aos meus companheiros da Soka Gakkai Internacional por todos os incentivos a continuar seguindo meus sonhos e ideais. Contem sempre comigo.

E à UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara pela oportunidade de realizar minha (r)evolução acadêmica e humana.

À todos vocês, minha eterna gratidão!

“(...) a jornada de Kamakura a Kyoto leva doze dias. Se viajar onze dias e parar quando estiver faltando apenas um dia, como poderá admirar a Lua sobre a capital?”

Nichiren Daishonin (CEND, 2017, p.294)

RESUMO

A presente pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, teve como objetivo investigar as concepções e reflexões sobre a sexualidade e relações de gênero no ambiente escolar de Ensino Médio e suas vivências entre estudantes e profissionais da educação. Foi feito um estudo de campo em escolas de Ensino Médio da rede pública e privada no município de Rio Claro (SP). Neste estudo, foram entrevistados um(a) professor(a) de Biologia, s um(a) de Sociologia e Filosofia e s um(a) de Física bem como os(as) coordenadores pedagógicos (as) e diretores (as) de cada escola, totalizando uma população de 10 entrevistados. Com os alunos, foram realizadas observações durante o período do intervalo e feito um relatório descritivo pela pesquisadora. Este procedimento ocorreu somente na escola pública, pois a escola particular possui contrato de exclusividade da escola com outras empresas em relação ao contato com os alunos. Os relatos colhidos foram transcritos e organizados para facilitar a identificação dos temas mais emergentes. A análise dos discursos está calcada na proposta de Análise do Conteúdo da pesquisadora Bardin, sendo esta uma das formas de tratamento de dados em pesquisa qualitativa. Analisou-se, inicialmente os discursos obtidos somente na escola pública, posteriormente aqueles obtidos na escola particular, e por fim, as semelhanças e contrastes encontrados nos discursos de ambas as escolas. Concluiu-se que a escola é um ambiente em que ocorre uma diversidade de manifestações de diferentes caráter, sejam eles políticos, culturais, sociais ou sexuais. A existência de regras mais ou menos rígidas não impede que as manifestações de sexualidade dos alunos ocorram de maneira explícita ou implícita. Os resultados apontam para um terreno fértil no qual a Educação integral em Sexualidade pode ser implementada, uma vez que em seus princípios, o ponto de partida das discussões é justamente as necessidades e questionamentos apresentados pelos estudantes. Sinaliza-se a necessidade da inserção da temática nos cursos de licenciatura, bem como a formação continuada na área por parte dos professores(as) e da gestão escolar a fim de aprimorar as práticas e posturas para um comportamento mais ativo e seguro quanto à implementação e efetivação da Educação integral em Sexualidade.

Palavras – chave: Educação integral em Sexualidade; Ensino Médio; Rede Pública; Rede Privada; Professor.

ABSTRACT

This qualitative and descriptive research aimed to investigate the conceptions and reflections on sexuality and gender relations in the high school environment and their experiences among students and education professionals. A field study was carried out in public and private high schools in the city of Rio Claro (SP- Brazil). In this study, Biology, Sociology and Physics teachers were interviewed as well as the pedagogical coordinators and principal of each school, totaling a population of 10 interviewees. With the students, observations were made during the break period and a descriptive report was made by the researcher. This procedure only occurred in the public school, as the private school has an exclusive school contract with other companies in relation to contact with students. The reports collected were transcribed and organized to facilitate the identification of the most emerging themes. Discourse analysis is based on researcher Bardin's Content Analysis proposal, which is one of the forms of data processing in qualitative research. Initially, the speeches obtained only in the public school were analyzed, later those obtained in the private school, and finally, the similarities and contrasts found in the speeches from both schools. It was concluded that the school is an environment in which a diversity of manifestations of different nature occurs, whether political, cultural, social or sexual. The existence of more or less rigid rules does not prevent students from expressing their sexuality explicitly or implicitly. The results point to fertile ground in which comprehensive Sexuality Education can be implemented, since in its principles, the starting point of discussions is precisely the needs and questions presented by students. The need to include the theme in undergraduate courses is highlighted, as well as continued training in the area by teachers and school management in order to improve practices and postures for more active and safe behavior regarding implementation and implementation of Comprehensive Sexuality Education.

Keywords: Comprehensive Sexuality Education; High school; Public network; Private Network; Teacher.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição da população brasileira por grupo de religião	50
Tabela 2	Identificação da população entrevistada	81
Tabela 3	Identificação dos entrevistados na escola pública	82
Tabela 4	Identificação dos entrevistados na escola particular	116
Tabela 5	Identificação dos entrevistados na escola pública e particular	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ISTs Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBT+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais (o sinal + abarca outras populações como ageneros, assexuados, intersexuais, queer, pansexuais, não binários e outras identidades e expressões de gênero orientações sexuais que não se enquadro no padrão cis-heteronormativo ou nas letras anteriores)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 DEFINIÇÕES DE SEXUALIDADE	21
2.1 Cultura e Sexualidade	22
2.2 Medicina e Sexualidade	26
2.3 Gênero e Sexualidade	30
2.3.1 Contribuições de Judith Butler	32
2.4 Juventude, adolescência e Sexualidade	35
2.4.1 Adolescência vs. Juventude	36
2.4.2 Sexualidade nos primeiros anos da juventude	38
2.4.2 A iniciação sexual	43
2.5 Religião e Sexualidade	47
2.5.1 Judaísmo	48
2.5.2 Islamismo	49
2.5.3 Catolicismo e Evangélicos	50
2.5.4 Religião, sexualidade e juventude	52
2.6 Família e Sexualidade	55
2.6.1 Juventude, sexualidade e família	57
2.6.2 Sexo na casa dos pais	60
3 EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE	63
3.1 Propósitos e objetivos da Educação integral em Sexualidade	65
3.2 Práticas da Educação integral em Sexualidade nas escolas	70
3.2.1 Documentos oficiais da Educação do Brasil	72
3.2.2 O preparo dos professores e os conteúdos abordados	75
4 METODOLOGIA	78
5 ANÁLISE DOS DADOS: CATEGORIAS QUE EMERGIRAM APÓS AS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	83
5.1 Análise das entrevistas com professores/as e gestores/as da escola pública	83
5.1.1 Categoria: Formação profissional	84
5.1.2 Categoria: Compreensão da Sexualidade	85
5.1.3 Categoria: Relações com a Educação em Sexualidade	87

5.1.4 Categoria: Questões de gênero	91
5.1.5 Categoria: Categoria: O trabalho com o tema de sexualidade	93
5.1.5.1 O trabalho dos professores	94
5.1.5.2 O trabalho dos gestores	101
5.1.6 Categoria: Manifestações da sexualidade dos alunos	109
5.1.7 Categoria: Relações da escola com a família e a comunidade	116
5.2 Análise das entrevistas com professores/as e gestores/as da escola particular	116
5.2.1 Categoria: Formação profissional	118
5.2.2 Categoria: Compreensão da Sexualidade	120
5.2.3 Categoria: Relações com a Educação em Sexualidade	122
5.2.4 Categoria: Questões de gênero	125
5.2.5 Categoria: Categoria: O trabalho com o tema de sexualidade	127
5.2.5.1 O trabalho dos professores	128
5.2.5.2 O trabalho dos gestores	135
5.2.6 Categoria: Manifestações da sexualidade dos alunos	141
5.2.7 Categoria: Relações da escola com a família e a comunidade	145
5.3 Análise das entrevistas com professores/as e gestores/as da escola pública e particular	148
5.3.1 Categoria: Professores de Biologia	149
5.3.2 Categoria: Professores de Física	150
5.3.3 Categoria: Categoria: Professores de Sociologia e Filosofia	151
5.3.4 Categoria: Coordenadores Pedagógicos	154
5.3.5 Categoria: Diretores	157
6 REFLEXÕES: EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE, ESCOLA E POLÍTICAS PÚBLICAS	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	172
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	182

APÊNDICES	184
APÊNDICE A - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DE CAMPO	185
APÊNDICE B - RELATÓRIO DESCRITIVO DE OBSERVAÇÃO - ESCOLA PÚBLICA	187
APÊNDICE C - TCLE - PROFESSORES E GESTORES	190
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSORES	193
APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA GESTORES	195
APÊNDICE F - ENTREVISTA PROFESSORA BIA	197
APÊNDICE G - ENTREVISTA PROFESSORA DIANA	206
APÊNDICE H - ENTREVISTA PROFESSOR LION	214
APÊNDICE I - ENTREVISTA COORDENADOR BORIS	226
APÊNDICE J - ENTREVISTA DIRETOR LUSÍADA	238
APÊNDICE K - ENTREVISTA PROFESSORA PÉROLA	248
APÊNDICE L - ENTREVISTA PROFESSOR ÍSIS	257
APÊNDICE M - ENTREVISTA PROFESSORA BENEDITO	265
APÊNDICE N - ENTREVISTA COORDENADORA MONIQUE	271
APÊNDICE O - ENTREVISTA DIRETORA CRISTINA	280

1. INTRODUÇÃO

O tema de estudos da sexualidade cruzou meu caminho no início do Ensino Médio, em 2013. Apesar de nascer em uma época em que já se abordava a homoafetividade em mídias como novelas e filmes, o contato social mais direto com uma colega de sala homossexual, em conjunto com meu período de adolescência e juventude, fez germinar o meu interesse pelo tema. É válido dizer que a sexualidade em si sempre esteve presente durante meu desenvolvimento biopsicossocial: na infância durante as brincadeiras de "mamãe e filhinha" e no gosto por filmes e histórias românticas; na pré adolescência, com a preocupação com o primeiro beijo, as paixões sem precedentes, a descoberta da masturbação, o interesse sobre o funcionamento do corpo humano e do sistema reprodutor e o contato - infelizmente precoce - com a pornografia; na adolescência com as 'ficadas', os namoros, as experiências afetivas e sexuais que dali surgiram, os debates sobre gênero e feminismo na escola, as conversas sobre sexo, a construção da minha identidade e, por fim, nas leituras autônomas sobre os assuntos que se incluíam no vasto universo da sexualidade. Essa foi minha constituição como mulher, pesquisadora e estudante universitária.

Na Graduação em Pedagogia a interação com o tema de sexualidade por um viés acadêmico ocorreu por meio da disciplina “Educação em Sexualidade, Diversidade e Relações de Gênero na Escola”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Célia Regina Rossi e sua orientanda Marília Frassetto de Araujo, indo ao encontro de minhas necessidades de aprofundar o conhecimento na área através de uma lente educacional. Os diálogos sobre gênero, sexualidade e as potencialidades da Educação em Sexualidade nas escolas em conjunto com os trabalhos e atividades desenvolvidas na disciplina, culminaram na seleção do título “Educação em Sexualidade para deficientes físicos: uma revisão bibliográfica” para o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

Inspirada no filme "Margarita com Canudinho" (2015), que abordava a sexualidade em pessoas com deficiência física, desenvolvi a pesquisa no campo da Educação por meio de uma sistematização e análise de produções científicas acerca dos desafios da Educação integral em Sexualidade para pessoas com deficiência física e suas possibilidades de enfrentamento. Com o retorno de muitos elogios dos pareceristas, meu engajamento com a temática aumentou bem como o interesse em seguir na pesquisa. A possibilidade de realizar o programa de Pós-Graduação no Mestrado em Educação Sexual, na Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara, com a orientação da Prof.^a Dr.^a Célia Regina Rossi, professora do programa, foi o que me instigou a dar mais um passo em minha formação.

Durante as leituras sobre Educação em Sexualidade para a escrita do TCC realizei uma retrospectiva de minha experiência com a Educação em Sexualidade nas diversas esferas que estive e estou inserida: família materna, família paterna, círculos de amigos, organização religiosa e, em especial, a escola. Com exceção do último, é fato dizer que a Educação em Sexualidade que obtive foi de caráter informal, não intencional e até mesmo subliminar. Foram preceitos e valores construídos por falas, gestos e comportamentos dos indivíduos de cada nicho.

Já na escola, a Educação integral em Sexualidade vinda dos professores já tinha caracteres intencionais e formais, em especial na disciplina de Biologia com os conteúdos de reprodução humana, genética, ISTs e métodos contraceptivos; e aparições extremamente superficiais na Sociologia e Filosofia com debates sobre aborto e união homoafetiva. Logo, notei que a Educação em Sexualidade que experienciei foi restrita aos aspectos biológicos e higienistas, ausente de diálogos mais aprofundados sobre: diversidade, respeito ao corpo e o corpo do outro, relacionamentos, violências, papéis de gênero, comportamentos sexuais e responsabilidade sobre o bem-estar, respeito, cuidado com o corpo e saúde sexual.

Em suma, não houve discussões ou aulas que transcenderam os conteúdos biológicos e médicos sobre sexualidade que poderiam ter impactado significativamente na qualidade das minhas vivências e experiências relacionadas à sexualidade e afetividade. Questionei os possíveis cenários que se desdobrariam, em especial no Ensino Médio, caso tivessem oferecido a mim possibilidade de "[...] compreender as dimensões e a significação da sexualidade, de maneira a integrá-la positivamente na personalidade, a contribuir para que possam realizar projetos de vida pessoal e social como seres sexuados" (Werebe, 1998, p.163).

O ímpeto de mudar o cenário e passar a escrever uma nova narrativa como educadora foi o estopim para a delimitação da pesquisa do tema da dissertação de mestrado. Contudo, antes de querer realizar qualquer mudança, era preciso diagnosticar qual o atual panorama da situação, suas causas, seus indivíduos, suas queixas, necessidades e seus caminhos. Da mesma maneira, antes de reformar uma casa, é necessário avaliar sua estrutura, sua rede elétrica e hidráulica e a qualidade dos materiais usados.

Com base nas lacunas que observei, desenvolvi uma pesquisa de cunho qualitativo, tendo como problematização investigar quais são as dimensões da sexualidade e relações de gênero presentes na escola da rede pública e em uma escola da rede privada de Ensino Médio, quanto à manifestação da sexualidade de estudantes além da Educação em Sexualidade realizada nestas instituições de ensino.

Gil (2002) considera a pesquisa "[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos" (p.19). Segundo o autor, a pesquisa de campo é constituída por sete fases: elaboração do projeto inicial, exploração preliminar, formulação do projeto de pesquisa, pré-testes dos instrumentos e procedimentos de pesquisa, coleta de dados, análise do material e redação do relatório.

Com essa proposta, o objetivo geral foi investigar as concepções e reflexões sobre a sexualidade e relações de gênero no ambiente escolar de Ensino Médio e suas vivências entre estudantes e profissionais da educação.

Os objetivos específicos foram:

- Compreender as interfaces da sexualidade e relações de gênero, suas definições, conceitos, relações que estabelecem com outros campos que as permeiam, por exemplo, mídia, educação, religião, sociologia, biologia, entre outros;
- Identificar e debater as semelhanças e contrastes nos discursos entre os professores/as, estudantes e gestores/as das escolas pesquisadas;
- Identificar e debater as semelhanças e contrastes nos discursos entre a rede pública e a rede privada de Ensino Médio;
- Apontar como as instituições de ensino, juntamente com os/as professores/as e gestores/as, podem incorporar as necessidades da temática da sexualidade nos currículos escolares, assim propondo alguns aspectos como base para a formulação de políticas públicas que abram espaços nas escolas para a proposição, problematização e discussão da Educação em Sexualidade.

Para alcançá-los, estruturei a investigação em cinco grandes capítulos. No primeiro, intitulado "Definições de sexualidade", realizei uma extensa pesquisa bibliográfica acerca da sexualidade e suas afinidades com variados temas buscando não delimitar sua definição por apenas um viés. Portanto, descrevo no primeiro capítulo as inferências encontradas nas relações entre cultura, medicina, gênero, juventude, religião e família.

No capítulo dois, "Educação integral em Sexualidade", caracterizo a Educação integral em Sexualidade com base em diferentes autores, seus objetivos, o papel dos educadores e os temas a serem abordados.

No capítulo três, "Metodologia", descrevo a realização central do trabalho como uma pesquisa de campo conduzida em uma escola pública e uma escola privada de Ensino Médio no município de Rio Claro - SP, em que foram entrevistados professores/as e gestores/as de cada escola, bem como feita uma observação dos/as estudantes nos momentos de intervalo escolar. Os sujeitos entre doze e dezoito anos de idade, de acordo com o Estatuto da Criança e

do Adolescente (Brasil, 1990), são considerados adolescentes e estão no período de transição para a fase adulta. Assim, para esta pesquisa, optou-se pelo público do Ensino Médio por ser estratégico na busca dos objetivos propostos.

As escolas participantes da pesquisa foram escolhidas de acordo com sua disponibilidade e abertura para a realização do estudo. Porém, destaca-se a imensa dificuldade em encontrar uma instituição particular de Ensino Médio disposta a contribuir com a pesquisa, o que pode ser interpretado como reflexo do tabu em relação à sexualidade e preocupação com a repercussão da temática.

Foram entrevistados um(a) professor(a) das disciplinas de Física, um(a) de Sociologia e Filosofia e um(a) Biologia (um/a representante de cada grande área do conhecimento: exatas, humanas e biológicas) em ambas as escolas, bem como o(a) coordenador(a) pedagógico e o(a) gestor(a) de cada instituição. Os pormenores dos aspectos éticos e metodológicos da pesquisa também são descritos neste capítulo.

Em “Análise dos dados: categorias que emergiram após as análises das entrevistas”, categorizei por um método colorimétrico os discursos dos 10 membros participantes da pesquisa após exaustiva leitura de suas entrevistas. Agrupei os temas emergentes e a partir deles elaborei as categorias de análises que compõem o capítulo.

A Análise de Conteúdo de Bardin (1977) calça a proposta de análise feita com os discursos, sendo esta uma das formas de tratamento de dados em pesquisas qualitativas. Trata-se da informação contida nas mensagens, analisando os significados e significantes contidos. Para a autora, busca-se compreender as características que estão por trás das mensagens consideradas na pesquisa.

As análises foram organizadas em três etapas: primeiramente, abordando o material obtido na escola pública, buscando encontrar as semelhanças e contrastes nos discursos entre professores(as) e gestores(as); em seguida, o mesmo processo, desta vez aplicado somente ao material obtido na escola particular; por fim, a busca por relações e oposições nos discursos obtidos em ambas as escolas.

No quinto e último capítulo, “Reflexões: Educação integral em Sexualidade, escola e Políticas Públicas”, descrevo algumas considerações de acordo com as análises realizadas, buscando incorporar as necessidades apontadas no capítulo anterior aos currículos e projetos das escolas, bem como propor bases para a formulação de políticas públicas para a inserção da Educação em Sexualidade de maneira assertiva nas escolas. Finalizo o estudo trazendo algumas considerações acerca do trabalho como um todo.

Desta forma, espero que a leitura da pesquisa ocorra de forma fluida e prazerosa. Também convido o leitor a ponderar sobre o processo de Educação em Sexualidade que foi-lhe instituído. A convivência particular da sexualidade não está desvinculada da construção cultural na qual os indivíduos se inserem; logo, a transformação dessa cultura está vinculada à dos seus indivíduos pertencentes.

Pensar uma Educação integral em Sexualidade é pensar na obtenção de conhecimentos baseados em informações corretas acerca da sexualidade humana e dos direitos humanos, valendo-se de seus direitos e contribuindo na luta contra discriminações e preconceitos. Além disso, esta educação tem como finalidade desenvolver o pensamento crítico e assertividade na comunicação e tomadas de decisões, imprescindíveis para o desenvolvimento individual e social de cada pessoa.

2. DEFINIÇÕES DE SEXUALIDADE

No dicionário, o termo sexualidade aparece como "Conjunto de caracteres especiais, externos ou internos, determinados pelo sexo do indivíduo". No campo da Psicanálise, as contribuições de Freud (1987) apontam que a sexualidade se dá na busca pelo prazer perpassando por diversas fases, sendo elas, oral, anal, fálica, latência e genital, e não com a reprodução como finalidade. Ainda que o estudo da área seja relativamente recente e remontado no último século, não é vanguardeiro que outras disciplinas se esforçaram por percorrer tais caminhos de compreensão da sexualidade humana, buscando uma alternativa às ordens morais religiosas.

Com o advento da modernidade, novos mecanismos de controle e institucionalização passam a atuar sobre a sexualidade por meio da medicina, economia e pedagogia, caracterizando-a em um negócio estatal e não mais governada pela religião (Foucault, 1994). Sua abordagem diferenciada em outras áreas de nuances políticas e sociais deram destaques aos debates sobre o tema, fomentando uma visão menos binária das condutas e identidades sexuais (Neves, 2019).

Portanto, buscar uma definição profunda de sexualidade desconsiderando sua correlação com campos da sociologia, psicologia, política, biologia e educação, seria uma tarefa árdua, tendo em vista que ela se constitui por influências diversas e de maneira particular a cada indivíduo.

Para Júnior (1997),

a sexualidade humana é resultante de um complexo processo envolvendo a hereditariedade e as pressões ambientais, exercidas principalmente pela cultura, que interagem, influenciam e selecionam o comportamento sexual. Ao fazer a análise correta dessa complexidade, devemos levar em conta as generalizações. É possível que as respostas mais aceitáveis para as diferenças, particularidades e exceções estejam contidas na própria cultura em que determinado indivíduo e sua herança genética estejam inseridos. Desse modo, não é sempre que encontramos uma relação direta entre os comportamentos e os padrões gerais da sexualidade humana (p.87).

Compreender a sexualidade e suas manifestações, por meio dos aspectos biológicos do sexo pode ser um caminho inicial para sua compreensão, porém, não devem ser descartadas as análises sobre as transformações culturais e sociais nas últimas décadas que impactam a cultura da sexualidade. Essa derivação de diferentes cenários e não somente do

funcionamento biopsíquico dos sujeitos, sinaliza a sexualidade em uma dimensão menos essencialista para uma dimensão mais holística da pessoa.

Para Werebe (1998), as fronteiras flutuantes, entre o sexual e não sexual dificultam a própria definição do termo 'sexual' e suas noções. Assim, a dificuldade está na impossibilidade de relacionar o sexual somente ao genital admitindo-se que comportamentos em que o genital é ausente possuem uma conotação sexual: "Esta conotação pode não ser explícita ou dar lugar a dúvidas, diante das ambiguidades que existem nesses comportamentos"(p.05). Da mesma forma, no explicitamente sexual, podem haver aspectos não sexuais.

Portanto, as diferenças comportamentais e sexuais entre homens e mulheres são influenciadas por diferentes fatores e nuances para os dois sexos, como idade, *status* social e profissional e aparência física. Estes, por sua vez, variam de acordo com a cultura e o meio em que vive o indivíduo. Assim, busca-se compreender as diferentes dimensões abrangidas pela sexualidade no presente trabalho de maneira aprofundada seu impacto na construção dos sujeitos e da sociedade atual. Convida-se o leitor a percorrer as correlações e inter-relações encontradas entre sexualidade e outras esferas, em especial cultura, religião, medicina, gênero, família e juventude.

2.1 Cultura e Sexualidade

A cultura exerce influência significativa na sexualidade, uma vez que os valores, crenças, normas e tradições específicos de cada cultura moldam tanto os sujeitos pertencentes a ela quanto suas relações com sexo e suas expressões. Júnior (1997) especifica que não se pode excluir a sexualidade da cultura pois ambos são inter-relacionados e interdependentes. Assim, a sexualidade atravessa os limites da dimensão biológica ao mesmo tempo que não se reserva somente aos contornos da cultura; há um processo cultural e biológico que se retroalimenta e se mantém. Para o autor, a herança genética e a hereditariedade são exemplos de transmissões da sexualidade por vias diferentes, porém complementares com uma única função: a adaptação do sujeito ao ambiente:

As novas interações que os indivíduos estabelecerem entre si e com o meio serão os novos fios que construirão a teia social e, conseqüentemente, a cultura. Para fazer uso de uma imagem familiar, podemos dizer que a sexualidade é como um tecido formado por fibras brancas representando os aspectos biológicos e por fibras negras

representando os aspectos culturais. Essas fibras estão entrelaçadas e misturadas de tal maneira que torna o tecido cinza (p.92).

Nos primórdios da idade contemporânea, iniciada no século XVII com a queda da Bastilha, a sexualidade ainda mantinha sua característica de *ethos* privado ao lar. O progresso científico buscava a imagem da família como sólida e estável, tendo a figura feminina como guardiã do lar. A submissão, o recato sexual e o comportamento ameno faziam parte do ideal de mulher vitoriana reprimida quanto aos conhecimentos de seu corpo. Aos homens, cabiam tratá-las com delicadeza e candura (Braz e Barros, 2019).

Para Bozon (1998; 2005), o desenvolvimento da contracepção por meio da pílula nos anos 90, a liberação dos costumes e as transformações da condição feminina na última década ainda não modificaram completamente os conceitos desiguais que homens e mulheres ocupam na esfera da sexualidade. Heilborn (2006) sinaliza que, a socialização e modelação cultural da sexualidade contraria a ideia e senso comum da tradição científica, em especial, a da psicanálise da sexualidade como instinto ou pulsão, ou seja, como inata e natural do sujeito. Assim, sua aprendizagem é interiorizada - não apenas retida pela consciência, e suas atitudes expostas como espontâneas.

Ainda para a autora supracitada, o caráter de aprendizado não é retido pela consciência é interiorizado de tal forma que determinadas atitudes são interpretadas como espontâneas. Assim, o lugar e ordem e o intervalo de experiências e seus desdobramentos ocorrem em contextos que criam marcas sociais que, por sua vez, contornam os limites de possibilidades dos indivíduos: sua origem, classe social, histórico familiar e relações de gênero vigente no local que habitam.

O meio social e a história de vida impactam as trajetórias afetivo-sexuais dos sujeitos, o que implica em uma sexualidade com significados distintos e singulares, traduzida pelo estilo de vida e costumes relacionados à sexualidade. Segundo, ainda, Heilborn (et al., 2006) "O lugar que a sexualidade ocupa na construção da identidade dos sujeitos não é o mesmo; certos indicadores podem ser elucidativos para apontar determinados traços que aludem a *ethos* específicos" (p.210).

Bozon (1998; 2005) constrói a ideia de biografia sexual como características do indivíduo e com origem em sua iniciação sexual. Nesta biografia, o número de parceiros sexuais e o tempo em relacionamento sexual são indicadores distintos que sinalizam o percurso individual do sujeito nas vias de sua sexualidade. Uma vida com grande parte em relacionamento sexual não obrigatoriamente se associa a um grande número de parceiros,

bem como um número elevado de parceiros não implica necessariamente em um maior tempo total de relacionamento sexual com cada.

Assim, a biografia sexual, de forma individual, se estrutura no revezamento entre relacionamentos sexualizados e períodos de inatividade sexual. Tais relacionamentos possuem um ciclo de início, meio e fim e são classificados de acordo com a dinâmica entre os parceiros (convivência em um mesmo lar, monogamia ou poligamia, exclusividade entre parceiros, ciência da família etc.). Os períodos de inatividade sexual correspondem a aqueles em que o sujeito não possui parceiro/a sexual ou que, mesmo em um relacionamento, há um espaçamento ou desaparecimento das relações sexuais.

Todos os tipos de atividade sexual não são equivalentes. A variabilidade da intensidade da atividade sexual leva à construção de um indicador, geralmente baseado na frequência das relações (seja durante o último mês, seja em um mês médio). Por outro lado, a natureza das práticas sexuais efetuadas pode ser abordada sob os mais diversos aspectos. Quando a sexualidade é considerada em sua dimensão de procriação, é importante evidenciar a diversidade das formas de contracepção empregadas, e a maneira como elas se sucedem no decorrer de uma vida. (Bozon, 1998, p. 235)

Por fim, Bozon (1998) relembra a existência de modalidades sexuais que não atendem ao padrão de contato pênis-vagina e, necessariamente, a penetração. A sexualidade encarada de modo hedonista, pensada em um repertório ampliado, pode incluir práticas como a masturbação, práticas orais e anais, culminação de orgasmo, gozo, *squirting* etc.

No século XX, a indústria cultural traduz-se na padronização e comercialização da cultura, bem como impacta na formação de valores da sociedade, seus comportamentos e na disseminação de ideias. Segundo Braz e Barros (2019) "Constata-se a forte influência que a mídia e seus produtos passam a exercer sobre o comportamento humano, torna-se notório que no homem pós-moderno surgem novas características comportamentais" (p.15). As tecnologias e meios de comunicação impulsionam a expansão da indústria cultural de maneira conjunta ao seu desenvolvimento.

Seguindo a esteira de raciocínio, as tecnologias possuem inseridos em seus materiais artefatos educativos com função de formar e moldar os sujeitos de acordo com normas sociais. Para Sabat (2008), a televisão e outros meios de comunicação se revestem de características inicialmente inocentes, como prazer e diversão, mas transmitem mensagens com significados sociais que serão reproduzidos. Assim, a publicidade age como mecanismo

de educação nas culturas que constrói identidades dos sujeitos, ensinando a como ser e como agir no meio:

A publicidade também pode ser considerada um mecanismo pedagógico em que representações são construídas a partir de um conjunto de práticas socialmente estabelecidas, embora, ao mesmo tempo, possamos encontrar neste espaço algumas frestas que dão passagem a formas alternativas de compreensão do mundo e representações outras que não as hegemônicas. (Sabat, 2013, p.150).

Destarte, segundo a autora, os trabalhos com as imagens produzem conceitos e pré-conceitos, modos operantes de estar, agir e se relacionar com o mundo sob diferentes aspectos sociais. Há a valorização de determinados estilos de vida ou comportamentos que determinam os padrões aceitos. Não há invenção de coisas pela publicidade, seus discursos e representações conectam-se com o conhecimento vigente e suas imagens carregam significados, signos e significantes não triviais.

Santos e Silva (2008) complementam que se apoiar nas ideias de estilos de vida promovidos pelas mídias como verdadeiros “manuais” passa a ser conveniente para todos. As matérias veiculadas nas diferentes mídias buscam atender às diversas áreas da vida humana (trabalho, saúde, lazer, relacionamentos e família) e ditam normas de como vivenciar o próprio corpo e a própria sexualidade.

Tal situação permite criar delimitações de pertencimento e identidades que necessitam constantemente de progressões por serem fluidas e voláteis. Para Santos e Silva (2008), "Essa produção de conteúdo é criada por demandas sociais, necessidades que estão sempre emergindo pela instabilidade de nossas identidades e nossas posições sociais e que, ao serem sanadas, sempre parcialmente, criam outras demandas úteis ao mercado" (p.22). As representações de gênero nas mídias possuem potencial crítico por representarem em suas imagens e discursos as formas de construção social de homens e mulheres bem como seus comportamentos e valores.

Para Sabat (2013), é possível compreender como estes sujeitos são constituídos segundo um modelo normativo que condiz com o sistema social, político e cultural do meio vigente, ou seja, há a construção de identidades por meio de imagens e discursos produzidos e reproduzidos referenciados em modelos hegemônicos.

Na atual sociedade brasileira, apenas 3,3% dos 70.382 domicílios não possuíam televisão em 2017 segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua -

PNAD. O percentual de 74,9% representava o acesso à internet nos domicílios naquele mesmo ano, sendo que em 98,7% destes o celular era usado para este fim (IBGE, 2018). Segundo Carvalho (2010), as discussões sobre a sexualidade na contemporaneidade acompanham a constatação de que na difusão das mídias (em especial a televisiva) são veiculados conteúdos de apelo sexual ou erótico. Olhar para o desenvolvimento da juventude imersa nessa realidade é recordar que os modelos normativos promovidos impactam diretamente na formação identitária destes sujeitos. Assim, os produtos simbólicos disponibilizados pela mídia obtêm vantagens em uma sociedade que aparenta ter menos tempo para reflexões.

Em pesquisa sobre a revista feminina *Capricho* voltada ao público juvenil, Santos e Silva (2008) observaram a perpetuação do padrão tradicional de sexualidade: heteronormativa, relacionamentos duradouros, monogâmica e com a valorização do amor romântico pelas mulheres. As matérias conferem atitudes e comportamentos por parte das mulheres que aparentam ser inovadoras e revolucionárias, mas que acabam mantendo um padrão dicotômico de gênero, em que a iniciativa das mulheres à alguma relação amorosa ou sexual é bem vista se for dissimulada. Caso contrário, há a rotulação como "mulher fácil", "perversa" ou "desesperada":

As relações entre homens e mulheres, nas matérias analisadas, parecem sempre estar conduzindo a ideias de conjuntos entrelaçados de performances complementares entre gêneros. Cada um deles deve saber o que fazer em relação ao outro. Parece que o mais importante é a sagacidade feminina para perceber o que deve e quando deve ser desempenhado para ter sucesso nas relações com o sexo oposto, como uma coreografia com poucas variações. (p.32)

Por fim, a compreensão da sexualidade pela ótica cultural não é imediata ou superficial. A sexualidade como transcendente de barreiras biológicas apropria-se da cultura como um de seus pilares construtores da identidade do sujeito e suas expressões. A mídia veicula imagens e discursos que atendem a padrões culturais, políticos e sociais hegemônicos que influenciam nas construções identitárias, em especial no período da juventude.

2.2 Medicina e Sexualidade

A sexualidade como campo de estudo nas ciências humanas, biológicas e médicas tem se apresentado como via de compreensão da sociedade. O papel da biologia na sexualidade

possibilita o entendimento do desenvolvimento sexual humano e sua variabilidade, como a formação de características sexuais primárias (órgãos reprodutivos) e secundárias (características físicas que se distinguem entre os gêneros), bem como a promoção da saúde sexual por meio de informações dos processos biológicos envolvidos na reprodução, contracepção, IST e outros aspectos ligados ao tema.

Para Rohden e Gravad (2005), a ideia de compreender as relações sociais por meio do entendimento de comportamentos "inerentes" relacionados à sexualidade humana tem ganhado força na era moderna. Antes, a sexualidade, sua moral e repressão ficavam sob responsabilidade dos discursos religiosos e seus agentes. A partir do século XIX, iniciou-se o processo de medicalização da sexualidade e gerou transformações em seus meios de intervenção; a preocupação era centrada nas chamadas "perversões", ou seja, práticas e comportamentos que se distanciavam do padrão de normalidade estabelecido (heterossexual e voltada para o casamento). Posteriormente, a medicina sexual se consolida por meio das intervenções e tratamentos às "disfunções sexuais" através de fármacos e pelos novos especialistas (Russo, 2013; Corrêa, 1998).

As práticas disciplinares sobre o corpo segundo se instauram, Foucault (1979), através de vias disciplinares: psicologia, medicina pedagogia, regulamentando os comportamentos sexuais dos sujeitos através da distinção da normalidade e do desvio. Logo, a biopolítica, sendo práticas e estratégias governamentais reguladoras dos indivíduos em níveis biológicos e sociais, passa a atuar no campo da sexualidade através das instituições disciplinares. O estabelecimento de padrões, por sua vez, serviu como base para controle e intervenções sociais por parte governamental. Logo, a produção de saberes sobre a sexualidade e sua normalização não podem ser dicotomizadas, uma vez que o aprofundamento dos conhecimentos sobre o sexo e suas derivações acabam por não delimitar o campo da sexualidade (Foucault, 1979; Corrêa, 1998).

Suas apreciações técnicas não só conduzem a uma diferenciação e a uma especificação das práticas dos desejos e do comportamento, detêm a chave e o poder de decifração de toda manifestação neste âmbito. Assim, não seria possível falar em um conjunto preexistente de problemas dados que esperariam por soluções apontadas pelo avanço do saber, como seriam os casos de: loucura/ psiquiatria; perversões sexuais/sexologia etc. A criação de "soluções" é simultânea à construção ou (re) descrição de problemas (novos). O sexo objeto do discurso da psicanálise, ou, posteriormente, o sexo da sexologia não seria aquele que estava lá anteriormente nas apreciações religiosas, morais, literárias, etc. (Corrêa, 1998, p.76).

Ainda que a sexualidade seja demarcada por aspectos além da biologia, Corrêa (1998) segue argumentando que no discurso médico a sexualidade acaba por se misturar com categorias como desejo e pulsão sexual. Por outro lado, a medicina busca embasar os discursos de normalidade e patologia categorizando por meio de parâmetros específicos como os objetos técnicos, doenças e medicamentos. Ainda para a autora "Uma espécie de síntese na qual estão misturadas endocrinologia, genética e psicanálise parece ser demandada pelo senso comum, o que corresponde à visão de diferentes especialistas que vêm opinar publicamente no campo da sexologia" (Idem, p.84).

A partir da segunda metade do século XX, a abordagem da sexualidade por vias mais modernas, como genética e endocrinologia, culminou para que ideia de que todos os sujeitos possuem um sexo latente e um sexo manifesto fosse aceita de forma abrangente. O sexo latente se define pelo processo biológico de formação física do indivíduo (iniciado na fase embrionária e após o nascimento). Este, por sua vez, revela o sexo manifestado pelos órgãos genitais e sua capacidade reprodutiva e de gerar prazer (Ibidem, 1998):

a diferenciação sexual até o nascimento depende de forças genéticas e hormonais que impõem uma ordem aos vários aspectos do desenvolvimento pós-natal. Após o nascimento quando se estabelece o sexo legal a aprendizagem terá uma influência marcante no inter-relacionamento entre os fatores biológicos e os psicossociais. (Canella, 2006, p. 89)

Corrêa (1998) menciona, ainda, as três referências usadas quanto à determinação dos sexos na medicina: sexo genético, gonatal (ou hormonal) e genital (morfológico), que devem ser coerentes nos casos "regulares"¹ e incluem a identidade sexual. Contudo, a autora acima alerta para a existência de casos em que, em um indivíduo, um dos sexos pode estar em discordância ou contradição.

Assim, a autora faz referência à categoria Intersexo, termo de origem médica para designar aqueles que nascem destoantes dos casos "regulares" mencionados anteriormente (Pino, 2007).

A ISNA² é uma definição generalista para abranger e explicar a variabilidade de condições de nascimento onde os órgãos e gônadas sexuais não se caracterizam tipicamente como masculinos ou femininos. Ainda não foi possível superar a categorização dos sujeitos

¹ Referindo-se às pessoas que não são intersexo.

² Primeira organização política de ativismo intersex. Fundada em 1993, a *Intersex Society America* - ISNA é a primeira organização política de ativismo intersex com objetivo de cessar com a "vergonhosa, segregante e não desejada cirurgia genital"; sendo esta realizada apenas com consentimento integral dos sujeitos. A associação conta com a participação de profissionais da área de ciências humanas (ISNA, 1993).

com base em um dos sexos, seja pela orientação sexual (homossexual, bissexual, heterossexual, assexual ou outras), pela identidade de gênero (cisgênero, transgênero, agênero, gênero fluído ou outros), ou sendo ou não intersexo (portando síndromes orgânicas que possuem características de ambos os sexos em diferentes níveis). A sexualidade ainda se acorrenta à genética como modelo dominante da medicina, sendo esta área detentora do poder de definir e autorizar informações como normas legítimas nas diferentes áreas da vida humana.

Cabe a ela definir noções de vida, de biologia, de funcionamento corporal, predição de doenças, atributos humanos, etc. Mesmo que se saiba que a genética está longe de estabelecer relações definidas e definitivas, e que isso talvez nunca chegue a acontecer, tanto a divulgação científica como a pesquisa médica em associação à genética e à biologia molecular (seja ela em que campo for) são impulsionadas pela ideia de que a identificação do genoma humano pode fornecer o mapa 'da mina' para se aceder a verdades mais fundamentais sobre o homem (Corrêa, 1998, p.88).

Para Russo (2013), a masculinidade se garante pelo pênis e sua capacidade de penetrar; a feminilidade, ao contrário, define-se pelo desejo/prontidão de ser penetrada. Há o contraste da atividade masculina com a passividade feminina. Ademais, a leitura biológica e científica recai sobre a sexualidade masculina, uma vez que o homem é, segundo Russo (2013), "[...] passível de ser objetivado, menos comprometido por sua constituição física e mental, também por isso sendo o sujeito da ciência por excelência (é quem faz ciência 'séria']" (p.191). A mulher, por sua vez, é menos passível às objetivações científicas, rotulada como um ser complexo para uma ciência objetiva e em partes sem capacidade para a objetividade da ciência. O autor ainda reforça que a sexologia promove a hierarquia de gênero por meio de suas práticas que aproximam o masculino da objetividade e o feminino da subjetividade.

Werebe (1998) afirma que a neurologia por trás do comportamento sexual é complexa e envolve subsistemas que abrangem todo o eixo neural, da espinha dorsal ao córtex cerebral. Ainda que este sistema reja os comportamentos sexuais, as práticas mais complexas de diferentes estágios do ato sexual não dependem exclusivamente dele. Logo, os modelos biológicos acabam evidenciando o papel das condições biológicas propícias para exercer a vida sexual e expressar a sexualidade. Assim, o corpo humano em conjunto com sua fisiologia e morfologia oferecem condições iniciais necessárias para o desenvolvimento da sexualidade, traçam as fronteiras das possibilidades, mas não determinam as origens dos padrões de vida sexual. Por fim, constata-se que os conhecimentos biológicos sobre a

sexualidade não se resumem a informações morfológicas e fisiológicas. Há a necessidade de articular tais conhecimentos com os aspectos históricos sociais e culturais a fim de aprofundar os estudos na área da sexualidade humana.

2.3 Gênero e Sexualidade

Sexualidade e gênero são conceitos distintos, porém interligados de maneiras diversas, em especial através das construções sociais e culturais que ditam as normas, valores e expectativas de acordo com os gêneros para a vivência da sexualidade. Para Werebe (1998), as diferenças entre gêneros têm sido elucidadas por meio das distinções físicas e genitais e da participação na reprodução. Contudo, as diferenças hormonais e cromossômicas distinguem os sexos dos sujeitos, mas não suas diferenças sociais e sua identidade de gênero, cujas funções transcendem o sexo biológico.

Louro (1997) aponta que a distinção sexual é uma ferramenta para compreender a desigualdade social, contudo, não são propriamente as características sexuais as responsáveis por esta desigualdade, mas a forma como são representadas e consideradas. As expectativas e falas compõem as dicotomias entre feminino e masculino de acordo com cada sociedade e momento histórico. Logo, observar a construção sobre os sexos permite compreender as relações entre homens e mulheres no meio social e aqui o conceito de gênero passa a ganhar destaque.

Para as feministas anglo-saxãs, *gender* (gênero) é distinto de *sex* (sexo). O movimento feminista, que teve maior visibilidade no final do século XIX em conjunto com o sufragismo em sua segunda onda no final da década de 1960, estendeu suas reivindicações para além das igualdades de direitos em campos políticos e sociais, mas também em crítica social. O conceito de gênero contrapôs a ideia de essência e negou as explicações pautadas em determinismos biológicos como justificativas para a dicotomia comportamental entre homens e mulheres, que durante tempos justificavam as desigualdades entre ambos a partir de suas diferenças fisiológicas.

Na perspectiva das relações de gênero, a discussão dos processos que constituem os sujeitos como homens e mulheres, sua formação histórica e social ganha prioridade, destacando sempre a relação de poder entre os gêneros e submissão da mulher às condições de exploração e dominação (Louro, 1997; Santana, 2014).

Nesse contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (Meyer, 2013, p.18).

Segundo a autora supracitada, o conceito de gênero aproxima as abordagens amplas que consideram as instituições, símbolos, normas, conhecimentos, leis e políticas de uma sociedade que são constituídos e permeados pelas supostas representações de feminino e masculino, ao mesmo tempo que produzem e resignificam essas representações.

A autora segue detalhando as seguintes implicações do uso de gênero como ferramenta teórica e política: i) A noção de que gênero nos constitui como homens ou mulheres, por meio de instituições e práticas, em um processo não linear e infinito, ou seja, a articulação intrínseca entre gênero e educação, uma vez que ela se estende para além das instituições familiares e educacionais em que os sujeitos são transformados e aprendem a se reconhecer como homens ou mulheres; ii) O conceito de gênero aponta que, devido à pluralidade de sociedades, épocas e circunstâncias nas quais os sujeitos nascem e se inserem, as formas de definir e vivenciar a masculinidade e a feminilidade são plurais e conflitante. Há, ainda, a articulação com os processos culturais construídos que atravessam essas vivências experimentadas por sujeitos de grupos diversos, do mesmo grupo ou ainda de maneira individual em diferentes etapas da vida; iii) Gênero gerou mudanças ainda polêmicas no campo feminista, uma vez que o conceito carrega a ideia de que as análises e intervenções devem ter como base as relações de poder entre homens e mulheres e as diversas formas sociais e culturais que os constituem como “sujeitos de gênero”, propondo a análise dos processos e práticas socioculturais que educam os indivíduos; iv) O conceito de gênero abre mão das ideias acerca de papéis e funções de homens e mulheres para focar a abordagem que examina os processos pelos quais o gênero se articula e estrutura o meio social, tornando esses papéis e funções possíveis e imprescindíveis.

Assim, segundo Louro (1997), não se pretende negar que o gênero é constituído sobre os corpos sexados, mas sim enfatizar as construções históricas e sociais feitas sobre as características biológicas:

Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das

instituições, dos discursos, de códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros (p. 23).

Louro (1997), portanto, coloca o gênero como constituinte da identidade do sujeito, que também possui identidades plurais, impermanentes e que podem ser até contraditórias. Logo, assim como a etnia, classe e nacionalidade, o gênero, sendo parte da identidade, transcende as fronteiras dos papéis, isto é, a ideia de perceber o gênero como parte integral do sujeito e não somente de suas ações.

As identidades sexuais se constituem por meio da vivência da sexualidade do sujeito em conjunto com parceiros do mesmo gênero, gênero diferente ou ambos (homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade). Assim, as identidades de gênero e sexuais estão inter-relacionadas, ainda que sejam distintas, sendo fundamental considerar que, tanto na dinâmica de gênero quanto na dinâmica da sexualidade, as identidades sofrem um processo de construção, não sendo entregues ou acabadas em determinado momento. Portanto, desde o momento do nascimento, nos constituímos como sujeitos singulares com identidades múltiplas, quais sejam, de gênero, sexuais, religiosas, étnicas dentre outras sujeitas a alterações ao longo da vida.

2.3.1 Contribuições de Judith Butler

Para Louro (1997), uma das consequências da concepção de gêneros de maneira binária, onde um polo se contrapõe ao outro, é a exclusão de todos os sujeitos e expressões que não se “encaixam” nas formas singulares de masculinidades e feminilidades as quais podem ser vivenciadas de maneiras diferentes das colocadas como padrão, que muitas vezes não são representadas ou ainda são invalidadas em sua autenticidade.

A filósofa estadunidense e teórica do feminismo e estudos de gênero Judith Butler aborda, em suas obras, as questões relacionadas ao poder, identidade, performatividade de gênero e política. Em seu trabalho, segundo Salih (2019), Butler investiga o porquê de o sujeito ser configurado da maneira como é e também sugere alternativas de descrições do sujeito nas estruturas de poder existentes.

A teoria *queer* tem sua origem nos estudos de gênero e nos movimentos LGBTQ+ dos anos 1980 e 1990, em que a expressão advém da apropriação de um termo antes usado para insultar e ofender aqueles que transgrediam as identidades de gênero e sexuais normativas. Sua etiologia é complexa e com evoluções ao longo da história, porém, sua origem é dada na

língua germânica antiga com significado de “obliquidade” ou “torcido”. Posteriormente, na língua inglesa, a palavra passou a significar “estranho”, “excêntrico” ou “fora do comum” para, somente nos anos 1980, ser apropriada como autodenominação dos ativistas acadêmicos da época.

Os contextos definidores da teoria *Queer* na época de sua origem tem como principal ponto o ápice do vírus da Aids e a defesa da cultura hétero contra os homossexuais durante a chamada "praga gay". Segundo Salih (2019), Butler recorria ao psicanalista Sigmund Freud para justificar tal comportamento como uma reação baseada em “perda” ou rejeição primária imposta pela sociedade do desejo homossexual

Segundo, ainda, Salih (2019), Butler, na obra "Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da Identidade" (*Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*), publicada pela primeira vez em 1990, introduz o conceito de performatividade de gênero, sendo o gênero não uma característica inata e fixa, mas uma performance das expectativas e normas sociais existentes:

Em vez de supor que as identidades são auto evidentes e fixas como fazem os essencialistas, o trabalho de Butler descreve os processos pelos quais a identidade é construída no interior da linguagem e do discurso: as teorias construtivistas não tentam reduzir tudo a construções linguísticas, mas estão interessadas em descrever as condições de emergência - neste caso do sujeito (p.21).

Assim, supõe-se que sexo e gênero não são causas, mas efeitos de instituições, discursos e práticas. Esses fatores criam e causam nossa identidade uma vez que determinam nosso sexo, nossa sexualidade e nosso gênero. Desta perspectiva, Salih (2019) indica que Judith Butler se concentra na maneira como o *efeito-sujeito* ocorre, isto é, o sujeito não é pronto desde o nascimento, mas é instituído em contextos e momentos específicos e sob formas que reforçam as estruturas de poder.

Logo, as identidades podem ser reconstruídas de maneiras que desafiam e subvertem essas estruturas, ou seja, identidades que perturbem os interesses de manter as binaridades existentes como masculino/feminino, hetero/homo e assim por diante:

Butler argumenta que a identidade de gênero é uma sequência de atos (uma ideia que se assenta em teorias existencialistas), mas ela também argumenta que não existe um ator (um *performer*) preexistente que pratica esses atos, que não existe nenhum fazedor por trás do feito. Ela esboça aqui uma distinção entre performance (que pressupõe a existência de um sujeito) e performatividade (que não o faz). Isso não significa que não há sujeito, mas que o sujeito não está exatamente onde esperaríamos encontrá-lo, isto é, "atrás" ou "antes" de seus feitos. (Salih, 2019, p.65)

Assim, compreende-se que o gênero se solidifica no sujeito de maneira que aparenta estar ali desde o nascimento, no contraponto à suposição comum de que sexo, gênero e sexualidade estão interligados, em outras palavras, de uma pessoa que é biologicamente fêmea, espera-se que ela exiba traços dados como femininos e seja heterossexual (considerando uma sociedade em que a heterossexualidade é considerada a norma).

A partir dessa visão, não há uma relação tão necessária entre o corpo do sujeito e seu gênero, havendo a possibilidade de existir corpos designados como biologicamente fêmeas, porém sem os traços femininos esperados. Nesse sentido, gênero e sexo são independentes, sendo, o primeiro, definido como "um artifício à deriva", e o segundo construído culturalmente tanto quanto o gênero, sendo muitas vezes o próprio gênero. Assim, "Butler declara que as identidades de gênero que não se conformam ao sistema da "[...] heterossexualidade compulsória e naturalizada" mostram como as normas de gênero são socialmente instituídas e mantidas" (Salih, 2019, p.70).

Pensar o gênero como um "fazer" nos faz associá-lo à uma mera escolha dentre opções já existentes. Salih (2019) atenta para não conduzirmos as associações à uma "liberdade de escolha" uma vez que estamos inseridos dentro de uma cultura com normas e leis que nos impossibilita realizar uma escolha que esteja completamente sob nenhuma influência e demandas sociais. Além disso, as opções disponíveis para a "escolha" são determinadas por fatores culturais, de origem e status sociais.

Para Butler (2003), se as limitações impostas pela sociedade e cultura fossem ignoradas, a escolha de nosso gênero como uma roupa a ser vestida não seria em um processo de se desfazer as roupas já existentes e adquirir roupas novas (uma vez que há a limitação do que está disponível nas lojas). Teríamos de adulterar as peças que existem para indicar que não as usamos de modo tradicional (Butler, 2003, apud Salith, 2019): "Em outras palavras, a nossa escolha de gênero, tal como nossa escolha do tipo de subversão, é restrita, o que pode significar que não estamos, de maneira alguma, 'escolhendo' ou 'subvertendo' nosso gênero" (p.73).

Assim, dá-se a ideia de que as escolhas de gênero não são completamente livres, mas sim limitadas. Assim, as normas de gênero existentes operam as hierarquias de poder e opressão enquanto as subversões desestabilizam e questionam estas normas por meios de atos performativos que não se alinham com as expectativas tradicionais, como quebras de estereótipos e expressões de não conformes às normas binárias que criam identidades de gênero alternativas. Aqui se apontam as práticas que possuem potencial de criar mudanças

significativas em âmbitos sociais e culturais na maneira como gênero é entendido e vivenciado.

2.4 Juventude, Adolescência e Sexualidade

A palavra adolescência é originária do latim *ad a*, para a + *olescere*: forma incoativa de *olere*, crescer (Aberastury e Knobel, 1981) e, no dicionário, tem como significado o período da vida de transição entre a juventude e fase adulta, que ocorre após a puberdade. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, a adolescência compreende as idades entre 12 e 18 anos, contudo, há no documento casos em que se abarcam até os 21 anos (Brasil, 1990).

Tal período é comumente associado a uma transição entre mundos: o mundo infantil, primário e restrito à família, e o mundo adulto, muito mais amplo e no qual concentra-se conflitos originários nas dificuldades em ingressar neste mundo e na dificuldade da população adulta em ceder espaço para a nova geração ingressante. São presentes nessa fase as modificações corporais que acompanham a exigência de mudança de postura frente ao novo mundo: demanda-se o abandono do corpo e atitudes infantis. Para o sujeito adolescente, esta demanda é vivida como uma invasão à sua personalidade e a reação defensiva se mantém em suas atitudes avaliadas como infantis.

Aos olhares externos do senso comum, a adolescência é rotulada como uma fase de transformações e conquistas e, simultaneamente, difícil, penosa, dramática e imbuída de dificuldades em lidar com os sujeitos que a atravessam. Não são necessários esforços para encontrar falas que expressam tais estereótipos como "aborrecência", "adolescente rebelde", "rebelde sem causa", "fase problemática" etc., o que influencia no tratamento dos sujeitos que atravessam esta fase.

No âmbito social, a adolescência também se relaciona com a conquista de condições como a autonomia e a independência, o desvinculo da tutela econômica e jurídica dos pais, a emancipação intelectual e o reconhecimento do sujeito como apto para ingresso no mundo adulto. Heilborn (2006) ressalta o peso significativo que os pares possuem no processo de socialização durante esta etapa. O papel socializador dos amigos acaba por ser mais preponderante que o dos pais, ainda que a importância dele seja transitória.

Tanto a ciência como o senso comum acabam por eleger a adolescência como a fase das grandes transformações biopsicológicas e sociais responsáveis pelo último grande

impulso do processo do desenvolvimento humano e como o período das relações fundamentais e do “acabamento” final do sujeito, teorias psicológicas importantes, como a psicanálise e a epistemologia genética, encerram a periodização do desenvolvimento da adolescência, tomada como a fase de coroamento das conquistas, transformações e realizações anteriores. De maneira geral, as teorias psicológicas do desenvolvimento enfatizam a presença das relações sociais do adolescente como elemento disparador dos fenômenos desta fase (Justo, 2006, p.78).

Justo (2006) também comenta sobre os rituais de passagem nesta transição de mundos. A entrada no trabalho, a sexualidade, o serviço militar, as mudanças corporais, como a barba e os pelos corporais, fazem parte do universo masculino de tornar-se definitivamente um homem. A menina passa por transformações biológicas como a menstruação, o desenvolvimento dos seios e o reconhecimento de sua sexualidade. Há também as saídas de casa mais frequentes para trabalho e lazer e a tradicional cerimônia de debutante que a coroa como mulher. Heilborn (2006) aborda que o crescimento e modelação individuais ocorrem imersos em influências que podem ser divergentes quanto às expectativas de gênero, impactando na experimentação da sexualidade.

Segundo Heilborn e Gravad (2005), "Trata-se de um inextricável elo entre dimensões subjetivas (socialmente construídas) e disposições objetivas do meio social" (p.42), portanto, a adolescência também passou a ser vinculada a um período de incertezas, no qual há uma oscilação entre os espaços infantis e adultos. Nesta etapa de instabilidade, o sujeito se confrontará com situações e experiências que antecedem sua chegada à fase adulta. Para Quiroga e Vitalle (2013), "A busca pela emancipação e independência, no entanto, será fortemente marcada pelos condicionantes externos que impregnam a sociedade e o momento histórico em que o adolescente estiver situado" (p.865).

As mudanças na adolescência, em especial no campo social, são notadas pela ciência e pelo senso comum. Esta fase é retratada como na qual o sujeito é demasiadamente influenciável, inconstante em suas emoções e identidades e participante da vida pública e suas relações sociais.

2.4.1 Adolescência vs. Juventude

Os termos e conceitos utilizados para se caracterizar o período de vida de transição da infância para a fase adulta são variados, dentre eles: juventude, mocidade, puberdade, adolescência, nubilidadade, etc. Para o presente trabalho científico, adolescência e juventude seriam as opções mais viáveis, considerando-se a população a ser estudada. Contudo, suas

semelhanças e diferenças não costumam ser elucidadas e, para os fins deste trabalho, se faz necessário esclarecê-las.

Heilborn (2006) aponta que a adoção de juventude como um processo e não somente faixa etária permite analisar o percurso da vida em que o indivíduo se modifica rapidamente. Logo, é possível definir os eventos que ocorrem simultaneamente neste processo e suas correlações: a entrada no mercado de trabalho, iniciação sexual, uso de métodos contraceptivos, aborto etc. Assim, a juventude abordada na perspectiva biográfica vai além de capturar a situação no momento da investigação e considera a sequência de eventos vividos pelo indivíduo em seu determinado contexto.

Para a Organização Pan-Americana de Saúde, Organização Mundial de Saúde, a (OMS/OPS), a adolescência possui caráter biológico no qual se intensifica o desenvolvimento cognitivo e se estruturaliza a personalidade. Este período abrange as idades entre 9 a 19 anos, segmentado nas etapas de pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). A juventude, assim, caracteriza-se pela preparação dos indivíduos para seu papel adulto na sociedade, com um caráter sociológico que abrange dos 15 aos 24 anos.

Segundo Silva e Lopes (2009), as discussões dos princípios dados à juventude e adolescência são relevantes, pois as retratações e interpretações da forma de ser e estar no mundo ocorrem por via de seus conceitos oferecendo

parâmetros para a sociedade na organização, ou não, do cuidado a essas fases da vida, bem como influencia a maneira como são vistos os direitos e os deveres de adolescentes e jovens e quais são as ações sociais e políticas reivindicadas para atender a esses grupos populacionais (p.89).

Para os autores acima, o termo adolescência caracteriza o indivíduo como ser psíquico em que suas experiências e realidades construídas o regulam, vinculando-se às teorias psicológicas. Em contrapartida, o termo juventude possui mais traços sociológicos e históricos, permeados pelo coletivo. Logo, para a leitura do presente trabalho, entende-se juventude como um período articulado com os processos sociais que se modificam e diversificam conforme o período histórico e cultural.

Fernandes (2015) aponta que o jovem é compreendido como ser que se relaciona de forma direta com um universo sociocultural, político e econômico. Assim, o termo socialização é fundamental para compreender o jovem como indivíduo social, pois descreve o processo que consiste na aquisição de valores, crenças e normas que ocorrem pela

apropriação ou assimilação de hábitos e costumes vigentes em cada sociedade desde seu nascimento, culminado em sua integração à sociedade.

Ressalta-se novamente que a noção de juventude possui variabilidade e modificações de acordo com cada sociedade em questão. Assim, os demarcadores de significado, tempo de duração e conteúdo deste período são múltiplos e mutáveis, de acordo com a época, cultura e suas segmentações internas. Portanto, a juventude é construída historicamente com base em fatos sociais que surgem nas relações sociais e na vida material do indivíduo.

A juventude é repleta de sentidos e significados sociais dados pela sociedade em que está inserida, logo, há a crença na sociedade contemporânea de que ser jovem é ser inovador, autêntico, futurista etc. A juventude adquire, portanto, sinônimo de vitalidade, leveza, coragem e ousadia. Contudo, esta concepção não é homogênea devido às maneiras distintas pelas quais as informações se difundem nas camadas sociais e são concebidas contextualmente, tornando singular, em cada grupo, a vivência da juventude e suas ideias acerca do que é apropriado ou não a esse período e sua duração (Vilella e Doreto, 2006).

Heilborn (2006), em suas considerações sobre a juventude e sua relação com grau de desenvolvimento dos países, complementa:

Defendemos a ideia que a passagem para a vida adulta apresenta especificidades segundo as diferentes condições materiais de existência e os diferenciais de gênero e de raça/cor que condicionam as trajetórias juvenis. Essas características socioculturais fazem com que os perfis e percursos juvenis se apresentem muito heterogêneos quando comparados ao verificado em países desenvolvidos (p.41).

Assim, a adoção do termo juventude no presente trabalho sinaliza o processo de desenvolvimento e não um grupo etário. Define-se então, jovem como o sujeito inserido neste processo. Isto pode facilitar a distinção e análise dos eventos que ocorrem neste período e seus desdobramentos. Assim, sob uma perspectiva biográfica, desprende-se de uma situação retratada em um momento específico da investigação e abarcar de forma ampliada os eventos vividos pelos indivíduos inseridos em seus contextos.

2.4.2 Sexualidade nos primeiros anos da juventude

A sexualidade em seus caracteres social, histórico e político, engloba rituais, linguagens, fantasia e representações que se manifestam em toda a vida, de variadas formas e de acordo com o cenário histórico-social. Nos primeiros anos da juventude ocorrem as primeiras vivências e experimentações da sexualidade com caráter libidinal, mais comumente

conhecidos como a masturbação, o primeiro beijo, o ficar e o namorar, a primeira transa, entre outras coisas. Estas experiências fazem parte da transformação biopsicossocial do sujeito e estabelecem padrões de comportamentos que se estendem por toda a vida. Muitas vezes, a iniciação destas experiências ocorre sem orientação prévia de um adulto ou responsável, o que poderia possibilitar o jovem a escolher de forma mais consciente, responsável e segura suas práticas sobre sexualidade.

Paralelamente, os jovens costumam ser instigados pelos adultos e por seus pares a definirem de forma precoce - e num período de intensas e constantes transformações - suas relações afetivas e orientação sexual e religiosa. Nesta população pode haver crises de identidade nesta etapa, na qual o sujeito busca a compatibilidade com semelhantes, o que lhe proporciona segurança e estima social.

Como ser histórico e social, atribui-se ao jovem a identidade de um sujeito de direitos. A regulamentação destes direitos ocorreu na aprovação do ECA pela Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 (Brasil, 1990) com a referência de proteção integral à criança e adolescentes, reconhecendo-os como sujeitos de direitos e de proteção prioritária por parte do Estado e da sociedade. Segundo Leite (2012):

O Estatuto, ao forjar a concepção da criança e do adolescente como sujeito de direitos, se coaduna a um movimento global de afirmação dos direitos humanos como direitos de cidadania. Está ligado a um projeto de sociedade calcado na garantia dos direitos humanos e demanda a construção de uma nova relação do mundo adulto com a infância e adolescência, já que nossa sociedade foi historicamente autoritária e tutelar com essas categorias sociais. Está colocado o desafio de reflexão acerca dos valores e concepções construídos historicamente em relação às crianças e adolescentes e que se traduzem em políticas e programas de atendimento no país (p.89).

Ainda segundo a autora supracitada, o conceito de direitos sexuais foi iniciado na década de 1990 pelo movimento de gays e lésbicas europeus e norte-americanos, e posteriormente aderido por setores do movimento feminista, na busca de desvincular a sexualidade dos conceitos de reprodução e patológicos. Dissemina-se a ideia positiva da sexualidade como um direito, desassociado da violência, do casamento ou da reprodução. O Ministério da Saúde (Brasil, 2009), em seu documento intitulado Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais adolescentes, destaca dez direitos básicos e fundamentais a sexualidade dos jovens:

- Direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições, e com respeito pleno pelo corpo do(a) parceiro(a);
- Direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual;
- Direito de viver plenamente a sexualidade sem medo, vergonha, culpa e falsas crenças;
- Direito de viver a sexualidade independentemente de estado civil, idade ou condição física;
- Direito de escolher se quer ou não quer ter relação sexual;
- Direito de expressar livremente sua orientação sexual: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, entre outras;
- Direito de ter relação sexual independente da reprodução;
- Direito ao sexo seguro para prevenção da gravidez indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis - DSTs;
- Direito a serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e atendimento de qualidade e sem discriminação;
- Direito à informação e à educação sexual e reprodutiva (Brasil, 2009, p. 04)

Os documentos citados trazem o termo adolescência, contudo, para os fins desta pesquisa, acredita-se que a adolescência está contida na juventude. Assim, as considerações dos documentos aplicam-se à população jovem em especial nos primeiros anos da juventude. Heilborn e Gravad (2005) identificam a adolescência como o período de estabelecimento dos primeiros vínculos amorosos, ou seja, relações afetivas que se estendem para além da rede familiar e de amizades. Durante essa etapa, as aprendizagens culturais acerca da sexualidade se desenrolam em conjunto com o contexto social vigente e seus respectivos códigos de gênero. O aprendizado da sexualidade não é restringido pela genitália, abarcando o reconhecimento de representações, valores de papéis de gêneros, costumes e práticas inseridos na ideia de cultura sexual.

Dos relacionamentos mais comuns ocorridos na juventude, há aqueles que possuem um caráter informal, instável e exploratório da relação com o outro, como a amizade colorida e o ficar. Já outros possuem características de maior comprometimento e de cunho estável, como os namoros. Heilborn (2006) comenta que as formas de relações sociais estão sujeitas às transformações históricas. Há algumas décadas, a relação sexual poderia permanecer ausente do namoro por anos e concretizar-se somente após o casamento. Os contatos corporais nesse período tornavam-se mais íntimos de forma progressiva. Atualmente, o namoro inclui uma relação de exclusividade entre ambos os parceiros e possui caráter público de comunicação para os círculos sociais dos parceiros.

Em pesquisa com jovens entre 12 a 17 anos de Rondônia, Cedaro (et al., 2012) afirmam que as primeiras experiências sexuais dos participantes ocorreram em média no início da puberdade (12 anos) em ambos os gêneros. Destaca-se, aqui que quando se fala de “experiências sexuais”, não se relaciona somente o sexo e o ato sexual, incluem-se outras manifestações como carícias, beijos, "amassos", masturbação e sexo oral. Ou seja, incluem-se, neste campo, as formas gradativas de aumento de intimidade de um casal.

O namoro, como uma das formas de relacionamento, trata-se de uma relação de exclusividade entre dois parceiros, com característica monogâmica, e que, geralmente, é de conhecimento de familiares e outros grupos sociais dos indivíduos. Assim como outras formas de relacionamento, o namoro passou por transformações históricas. A castidade era fortemente presente antigamente, o estabelecimento da relação se dava pelo homem e gradualmente a mulher concedia os favores que lhe eram pedidos (Heilborn, 2006).

O modelo tradicional de relacionamento era o heterossexual, os contatos íntimos entre o casal aumentavam de forma progressiva ao longo da relação, contudo, a penetração vaginal não ocorria até o casamento. Heilborn (2006, 2012) comenta que os novos costumes sexuais no país modificaram o namoro em sua sexualização, assim como as outras formas de relacionamento entre os jovens. O ficar, surgido na segunda metade da década de 80, mudou de forma irreversível o comportamento sexual e afetivo juvenil (Affonso e Ribeiro, 1997).

Para esses últimos autores, os comportamentos juvenis atuais são reflexos das revoluções sexuais ocorridas anteriormente nos anos 1960 e 1970 pelo movimento estudantil da época e permitem o experimentar dos "relacionamentos esporádicos" e a "sexualidade plástica" por parte dos jovens, em que há o advento dos métodos contraceptivos e a possibilidade de planejamento pessoal por parte da mulher. Ou seja, o namoro perdeu o caráter de fase preparatória para o casamento e adquiriu o atributo de experimentação afetiva e sexual entre os sujeitos. Das consequências deste fenômeno, a redução da idade de início da vida sexual das mulheres brasileiras se expressa nas pesquisas de Heilborn (2012) e de Borges e Schor (2002).

Segundo literatura sobre o tema encontra-se, entre os jovens, os diferentes modos de relacionamento afetivo cotidianos em que suas dinâmicas se diferenciam de um namoro (Affonso e Ribeiro, 2006; Borges e Schor, 2005; Heilborn, 2006, 2012; Oliveira et al., 2007). Dentre eles, há o "pegar" e o "ficar", cuja diferença, segundo Oliveira (et al., 2007), é o nível de liberdade e responsabilidade formalizadas: "Liberdade e responsabilidade essas que não possuem relação somente com a outra pessoa envolvida (parceira/parceiro), mas incluem suas famílias e os grupos sociais nos quais esses adolescentes se inserem" (p.500).

Nos extremos destas classificações se encontram o “pegar”, como liberdade total, e o namorar, como a responsabilidade formalizada. O pegar refere-se a um ato único e espontâneo, desvinculado de compromissos posteriores e de interesse físico predominante. O ficar pode ter cunho de um encontro ou forma de relacionamento, ocorre em locais públicos (cinemas, baladas, festas, bares) e se baseia em um contato íntimo momentâneo; nele pode ocorrer beijos, carícias ou relações sexuais sem vínculo entre os parceiros. Pode ter ou não característica poligâmica, ou seja, um ou ambos os parceiros podem ficar com outras pessoas ao mesmo tempo em que se relacionam.

A interação corporal é acelerada e não demanda compromissos posteriores à “ficada”. É válido ressaltar que a relação sexual pode ocorrer ou não entre o casal “ficante”, dependendo da vontade no momento e das experiências prévias dos sujeitos. A temática do ficar tem sido relevante nas áreas de educação, psicologia e antropologia. Como comentam Affonso e Ribeiro (2006):

O “ficar” e o “rolo” são permeados por representações simbólicas. Os adolescentes se relacionam por meio das atitudes, comportamentos, aparências e rótulos que são determinantes entre si. A maneira como o grupo vê e percebe o “casal ficante”, a imagem que a “menina ficante” tem para o menino, e vice-versa, a forma que as relações sem compromisso interferem no processo de desenvolvimento da identidade do adolescente e na construção de modelos de relacionamentos futuros, a relevância que o “ficar” tem como gerador do status ocupado pelo adolescente em seu grupo, são questões que vão além daquilo que se observa concretamente nos relacionamentos, porque estão ocultas e só aparecem no imaginário do grupo juvenil (p.34).

A construção da identidade juvenil também ocorre nesse cenário de autonomia e liberdade sexual e afetiva. As primeiras informações sobre sexualidade, gravidez e contracepção são obtidas pelos jovens de diversas maneiras, seja através da família ou grupos de pares; membros do gênero oposto ou fontes de informações públicas e coletivas (revistas, serviços de saúde, escolas, televisão, filmes, livros, séries), segundo Bozon e Heilborn, 2006:

Nesse último caso, pode-se pensar que as instituições mencionadas funcionam em parte como elemento de transmissão das campanhas de prevenção. Observemos que os pares têm uma importância menor no que se refere a informações precisas (contracepção, AIDS) e que o pai nunca é um informante de primeiro plano (p.157).

Os mesmos autores ainda apontam para as diferenças de gênero na socialização da sexualidade, em especial o ausente papel do pai como fonte de informação para as jovens do

gênero feminino. Já o grupo de amigos constitui-se como fonte relevante para os jovens principalmente quanto às relações sexuais em geral.

2.4.2 A iniciação sexual

A iniciação sexual na fase de juventude atualmente possui um caráter diferente comparado à década passada. Conforme a pesquisa de Borges e Schor (2002) com jovens mulheres entre 15 e 19 anos do Município de São Paulo, as jovens participantes não só iniciaram sua vida sexual de forma mais precoce do que as mulheres de gerações anteriores, mas também se igualaram na idade em que os jovens do sexo masculino iniciaram sua vida sexual (média de 15 anos):

A iniciação sexual de garotas e garotos em uma mesma idade é um fato interessante por ocorrer em uma cultura que tradicionalmente tem estimulado os jovens do sexo masculino a iniciarem suas práticas sexuais bem mais cedo do que o sexo feminino. Assim, este fenômeno recentemente observado pode ser uma evidência das transformações ocorridas no comportamento sexual da população brasileira, por conta da entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e sua crescente escolarização, do uso generalizado de métodos contraceptivos modernos, permitindo a desvinculação do ato sexual à reprodução (p.504).

Contudo, a mesma pesquisa apontou que no gênero feminino há a tendência de aguardar para que a primeira relação sexual seja com pessoas cujo relacionamento compreendesse um compromisso, persistindo uma ideia não apenas romântica sobre o sexo, mas também de ‘entregar-se’, ou seja, imergir-se física e emocionalmente no ato. Já no gênero masculino, a primeira experiência ocorreu em um relacionamento não estável. Isso revela que ainda há uma expectativa da primeira relação sexual do jovem ocorrer de maneira precoce pois faz parte do ritual de transformação de um homem e da entrada no mundo adulto.

Os diferentes significados e critérios dados para a primeira relação sexual modificam-se de acordo com o gênero. Bozon e Heilborn (2006) sinalizam as distinções: para os homens, não é necessária uma parceira estável ou conhecida (sendo a prostituição um dos caminhos para a iniciação sexual principalmente entre os meios mais privilegiados); a iniciação masculina possui caráter social e técnico, desobrigado de compromisso e respeito com as mulheres. Para estas, contudo, a iniciação está inserida no processo de relacionamento de caráter estável ou conjugal, em que a personalidade do parceiro é relevante e a relação

pode ocorrer no início ou de forma tardia no relacionamento. Ainda assim, a interpretação da primeira relação sexual pelas mulheres como um passo de instauração de um relacionamento é relevante.

Para Heilborn (2006; 2012), ainda que as últimas transformações da sociedade tenham impactado nas convenções acerca do sexo e das relações de gênero no país, a cultura sexual permanece marcada de forma acentuada pela categorização de gênero que releva contrastes nas atitudes e qualidades para homens e mulheres. Para a autora, para o gênero feminino, há uma fusão entre sexo e afetividade - algo encontrado na literatura socioantropológica como intrínseco.

Para o gênero masculino, a sexualidade porta um sentido em si mesma, com caráter instrumental refletido na presunção de uma alta disposição para atividade sexuais e na validade de se ter um número alto de parceiros sexuais. Assim, masculinidade e feminilidade estão associados, respectivamente, à atividade e passividade. Corroborando com esta fala, a pesquisa de Cedaro (et al., 2012) elucida que, ainda em tempos modernos, entre as jovens participantes, há a permanência do discurso romântico acerca dos encontros e desencontros, enquanto os jovens do gênero masculino já relatam os relacionamentos sem mencionarem compromissos. Assim,

Tal sistema classificatório ordena as relações entre pessoas do mesmo sexo ou entre sexos “opostos”, funcionando como um quadro de leitura para as condutas. Sobre os homens é exercida uma vigilância constante de seus gestos e comportamentos de maneira que sobre estes não recaia sombra de dúvida sobre sua masculinidade. (Heilborn, 2012, p.61)

Ainda no início da juventude, na tentativa de repelir qualquer possibilidade de homossexualidade e garantir a virilidade masculina, exerce-se uma pressão para que o rapaz inicie sua vida sexual com o gênero oposto o mais cedo possível. Para as garotas, o movimento ocorre em direção oposta, no discurso de preservar a imagem e reputação de uma “boa moça” ou “moça de família”. Apesar de, atualmente, a virgindade não possuir o mesmo caráter de estigma como há décadas atrás, predomina-se a exigência da virgindade moral nas mulheres. Para Heilborn (2006; 2012), esta exigência se apresenta passiva e ingenuamente em matéria sexual, o que dificulta, por exemplo, tratar questões acerca da sexualidade ou de contracepção com os outros. Tal cenário revela como as regras culturais acerca de gêneros modelam a feminilidade em torno da maternidade e a masculinidade em torno do signo da sexualidade.

Quanto ao uso de preservativos, Borges e Schor (2002) e Bezerra (et al., 2015) sinalizam que, em concordância com outros estudos, a iniciação sexual dos jovens têm ocorrido sem uso de proteção contra gravidez não planejada e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Os autores ainda relatam que os participantes alegaram seu despreparo prévio para a primeira relação sexual do ponto de vista contraceptivo, o que sugere o início da vida sexual improvisada, espontânea e não planejada. Bezerra (et al., 2015) consideram que a relação sexual ocorrida sem proteção é também associada à desatenção, desinformação e vulnerabilidades nas quais os jovens estão inseridos, que corroboram com o uso ineficiente de métodos contraceptivos como o preservativo. Para as autoras (2015),

pode-se observar uma representação social de que sexo sem camisinha é bom e gostoso, ou seja, oferece prazer e satisfação, mesmo que haja a associação com doença e gravidez. Em congruência com esse conteúdo, tem-se ainda a representação de que sexo com camisinha não oferece prazer (sem prazer) e é ruim ou desconfortável, mesmo sabendo que é compreendido como correto (p.89).

Ainda prevalece a crença, principalmente entre o público masculino, de que o preservativo inibe o prazer e a satisfação na relação sexual, relacionando-se a um desempenho insatisfatório ou desconforto e, conseqüentemente, à impotência. Estas representações sociais desestimulam o uso do preservativo e favorecem a vulnerabilidade às IST e à gravidez não desejada (Bezerra et al., 2015). Para Heilborn (2006), é mais difícil as mulheres prepararem-se para a primeira relação sexual, pois isto implica em uma previsibilidade e postura ativa sobre a relação, demonstrando assim uma certa “experiência” com sexo e colocando em cheque sua moralidade. Tal situação assinala as normas culturais internalizadas pela socialização de gênero e nas atitudes quanto às práticas sexuais.

Em relação aos conhecimentos que os jovens dispõem sobre métodos contraceptivos, os estudos de Espejo (et al., 2003), Cedaro (et al., 2012), Leite (et al., 2004) e Martins (et al., 2006) convergem em relação ao preservativo masculino (camisinha) ser o método mais conhecido entre essa população. Na sequência, estão o preservativo feminino e a pílula anticoncepcional. Os autores também abordam sobre a relação do nível de escolaridade com os conhecimentos acerca dos métodos contraceptivos, ao passo em que suas pesquisas sinalizam um maior conhecimento sobre o número de métodos e seu funcionamento correto associados a um maior nível de escolaridade e socioeconômico.

Leite (et al., 2004) também assinalam em relação à influência da comunidade na qual os jovens se inserem, como um ambiente que seja propício ou não para a disponibilidade de

informações reprodutivas para esta população. Ademais, segundo os últimos autores, "[...] a percepção de adolescentes em relação às suas oportunidades de mobilidade social não é um fator fácil de ser mensurado, mas pode exercer um efeito importante sobre o seu comportamento sexual e reprodutivo" (p.479). Assim, a juventude assinala uma etapa de modificações e construção da singularidade e autonomia dos sujeitos, na qual as relações sexuais nessa fase são legítimas e constituem-se como direito. Para Heilborn (2006), a Educação integral em Sexualidade se faz vigente pois:

No que concerne à reprodução, as mulheres continuam sendo culpabilizadas por engravidar; os homens, absolvidos ou esquecidos de sua participação no evento; e aos poderes públicos é reclamada simplesmente o planejamento familiar sem considerar a etapa necessária da educação sexual que é um instrumento que poderia, de fato, fazer com que a contracepção e a proteção nas relações sexuais se integrassem de maneira regular na vida dos jovens (p.32).

A juventude costuma ser olhada como o período de construção da autonomia dos sujeitos e da busca de suas individualidades. Nesta fase, consolida-se os valores relacionados à sexualidade e papéis de gênero conforme ocorrem as experiências de relações afetivas e ampliação de vínculos para além do núcleo familiar e de amizades. Tal etapa também é retratada como inconstante, influenciável e de grande participação na esfera pública e em suas relações sociais, em especial nas interações afetivas e sexuais.

A sexualidade, com sua bagagem histórica, social e política, engloba uma série de comportamentos, conceitos e representações que se manifestam de maneira variada, de acordo com a época e sociedade vigente. Da mesma forma, as relações de gênero são afetadas pela maleabilidade da sexualidade em cada cenário histórico-social. Seu aprendizado organiza-se pautado nas relações de gênero vigentes e contextos dos indivíduos. Na juventude, as primeiras experiências e vivências da sexualidade costumam fazer parte de sua transformação biopsicossocial e estabelecem comportamentos duradouros.

As novas experiências sexuais que ocorrem no país transformaram as formas de relacionamento entre os jovens. O ficar e o namoro, na qual pode-se ou não abarcar relações sexuais, são exemplos de manifestações sexuais que modificaram os hábitos e condutas da população jovem, como, por exemplo, a antecipação do início da vida sexual, o uso de preservativo na primeira relação sexual e a prevenção às IST e à gravidez indesejada.

Assim, compreender a sexualidade juvenil para além de um amadurecimento biológico do ser elucida os cenários e as relações que neles ocorrem como parte da construção do sujeito e de seus valores ligados à sexualidade. Ressalta-se aqui a necessidade

da Educação integral em Sexualidade como um caminho para guiar esta população durante este período de forma mais segura e formativa, visando desenvolver indivíduos que refletem sobre as convenções e padrões sexuais vigentes, protegem-se dos riscos de uma relação sexual desprotegida e combatem as injustiças, relações desiguais e discriminações presentes na sociedade.

2.5 Religião e Sexualidade

A religião se constitui como um dos fatores que estabelecem normas e preceitos que regem a sexualidade e suas ramificações. Werebe (1998) elabora que, em diferentes épocas, todas as religiões passam a determinar os limites da sexualidade humana, contudo, sua influência precisa ser relativizada, pois os poderes políticos têm se apropriado de preceitos religiosos para ditar padrões que atendem às suas demandas.

A definição de sexualidade como "*ethos* privado" segundo Duarte (2005) compreende os valores, sentimentos e comportamentos relacionados ao prazer, satisfação moral e física, reprodução e conjugalidade dos sujeitos". Logo, o autor propõe que a orientação do *ethos* privado em diferentes designações religiosas é determinante em comportamentos específicos de seus seguidores e praticantes. Há a distinção de referências à religião em suas manifestações modernas em três dimensões: religião, como identidade ou pertencimento, religiosidade, como adesão, experiência ou crença; *ethos* religioso, como disposição ética ou comportamental associada a um universo religioso" (p. 141).

A distinção entre as dimensões citadas permite uma compreensão da autonomia do *ethos* nas sociedades modernas, em que a coerção explícita não é usada como ferramenta de regulação comportamental nas comunidades religiosas. Assim, segundo Duarte (2005), pertencer ou aderir a uma delas não implica, necessariamente, em obediência às suas doutrinas e ditames, logo, a distinção entre adesão e pertencimento dos sujeitos às dimensões religiosas permite:

que se compreendam as múltiplas situações - típicas do mundo moderno em que a frequência da congregação ou do espaço religioso envolvido não corresponda necessariamente a um continuado sentimento interior de compartilhamento dos valores ou crenças específicas lá cultivadas (ou vice-versa). Embora seja de supor que todas as instituições religiosas aspirem a uma integração coerente entre essas dimensões (e tenham podido eventualmente exigí-la), podem-se encontrar nas sociedades modernas todas as variedades e possíveis combinação entre elas (e suas ausências) (p. 142).

As religiões compartilham de pontos em comum, em especial os relacionados aos comportamentos proibidos ou condenados, ainda que suas normas e preceitos variem de acordo com sua pluralidade (Werebe, 1998).

A seguir, examinaremos brevemente três religiões monoteístas e seus vínculos com a sexualidade: judaísmo, islamismo e cristianismo. Na última, em especial, haverá dados sobre o Protestantismo por ser um ponto emergente nas pesquisas que integram sexualidade, religião e juventude. Nas três religiões, em que a sexualidade caracterizada como aceitável é assinalada como heterossexual, marital e com fins reprodutivos; condenando-se os comportamentos que fogem à está 'normalidade' (homossexualidade, masturbação, adultério, sexo antes do matrimônio, etc.).

2.5.1 Judaísmo

Setton (2015) explica que a crença em um Deus que proveu ao povo um conjunto de leis visando enquadrar as ações cotidianas constitui a base do judaísmo. As abordagens desta lei variam de acordo com as várias correntes dentro do judaísmo: Ortodoxia, Conservadorismo, Reformismo e Reconstrucionismo. A relevância da dimensão religiosa na vivência judaica diferencia-se de acordo com o sujeito, em que, para alguns, a experiência pode se dar por vias culturais como línguas, músicas, literatura, gastronomia etc., e não religiosas.

A sexualidade no Judaísmo é vista como uma benção, sendo parte integral do casamento. Risman (1997) aborda a sedução feminina como o início das relações sexuais, na qual a mulher atrai o parceiro por aspectos de vestimentas, pinturas, culinária, entre outros. No entanto, o homem deve usar da palavra para ter seu desejo atendido. A relação sexual no Judaísmo é um dos primeiros mandamentos. Assim, segundo Risman, 1997 (p.81) "[...] está na Torá, em Gênese, 2-18-25 que o homem deixará seu pai e sua mãe e unir-se-á à sua mulher, tornando-se ambos uma só carne". As relações sexuais não devem ocorrer no período menstrual e devem suceder a imersões em águas por parte da mulher. As intenções das relações no judaísmo são, segundo o autor:

- cumprir o mandamento de manter relações sexuais com sua esposa e ter filhos;

- cumprir o mandamento de alegrar a esposa tendo relações maritais, dentro de uma certa constância. Isto se aplica também às relações com a esposa mesmo estando grávida;
- satisfazer a vontade e o desejo da esposa;
- a realização do desejo do homem.

Logo, as relações sexuais se constituem como direito da mulher e obrigação do marido. Se não há a adaptação da mulher às relações, ela tem a possibilidade de divórcio, pois dentre os objetivos da relação sexual está o prazer. Risman (1996) finaliza que, após a relação é proibido ao homem abandonar a esposa, demonstrando-se, assim, o afeto existente entre o casal.

2.5.2 Islamismo

No islamismo, os métodos contraceptivos são adotados por boa parte das mulheres, sendo que programas de planejamento familiar foram adotados em países de religião muçulmana. Há a admissão da poligamia e, em Israel, em particular, existe somente o casamento religioso, portanto, o *status* matrimonial é definido pela religião do sujeito (Werebe, 1998). Nas pesquisas de Paiva e Barbosa (2017; 2019), afirma-se que a divisão homosocial é prevalecente nas sociedades islâmicas, ou seja, o feminino e o masculino são separados por fronteiras rígidas que delimitam os papéis de cada gênero, pautadas em uma supremacia biológica em que nas diferenças corporais residem a ordem e a possibilidade de complementaridade. A barba é símbolo de masculinidade e o véu (*hijab*) é símbolo de feminilidade, bem como o marcador da mulher como muçulmana.

As regras se pautam no que é lícito e ilícito (*halal* e *haram* respectivamente). As delimitações são baseadas no que é benéfico, saudável e suficiente ao homem, porém, o sujeito desfruta de livre-arbítrio para realizar suas escolhas. Os comportamentos que fogem a estas definições são rotulados como anormais, patológicos e promíscuos. O sexo anal e o sexo durante o período menstrual também são condenáveis. Quanto à relação sexual, esta é definida pelas autoras como devoção e, para ocorrer de forma lícita, deve suceder o casamento e ocorrer somente dentro do matrimônio. A sexualidade se dá na esfera do privado, ainda que marcadores sociais (em especial as vestimentas) não sinalizem isso.

Predomina no Islã uma visão positiva sobre a sexualidade, para além da finalidade reprodutiva geralmente associada ao sexo em outras religiões monoteístas.

Islamicamente, o sexo deve ser prazeroso tanto para homens como para mulheres, sendo o sexo ao mesmo tempo um dever e direito conjugal de ambos os parceiros (Paiva e Barbosa, 2019. p.23).

Desta forma, o sexo possui três funções: a reprodutiva para a perpetuação das espécies, a prévia do paraíso como um estímulo para seguir as leis de *Allah* e a satisfação física. Não há cisão da sexualidade com a dimensão sagrada. Em sua pesquisa com mulheres muçulmanas na França, Mossuz-Lavau (2005) revela que a sexualidade não costuma ser um assunto nessas famílias, que contam com o papel da escola para abordar tais questões. Assim, o grupo de amigos passa a ser outra fonte de informação e troca de expectativas quanto à primeira relação sexual. A pesquisa reforçou a grande influência da precariedade, capital escolar e dependência financeira das mulheres no tocante aos seus comportamentos sexuais, uma vez que tais fatores podem distanciá-las mais ou menos das normas da religião muçulmana:

Embora a religião muçulmana prescreva comportamentos muito codificados, valores que não sofrem nenhuma acomodação no que concerne à sexualidade das jovens, vê-se que pode ser vencida, mesmo à custa de grandes dificuldades, pela Universidade e pela atividade profissional em postos de responsabilidade. Religião e sexualidade entretêm relações fortes, mas complexas, que devem obrigatoriamente ser analisadas levando-se em conta o capital escolar das mulheres entrevistadas (p.385).

A autora conclui que as mulheres em situação de vulnerabilidade entrevistadas tomam a religião como única referência quanto à matéria de sexualidade, ainda que a religião concorra com outros sistemas de valores. No entanto, naquelas que puderam cursar ensino superior e ocupam posições de responsabilidade, a interpretação da religião ocorre de forma mais ‘pessoal’ permitindo a vivência da sexualidade de maneira mais livre, incluindo ações como divórcio, adultério e casamento com estrangeiros.

2.5.3 Catolicismo e Evangélicos

No Brasil, mais da metade da população se declara cristã segundo o último censo (IBGE, 2010), maioria dividida nas religiões: Católica e Evangélicas (Quadro 1).

Quadro 1 - Distribuição da população brasileira por grupo de religião

Distribuição percentual da população residente por Grandes Regiões segundo os grupos de religião - 2000/2010						
Grupos de religião	Distribuição percentual da população residente (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Católica Apostólica Romana	64,6	60,6	72,2	59,5	70,1	59,6
Evangélicas	22,2	28,5	16,4	24,6	20,2	26,8
Evangélicas de Missão	4,0	4,8	3,4	3,9	5,0	4,1
Evangélicas de origem pentecostal	13,3	20,1	10,1	14,3	10,9	16,6
Evangélica não determinada	4,8	3,6	2,9	6,3	4,3	6,1
Espírita	2,0	0,5	0,8	3,1	2,0	2,3
Umbanda e Candomblé	0,3	0,1	0,2	0,4	0,6	0,1
Sem Religião	8,0	7,7	8,3	9,0	4,8	8,4
Outras religiosidades	2,7	2,5	2,0	3,4	2,2	2,7
Não sabe/não declarou	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

Fonte: Adaptado pela autora com base em IBGE (2010).

Os dados dos levantamentos sinalizam as diferenças regionais: na Região Nordeste, o catolicismo tem significativa quantidade de adeptos ao catolicismo, bem como na Região Sul e Sudeste. No Norte e Centro-Oeste do país, a presença dos grupos evangélicos, em especial os pentecostais, indicam a diversificação religiosa presente nas regiões. Os pentecostais também expressam presença na Região Sudeste, com destaque para os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, bem como nas áreas metropolitanas da Região Nordeste. No Espírito Santo, a influência alemã na região originou correntes de evangélicos de missão, que também estão presentes em outras áreas dos estados da Região Sul do Brasil (IBGE, 2010).

A tradição cristã em relação à sexualidade foi marcada, até o século XX, por uma concepção negativa da sexualidade. As diferenças de gênero eram marcadas pelos papéis sociais, cabendo às mulheres a subordinação ao homem e o cuidado do lar e da família. A legitimidade do sexo e métodos contraceptivos para somente fins reprodutivos passa a vigorar

a partir do século V por obra de Santo Agostinho. No século XIX, a orientação de Santo Agostinho se modifica e culmina na liberalização dos contraceptivos a partir dos anos 30 deste século pela maioria das autoridades da época (Dabhoiwala, 2013; Couto, 2005).

Com isso, os meios artificiais de contracepção deixaram finalmente de estar vinculados ao sexo "ilícito" e "pecaminoso", sendo a decisão do seu uso transferida à esfera médica e ao casal. É certo que foram inúmeros os fatores que resultaram na reformulação destas orientações éticas e normativas do protestantismo (Couto, 2005, p.228).

Werebe (1998) ressalta a posição conservadora mais sobressalente na Igreja Católica, que permitiu a contracepção somente por vias ditas naturais. Em países onde o catolicismo predomina, tal restrição não é seguida à risca pois o uso de métodos contraceptivos ocorre na maioria das mulheres, o que sinaliza que os adeptos de cada religião não aderem de maneira semelhante às regras impostas. Há aqueles que regem suas vidas de forma mais desvinculada às crenças religiosas, em especial sobre a sexualidade. Ainda segundo o autor, em contrapartida, há o crescimento dos movimentos do integrismo e fundamentalismo de caracteres radical e posição ultraconservadora nos campos da vida social, moral e política que negam os direitos humanos.

A Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero na Europa durante o século XVI, transformou o cenário religioso cristão com a criação do movimento Protestante. A crença da superioridade bíblica e o sacerdócio universal dos crentes, bem como a rejeição da medição de santos e da hierarquia eclesiástica caracterizaram o movimento, que, por sua vez, ramifica-se em denominações como presbiterianos, anglicanos, batistas, metodistas e pentecostais (Ripoli, 2018). O último, em especial, de origem estadunidense no século XX, chegou ao Brasil em 1910 e se espalhou pelo país, em especial nas regiões Norte e Nordeste.

Couto (2005) ressalta que o movimento atinge de formas distintas homens e mulheres, e, levando em conta o complexo cenário do pentecostalismo no país, declarar-se integrante pode significar posições distintas quanto aos valores e comportamentos afetivos e sexuais. O autor também aponta que o posicionamento dos pentecostais frente à sexualidade e reprodução tem sido um caminho de luta para a manutenção dos antigos fiéis e a conquista de novos adeptos.

2.5.4 Religião, sexualidade e juventude

A ideia de realização pessoal como recipiente que inclui projetos educacionais, profissionais, conjugais e familiares indicam um novo olhar para o processo de transição da infância para a vida adulta. A atenção voltada a este período é decorrente da ciência da necessidade de se preparar o sujeito de forma mais precoce e intensa para a conquista de autonomia e independência. As transformações específicas no campo da sexualidade nessa fase podem relacionar-se às mudanças contemporâneas no pertencimento religioso (Rodhenm e Gravad, 2005):

Quanto mais nos aproximamos da influência da religião no comportamento dos indivíduos, mais percebemos que há novos fenômenos em curso. Contudo, eles só são perceptíveis se nos debruçarmos sobre diferenças mais finas, mais sutis. Por exemplo, imaginar que o aumento daqueles que se declaram sem religião representa a conformação de uma grande massa de indivíduos livres de orientações morais de cunho religioso não tem qualquer relevância quando nos aproximamos dos dados da pesquisa que apresentamos no presente artigo (p.181).

A mesma linha de pensamento pode ser aplicada aos pentecostais por supostamente compartilharmos uma moralidade conservadora no tocante à sexualidade. Para os autores (ibid.), é fundamental compreender os significados das formas particulares de se relacionar com a religião, a experiência do sujeito com a religião em sua vida.

A pesquisa de Rodhenm e Gravad (2005), realizada entre 1999 e 2002, traz elementos sobre a construção da sexualidade em jovens pentecostais. O público, em sua maioria socializado em famílias também pentecostais, citou como fontes de informações sobre temas de sexualidade (gravidez, métodos contraceptivos, relação sexual etc.) os amigos, a televisão, os professores e a mãe. Os autores sinalizam o contraste entre os jovens que declararam frequentar igrejas pentecostais ou declararam-se cristãos em comparação com o grupo que se declarou sem religião. Há uma semelhança de perfil entre os católicos e os sem religião, apontando para uma ideia de que não frequentar alguma religião não implica em comportamentos destoantes em relação ao universo católico:

Sobretudo porque a maioria dos que declaram não frequentar nenhuma religião teve o catolicismo como religião da família de origem, compreendemos que ainda compartilham muito dos valores e orientações advindos dessa religião. Nesse sentido, podemos supor que esses jovens podem até ter abandonado o pertencimento institucional, mas ainda permanecem próximos de um ethos ou visão de mundo referenciado no catolicismo, nesse caso, ainda se faz necessária uma investigação que leve em conta as sutilezas implicadas na diferenciação do jovem em relação à família de origem sob vários ângulos que, certamente, deve incorporar aspectos associados a fatores mais amplos, como o contraste geracional (p.191).

A pesquisa de Alves (2011), também com jovens pentecostais, mostra o reconhecimento do grupo de que o sexo é prazeroso e realizável dentro de contextos específicos para não ser condenável. Para eles, a prática sexual prematura leva à prostituição e perda do elo com a divindade. Assim, o corpo representa o "templo do espírito" e o desfrute dos prazeres da sexualidade de forma sagrada. Como comentado por Silva (et al., 2008), alguns consideram a juventude como um período de constante vigilância às "tentações da fornicação", em que a antecipação do casamento era usada como uma vida de direito ao sexo.

Ainda que haja uma maior tolerância por parte das lideranças da igreja com os sujeitos que cruzam seus limites, ainda há imposições que denominam uma identidade devocional e reafirmam a identidade do jovem crente. A distinção de comportamento entre os jovens crentes e não crentes é usada como embasamento para a percepção da sexualidade, sendo destacada a moral específica do jovem crente (Alves, 2011).

Finaliza-se que, embora a pesquisa apresente mudanças religiosas nas últimas décadas e seus desdobramentos nos comportamentos sexuais, somente é possível compreender a significância destas movimentações e seus resultados quando se reconhece as variações e diferenças internas dos núcleos pesquisados, bem como a relação com outros campos da vida social dos sujeitos participantes das pesquisas (Rodhenm e Gravad, 2005).

Como visto, as tradições religiosas e suas crenças e valores específicos quanto à sexualidade e a moralidade sexual variam conforme o local, época e vertente religiosa, ocasionando variações na relação com a Educação integral em Sexualidade. Muitos líderes e adeptos acreditam que os tópicos sobre sexualidade devem ser transmitidos dentro de suas comunidades religiosas.

O Catolicismo e Islamismo se apresentam como mais conservadores, enfatizando a castidade antes do matrimônio, a monogamia e a prática sexual voltada à reprodução. As vertentes protestantes e o Judaísmo sinalizam uma abordagem um pouco mais liberal da sexualidade, na qual o sexo é tratado como fonte de prazer para a mulher e o homem. Nas religiões citadas, as relações amorosas e sexuais possuem pontos congruentes: são heterossexuais, maritais e de caráter privado.

A família se constitui como fonte de informação relevante para os jovens de núcleo religioso e é papel na construção da relação do sujeito com sua sexualidade. A criação rígida em assuntos relacionados à sexualidade se sobressai nos discursos voltados para as mulheres. A associação dos espaços e tarefas da casa com a figura feminina e o trabalho e a rua com a

figura masculina são apontados por Couto (2005) como exemplos. A pesquisa do autor sinaliza que a conversa sobre sexualidade com os pais é ausente para ambos os gêneros, porém a desinformação e o desconhecimento sobre o assunto são mais prevalentes em mulheres:

Sem o diálogo em casa e sem a possibilidade maior de transitar por espaços que permitam uma aproximação com estas questões, muitas mulheres disseram sentir-se ressentidas pelo fato de que o aprendizado sobre sexualidade se deu de forma a tirar poder de decisão e de controle em diversas situações. Entretanto, é certo que isso tende a diminuir com o diminuir com o decréscimo da idade da mulher, assim como o nível de escolaridade. Para as mais jovens e com maior escolaridade, o acesso às informações, via amigas de escola, televisão e revistas, diminuiu a "angústia de não saber sobre sexo" (p. 213).

No cenário masculino, a ausência das conversas com os pais não representou um problema já que os amigos se constituíram como fonte de informação. A sexualidade como algo distante e apreendido aos poucos conforme as etapas do curso da vida (matrimônio e em seguida maternidade) é vinculada à reprodução. Para os homens, ela é vinculada à constituição de sua identidade, sua "formação", necessitando ser pública para obter aprendizados e a vigilância permanente da masculinidade (Couto, 2005).

2.6 Família e Sexualidade

Família não é definida exclusivamente por laços consanguíneos entre seus membros, ou seja, ainda que filiação seja determinada pela realidade fisiológica e biológica, a filiação não se constitui por somente esta via. A cultura, suas normas e estrutura sociais acabam por influenciar os laços familiares entre os sujeitos da sociedade. Há famílias em que sua estrutura ultrapassa o parentesco de pais e filhos ou não possui laços consanguíneos: filhos criados por avós ou tios, filhos adotados, filhos enteados, entre outros modelos. Existem também variações das estruturas familiares conforme a cultura: famílias nucleares, famílias ampliadas, uniões livres, famílias monoparentais etc. (Werebe, 1998).

Para Meirelles (1997), do ponto de vista sistêmico, a família age como um modelo regulador de equilíbrio social com diferentes níveis de hierarquia. O primeiro nível, mais individual, se concentra na família nuclear, enquanto os níveis mais abrangentes abarcam os conceitos de comunidade, sociedade, cultura, entre outros. Este sistema desenvolvido ao longo do tempo atinge campos emocionais e históricos de, no mínimo, três gerações de

qualquer dado momento e transpassa estágios de vida diversificados, crescendo por vias naturais de reprodução, adoção ou casamento e separando-se somente com a morte.

A relação entre sexualidade e o contexto familiar se torna complexa à medida que abrange diferentes perspectivas e experiências. Ao longo do tempo, houve modificações da sociedade na maneira de compreender e aceitar a sexualidade e suas manifestações no seio familiar, ainda que esta pauta seja desafiadora em algumas sociedades. Como visto, valores culturais, momentos históricos, crenças religiosas e classes sociais podem influenciar a maneira como a sexualidade é percebida e tratada dentro das famílias. Há exemplos de famílias em que a sexualidade é considerada parte integral do indivíduo e um tema aberto e discutido sem contratempos, criando um ambiente acolhedor e seguro para sua expressão. Em contrapartida, há estruturas familiares em que as questões relacionadas à sexualidade podem ser um tabu ou estigmatizadas por vertentes conservadoras.

Werebe (1998) ressalta que as diferentes formas de educação passadas pelas famílias afetam a visão que os jovens têm sobre a sexualidade, modificando-se conforme a cultura, classe, religião e sociedade vigente. Assim,

Abordar sexualidade e família na escola é mostrar processos interativos dentro de sistemas humanos, nos quais a unidade individual básica é um sujeito biopsíquico, social, de natureza tri geracional, que se reintegra à natureza como espécie biológica com características específicas; que, para sua sobrevivência e subsistência, se apropria dessa mesma natureza com responsabilidade e conhecimento dos mecanismos dessa apropriação; que, minado pelas inter-relações entre os substratos naturais e os diversos tipos, é produto da evolução histórica da humanidade; que determina e é dever de organizações familiares; que aceita, reconhece e valoriza as diversidades culturais, a sociogênese e a psicogênese; e que crê no futuro aberto da sociedade na qual está inserido (Meirelles, 1997, p. 75).

As normas e regulações da sexualidade existem dentro dos núcleos familiares e entre seus membros. O incesto entre pais e filhos ou entre irmãos é proibido de forma universal. Contudo, a violência sexual entre crianças e adolescente ocorre majoritariamente dentro dos lares ainda que proibida em todos os países (Werebe, 1998).

A sexualidade tratada no âmbito familiar impacta fortemente no desenvolvimento do sujeito em sua infância e juventude, em especial na formação de suas ideias sobre família, sexualidade, amor, o mundo adulto e sua identidade. Esta identidade, por sua vez, determina-se de acordo com a estrutura familiar, condições financeiras, dinâmica das relações entre os familiares e as características pessoais dos pais. No tocante aos pais, eles agem como educadores da sexualidade de forma inconsciente na maioria das vezes, sem possuir

consciência sobre as implicações de seus discursos e ações desenvolvidas que influenciam de forma direta ou indireta questões ligadas à vida sexual.

A educação dos pais se concebe mais por suas ações do que por seus discursos. Eles são o primeiro modelo de casal que a criança conhece (como marido e esposa ou semelhante dependendo do tipo de união) e com quem ela aprende os papéis representados por cada um. Os comportamentos dos pais formam os primeiros conceitos de masculinidade e feminilidade, bem como a maneira que tratam e conduzem a educação dos filhos de ambos os gêneros. De forma inconsciente, há uma tendência de perpetuação e reforço de estereótipos quanto aos papéis de gênero (Idem).

Heilborn (2006) comenta que as transformações das relações familiares nas últimas décadas geraram, por uma via, a conjugalidade como domínio independente da família orientado conforme os funcionamentos internos do núcleo no qual a sexualidade é centralizada, e, por outra via, o exercício das relações sexuais para além das fronteiras do matrimônio. Anteriormente, o sexo antes do casamento era estigmatizado para as mulheres e obrigatório para os homens, que, por sua vez, deveriam chegar ao matrimônio com repertório de experiências sexuais. Assim, observa-se o que essa autora denomina de dupla moral sexual, isto é, a operação das relações de gênero desigual.

Logo, voltamos nosso olhar para a juventude e seu desenvolvimento no campo da sexualidade na esfera familiar. O processo de descoberta e exploração da sexualidade neste período é crucial para a formação da identidade do indivíduo. A influência da família impacta de forma significativa a maneira como o jovem percebe, lida e manifesta sua sexualidade. Um ambiente familiar que dispõe de comunicação aberta sobre sexualidade tende a oferecer um ambiente mais seguro e acolhedor para as manifestações sobre essa temática. Entretanto, são poucos os jovens que possuem este privilégio.

2.6.1 Juventude, sexualidade e família

Ressel (et al., 2011) comentam que a vivência da sexualidade pelos jovens varia conforme os valores aprendidos no seio familiar, ambiente no qual, desde o nascimento, são transmitidos os comportamentos aceitáveis para a formação social, tecendo seu universo simbólico. Além disso, neste processo, há a identificação dos papéis sociais dos membros do grupo familiar que passa a compor o indivíduo.

São raras as famílias que conseguem tratar a sexualidade com os jovens de forma focada nas vivências deles. Algumas ainda compreendem de forma natural as descobertas

nesse período e tratam com mais tranquilidade as angústias e manifestações desse tema. Já outras mantêm o assunto sob discrição ou ainda velado, não interditando verbalmente. Geralmente os assuntos são abordados de maneira genérica focados em métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.

Os diálogos se apoiam em materiais mediadores ou exemplos externos (experiências de outras pessoas, filmes, novelas, reportagens, assuntos de biologia etc.), não considerando a experiência e vivência do próprio jovem. Há também exemplos em que as manifestações e exercícios da sexualidade por parte do jovem é totalmente reprovado pelos pais, tornando a interação entre eles mais distanciada. Complementa-se que, por parte dos jovens, também não há uma comunicação direta aos pais quando há o início de um relacionamento sexual. (Savegnano e Arpini et al., 2013). Para Brandão (2004), o arranjo que

condiciona o percurso biográfico adolescente nos dias de hoje coloca filhos e pais em uma posição de contínua negociação, no sentido do estabelecimento das regras, obrigações e direitos atinentes a cada um no espaço familiar. Tal disposição das relações de filiação só pode ser compreendida no contexto de profundas mudanças das relações familiares, em especial das relações entre gerações, marcadas por uma tensão constitutiva entre a necessidade de afirmação da liberdade e da autonomia juvenil (sempre relativas) e da heteronomia (imposição dos valores parentais). Em tais circunstâncias, o desafio de produzir uma “pessoa individualizada” no decorrer do processo de socialização juvenil supõe, um delicado equilíbrio entre a aquisição gradativa da autonomia juvenil e a afirmação da heteronomia consoante a função educativa parental (p.63).

Quanto à iniciação sexual e amorosa no período da juventude, Brandão (ibid.) comenta a oportunidade de os sujeitos aprenderem em uma dimensão íntima da relação as diferenças de gênero, bem como exercitarem a autonomia pessoal conquistada nesse período da vida. Tal iniciação ocorre por duas vias: de acordo com o gênero do sujeito e de acordo com o relacionamento estabelecido com os pais e com seus pares. Com o gênero, escolhe-se o parceiro afetivo sexual. Com os pais, há uma definição maior da esfera pessoal, mesmo que passível de controle parental, que permite um espaço de intimidade pessoal. Este momento constitui uma oportunidade de aprendizado por parte dos pais quanto ao respeito à autonomia, privacidade e individualidade dos filhos, que por vezes é realizado de maneira distinta entre os gêneros.

Ainda dentro do exercício da sexualidade por parte dos jovens, os primeiros relacionamentos, geralmente vivenciados nos anos iniciais da adolescência, costumeiramente são rotulados pelos pais como "namoro de criança". Brandão (2004) comenta que essa

expressão retrata uma dimensão lúdica e iniciante da relação com a exploração da sexualidade com o outro e a ausência de compromissos mais profundos. Esses primeiros relacionamentos também são assinalados pelos mais como uma vivência banal e aleatória ou "paixões" que podem ter trocas afetivas e sexuais intensas entre os casais, ainda jovens demais para enfrentar desafios que um relacionamento amoroso pode implicar.

Ainda segundo o autor, já para os jovens, o "namoro sério" possui um significado distinto, enfatizando os aprendizados no campo das relações e a aquisição de autonomia e responsabilidades, além de haver a aprovação dos pais. Há uma maior significância da relação nas trajetórias bibliográficas dos jovens do que para os adultos,

Não obstante a sexualidade ser um idioma social muito difundido, as conversas em família sobre sexo revelam-se ainda pouco explícitas. Tomam formas indiretas, pouco palpáveis ou claras, permeadas de reticências, advertências, reprimendas. Em geral, quando existe o diálogo sobre sexo entre pais e filhos, ele se encontra inscrito em uma modalidade mais ampla de trocas verbais estabelecidas entre as duas gerações, que perpassam temas diversos (p.80).

Assim, o funcionamento, a dinâmica familiar e o estilo educativo adotados acabam por condicionar a modalidade de relacionamento entre os jovens em cada contexto, gerando situações com mais ou menos distanciamento (Brandão, 2004). Ressel (et al., 2011), em sua pesquisa com adolescentes do sexo feminino, afirmam a postura repressiva de pais com as entrevistadas, gerando conflitos com as jovens e fazendo-as se sentirem intimidadas para buscar nas famílias as informações na esfera da sexualidade.

Brandão (2004), em sua pesquisa com famílias do Rio de Janeiro, aponta para o esforço das mães como as que buscam inicialmente abordar a temática de sexualidade com os filhos, sendo elas mediadoras da comunicação dos jovens com os pais - estejam eles presentes na residência ou não. São raros os casos em que há uma aproximação do pai com o tema, sendo sua ausência mais comum por fatores como separação, mudança de residência, afastamento da relação com os filhos e de seu cotidiano, indisponibilidade ou inabilidade para o diálogo e negociações familiares.

Portanto, o diálogo, negociação e argumentação constituem a base do modelo de relacionamento ideal na família. Tal modelo pressupõe atualizações e gradações constantes. Hoje as gerações veteranas reconhecem que há mais diálogo com os filhos quando comparado à quantidade de diálogo que tinham em sua juventude com seus pais, bem como uma maneira de convivência distinta à atual: "Há que se reconhecer que pais e filhos, a despeito da difusão crescente de uma norma social de igualização das relações familiares,

ocupam posições diferenciadas, assimétricas" (Brandão, 2004, p.82). Assim, segundo o autor, a hierarquia ainda é presente tendo em vista que o diálogo não se realiza entre dois sujeitos que estão num mesmo plano, isto é, há imposições sociais que sinalizam a impossibilidade de excluir a sexualidade da educação dos filhos atualmente.

2.6.2 Sexo na casa dos pais

Quanto ao sexo na casa dos pais, Brandão (2004) comenta sobre dois cenários opostos existentes. De um lado, a interdição da sexualidade dos filhos por parte dos pais e, do outro lado, a aprovação da vida sexual dos filhos - que impõe uma série de práticas intermediárias e às vezes ambíguas por parte dos pais. Há casos em que há um acordo mútuo entre pais e filhos quanto às regras para o exercício da vida sexual dentro de casa, contudo há o que o autor designa como "tolerância silenciosa": a autorização do pernoite na casa do parceiro, mas sem possibilidade de dormirem juntos, ainda que o casal possa permanecer juntos no quarto de porta fechada até a madrugada.

Nessa perspectiva, não há uma confissão clara dos jovens nem dos pais de que está ocorrendo relações sexuais, muito menos um pedido de explicações a respeito da situação, o que ocorre somente posteriormente. Nessa situação, o jovem não assume o exercício sexual perante os pais, que não é discutido nem submetido às regras (Brandão, 2004).

O gênero dos filhos acaba por condenar os tipos de acolhimento de um namorado ou namorada por parte da família. Para os homens, a sua entrada na família da namorada ocorre geralmente de modo gradual e com determinadas regras de acordo com cada família: há a aprovação dos pais quanto ao relacionamento, baseada na confiança, discernimento e responsabilidade da filha.

Esta avaliação conta como requisito para o avanço do namorado na intimidade familiar. Já a entrada das namoradas nas famílias dos rapazes pode desencadear duas situações: a indicação de que suas famílias estão cientes e autorizam o pernoite fora de sua residência ou que esta autorização não ocorreu de maneira formal pois pressupõe-se que a vigilância feminina deva ser considerável:

Em suma, nas famílias entrevistadas, o exercício sexual dos filhos é aceito na residência parental sempre subordinado a uma relação afetiva, sejam os filhos homens ou mulheres. Não se trata, em absoluto, de uma liberação incondicional para qualquer parceiro da filha ou filho (Brandão, 2004, p.83).

Aponta-se, para este trabalho, que não foram encontrados dados de pesquisa quanto ao acolhimento das famílias a casais jovens homoafetivos. O autor acima citado ainda menciona casos de jovens que preferem ocultar sobre seu relacionamento sexual dos pais, utilizando as residências na ausência deles.

É provável que as diferentes posturas dos pais em relação à vida sexual dos filhos se devam a um processo de tensão entre normas sociais distintas. Pais e filhos sabem que há uma forte difusão de normas que regem a individualização do jovem como uma premissa na família, na escola, na mídia e no espaço público, tornando-o sujeito portador de direitos. Também sabem que se torna difícil resgatar modelos de educação e de sociabilidade entre as gerações nos moldes tradicionais, que vigoraram até a primeira metade do século XX, pautados na marcada hierarquia entre adultos e não adultos e na autoridade parental absoluta:

O embate entre traços remanescentes do modelo anterior, que persistem e são reproduzidos nas estruturas familiares, e a influência de novas regras sociais, que preconizam a individualização dos integrantes do grupo familiar, se fazem particularmente agudos na adolescência e juventude dos filhos. As famílias divergem entre si no tocante à possibilidade de os filhos serem mais ou menos autônomos em determinados domínios da vida social, em razão do modo como concebem sua condição de dependência parental. Para alguns, mais sensíveis ao modelo anterior, essa é impeditiva da conquista de uma certa autonomia, só atingida após a emancipação social e econômica juvenil. Para outros, mais sensíveis ao modelo contemporâneo, os termos da condição de dependência e da aquisição de autonomia podem ser combinados, equacionados e acordados. Ambos estão sujeitos às pressões sociais e possuem tensões internas em sua afirmação. As queixas parentais estão presentes nos dois modelos (Brandão, 2004, p.84).

Na sociedade brasileira, de forma geral, a cultura familiar de regime patriarcal ainda é prevalente, evidenciando as dicotomias de gênero por meio das relações de poder. Tal modelo hegemônico tem sido pauta de debates na sociedade contemporânea, em especial a partir do movimento LGBTQ+, que transpõe o modelo heteronormativo.

As hierarquias constituídas dentro da família refletem-se na relação de pais e filhos no tratar da sexualidade dentro de casa. Nota-se a ocorrência de dois fenômenos simultâneos: pais com empecilhos para conversar de forma aberta e tranquila sobre sexualidade com seus filhos - seja por desconhecimento do assunto, insegurança pessoal ou acreditarem que tal assunto não está sob sua incumbência - e jovens cada vez mais imersos no tema de sexualidade, presente de maneira explícita cada vez mais.

Ainda para o autor supracitado, durante o gerenciamento da juventude atual como transição da infância para a fase adulta, os pais muitas vezes expressam dificuldades em

compreender tanto o ritmo de desenvolvimento e amadurecimento de seus filhos quanto a condução de seus próprios interesses.

3. EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE

Por tempos, a sala de aula foi encarada como um local sexualmente neutro. A formação de educadores, o comportamento esperado deles e a atribuição da Educação em Sexualidade como incumbência da família reforçam tal caráter supostamente assexuado. No entanto, por ser reprodutora das normas e preceitos vigentes na sociedade, a escola é um ambiente dotado de sexualidade com possibilidades de discussões e reflexões sobre este tema.

A Educação em Sexualidade ainda se apresenta de forma polêmica, as questões levantadas pela sociedade ainda circulam sobre seu caráter e objetivos: ela deve ser tratada no âmbito privado familiar ou a escola deve ter este papel? Falar sobre sexualidade na escola incitaria os jovens a ter comportamentos sexuais inadequados ou iniciarem precocemente sua vida sexual? Se abordada na escola, esta educação deve se organizar e se desenvolver por meio de projetos? Ela deve ser multidisciplinar? Durante as aulas ou fora delas? Qual professor ou profissional deve ser responsável pela abordagem? Quais temas abordar e apresentar? Seu objetivo deve ser de orientação, prevenção ou moralização?

Para Louro (1997), estas e outras questões acabaram por conduzir projetos de leis e diretrizes educacionais que, seja sob críticas, censuras ou aplausos, impactaram na inserção da Educação em Sexualidade nas escolas. Devido ao caráter político das relações de gênero, as vias de desenvolvimento da Educação em Sexualidade são disputadas por diferentes setores conservadores e liberais, em especial as políticas curriculares que buscam regular e orientar as ações desenvolvidas dentro dos espaços escolares.

Para Aquino (1997), ainda que inquietante, a sexualidade é recusada pelo professor no seu cotidiano prático, contudo, é emergente a necessidade de a escola ir ao encontro das transformações e práticas contemporâneas acerca da sexualidade, em especial das ocorridas na juventude: qual a conduta esperada da escola diante da sexualidade manifestada pelos alunos? Ainda que imaginada como algo que existe fora do perímetro escolar, a sexualidade deixa seus vestígios no ambiente, ou, como colocado por Aquino, ela é gravada nas práticas escolares. Exemplos disso? As pichações nos banheiros, nas carteiras, os bilhetes trocados, as mensagens insinuante, entre outros. O que dizer, então, dos olhares à procura de decotes arrojados, braguilhas abertas e pernas descobertas? E aquele professor ou colega de sala para sempre lembrado como objeto de uma paixão juvenil?

Como já descrito no trabalho, as diferentes dimensões que a sexualidade atinge (biológica, cultural, religiosa, familiar etc.), não possuem uma linearidade. O ponto

convergente, no entanto, é o de uma abordagem mais ampla e plural da sexualidade, transcendendo o caráter biologizante. Para Sayão (1997), é necessário reconhecer as características do jovem que atualmente demanda os conhecimentos a respeito da sexualidade. Primeiramente, se trata de um sujeito que atravessa a maturação fisiológica e sexual com uma redescoberta de sua nova constituição física e identidade.

O segundo ponto é que este jovem está sob diferentes excitações sexuais, tanto internas, que dizem respeito ao seu mundo psíquico, quanto externas, como as do meio em que vive e as de seu sistema endócrino. Por último, como comentado no capítulo anterior, é um sujeito que busca atender às expectativas de seus responsáveis ao mesmo tempo em que procura se estabelecer no mundo como sujeito autônomo e de identidade ímpar, com vontades e desejos a serem ouvidos e atendidos.

Ao imaginarmos a Educação em Sexualidade hoje realizada nas escolas, Sayão (1997) retrata um possível cenário que tende a se aproximar da realidade de hoje. O conteúdo já causa incômodo ao docente sem que ele perceba; geralmente a temática de aparelhos constitutivos do corpo humano, o sistema reprodutor é deixado por último - assim o professor pode finalizar o ano letivo sem abordá-lo:

Passa a obrigação para a próxima vítima. Mas por que tal dificuldade? Começa pelas reações dos alunos ao assistirem a tais aulas: sorrisinhos maliciosos, piadinhas, burburinho geral, perguntas. Ah, as perguntas indiscretas, que ultrapassam o saber da biologia! O pobre professor de biologia passa por poucas e boas ao tentar ministrar com tranquilidade essas aulas. Além disso, ele tem sua própria concepção, convicções e valores sobre a vida sexual, incluindo-se aí a moral e os preconceitos. Em segundo lugar, temos estudantes com sua vida interna, suas convicções, curiosidades, seus anseios, medos e desejos sobre a vida sexual, entre eles alguns percebidos, compreendidos, e outros nem tanto. E isso faz com que cada informação que lhes é transmitida passe por um processo de transformação, antes de ser incorporada, para ser compreendida e como conhecimento efetivo (p.98).

Por fim, a autora supracitada menciona a instituição escolar com seu corpo de regras e normas em relação às manifestações de sexualidade e à Educação em Sexualidade que por vezes não é precisa ou ainda pode ser contraditória. Tal cenário culmina no engano de que toda informação a respeito de sexualidade vinculada na escola possui valor educativo.

Louro (1997) ressalta que as inquietações sobre o tema da sexualidade nas escolas nem sempre é manifestada de forma aberta. Há membros do quadro escolar que podem negar a necessidade de preocupação com este assunto ou ainda delegá-lo assunto às famílias, como se ignorar o problema fará com que a sexualidade fique de fora da escola, contudo, "É

indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz." (p. 80, grifo da autora). Assim, segundo o autor, a sexualidade está dentro da escola pelo fato de fazer parte dos sujeitos que a frequentam, independentemente de haver discursos, disciplinas, abordagens ou a inclusão do tema nos regimentos escolares. Não há a possibilidade de excluí-la do ambiente, uma vez que o sujeito não pode anulá-la ou tratá-la como um acessório a ser usado fora da escola.

3.1 Propósitos e objetivos da Educação integral em Sexualidade

Como introduzido anteriormente, a sexualidade abrange componentes biológicos, psicológicos e sociais com diversos meios de expressões que variam de acordo com a época e sociedade em que se insere. Maia e Ribeiro (2011) apontam que as manifestações, valores e atitudes ligadas à sexualidade de um indivíduo o acompanharão por toda vida e concebem sua Educação em Sexualidade. Esta educação possui um caráter não intencional e é exercida primeiramente pela família e posteriormente por outros grupos sociais do sujeito, sendo viés por onde construirá seus valores sexuais e morais.

Já a Educação em Sexualidade, dotada de intencionalidade, consiste, segundo Werebe (1998), nas intervenções precisas, sistematizadas, regulares e planejadas no assunto que tange a sexualidade humana, podendo ocorrer dentro e fora do espaço escolar e ter como público crianças, jovens e adultos. A autora relembra que esse processo ocorre sobre um indivíduo que já recebeu influências e “marcas” sobre a sexualidade, seja da família ou de outros grupos e em diversas situações do cotidiano, carregando consigo diferentes opiniões e valores sobre o tema. É com base nestes pressupostos que as ações da Educação em Sexualidade devem se orientar.

Para o presente trabalho, optou-se pela expressão Educação integral em Sexualidade como um processo educativo contínuo sobre o exercício saudável e responsável da própria sexualidade como um direito. Tal processo objetiva a formação integral de crianças e jovens como cidadãos preparados e empoderados para tomarem suas decisões e seguirem suas vidas por um curso saudável. Além disso, a expressão também reforça que esta função não deve ficar a cargo da família somente, nas quais as ações educativas sobre o tema devem ser exercidas para além dos conteúdos biológicos.

Para Vilaça (2012), a Educação integral em Sexualidade também objetiva capacitar os sujeitos e desenvolver suas habilidades para terem as rédeas de sua saúde sexual. Além disso,

esta educação busca atender aos direitos sexuais e reprodutivos uma vez que é garantido e promovido acesso a informações aos assuntos de seu interesse e necessidades, a fim de desenvolver as competências fundamentais para o desfrute de sua sexualidade e relações com os outros.

Outro apontamento válido a se fazer é que os objetivos da Educação integral em Sexualidade se relacionam com a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, da ONU. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que abordam Saúde e Bem Estar, Educação de Qualidade e Igualdade de Gênero (ONU, 2015). Segundo o documento, os ODS visam:

Objetivo 3: Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades.

Objetivo 4: Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos.

Objetivo 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas e assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos. (p.19)

Como apontado anteriormente, as ações da Educação integral em Sexualidade ocorrem com o objetivo de resolver questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade, mas visando atender às necessidades dos sujeitos, em especial os jovens. Para Werebe (1998), foram três as questões que justificaram a implementação da Educação integral em Sexualidade na sociedade. A primeira se refere ao crescimento demográfico em países em desenvolvimento, que propiciou o debate sobre controle de natalidade. Tal debate nos conduz à segunda questão, ligada ao comportamento e atitudes sexuais com mais liberdade por parte dos jovens, atingindo diferentes setores da população. Por último, o aparecimento da Aids nos anos 1980 e 1990, para a qual a Educação integral em Sexualidade representa um meio de enfrentamento, uma vez que ainda não há cura contra a doença.

Contudo, em virtude do panorama contemporâneo da sociedade, a Educação integral em Sexualidade se faz necessária por motivos além dos citados acima. Para Furlani (2013), seu papel consiste em

desestabilizar as "verdades únicas", os restritos modelos hegemônicos da sexualidade normal, mostrando o jogo de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção; e, depois, apresentar as várias possibilidades sexuais presentes no social, na cultura e na política da vida humana, problematizando o modo como são significadas e como produzem seus efeitos sobre a existência das pessoas (p.70).

Werebe (1998) cita a neutralidade inexistente da Educação integral em Sexualidade, levando em conta que nenhuma ação educativa deve ser neutra uma vez que ela é concebida como meio de influência social inserido nas relações entre educadores e estudantes. Há uma intenção de influência, seja ela evidente ou não. Isto não significa que o educador deva impor seus próprios valores, opiniões e preceitos acerca da sexualidade sobre seus estudantes. O respeito às opiniões e valores individuais deve permanecer.

Para Sayão (1997), o trabalho desenvolvido na escola quanto aos valores morais inerentes à sexualidade deve se diferenciar do trabalho realizado pelas famílias, como forma de ampliar o conhecimento quanto à diversidade existente na sociedade para que o sujeito possa discutir e refletir sobre o que lhe foi apresentado e assim desenvolver atitudes de acordo com os valores que escolheu para si.

A Educação integral em Sexualidade deve ter como cerne as necessidades das crianças e jovens, sendo suas dúvidas e expectativas o ponto de partida e de chegada das ações educativas. O sujeito deve ser o condutor de sua educação ao passo que realiza um autoconhecimento por meio de referências externas, como as literárias, artísticas, religiosas, entre outras (Werebe, 1998).

Assim, a intencionalidade, o planejamento e a organização são partes dos principiantes do processo da Educação integral em Sexualidade, com o objetivo de fornecer aos estudantes uma formação que envolve conhecimentos e fomenta reflexões, dúvidas e mudanças atitudinais, bem como transformações de valores e de cidadania ativa para o combate às discriminações e violências de gênero. Os elementos oferecidos pela Educação integral em Sexualidade são:

- conhecer o próprio corpo, seu funcionamento, suas exigências e aprender a aceitar o próprio corpo, um corpo sexuado;
- conhecer o seu desenvolvimento psicosssexual, nas suas diferentes fases, segundo a idade e o sexo;
- conhecer o lugar e a significação de sua sexualidade e suas manifestações, compreender as dimensões afetivas da sexualidade e aceitá-la como fonte de prazer e satisfação;
- conhecer e compreender os comportamentos sexuais comuns em cada idade, para os dois sexos e sua frequência;
- conhecer e compreender o desenvolvimento da identidade sexual e as questões ligadas à masculinidade e feminilidade;
- compreender o que significa viver como homem ou mulher na sociedade em que se encontra e aprender a respeitar o outro sexo, seus direitos e deveres;

- rejeitar a dupla moralidade em matéria sexual (liberdade para o homem e repressão para a mulher);
- aceitar a igualdade de direitos, rejeitando a discriminação em relação aos dois sexos e as diferentes etnias e nacionalidades;
- conhecer e compreender as diferentes orientações sexuais e aprender a respeitá-las;
- conhecer e compreender os diferentes valores culturais e morais ligados à sexualidade;
- adotar decisões próprias sobre suas opções em matéria de vida sexual, afetiva, com base nos conhecimentos adquiridos e nos seus valores culturais, morais e religiosos;
- saber que nas relações afetivas e sexuais é necessário respeitar seus parceiros, suas necessidades, desejos, opções e valores;
- assumir comportamentos responsáveis com relação à sua saúde sexual, contracepção e prevenção de moléstias sexualmente transmissíveis (Werebe, 1998, p.178).

Para a autora (1998), a Educação integral em Sexualidade deve oferecer ao seu público possibilidades de compreensão das dimensões e significados da sexualidade de maneira a incorporá-la de forma positiva em sua personalidade. É necessário considerar também o plano afetivo, que é implícito, sendo esse o encontro entre os aspectos sociais, simbólicos e afetivos da sexualidade. Louro (1997), em consonância, complementa que este é um campo para a construção dos significados de ser homem ou mulher, ampliando as demarcações biológicas pelas quais os gêneros e suas representações costumam ser tratados. A autora (ibid.) aponta também a dimensão do prazer e bem-estar, costumeiramente ignorada nas abordagens e concepções mais tradicionais.

A Educação integral em Sexualidade deve, portanto, ser abordada de forma crítica, fomentando a temática a partir do aspecto sociocultural da sexualidade, passando pelo aspecto psicológico e culminando nos fisiológicos, integrando as experiências e concepções prévias dos alunos com os novos conhecimentos apresentados. Ela deve ser promovida tanto em contextos formais como não formais, constituindo um componente essencial da educação de boa qualidade e da construção de um mundo mais justo.

As intervenções devem priorizar o diálogo e o direito à fala das crianças e jovens, de maneira a ampliar seu senso crítico. Assim, deve-se propiciar um ambiente no qual o público sinta-se à vontade e seguro para expressar suas dúvidas e inquietações acerca da sexualidade, não possuindo caráter de aconselhamento individual ou terapêutico. Portanto, seu objetivo

deve propiciar o exercício responsável e prazeroso da sexualidade (Werebe, 1998; Sayão, 1997). Esta Educação integral em Sexualidade deve ser

voltada para a cidadania numa sociedade democrática, priorizando o reconhecimento do aspecto saudável da busca do prazer, o respeito a si próprio e ao outro, bem como o respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano (Sayão, 1997, p.114)

Faz-se necessário destacar que atribuir as ações e intervenções da Educação integral em Sexualidade aos professores de Ciências e Biologia é precipitado, uma vez que outras disciplinas ligadas às Ciências Humanas também são necessárias para o estudo da temática da sexualidade. Acrescenta-se ainda que nem todos os professores das disciplinas citadas conhecem ou se sentem preparados e confortáveis para lidar com a temática em sala de aula, assunto que será aprofundado no próximo capítulo.

A Educação integral em Sexualidade é concebida como meio de luta contra as desigualdades, formas de violência e preconceitos existentes. Portanto, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2023), possui um caráter educativo e contínuo sobre o exercício saudável e responsável da sexualidade por parte de crianças e jovens, sendo este um direito pertencente a eles. Dessa forma, a Educação integral em Sexualidade é pautada na equidade de gênero, respeito às diversidades e no conhecimento de informações e conceitos corretos e atualizados sobre a sexualidade, para que se possa viver de maneira ética e digna:

A inserção da temática de sexualidade e gênero na educação é, primordialmente, um meio para fomentar discussões e provocar mudanças que possam contribuir de forma efetiva para a redução das desigualdades sociais relacionadas às diferenças de gênero e étnico-raciais, entre outras, as quais desencorajam e até mesmo impedem o acesso e a permanência de crianças, jovens e adultos nas escolas. Nesse sentido, a educação constitui território privilegiado para a construção e a consolidação de políticas relacionadas à educação em sexualidade e às relações de gênero (p.13).

A pressão dos grupos que acreditam que a Educação integral em Sexualidade seja uma missão da família por carregar implicações de escolhas morais e religiosas é avaliada por Louro (1997) como um silenciamento da sexualidade, evitando que ela adentre nos espaços escolares. É válido avaliar que tal suposição compromete os direitos sexuais já expostos.

Werebe (1998) comenta sobre as restrições impostas pelo contexto escolar que podem impedir a realização da Educação integral em Sexualidade. Para alguns docentes, estas

restrições podem afetar a discussão da temática durante as ações, bem como o receio de alunos diante de discordâncias explícitas ou implícitas em relação à sexualidade. Para a autora (1998), estas situações podem ser ultrapassadas se as ações contarem com objetivos, didáticas e orientações claras e sem ambiguidades. A frequência obrigatória às intervenções por parte dos estudantes também é apontada como um empecilho, uma vez que a obrigatoriedade pode soar como coerção. Tal cenário dependerá da forma como a Educação integral em Sexualidade é apresentada aos alunos, na qual sua frequência, ainda que obrigatória, não anula o respeito ao aluno caso ele não se sinta à vontade para participar.

Outra preocupação existente quanto à implementação da Educação integral em Sexualidade nas escolas é em relação ao posicionamento das famílias quanto às ações e intervenções. Como já mencionado, a família é a primeira instância na qual o sujeito recebe uma Educação em Sexualidade em um caráter informal.

Estes valores, por sua vez, podem carregar concepções conservadoras divergindo dos propósitos da Educação integral em Sexualidade. Werebe (1998) aponta que os conflitos causados pela diferença de gerações são inevitáveis. Ainda assim, é fundamental que as famílias compreendam tais conflitos sob uma reflexão quanto ao contexto social atual e as influências que os jovens estão submersos. A repressão e discursos morais rígidos vindos de casa, na maioria das vezes, não surtem efeito educativo mas sim controlador sobre o jovem e acabam consolidando uma possível rebelião do mesmo.

As opiniões que pregam que a Educação integral em Sexualidade realizada na escola deveria ser uma continuação à educação ocorrida nas famílias se torna leviana tendo-se em conta que uma Educação integral em Sexualidade transformadora deve ir de encontro aos padrões opressores da sexualidade.

3.2 Práticas da Educação integral em Sexualidade nas escolas

Para Werebe (1998), a escola propicia às crianças e jovens trocas e intercâmbios entre seus pares, independentemente da classe ou idade em que se encontram. Os grupos de pares formados no ambiente escolar excedem seu contato para além dos muros da escola e desempenham um papel fundamental na formação e desenvolvimento de seus membros. Geralmente, as crianças e jovens costumam se sentir mais à vontade para conversar sobre sexualidade com seus pares do que com outros adultos, uma vez que os colegas podem compartilhar das mesmas questões e angústias e podem compreendê-los melhor. Além disso,

nesses mesmos grupos os jovens costumam encontrar seus primeiros parceiros de relacionamento com quem têm suas primeiras experiências sexuais.

Para Louro (1997), a escola produz e transmite conhecimentos, mas também é parte da fabricação dos sujeitos que nela se inserem. Assim, há a produção de identidades étnicas, gêneros, classes e outras identidades que se originam nas desigualdades. Logo, a escola como instituição comprometida com a manutenção da sociedade e sua estrutura, acaba por manter tais desigualdades de forma cotidiana. Contudo, as práticas escolares são coletivas e políticas, com possibilidades de serem transformadoras e subversivas; justificando a necessidade de inferir na continuidade dessas desigualdades. Assim, a Educação integral em Sexualidade passa a ser um mecanismo possível para tais inferências.

Louro (1997) sinaliza que é possível supor a forma de condução da Educação integral em Sexualidade nas escolas brasileiras. Apesar da citação já possuir vinte e cinco anos, não é difícil relacioná-la com o cenário atual:

Mas é possível supor, pelos livros e materiais didáticos disponíveis no mercado, pelas indagações de professoras e professores, pelas reportagens e programas da mídia, que essa ainda é uma área em que todos se movimentam com extrema cautela e com muitos receios, onde a regra é buscar refúgio no "científico" (que é traduzido, neste caso, por um estreito biologismo), evitando a contextualização social e cultural das questões. Além disso, para muitos adultos, esses sempre foram temas que se conversavam em voz baixa, com reservas e com poucas pessoas. O silêncio, o segredo e a discrição eram os comportamentos adequados no trato com a sexualidade. Em voz alta, alardeadas ou proclamadas sem censura, tais que ganhavam o caráter de gozação, deboche, malícia ou grosseria. Essas representações não são alheias a vários/as responsáveis pela elaboração e efetivação das práticas de educação sexual (p. 133).

Werebe (1998) comenta das ações que ocorrem nas escolas como exemplos de Educação integral em Sexualidade. A separação por gênero, seja em filas, em atividades, em dinâmicas dentro e fora da sala de aula, já sinaliza uma posição em relação à sexualidade. Assim como a repressão ou omissão dos docentes e outros membros do quadro escolar diante de determinados comportamentos dos alunos, atribuindo uma gravidade ou um caráter inadequado. Incluem-se também as ações dos docentes, em seu modo de vestir, de agir e nas ideias e valores que transmitem. As ações ou ausências das escolas no tocante a tudo que concerne à sexualidade são parte da formação dos alunos, transmitindo-lhes que a sexualidade é algo velado ou vexatório da qual não se deve falar sobre.

Tradicionalmente, a didática adotada pela maioria dos docentes de diferentes disciplinas é de uma comunicação unilateral, em que o estudante é o receptor das mensagens

e sua partição não ocorre de maneira ativa. Tal dinâmica molda o aluno em um ouvinte sem qualquer exigência de assimilação e compreensão do conteúdo exposto; ao longo dos anos, os conteúdos a maioria destes são esquecidos por terem sido decorados e não assimilados efetivamente. Se tal metodologia é ineficaz para o ensino de qualquer conteúdo, ela também será ineficaz para a Educação integral em Sexualidade. Nela deve ocorrer uma comunicação real, recíproca, assertiva e respeitosa entre alunos e educadores (Werebe, 1998).

As modalidades pelas quais a Educação integral em Sexualidade pode atuar são variadas, dentre elas: a inclusão da temática em diferentes matérias (Ciências, Biologia, Sociologia, Português, etc.) no próprio planejamento das mesmas e em horário regular das aulas, com a participação de um ou mais docentes; intervenções em horários extracurriculares (ao final do período escolar por exemplo) por parte dos docentes ou de outros profissionais qualificados e especializados (psicólogos, enfermeiros, terapeutas etc.), sendo a participação dos alunos facultativa; intervenção de especialistas sobre algum tema específico dentro e fora do horário escolar como complemento dos conteúdos desenvolvidos pelos docentes.

Segundo, ainda, o autor, todas as modalidades citadas podem ser aplicadas às diferentes séries do ensino, abrangendo da Educação Infantil ao Ensino Médio, considerando a adaptação do conteúdo a ser trabalhado em cada faixa etária; em que seus resultados dependem da orientação adotada e objetivos propostos.

3.2.1 Documentos oficiais da Educação no Brasil

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017) é o documento oficial normativo cujo objetivo é nortear os currículos escolares e proposta pedagógica das redes de ensino públicas e privadas de educação básica do país. As concepções sobre corpo presentes no documento concentram-se na etapa da Educação Infantil quanto ao desenvolvimento físico das crianças. Já no Ensino Fundamental, ela perde protagonismo sendo inexistente na primeira etapa do ensino fundamental e retornando na segunda etapa na área de ciências humanas. Dentre as considerações acerca da Educação integral em Sexualidade nas escolas, o documento cita:

Nos anos finais [do Ensino Fundamental], são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições

de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira. (p.327)

Durante a leitura do documento, há quadros referentes às unidades temáticas, objetos de conhecimento e as habilidades que são esperadas de acordo com cada área do conhecimento e série escolar. Apenas no oitavo ano, aparece na unidade temática Vida e Evolução os objetos de conhecimento “mecanismos reprodutivos” e “sexualidade” ainda sob um viés biologizante. As habilidades definidas são:

- Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.
- Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.
- Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).
- Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção.
- Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (Brasil, 2017, p.349)

Não se pretende aqui rejeitar tais habilidades e sua importância para a saúde e bem estar físico dos jovens, no entanto, em consonância com Silva (et al., 2020), aponta-se para a ausência de espaços para as dimensões afetivas e socioculturais da sexualidade, excluindo referências às identidades de gêneros e orientações sexuais. Ainda que o documento cite ‘Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos’ (Brasil, 2017a, p. 357), não se é especificado quais são as identidades mencionadas (Silva et al., 2021).

Quanto às questões de gêneros, o documento traz apenas considerações no campo de linguagens, como gêneros textuais ou gêneros discursivos. Para Monteiro e Ribeiro (2020) a supressão da palavra e trechos que defendiam a orientação sexual individual são exemplos de que o documento fica à mercê de políticas e influências conservadoras com bases religiosas fundamentalistas. Tal suposição é comprovada tendo em vista que a terceira e última versão do documento foi sancionada pelo Ministro da Educação em 2017, Mendonça Filho, cujo pronunciamento em rede nacional de televisão citou "a Base está sendo entregue aos

brasileiros sem ideologia de gênero' (Brasil, 2017b), atendendo assim aos grupos políticos fundamentalistas que exercem poder sobre o Estado" (Back e Nogueira, 2021).

Os autores supracitados ainda sinalizam que apesar de reconhecerem as mudanças ocorridas na juventude, em especial na transição da infância para a adolescência, o documento ainda nega as discussões do gênero; tornando-se contraditório ao passo que orienta sobre o respeito às diferenças. Monteiro e Ribeiro (2020) apontam que a Base não viabiliza de forma antecipada as condições para que os docentes trabalhem as questões sobre sexualidade e seus múltiplos desdobramentos de maneira autônoma. Os autores ainda questionam o preparo teórico e metodológico por parte dos docentes, assim como a postura da gestão diante da temática.

Não pretende-se aqui delongar-se sobre as especificidades da BNCC, contudo, como já demonstrado, é necessário um esforço por parte dos educadores para realizar alinhamentos entre a Educação integral em Sexualidade e as descrições normativas, uma vez que a sexualidade aparece de forma subliminar e nas entrelinhas do documento. Em comparação a outros documentos oficiais citados no histórico, como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, retirou-se o caráter transversal da temática de sexualidade em todas as disciplinas, desde a educação infantil ao ensino médio.

Aprovado em 1997, os PCNs estão organizados em dez volumes e coloca-se como uma proposta flexível diante da diversidade regional do país conforme o documento descreve:

Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo, que se sobreporia à competência político-executiva dos Estados e Municípios, à diversidade sociocultural das diferentes regiões do País ou à autonomia de professores e equipes pedagógicas (Brasil, 1997, p.13).

O volume X é destinado aos temas transversais e nele aborda-se a temática de Educação integral em Sexualidade, na qual deve aparecer como um conteúdo transversal nas diferentes áreas do conhecimento. O documento, contudo, traz o termo "orientação sexual", o que gerou confusão e estranheza uma vez que o mesmo é usado referente às formas de atração afetiva (homossexual, heterossexual, bissexual, pansexual e outras).

O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. A Orientação Sexual não-diretiva aqui proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de

aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. Tal postura deve inclusive auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como uma vivência pessoal (Brasil, 1997, p.83).

Posteriormente, o documento cita:

A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando, se não uma isenção total, o que é impossível de se conseguir, uma condição de maior distanciamento pessoal por parte dos professores para empreender essa tarefa. (...)Assim, propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens (Idem, p.83).

O documento ainda indicava como a temática deveria ser inserida e organizada no dia a dia escolar; sendo primeiramente dentro da programação inicial, por via dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo; e fora da programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. Contudo, como sinalizado por Back e Nogueira (2021), referências às questões racionais e de classe que abarcam a sexualidade e a discriminação entre gênero e sexualidade é ausente no corpo do documento e se torna controversa uma vez que a hierarquia entre homens e mulheres está presente também nas diferentes dimensões da sexualidade.

3.2.2 O preparo dos professores e os conteúdos abordados

A dificuldade de existirem professores aptos e seguros para exercer o papel de educador em sexualidade não se desvincula do panorama educacional, social e econômico do país. Como já retratado, a sexualidade na BNCC ainda se encontra de maneira subliminar e entrelinhas e, além disso, comumente se atribui sua abordagem aos docentes das disciplinas de Ciências e Biologia. Há uma insegurança dos mesmos quanto à abordagem do assunto para além dos livros didáticos e os aspectos biológicos, muitas vezes sendo somente os conteúdos de sistema reprodutor, anatomia, métodos contraceptivos e ISTs trabalhados. Logo, salienta-se a necessidade do docente se sentir confortável para abordar a temática, principalmente em relação à própria sexualidade (Jardim e Brêtas, 2006).

A pesquisa de Silva e Neto (2006) sinaliza para a necessidade de professores para se disporem a realizarem a Educação Integral em Sexualidade nas escolas, uma vez que as

características desta apontada na pesquisa ainda são idealizadas na ordem subjetiva (ser séria, compreensiva, equilibrada e madura mentalmente e psicologicamente) e muito exigente quanto ao seus objetivos (estar preparado, conhecer o assunto e ter interesse em desenvolvê-lo sem transmitir seus valores): "Como por esse perfil idealizado os profissionais sentem-se distantes de grande parte dessas características, acabam não realizando e, mesmo, distanciando-se da abordagem do tema" (Silva e Neto, 2006, p.195).

Sayão (1997) estrutura o trabalho da educação em sexualidade em três eixos intimamente interligados: corpo humano, relações de gênero e ISTs. O corpo deve ser o tema inicial da abordagem, como um conjunto de sistemas interligados e possuidor de aspectos biológicos, sexuais e afetivos; insere-se aqui a abordagem das emoções sentimentos, sensações prazerosas ou não e os cuidados com a saúde e preservação do mesmo com a inclusão dos métodos contraceptivos: "Dessa forma, os aspectos biológicos devem ser circunstanciados num corpo que pulsa e sente" (p.116).

Já nas relações de gêneros, diz respeito às representações culturais e sociais construídas a partir dos sexo biológicos, buscando uma equidade entre eles e favorecendo sua vivência a partir da especificidade de cada sujeito. O trabalho de prevenção às ISTs por via de condutas preventivas deve estar vinculado à proposta de desassociar a sexualidade dos tabus e preconceitos, uma vez que os estudos têm apontado para a necessidade de maiores esclarecimentos dos jovens sobre os métodos contraceptivos.

Logo, as aprendizagens devem ser objetivadas em:

- Disponibilizar informações precisas sobre tópicos importantes que despertam a curiosidade de crianças, adolescentes e jovens, nomeadamente: crescimento e desenvolvimento, anatomia e fisiologia sexual, reprodução, gravidez e parto, HIV e AIDS, DST, vida familiar e relações interpessoais, cultura e sexualidade, comportamento sexual, diversidade sexual, abuso, violência baseada em gênero e práticas de risco e danosas.
- Oferecer a crianças, adolescentes e jovens a oportunidade de explorar valores, atitudes e normas referentes à vivência da sexualidade (como indivíduo, na família, interpares, na comunidade) não comportamento sexual, à saúde, risco e tomada de decisão, e aos princípios de respeito, igualdade de gênero, direitos humanos e igualdade.
- Facilitar a aquisição de habilidades importantes sobre o comportamento sexual para a tomada de decisões, de autoconfiança, comunicação e negociação, e capacidade de recusa da violência sexual, qualquer que ela seja.
- Estimular crianças, adolescentes e jovens a assumir responsabilidade por seu próprio comportamento e a respeitar o direito de outros, assim como estimular

aceitação e empatia independentemente do seu estado de saúde ou orientação sexual (Unesco, 2014, p.16).

Assim, os objetivos de aprendizagem mantêm-se os mesmos para todas as faixas etárias; mas quando iniciados com estudantes mais velhos, pode-se abordar os conteúdos de faixas etárias anteriores para se averiguar o que já foi abordado e apreendido até aquele momento (Unesco, 2014).

Werebe (1998) coloca que o critério primordial para a seleção do tema da sexualidade é o interesse atual dos/as estudantes em algum tema presente, e não necessariamente uma eventual necessidade deles no futuro. É necessária sutileza do/a docente em interpretar o que está implícito nas dúvidas e não somente o que se encontra à superfície. As dúvidas emergem com base nas experiências atuais e nas referências que possui em diferentes círculos sociais.

A linguagem usada também é um ponto importante destacado pelo autor, na qual as terminologias especializadas, termos técnicos e afins afastam a compreensão e assimilação dos conteúdos trabalhados nas intervenções. Criar um clima amistoso que favoreça a expressão livre dos estudantes, sem constrangimentos e receios em relação às dúvidas sobre sexualidade é fundamental para que a Educação integral em Sexualidade se efetive na prática.

No entanto, é importante deixar claro as limitações do educador em sexualidade quanto à conhecimentos específicos que ele não domina, afinal, ser uma "enciclopédia sexual" não é seu papel; pode-se responder à estas questões informando que se buscará as informações necessárias junto a outros profissionais ou em obras especializadas.

Furlani (2013) também sinaliza a necessidade de inclusão das variadas formas familiares nas intervenções de Educação integral em Sexualidade, ainda que estas não apareçam de forma espontânea pelos estudantes. Mencionar famílias monoparentais, com ou sem filhos, famílias reorganizadas, com pais ou mães homossexuais, com filhos adotados ou legítimos, etc.

Nestas discussões, a censura por parte do educador ou dos alunos quanto às opiniões divergente aos valores morais/sociais no tocante aos direitos humanos não deve existir; sendo o papel do educador é de "conduzir a discussão, sem traumatizar e condenar os defensores destas opiniões, de maneira que fique evidente o desrespeito que elas implicam em relação aos direitos da pessoa humana" (Werebe, 1998, p.180). O embate de ideias é parte do processo de reflexão dos estudantes e aprendizado quanto ao respeito às opiniões diferentes; mas, cabe ao educador oferecer informações que distinguem os fatos de opiniões e crenças.

4. METODOLOGIA

O estudo desenvolvido foi de natureza qualitativa e descritiva, ocorreu por meio de um estudo de campo em escolas de Ensino Médio da rede pública e privada no município de Rio Claro (SP). O município é localizado no interior do Estado de São Paulo, a 173 km da capital, e possui uma população de 209.548 habitantes (IBGE, 2021).

Severino (2000) traz considerações e diretrizes a serem aplicadas para a elaboração de uma pesquisa, seja de natureza teórica, científica ou filosófica. Na área do pensamento e expressão filosófica e científica, são impostas certas exigências de organização prévia e de metodologia para que se alcance o objetivo desejado. Primeiramente, necessita-se do amadurecimento do raciocínio, pois não é possível "a elaboração de um trabalho científico ao sabor da inspiração intuitiva e espontânea, sem obediência a um plano e aplicação de um método" (Severino, 2000, p. 73).

O autor esclarece que esta série de exigências irão garantir êxito na aprendizagem ao se tratar da formação universitária. Assim, é necessária uma sequência de condições visando à preparação metódica e planejada de um trabalho científico, compreendendo: i) Determinação do tema-problema do trabalho; ii) Levantamento da bibliografia referente a este tema; iii) Leitura e documentação desta bibliografia após seleção; iv) Construção lógica do trabalho; v) Redação do texto.

Gil (2002) considera que o objetivo das pesquisas descritivas é descrever as características de populações e de fenômenos; os estudos de campo e levantamentos, podem ser classificados nesta categoria. Além disso, nos estudos de campo há a preocupação com a descrição e uma maior ênfase na profundidade da mesma, o que leva o pesquisador a fazer o uso de depoimentos e entrevistas com níveis diversos de estruturação.

A pesquisa teve como seu cerne o cunho etnográfico, isto é, estuda os padrões previsíveis e comportamento manifestos na rotina dos sujeitos estudados (Mattos, 2011). A mesma autora considera que a etnografia, dentre as abordagens de investigação científica, contribui para o campo das pesquisas qualitativas, pois preocupa-se com uma análise da cultura como "um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas" (p. 50).

A partir das considerações de Severino (2000), Gil (1991) e Mattos (2011), considera-se que a presente pesquisa de campo contribui na elaboração e produção de futuras investigações no campo proposto.

Como já mencionado, para desenvolver a pesquisa foi feito um estudo de campo com professores/as e gestores/as da rede pública e particular de Ensino Médio. Sobre o estudo de campo, Gil (2002) afirma que "Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo" (p.53). O autor aponta que, para a construção deste tipo de estudo, há quatro fases: elaboração do projeto inicial, exploração preliminar, formulação do projeto de pesquisa, pré-testes dos instrumentos e procedimentos de pesquisa, coleta de dados, análise do material e redação do relatório.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990), considera-se adolescente aquele entre doze e dezoito anos de idade. Este período de transição para a idade adulta se constitui como uma fase de dúvidas e transformações. O corpo, a voz, a fala e o jeito de expressar a sexualidade estão inseridos nesta modificação, em que inserem-se tabus, dúvidas e preconceitos sociais revelados no espaço escolar. Assim, para esta pesquisa, optou-se pelo público inserido no Ensino Médio por ser estratégico na busca sobre quais concepções e reflexões acerca da sexualidade existem neste público, tendo como finalidade o

aprimoramento do educando como pessoa humana, considerando sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa, ética, democrática, inclusiva, sustentável e solidária, a escola que acolhe as juventudes deve ser um espaço que permita aos estudantes: conhecer-se e lidar melhor com seu corpo, seus sentimentos, suas emoções e suas relações interpessoais, fazendo-se respeitar e respeitando os demais; [...] combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença (Brasil, 2017, p.466).

Por se tratar de uma pesquisa com a temática de sexualidade, todos os cuidados com os aspectos éticos foram considerados desde a elaboração do projeto de pesquisa até a sua finalização. O primeiro contato com as escolas ocorreu via ligação telefônica diretamente a cada coordenador pedagógico. Posteriormente, realizou-se um encontro presencial com os (as) respectivos (as) coordenadores (as) e diretores (as) para apresentar detalhadamente os objetivos e meios da pesquisa. Assim, a coleta de dados por meio de entrevista com os professores (as) e gestores (as) e observação direta dos/as estudantes ocorreu após a autorização das instituições e agendamentos das entrevistas e observações.

As escolas foram escolhidas de acordo com a disponibilidade e abertura das respectivas instituições para a realização da pesquisa. Destaca-se, aqui, a dificuldade de conseguir uma instituição particular de Ensino Médio disposta a contribuir com a pesquisa, o

que gerou atraso no cronograma de coleta de dados. Acredita-se que a objeção das escolas particulares se deva ao seu receio da reação dos pais e responsáveis quanto ao tema da pesquisa dentro da escola e suas possíveis repercussões. O cenário contrário ocorreu na escola pública que, desde o primeiro contato, se mostrou receptiva e otimista com a pesquisa.

Com os professores (as), optou-se por selecionar um representante de cada grande área do conhecimento (exatas, humanas e biológicas) para realizar as entrevistas semiestruturadas. Em ambas as escolas entrevistou-se os professores (as) das Disciplinas de Física, Sociologia e Biologia, respectivamente. Na área de gestão, ocorreram entrevistas semiestruturadas com o(a) coordenador(a) pedagógico e o(a) diretor(a) de cada escola.

As entrevistas ocorreram no próprio ambiente escolar, com duração média de meia hora e em horários de intervalos dos/as participantes a fim de não atrapalhar suas rotinas. Buscou-se garantir padrões mínimos de privacidade com os entrevistados, onde salas de aulas vazias e sem a presença de terceiros fossem os ambientes das entrevistas. No início de cada entrevista, foi feito um breve questionário com os participantes para reconhecer e gerar um perfil de cada um. Foi construído um quadro de identificação dos sujeitos, inserido no final do capítulo e no capítulo das análises, a fim de que seus discursos fossem devidamente discriminados.

Assim, a população participante das entrevistas totalizou 10 membros. Com os alunos, foi realizada apenas a observações dos mesmo durante o período do intervalo e feito um relatório descritivo destas pela pesquisadora. Contudo, estas observações ocorreram somente na escola pública, devido ao fato de, na escola particular, existir contrato de exclusividade da escola com outras empresas em relação ao contato com os alunos. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento - TCLE. Para assegurar o anonimato dos participantes e facilitar a compreensão sobre a contextualização das falas, os entrevistados foram identificados por apelidos escolhidos por eles no início de cada entrevista.

Em seguida, realizou-se uma exaustiva escuta e transcrição do material gravado, possibilitando realizar sua organização em um método colorimétrico. As opiniões que convergiam ou se aproximavam foram demarcadas em cores iguais. Deste modo, agrupou-se e identificou-se os temas mais emergentes. Após essa etapa, elaborou-se as categorias para a análise que compõem o capítulo seguinte do trabalho. A análise dos dados está calcada na proposta de Análise do Conteúdo de Bardin (1977), que consiste em

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 42).

Para a autora nessa análise, o (a) pesquisador (a) busca compreender as características que estão por trás das mensagens consideradas na pesquisa. O esforço do (a) pesquisador (a) é duplo: entender o sentido da mensagem, como se fosse um (a) receptor (a) normal, e, principalmente, buscar outra significação, ou seja, outra interpretação da mensagem. Esta utilização de análise possui três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A pré-análise objetivou a organização dos documentos explorados, sendo inicialmente uma leitura flutuante dos assuntos, em seguida a escolha dos documentos e a formulação das hipóteses e objetivos. A fase de exploração do material visou categorizar os elementos encontrados por critérios definidos, em que as categorias que os reúnem sob um título genérico agrupa os elementos por seus caracteres comuns. Por fim, a fase final de tratamento dos resultados implicou na realização das inferências, buscando investigar as causas a partir dos referenciais encontrados no texto (Minayo, 2008). Assim, o último procedimento consistiu na interpretação dos dados com base na literatura.

O intuito destes procedimentos foi verificar quais concepções sobre sexualidade esses indivíduos carregam e expressam, suas vivências e relações com a temática e como o fenômeno é labutado dentro do ambiente escolar. Optou-se por essa metodologia devido ao contato direto com a comunidade e a total imersão no estudo apresentado. Desse modo, foi possível compreender as regras, costumes e condutas que regem a população estudada (Gil, 2002).

Em relação às limitações da presente pesquisa, é necessário considerar que ela foi realizada em apenas uma escola representante do Ensino Médio público e uma do privado. Logo, os dados obtidos não podem ser generalizados, sendo indispensável para isso uma pesquisa com maior abrangência populacional. Outra limitação do estudo reside no fato da pesquisa não incluir os(as) alunos(as). Tal exclusão ocorreu devido ao curto prazo de realização em comparação à quantidade de dados a serem analisados.

Por fim, espera-se identificar significados nos discursos por meio das interações e comunicações existentes nas vivências de professores(as) e gestores(as), apropriando-os para novas ações em relação ao tema de gênero e sexualidade no meio escolar. Almejou-se que o

estudo indique meios pelos quais as instituições de ensino incorporem suas necessidades de incluir a Educação Integral em Sexualidade em seus currículos escolares, propondo bases para a formulação de políticas públicas que abram espaços para sua discussão.

Quadro 2 - Identificação da população entrevistada

Local	Participante	Gênero	Idade	Graduação	Tempo magistério	Função
Escola Pública	Bia	Mulher cisgênero	46	Ciências Biológicas Pedagogia	24 anos	Professora
	Diana	Mulher cisgênero	38	Física	14 anos	Professora
	Lion	Homem cisgênero	38	Ciências Sociais	11 anos	Professor
	Boris	Homem cisgênero	38	Letras	13 anos	Coordenador
	Lusíada	Mulher cisgênero	47	Ciências Jurídicas Letras Pedagogia	27 anos	Diretor
Escola Particular	Pérola	Mulher cisgênero	38	Ciências Biológicas	3 anos	Professora
	Ísis	Mulher cisgênero	40	Ciências Sociais	12 anos	Professora
	Benedito	Homem cisgênero	49	Física	15 anos	Professor
	Monique	Mulher cisgênero	42	Geografia Pedagogia	22 anos	Coordenadora
	Cristina	Mulher cisgênero	51	Pedagogia	30 anos	Diretora

Fonte: Dados originais da pesquisa.

5. ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, descreve-se as categorias encontradas após a leitura exaustiva das entrevistas. As categorias foram destacadas de acordo com as perguntas realizadas aos entrevistados³ bem como os temas que mais emergiram em suas falas.

Para melhor aproveitamento do trabalho, as análises foram divididas em três segmentos, sendo o primeiro as análises com o material obtido na escola pública, o segundo segmento as análises com o material obtido na escola particular, e, no terceiro último segmento as intersecções encontradas no material de ambas as escolas. Optou-se por fragmentar as análises desta maneira como meio de evidenciar as peculiaridades de cada escola, bem como salientar as semelhanças e contrastes encontrados na comparação das entrevistas em ambos os locais. Também se produziu tabelas de identificação dos entrevistados, incluindo seu nome fantasia, gênero e função escolar para melhor apreciação da leitura.

5.1 Análise das entrevistas com professores/as e gestores/as da escola pública

Quadro 3: Identificação dos entrevistados na escola pública

Nome	Gênero	Atividade/Função
Bia	Mulher cisgênero	Professora de Biologia
Diana	Mulher cisgênero	Professora de Física
Lion	Homem cisgênero	Professor de Sociologia e Filosofia
Boris	Homem cisgênero	Coordenador Pedagógico
Lusíada	Homem cisgênero	Diretor

Fonte: Dados originais da pesquisa.

³ A presente pesquisa acredita na importância da promoção da equidade de gênero em todos os seus aspectos. Considerando as especificidades da língua portuguesa, optou-se por adotar na escrita os termos plurais no gênero masculino a fim de gerar mais fluidez na leitura uma vez que estes são mencionados diversas vezes ao longo do texto. Logo, ainda que sejam escritos no gênero masculinos, os termos referem-se de forma igual ao gênero feminino.

5.1.1 Categoria: Formação profissional

No tocante às trajetórias de formação profissional, apenas Bia e Lion comentaram ter discutido questões de sexualidade, mas não através de uma disciplina específica e sim de maneira transversal. Os assuntos discutidos percorreram em especial as questões de gênero e a população LBGT+. Ambos os professores afirmaram se sentir preparados para lidar com a temática de Educação integral em Sexualidade tanto pela formação que tiveram quanto pela busca individual na temática. Nota-se, aqui que, no caso de ambos os professores, o contato com o tema de sexualidade à nível de Ensino Superior ocorreu devido à ambas as formações (Ciências Biológicas e Filosofia e Sociologia) terem convergências com o tema, seja por um viés médico-científico ou por um viés social e cultural.

Apenas Bia comentou participar de cursos de formação e palestras acerca de Educação em Sexualidade como sendo uma experiência esclarecedora. Lusíada, Bóris e Diana negaram ter participado de qualquer tipo de formação extracurricular no assunto.

Quanto às vivências no Ensino Médio dos entrevistados, Diana e Bia falaram que os assuntos abordados eram de perfil biológico e em torno das questões de reprodução humana e IST.

Giovanna: *E quando você estava no ensino médio, que era o antigo colegial, como eram as aulas que tratavam sobre educação sexual no seu ensino Médio? Como eram essas aulas?*

Bia: *Ah, era biologia, né? Era só as aulas de ciências, de biologia, a gente teve aula de Educação sexual no segundo e terceiro ano do ensino médio. E aí tratava da situação de consentimento, o que era intimidade, como funciona o corpo, saúde, as IST, só.*

Diana: *Eu lembro mais até no fundamental, mas era uma parte mais questão científica mesmo. Não era nada em temas mais abertos de discussão.*

Giovanna: *Algo mais voltado para IST e prevenção?*

Diana: *Sim, sim.*

Os outros entrevistados disseram que não se recordam de como eram as aulas que tratavam sobre sexualidade humana, ou ainda que o tema não era abordado. Lusíada comentou que houve uma formação por parte da igreja.

Lusíada: Inexistente. Todo o desenvolvimento sexual, partia de nós mesmos com os nossos ambientes de formação entre alunos. (...) Professor, nunca, eu nunca tive um professor que abrisse a boca para falar de uma questão sexual, de uma questão de intimidade, seja masculina ou feminina. Nada, nada. Eu estive na igreja e fiquei um pouco chocado porque o padre falava e ele falou em algum momento de questão sexual, mas foi só.

Giovanna: Como que foi essa abordagem por parte da igreja?

Lusíada: Por parte da igreja foi devido à formação. Eu era catequista então eu ia trabalhar também como catequista e eu fui presidente de grupos de jovens, então sempre quando a gente vai fazer um trabalho a gente confessa e fala um pouquinho, mas eu, propriamente, nunca entrei nesse tema e o padre entrou. Não sei se por interesse é religioso ou pessoal, ele acabou explicando algumas questões de intimidade masculina, pra mim.

Aqui leva-se em consideração o contexto histórico no qual os entrevistados vivenciaram durante o período do Ensino Médio, antes nomeado colegial. Bueno e Ribeiro (2018) assinalam que, ao final da década de 1970, com um afrouxamento da Ditadura Militar vigente, o debate público sobre Educação em Sexualidade passa a ser retomado para sua implementação nas escolas. Nos anos 1990, os depoimentos de estudantes veiculados na mídia e em especial na televisão como investimentos em saúde pública para a população, propunha que as conversas acerca de sexualidade ocorreriam com maior liberdade.

Notava-se que a repressão sobre o assunto ainda era existente uma vez que a mídia expunha o tema, mas não havia diálogo na família sobre o mesmo. Outro dado importante que se contextualiza com o perfil dos entrevistados, é o projeto Prevenção também se ensina: ação preventiva ao abuso de drogas/DST/AIDS que ocorreu em 1996 com crianças e adolescentes das escolas oficiais do Estado de São Paulo objetivando capacitar profissionais da educação em ações combativas às ISTs e ao uso de droga no espaço escolar (Bueno & Ribeiro, 2018).

5.1.2 Categoria: Compreensão da Sexualidade

No âmbito da compreensão do que é sexualidade, as respostas dos entrevistados tiveram um ponto convergente: a associação com as questões de afetividade e o desejo pelo outro, ou seja, a ligação entre sexualidade e orientação sexual.

Giovanna: E o que você entende como Educação Sexual?⁴

Boris: *Eu acho que sexualidade tem a ver com a manifestação do indivíduo naquilo que atrai ou que em outra pessoa atrai ele, (...) Acho que sexualidade tem a ver com isso, com a vontade de, sendo atraído por outra pessoa.*

Bia: *Sexualidade para mim, é a sua, o sentimento que você tem a respeito do seu próprio corpo. Como você se identifica, né? Como você se sente no seu corpo e o que o corpo do outro provoca em você. Então é a sua identidade pessoal com relação a desejos sexuais, você e o outro.*

Diana: *Bom, isso envolve para mim vários aspectos, desde o estado emocional a parte física que a pessoa, ela tem, né? (...) não associo, não associo a palavra sexualidade, por exemplo, a um ato ou uma única ação. Para mim, envolve todo esse contexto de gêneros, de afeto, toda essa descrição.*

Lion: *Sexualidade, então o que eu trabalho com eles, né? A gente discute as questões de gênero, de modo geral, a sexualidade ela entra nesse guarda-chuva todo. Mas, eu entendo que sexualidade especificamente é a vivência de afetividade. Então, como você orienta a sua afetividade, né? Inclusive direcionada numa questão de erotismo, é uma questão que envolve excitação sexual, mesmo desejo sexual. Então sexualidade está muito ligada à desejo sexual, à excitação.*

Também nota-se nos discursos a aparição da identidade do sujeito associada à sua sexualidade. Como já detalhado no presente trabalho, a sexualidade pode ser atribuída tanto ao erotismo humano - inserem-se, aqui, as questões orgânicas, psicológicas e sociais quanto a um fenômeno social, político e cultural em que sua manifestação dependerá dos diferentes contextos históricos e culturais. Bozon (2004) complementa que a sexualidade em sua construção social implica, por meio da cultura, atividade mental em conjunto à uma atividade corporal. Logo, a sexualidade é um constructo social e cultural específica do comportamento humano, compreendendo ações, relacionamentos e significados dados à eles.

Na resposta de Lusíada, enfatiza-se a fala da sexualidade não ser um fator social ou uma abordagem coletiva, destacado no trecho abaixo:

Lusíada: *(...) a sexualidade para mim ela integra praticamente as ações que envolvem o corpo e a mente, (...) Sexualidade, ela não é social, ela não é um fato social, ela não é uma abordagem coletiva. Eu vejo hoje como uma abordagem individual. Parte do individual, desde o respeito, do entendimento de uma série de valores, aí depois ela transcende.*

⁴ Durante a escrita do roteiro de entrevista dos professores e gestores até a realização das mesmas, usou-se a terminologia "Educação Sexual" em consonância com os PCNs de 1997. Contudo, como apontado no decorrer do trabalho, o termo Educação integral em Sexualidade se configura como o mais atualizado e adotado pela UNESCO. Optou-se por não modificar o texto da entrevista a fim de preservar o material coletado e não gerar divergências com os discursos dos entrevistados.

Nota-se, com o trecho destacado, a sexualidade ainda desconexa do contexto social, o que se torna equivocado uma vez que a sociedade, estando inserida na cultura, apropria-se da sexualidade já banhada pelas influências culturais e conseqüentemente a constitui como parte de sua individualidade. Os parâmetros individuais citados, para Maia (2011), referem o conjunto libidinal de diferentes fontes de prazer que não se limitam à genitalidade, incluindo valores e concepções sobre o corpo humano, funções das práticas sexuais, gêneros e relações amorosas - fatores que em maior ou menor grau são permeados pela cultura vigente.

Ao final, Lusíada comenta "aí depois ela transcende", permitindo compreender que a sexualidade se estende para além da relação do sujeito com ele mesmo para sua relação com o mundo e com seus pares. Como citado anteriormente, Werebe (1998) aponta que a definição do termo sexual e suas noções é intrincada devido aos contornos esboçados entre o que é e o que não é sexual. Para a autora, é impossível relacionar sensualidade apenas com a genitalidade excluindo comportamentos de conotação sexual em que a genitalidade é ausente.

Conclui-se aqui que a sexualidade, para os entrevistados da escola pública, é caracterizada pelo viés da biologia. É bom um ponto de partida, contudo, se deve destacar as dimensões culturais, políticas e sociais da sexualidade uma vez que ela integra a identidade do sujeito para além do seu sexo e orientação sexual.

5.1.3 Categoria: Relações com a Educação integral em Sexualidade

Dos discursos realizados sobre o entendimento dos entrevistados quanto à Educação integral em Sexualidade, notou-se diferentes perspectivas sobre a mesma. Inicialmente, coloca-se o discurso de Diana:

Diana: Para mim, a palavrinha, no caso, educação sexual envolve sim um olhar para o entendimento do que vai ser em si o ato, as consequências. A importância de falar sobre métodos preventivos, no caso de contraceptivos contra doenças que são transmitidas, nesse sentido.

Logo de início nota-se a associação da Educação integral em Sexualidade ao ensino do sexo, expresso pelo termo "o ato", e suas consequências, ou seja, os riscos de gravidez e de ISTs, uma visão biológica e higienista. É válido relembrar que Diana é professora da disciplina de Física e sua formação no nível superior não se aproximou da temática de sexualidade; logo, não é de se surpreender que ela tenha tais falas e compressões.

Nas falas de Lion e Boris há o ponto convergente em relação à orientação do desejo sexual ligado ao outro:

Giovanna: E o que você entende como Educação Sexual?

Boris: *Algum conjunto de, vamos pensar assim, fundamentos ou orientações para poder orientar os jovens ou quem quer que seja, a criança e tal, a respeito de tudo aquilo que envolve justamente o outro, a si mesmo e o outro nesse tipo de relação, né? É, seja essa relação física ou tudo aquilo que envolve justamente esse sentimento sexual ou a vontade sexual.*

Lion: *Então, nesse sentido, entendo que a Educação Sexual é aprender a lidar, a conhecer para lidar melhor com o corpo, com o desejo. Com a excitação, com o corpo, desejo. (...) É fazer um processo de educação sexual, significa aprender e se integrar melhor com essas dimensões da sexualidade do gênero de modo geral.*

Nos trechos destacados a dimensão do desejo como sentimento de atração sexual. Boris, ao final, contempla as dimensões afetivas da sexualidade por meio do uso da palavra sentimentos como parte integral da Educação integral em Sexualidade. Lion, por sua vez, integra a dimensão do gênero pela qual a Educação integral em Sexualidade também se encarrega de sua compreensão.

É de se notar que as falas do professor e coordenador, apesar de não citarem os conteúdos de fisiologia humana, ISTs e métodos contraceptivos, abarcam uma dimensão maior da sexualidade e inserem questões sociais. Pode-se dizer que, apesar de nenhum dos entrevistados expressar de forma mais completa o significado de Educação integral em Sexualidade proposto no presente trabalho, ambas as falas se complementam. Ainda sobre a dimensão afetiva da sexualidade, Boris posteriormente afirma:

Boris: (...) *Eu acho que o sentido da educação sexual não pode ser apenas da parte física, mas também dessa parte emocional, dos comportamentos, causas e consequências de tudo. Falar sobre relacionamento, você não pode ir lá falar apenas de coito, falar de sexo e tal, você tem que falar de relacionamento também.*

Em seu trabalho, Altmann (2013) sinaliza que as práticas educativas que envolvem sexualidade não contemplam a diversidade sexual quando exercida somente por um viés biologicista, sendo que o sexo é entendido por uma lógica de reprodução e procriação da espécie:

Embora nossa sociedade esteja longe de restringir as relações sexuais a essa função reprodutiva, o enfoque deste tipo dado a elas nas escolas evidencia a abordagem

limitada de uma experiência que se configura de muitas outras formas na contemporaneidade, envolvendo afeto, prazer, erotismo, sensualidade, entre outros. Ao não contemplar essas dimensões da sexualidade, provavelmente tão ou mais importantes hoje do que a função reprodutiva, ela corre o risco de se tornar pouco eficiente nos seus objetivos preventivos (p.77).

Tais características de processos educativos a respeito da sexualidade evidenciam o regime de verdade heterossexual produzido pelas próprias práticas, que mais do que revelar uma verdade sobre os sujeitos e a sexualidade, as constituem. Ao olhar para os sujeitos e para a sexualidade exclusivamente a partir de um referente biológico binário, naturalizam-se diferenças que dizem respeito ao corpo, ao gênero e à sexualidade. Não há espaço para a diversidade sexual segundo esta ótica de pensamento.

Bia, em sua fala, trouxe exemplos práticos de abordagem da Educação em Sexualidade, citando o público infantil e juvenil:

Bia: Educação sexual para mim é tudo. A gente começa pensando, por exemplo, que educação sexual para criança é exatamente mostrar para ela como é o corpo dela, o que é permitido, o que não é, (...)então educação sexual na infância é fazer a criança entender que aquilo que não faz bem para ela não é correto e ela identificar o próprio corpo. E a educação sexual, por exemplo, de um adolescente é ele se identificar, é ele se aceitar, é ele entender biologicamente alguns sentidos, quase instintivos do corpo e como é que ele vai relacionar isso na sociedade? Aceitação da sociedade, como que ele manifesta a isso se ele está sendo aceito, se ele não está, como que ele trabalha isso

A fala da professora descreve um pouco dos conteúdos a serem contemplados nas intervenções. Quanto aos conteúdos visados para a educação infantil, o conhecimento do próprio corpo e as diferenças entre carícias e violências são exemplos citados pela professora que culminam no enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil. Já para o público jovem, Bia apresenta uma intersecção entre os conteúdos ligados à fisiologia humana e os aspectos socioculturais da sexualidade, como suas manifestações e suas aceções ou não. Contudo, como colocado pelo documento da Unesco (2010), há variações quanto às necessidades e preocupações sexuais por parte dos jovens de acordo com as comunidades, regiões e países.

Por sua vez, isso provavelmente afetará a percepção da adequação de objetivos particulares de aprendizado no momento de desenvolver currículos, materiais e programas. Portanto, os objetivos de aprendizado devem ser ajustados aos seus contextos. Entretanto, isso deve ser feito em resposta aos dados e evidências disponíveis, e não devido a um desconforto pessoal ou uma oposição percebida (p.04).

Lusíada, em sua fala, expressa a Educação integral em Sexualidade como um tabu e uma pauta a ser colocada no cotidiano escolar.

Giovanna: Entendi. E o que você entende como educação sexual?

Lusíada: Educação sexual é ainda é um tabu. Eu mesmo hoje, como gestor, falar de educação sexual não é fácil, pois a sociedade, os alunos, os pais, a própria escola, as ideologias, enfim, tem muita coisa inserida na educação sexual, mas ela tem que sim ser, ter uma pauta diária ou corriqueira nas ações escolares. (...) Eu sei que não é assim, então educação sexual tem que ser tema corriqueiro nas escolas, na sociedade, nas políticas públicas, né?

Posteriormente, o diretor relata:

Lusíada: Olha, assim, a educação sexual é um tabu ainda por mais simples que possa aparecer situações que envolvem educação sexual. É sempre um grande desafio, um desafio que tem que ser enfrentado todos os dias, pessoa a pessoa, grupo a grupo em todos os níveis e sempre requer o devido cuidado na tomada de decisão.

Para Garbarino (2021), o tabu com o tema de sexualidade ocorre pois é um assunto que o sujeito é interpelado a pensar e se posiciona de forma subjetiva desde sua infância, seja devido às suas mudanças corporais, seja pela própria construção de sua identidade sexual: "Ao mesmo tempo, a sexualidade se configura em um objeto sociocultural e interpessoal, por ser historicamente um domínio deformado, fantasiado ou anulado, no qual convergem discursos paralelos e fraturas entre o campo da ciência, da religião e da moral" (p.13).

Ou seja, todo este cenário de interdições à sexualidade acompanha-a para dentro da escola e, como consequência, para a Educação integral em Sexualidade em si. Logo, o receio da temática dentro de casa e salas de aulas corrobora com a política de que “não se pode falar disso”, ainda que conteúdos veiculados em mídias estejam carregados de conceitos sexuais de forma velada ou explícita.

A escola, segundo o gestor, ainda se preocupa em conciliar e manejar os posicionamentos que influenciam suas ações com os alunos, em especial a família; subentendendo-se que em seu trabalho abrange a conversa com famílias mais ou menos conservadoras. Por fim, o Diretor sinaliza a necessidade de cuidado à tomada de decisões por parte da gestão escolar no tocante à temática dentro da escola, ou seja, entende-se que se precisa de um preparo dos profissionais para lidar com o assunto. Este ponto retornará de forma mais aprofundada no decorrer da análise.

5.1.4 Categoria: Questões de gênero

Nas entrevistas realizadas os professores citaram o caso de uma aluna transgênero que se retirou da escola por ter sofrido violência por parte dos colegas de turma e de um professor que não a chamava pelo nome social.

Lion: *Esse foi o primeiro ano que a gente nitidamente teve, tem ainda transgêneros aqui, o que não era comum. Questão da homossexualidade sempre foi comum, mas a transgeneridade, inclusive na adolescência que é uma situação mais complicada porque o jovem não tem o direito legal de assumir a sua transição de gênero, etc.*

Diana: *(...) Uma aluna, ela saiu da escola, era uma aluna trans. E aí fiquei sabendo agora que o motivo da saída foi por conversas e piadinhas que outros da turma mesmo e até a outras pessoas da escola faziam com ela que eu não imaginava.*

Bia: *Nós tivemos um caso de uma aluna que se transferiu porque o professor simplesmente não tratava ela pelo nome e pela sexualidade que ela tinha assumido. Aí ela pediu transferência porque ela se sentiu, ela sentiu preconceito.*

Para a presente pesquisa, refere-se pessoas trans àquelas que não se identificam com o gênero atribuído no momento de seu nascimento, ou seja, sujeitos que não se reconhecem no modelo social colocado de acordo com seu genital (feminino para os que nascem com vagina e masculino para os que nascem com pênis).

Nesta esfera são incluídos homens e mulheres trans, pessoas transgênero não binárias, travestis entre outros. Para os sujeitos que se encontram em sintonia com o gênero atribuído de acordo com o genital, usa-se o conceito de cisgeneridade, fazendo uma assimetria social entre pessoas trans e pessoas não trans (Vergueiro, 2018). Lion, em sua colocação, complementa as intersecções entre gênero e orientação sexual:

Lion: *Culturalmente, a gente vivencia o gênero de diferentes formas, né? E o gênero não necessariamente é identificável com a sexualidade. Então você pode ter alguém que fez uma transição de gênero, mas passa a gostar do mesmo sexo biológico de origem, então ele é um transgênero homossexual. Ou ele é um transgênero heterossexual porque se ele mudou de gênero, nasceu macho e vivencia um gênero cultural feminino ele passa a ser uma mulher. Se ele passa a ser uma mulher e gosta de mulheres, ele se tornou um transgênero homossexual.*

Em relação ao quadro educacional da população trans, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA "estima-se que 72% da população que se identificam como travestis e transexuais não conclui o ensino médio e somente cerca de

0,02% está nas universidades" (Benevides, 2021, p. 43). Para Reidel (2013), as violências contra esta população ocorrem nos espaços escolares sendo praticadas tanto por profissionais da educação quanto os outros membros da equipe escolares que se silenciam frente às ações discriminatórias e vexatórias produzidas pelos estudantes. A escola se torna responsável por tais ações, mesmo que estas não venham somente dos estudantes. A escola ainda é responsável pois "consentida e ensinada na escola, a homofobia se expressa pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo" (Louro, 2019, p. 29).

Nota-se que, apesar do trabalho realizado pelos professores de biologia e sociologia quanto ao debate sobre diversidade e questões de gênero, a violência contra a população trans perpassa os muros escolares. Para Cruz e Santos (2016), a desconsideração das necessidades particulares da população trans, como uso do nome social e de banheiros unisex ou compatíveis com seu gênero, ainda é presente na própria formação docente e acaba por provocar o abandono escolar.

Dentre os comentários de Boris sobre a Educação em Sexualidade, o coordenador sugeriu a inserção do foco da mulher contra as violências de gênero.

Boris: (...) seria muito importante que a gente tivesse um programa relacionado a isso [Educação em Sexualidade] só que mais ainda. Um programa que tivesse um foco na mulher, um foco na proteção emocional da mulher, um esclarecimento de eu não sei como dizer. Como se fosse um, colocar para as meninas e tal que elas têm que se impor, como sujeitos e não como objeto.

Giovanna: Um empoderamento?

Boris: Como um empoderamento, (...) muitas vezes é que elas sofrem os abusos que são muito comuns, já conhecidos por todos aí. Apesar de se saber sobre o assunto, por algum motivo a maioria não se coloca, não tem voz, não se pronuncia. (...) E receber o valor que elas realmente merecem e que precisam ter e eu acredito que não só dentro da escola, em todo lugar, mas acredito que começando dentro da escola (...) Então se ela aprende que ela precisa falar e ela pode falar e ela vai falar sem ser interrompida, quando ela tiver adulta, ela vai falar sem ser interrompida. E se alguém interromper, ela não vai deixar, então acho que a grande lição, talvez de uma educação sexual, seja que as pessoas têm que falar sem ser interrompidas, entendeu?

Como já pontuado no capítulo anterior e na análise dos discursos quanto à percepção dos entrevistados sobre a Educação integral em Sexualidade, ressalta-se o papel da mesma no combate às violências de gênero, em especial contra a mulher. No trecho destacado, Boris comenta sobre a comunicação como meio de expressão de vontades e necessidades. É válido sinalizar que a comunicação, independentemente da maneira como ela ocorra, é uma

necessidade inerente do sujeito como via de interação com os outros. Contudo, a mesma pode ser usada como ferramenta de opressão, dominação e exclusão.

Assim, a violência simbólica citada pelo coordenador ocorre por meio da silenciamento de seu discurso. Nesta modalidade de violência "[...] a identidade, o comportamento, as ideias, os direitos e os corpos femininos passam a ser vistos naturalmente como inferiorizados ou submissos em discursos e ações dos homens, além de eternizados por instituições como família, igreja, escola e mídia" (Godinho, 2020, p.11). Logo, para as mulheres, coloca-se os preceitos de ser delicada, submissa, não questionar e expressar suas questões pois suas falas são carregadas de caráter emocional.

O hábito de interromper a fala das mulheres em conversas formais ou informais em espaços públicos e privados é nomeado *maninterrupting*.

O *maninterrupting* é uma maneira de tentar desnortear uma mulher para que ela se perca na sua própria fala, acontecendo com mais frequência em reuniões de trabalho e/ou de amigos, fazendo com que a fala da mulher tenha menor validade ou seja desconsiderada (Silva, 2022).

Louro (1998) sinaliza que a escola, em seu papel de transmitir e produzir conhecimentos, também acaba produzindo sujeitos e identidades por meio de relações de desigualdade estando comprometida com a manutenção de uma sociedade desigual. Como sinalizado por Boris, a Educação integral em Sexualidade pode ser uma ferramenta de combate às violências de gênero, sejam elas simbólicas ou discursivas; baseando-se na concepção de que a escola não possui o poder de modificar a sociedade como um todo, mas pode transformar seu caráter reprodutor para um caráter transformador, uma vez que as ações pedagógicas em Educação integral em Sexualidade possui propriedades sociais e políticas (Quirino e Rocha, 2012).

5.1.5 Categoria: O trabalho com o tema de sexualidade

Para a análise desta categoria, optou-se por fragmentá-la em duas partes, a primeira quanto ao trabalho realizado pelos professores entrevistados e a segunda quanto ao trabalho feito pelo coordenador e diretor escolar. Desta maneira, pode-se separar algumas especificidades de cada função e comparar a percepção dos professores quanto à postura dos gestores e vice e versa.

5.1.5.1 O trabalho dos professores

Em relação às temáticas abordadas, Bia e Lion trouxeram de forma mais expressiva os tópicos abordados com os alunos. Diana não pôde contribuir, considerando a disciplina que ela leciona, na qual a temática de sexualidade não possui um espaço propriamente dito.

Bia, em seus conteúdos, inicia abordando o sistema reprodutor, sistema endócrino e sistema nervoso. A professora perpassa pelo assunto de genética e sua relação com a sexualidade e usa de materiais extras para complementar. Há também a discussão de tópicos como aborto, pornografia e homossexualidade.

Giovanna: *E quais assuntos sobre o tema de sexualidade você aborda em suas aulas? Como que você costuma abordar? Se você puder descrever um pouquinho.*

Bia: *(...) normalmente eu sempre vou falando primeiro, a gente começa falando do sistema reprodutor, apresentando todo o sistema reprodutor. Aí a gente fala de hormônio, a relação do hormônio com o sistema reprodutor com o sistema nervoso, aí a gente vai trazendo histórias, principalmente as que tem acontecido. (...) aí eu trago algumas coisas para eles pesquisarem para a gente fazer debate, por exemplo, sobre o aborto. Quem tem direito, quem não tem, as manchetes mais populares sobre isso, e aí eu vou ouvindo a opinião deles. (...) A realidade hoje do homossexualismo⁵, comparo com o que era. A gente traz, fala um pouco também sobre o psicológico dentro disso, como que eles se sentem, aquele que não é aceito, que não consegue se assumir, fica depressivo. (...) eu trago e eles também trazem matérias para a gente conversar sobre isso e ajudar a elucidar alguma coisa para quem ainda está meio perdido.*

Nota-se que há uma preocupação da professora em não se fixar somente nos aspectos biológicos da sexualidade, buscando contemplar as dimensões sociais que a acompanham. São iniciativas importantes para se atingir uma Educação integral em Sexualidade mais global e integral nas escolas. Lion, em seus conteúdos, traz a formação da identidade, a vivência cultural do gênero, as dimensões do desejo e também as diferentes formas de violência que existem.

⁵ A expressão homossexualismo era comumente utilizada no passado para se referir à orientação sexual de pessoas que têm atração romântica ou sexual por indivíduos do mesmo sexo. No entanto, essa terminologia é considerada obsoleta e inadequada nos contextos atuais. A principal razão é que a terminação "-ismo" sugere uma condição patológica ou uma doença, o que é incorreto e perpetua estigmatização. Em 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a classificação da homossexualidade como uma doença ou transtorno mental. Atualmente ela é reconhecida como uma variação natural da orientação sexual humana. O termo "homossexualidade" para se referir à orientação sexual das pessoas que são atraídas pelo mesmo sexo. A não utilização de termos patologizantes é importante para promover uma compreensão mais precisa e respeitosa da diversidade sexual (Conselho Nacional de Saúde, 2014).

Giovanna: *E quais assuntos sobre o tema de sexualidade você aborda nas suas aulas?*

Lion: *Eu abordo esses assuntos (...) formação da identidade, como é que a identidade se constrói numa questão comportamental valorativa, o gênero como ele é vivenciado culturalmente, mas também uma questão de sexualidade. Então o desejo, onde mora o desejo, como é que você lida com isso, é claro, a gente também faz sempre um trabalho de esclarecimento, preventivo com relação ao abuso, né? Com relação a diferentes tipos de violência que a gente sabe o que acontece é que muitas vezes o jovem não se dá conta, tanto em casa quanto no ambiente escolar e tal, as formas de assédio, de violência.*

Ambos os professores citaram que exemplos do cotidiano divulgados pelas mídias são usados como conteúdos a serem debatidos e utilizados nas aulas, ou seja, o contexto social é levado em conta no preparo e articulação dos conteúdos. Entrevistas, matérias, notícias e vídeos são exemplos de materiais citados. O debate é uma das estratégias mais usadas em ambas as disciplinas.

Para Júnior (1997), os temas das intervenções devem partir dos interesses e do cotidiano dos estudantes; o que pode variar de acordo com a faixa etária, grau de escolarização e nível socioeconômico dos sujeitos. Logo, somente as informações fisiológicas do sistema reprodutor seriam insuficientes para compreender e todas as dimensões da sexualidade, ainda que sejam necessárias. A fala de Lion complementa a referência citada:

Lion: *A gente com base no que eles falaram, retoma e tenta seguir, mas sem dosar errado, expositivo e dialogado que a gente chama. Então não adianta ser 100% expositivo, mas também não adianta 100% dialogado, eles precisam de algum norte, então ó, debatendo, mas tem um norte aqui sobre isso e nada melhor que usar exemplos cotidianos, né? Acho que qualquer um que lida com essa área, se não souber usar o exemplo cotidiano, está perdendo um pouco o timing da conexão com o assunto.*

Em consonância com o professor, Werebe (1998) comenta que as intervenções da Educação integral em Sexualidade não devem se tornar longas sessões de exposições teóricas; ainda que a teoria seja necessária, ela deve estar complementada com as informações trazidas de acordo com o tema. As referências teóricas não devem ser excessivas a fim de evitar para evitar o perfil dogmático que possam apresentar.

No planejamento, Bia citou que sempre insere o conteúdo de "sistemas humanos" e nele aborda o sistema reprodutor e assim entra no conteúdo de Educação integral em Sexualidade. Lion abordou sobre o sistema do Novo Ensino Médio, no qual o tema de sexualidade aparece de maneira transversal nos conteúdos de Filosofia e Sociologia.

Giovanna: *Vamos lá, e em quais atividades as temáticas de sexualidade e gênero são colocadas ou de que forma elas aparecem no seu planejamento? Você traz isso, tipo, um período vou trabalhar esse bimestre ou você traz em vários momentos? Como que você organiza?*

Lion: *(...) agora com o novo ensino médio também novas disciplinas deram uma bagunçada (...) dentro da Filosofia, ela vai vir em um momento. Então está se discutindo corporeidade, as condições do corpo, consciência, corpo, mente e a identidade brota daí. Então ela aparece nessa linha e na Sociologia mais quando a gente está discutindo antropologia, questão de identidade também, ela vai aparecer ao se discutir a identidade.*

Nascimento e Alves (2021), em seus estudos sobre a matéria no Novo Ensino Médio apontam que, segundo a BNCC, as aprendizagens devem focar no aperfeiçoamento das competências e habilidades. Logo, o ensino deve buscar maneiras de atender a estas expectativas dando preferência à assuntos com relação com o cotidiano dos alunos. Porém, no ramo da Filosofia, a situação se torna desafiadora uma vez que a disciplina aparece de forma diluída e fragmentada, substituindo seu caráter disciplinar.

No tocante ao comportamento dos estudantes durante as abordagens, Bia e Lion comentaram que estabelecem limites com os mesmos a fim de evitar brincadeirinhas e atrapalhar o andamento da aula, tratando o assunto com a devida atenção e seriedade.

Quando questionadas sobre se sentirem amparadas legalmente para atuar com a temática de sexualidade na escola, Diana e Bia negaram. Diana complementa que este desamparo não está somente na área de sexualidade, mas em outras questões também como destacado a seguir:

Giovanna: *É, legalmente amparada. Você se sente amparada?*

Diana: *(...) eu não conheço as leis envolvendo essa parte, mas eu diria que hoje em dia, não só até no contexto, nesse sentido de sexualidade, né? Mas até alguns outros assuntos que são, não controversos, mas que geram opiniões diferentes, eu acho que hoje em dia a gente não está mais amparado para várias coisas*

Bia, em sua fala, cita o risco que corre em relação ao assunto e quais medidas costuma tomar:

Giovanna: *Enquanto professora, você se sente legalmente amparada para atuar com a temática de sexualidade no seu trabalho?*

Bia: *De jeito nenhum, (...) Eu corro um sério risco, então eu sempre que vou trabalhar com isso, porque hoje é mais do que necessário, eu tenho que comunicar a coordenação e a direção para eles ficarem cientes. (...) Eu vou abordar essa temática. Não, eu não me sinto segura. Eu morro de medo de tomar um processo de um pai. Né?*

Na fala destacada, a professora cita o receio de ações da família quanto às suas práticas na sala de aula. Como já apontado anteriormente, a BNCC não expressa de forma clara os conteúdos que se relacionam com a sexualidade de forma expressiva ou ainda sua forma de trabalho. Ainda assim, para Back e Nogueira (2021), o documento deixa alguns espaços onde é possível realizar alinhamentos em relação ao trabalho sobre gênero e sexualidade. Bia, em sua entrevista, comenta que se não houvessem tais inseguranças, poderia oferecer mais aulas e tempo disponível para as discussões da temática.

Lion, por sua vez, comentou que nunca pensou muito sobre os aspectos de amparos legais para suas aulas que tratam de gênero pois se apoia no ponto da educação laica. O trabalho de Sousa e Júnior (2017) trazem a modificação ocorrida no Plano Nacional de Educação - PNE 2014/2024 que sofreu alterações em seu texto, sendo retirado dispositivo que incluía a promoção da “igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual” e substituído por “cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação” (Brasil, 2014). Os autores sinalizam que a mudança é reflexo da laicidade nas escolas brasileiras, na qual a liberdade e a igualdade de direitos seriam utopias no campo educacional.

De um lado leis estabelecem a separação entre Estados e organizações religiosas e o governo julga cumpri-las e defendê-las, de outro são eles mesmos que permitem o influxo de interesses religiosos em uma esfera tão fundamental como a educação. Precisamos concordar que não temos certeza do futuro que nos espera a esse respeito. O resultado é a instabilidade de um Estado legalmente laico e entregue a proselitismos. O debate sobre a questão de gênero na escola pública confirma essa visão. (Sousa e Júnior, 2017, p. 172)

Ainda na fala de Bia já colocada, a professora comenta da sua relação com a gestão quando a temática de sexualidade adentra em suas aulas. Neste tópico quanto à comunicação entre professores e coordenador/diretor da escola, Bia, Lion e Diana foram unânimes quanto ao apoio da gestão oferecido e a atenção aos casos que ocorrem na escola.

Giovanna: *Entendo. Você sente que possuem algum apoio ou direcionamento da gestão para planejar suas aulas sobre educação sexual ou para lidar com as manifestações dos alunos nas salas de aulas?*

Bia: *Sim, (...) quando eu vou trabalhar eu comunico eles. Fica todo mundo a par e todo mundo apoia, o que eu precisar eu tenho certeza que eu consigo.*

Diana: *[...] Eu sei que em momento algum, se a gente tiver percepção ou presenciar algum, qualquer tipo de discriminação, isso é colocado diretamente para a coordenação, para a direção e é feito, tanto da coordenação e da direção, alguma intervenção mesmo, seja de fala, seja às vezes de trazer uma palestra para abordar o tema, (...) neste sentido, sim, de a coordenação, a direção está sempre atenta para não permitir nada que discrimine que gere um desconforto, mas também no sentido de alguma coisa que acontece servir como um tema de Educação, de colocar e de discussão sobre o assunto.*

Lion: *Então eu acho que tem o apoio total assim, eles também estão sempre atualizados, estão sempre buscando ver o que está rolando aqui, o que está rolando ali.*

Nas falas destacadas, os professores expressam as ações da coordenação em casos que é necessária alguma intervenção com os estudantes. Na fala de Diana complementa-se que por vezes as situações cotidianas da escola se tornam temas para debates em conjunto com os alunos. Todos os professores avaliam bem as atitudes da coordenação e não agiriam de maneira diferente. Diana e Lion ainda citaram que, para eles, o problema maior são os professores mais velhos que possuem dificuldade de compreender o tema e têm opiniões mais conservadoras sobre o assunto.

Giovanna: *Em relação à gestão da escola, os coordenadores, o diretor. Como que você avalia a forma como eles lidam com as questões que envolvem sexualidade dentro do espaço escolar?*

Lion: *(...) coordenação de um modo geral, pelo menos nesses últimos tempos, estão bastante atentos, mas nem todos os professores estão preparados. Acho que talvez valeria o preparo mais global mesmo. Algo que envolvesse todos os professores, principalmente os mais velhos, não só, mas principalmente os mais velhos, que têm dificuldade de entender esse tema mesmo.*

Bia, ao final de sua entrevista comentou:

Bia: *(...) infelizmente a gente ainda tem muito preconceito por parte dos professores mais antigos, né? Eu compreendo, inclusive eu falo isso para os alunos durante as nossas conversas, coisas que eu gosto de abordar. A gente tem que entender que essas pessoas não foram treinadas e educadas para aceitar bem isso. O machismo institucionalizado, cultural, não preparou essas pessoas para esse tipo de momento, onde a sexualidade é aberta, onde as pessoas se expressam.*

Como colocado pelos professores, não são todos os professores que possuem preparo para lidar com a temática. Em outro momento da entrevista, os professores citam:

Lion: (...) *Acho que o problema talvez mora em professores que não tem o mínimo preparo para lidar com essa discussão e às vezes soltam umas coisas atravessadas no meio de uma aula, que não tem nada a ver.*

Bia: (...) *A gente não sabe lidar, a gente não teve esse treinamento. Eu acho que porque eu sempre tive uma cabeça mais aberta para tudo, (...) Mas eu percebo que os meus pares da mesma idade não lidam tão bem, principalmente o sexo masculino, principalmente os homens.*

Quanto ao despreparo e postura dos professores, é válido ressaltar que os mesmos provavelmente não tiveram uma Educação integral em Sexualidade e suas aprendizagens na área da sexualidade foram permeadas por preconceitos e dogmas direto ou indiretos. Uma formação continuada tendo a sexualidade como tema central pode ser o ponto inicial na busca de um aprimoramento profissional e pessoal. Assim, pode-se desenvolver uma relação professor-aluno baseada no respeito e valorização das diferenças.

No tocante à avaliação do material didático oferecido pela escola para o exercício da Educação integral em Sexualidade, as opiniões foram distintas entre os professores. Diana comentou que não se considera apta para avaliá-lo uma vez que não possui nenhum tipo de formação sobre o tema. Já Bia, coloca que não há contemplação da temática de sexualidade nos materiais, sendo necessário complementar; ela afirma que possui liberdade para complementar ou modificar a forma de apresentação dos conteúdos.

Novamente insere-se aqui a BNCC como material norteador dos conteúdos a serem trabalhados na educação básica. Como já expressado, o material não sinaliza de forma clara o conteúdo de sexualidade a ser trabalhado no Ensino Médio; inclusive não se é retomado o conteúdo de sistemas humanos (sistema digestório, sistema excretor, sistema circulatório, sistema nervoso, etc.) vistos no Ensino Fundamental. Contudo, há espaços para se realizar alinhamentos com a temática de sexualidade, uma vez que nas aulas de Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Nas competências desta área, coloca-se: "Construir e utilizar interpretações sobre a dinâmica da Vida, da Terra e do Cosmos para elaborar argumentos, realizar previsões sobre o funcionamento e a evolução dos seres vivos e do Universo, e fundamentar decisões éticas e responsáveis". (Brasil, 2017. p. 553)

O documento sugere para esta competência a mobilização de conhecimentos relacionados à

origem da Vida; evolução biológica; registro fóssil; exobiologia; biodiversidade; origem e extinção de espécies; políticas ambientais; biomoléculas; organização celular; órgãos e sistemas; organismos; populações; ecossistemas; cadeias alimentares; respiração celular; fotossíntese; reprodução e hereditariedade; genética mendeliana; processos epidemiológicos; espectro eletromagnético; modelos cosmológicos; astronomia; gravitação; mecânica newtoniana; previsão do tempo; entre outros. (Brasil, 2017, p.556, grifos da autora)

Nas habilidades referentes à competência, aponta-se

(EM13CNT207) Identificar e analisar vulnerabilidades vinculadas aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando as dimensões física, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar. **(Brasil, 2017, p.557, grifos da autora)**

Nos trechos destacados do documento é possível realizar alinhamentos com propostas da Educação integral em Sexualidade, uma vez que esta deve propiciar conhecimentos sobre a fisiologia corporal, mas também das dimensões afetivas e sociais da sexualidade. A Educação integral em Sexualidade deve estar vinculada à uma transformação social contemplando discussões que enfrentam as desigualdades de gênero, preconceitos e promovam o reconhecimento da diversidade sexual e respeito às diferenças. Alcançar o bem-estar de saúde e qualidade de vida está para além de ações preventivas e biomédicas uma vez que saúde é um conceito amplo e multifacetado.

Lion avalia o material oferecido como bom, porém enxuto, trazendo novamente o Novo Ensino Médio como principal fator da mudança.

Na área de Ciências Humanas Sociais Aplicadas, a BNCC coloca em suas competências ‘Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos’ (Brasil, 2017, p.558). Como já colocado, a exclusão das disciplinas de Sociologia e Filosofia do documento torna seus conteúdos fragmentados e diluídos. Ainda assim, os alinhamentos com as propostas da Educação integral em Sexualidade podem ocorrer de acordo com os grifos realizados nas habilidades colocadas para a competência citada anteriormente.

(EM13CHS501) Compreender e analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a autonomia e o poder de decisão (vontade).

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses éticos-políticos decorrentes das transformações científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas (Brasil, 2017, p.577, grifos da autora).

5.1.5.2 O trabalho dos gestores

Na opinião de Lusíada e Boris, ambos não se consideram preparados efetivamente para lidar com as manifestações de sexualidades dos estudantes. Boris ainda faz uma ressalva que se sente preparado para lidar com o que não extrapole "o que é aceitável para dentro de uma escola" (palavras do gestor).

Um ponto relevante notado na análise das entrevistas de ambos os gestores é o cuidado e zelo que apresentam no tratar de questões que envolvem a temática de sexualidade. Tanto Lusíada quanto Boris buscam lidar de forma individualizada e sem tardar as situações ocorrentes.

Giovanna: E de que forma você costuma agir? Você já trouxe a questão de tratar de forma individualizada, de que forma você costuma agir quando tem uma manifestação que envolve a sexualidade dos alunos no espaço escolar?

Lusíada: É, já é pontual na verdade assim, é imediato. (...) Então eu paro tudo e vou tratar daquela situação. (...) porque a questão sexual ela puxa outras questões né? Por exemplo o racismo, a homofobia ou outros desvios. (...) relatar e tomar as decisões o quanto antes, para que o mal maior não se instaure, porque hoje infelizmente nós temos as redes sociais para esse âmbito 90% vai ser para o negativo e vai depor contra o meu trabalho.

Na fala de Lusíada há pontos importantes. O primeiro é a relação das manifestações da sexualidade com outros tópicos de relações de gênero. Compreende-se que não é possível desassociá-las uma vez que - como exposto anteriormente - há um entrelaçamento entre

ambos os tópicos devido às construções sociais e culturais que permeiam e moldam a maneira como estes se desenvolvem na sociedade de acordo com cada época. Em sua fala, o diretor usa a expressão "e outros desvios" ao se referir sobre racismo e homofobia. Apesar de não esclarecer o que seriam esses “desvios”, é possível entender que o diretor faz referências a outras condutas discriminatórias ou vexatórias que podem ocorrer.

O segundo ponto é a questão da exposição da escola e do trabalho do diretor em redes sociais. Sabe-se que, com a velocidade dos meios de informação, as situações ocorrentes nas escolas são expostas nas mídias e em poucos segundos 'viralizam'. Por vezes as exposições contam apenas um único fragmento ou uma única perspectiva do ocorrido que culminam num julgamento parcial do exposto. Logo, a preocupação do diretor quanto à exposição da escola é válida como um meio de prevenir que seu trabalho e o trabalho da escola sejam avaliados e julgados de maneira distorcida.

O discurso de Lusíada está em consonância com o exposto por Diana quanto às ações do mesmo quando se surge alguma situação a ser tratada. A professora comenta:

Diana: (...) Mas se tem algo que, até surja de boato, é feita. Tem uma pequena investigação, vamos falar. Não tem uma acusação nunca, sempre feito uma verificação sobre os fatos e aí sempre na imparcialidade, na impessoalidade, de falar para as turmas abertamente sobre um tema e não especificamente sobre o evento. As vezes eu sinto isso, que alguns ocorridos na escola chegam até a coordenação, direção. Isso gera temas, pequenas discussões ou falas breves, nem que seja pelas salas, mas então assim, eu acho que a escola não tampa, essa é minha visão.

Ainda sobre o cuidado e zelo dos gestores pelos estudantes, o discurso de Boris ilustra de forma detalhada todo o processo que o coordenador realiza e quais as precauções tomadas.

Giovanna: Entendi. E de que forma você costuma agir quando há essas manifestações que envolvem a sexualidade dos alunos, tanto nesse âmbito mais ok quanto de repente, quando extrapola esse limite aí do ok para você, como que você costuma agir?

Boris: Na verdade eu tenho um preceito para mim que é assim. Como eu sei que apesar de eles estarem na escola, apesar disso existe um indivíduo que tem a sua individualidade, tem a sua intimidade, tem a sua parte emocional, essa questão dele, né? Eu também sou responsável por preservar isso. (...) Eu também tenho que ter cuidado, na hora de falar ou na hora de chamar atenção porque eu não posso traumatizar. Por que? Porque essa individualidade, essa intimidade, essa sexualidade não pode ter uma cicatriz, porque isso vai marcar o indivíduo. Então eu não posso, eu não quero e nem preciso ser responsável por um trauma. Por um trauma que de repente eu fui lá e rotulei uma situação, porque isso é proibido, porque isso porque isso tal tal tal, eu não sei em que nível ele vai sofrer com isso,

com esse estigma que eu vou colocar. (...) Então eu acho que o chamar a atenção numa situação desconfortável na escola tem que ser feita justamente com muito cuidado, de forma que os alunos envolvidos entendam o contexto de forma leve, mas que eles entendam que é responsabilidade deles zelar pela imagem deles e zelar pela escola. (...) Então, a gente tem que explicar esse tipo de coisa e tal porque também a gente não pode vir com ferro e fogo em cima de uma situação pontual, que de repente a gente não sabe qual é o nível de maturidade emocional do aluno e que ele já sabe que aquele momento para ele foi muito intenso. Se a gente vai lá e estigmatiza de uma forma negativa, às vezes a gente pode até causar um transtorno.

Nos trechos destacados ressalta-se novamente a cautela de Boris em preservar a individualidade e intimidades dos estudantes envolvidos na situação. O coordenador ressalta que, suas atitudes são de grande impacto na vida dos sujeitos que, é válido lembrar, estão em processo de formação e lapidação de sua individualidade.

Logo, o cuidado em não se gerar estigmas, não rotular ou condenar ações e não se gerar uma ‘cicatriz’ expressa-se na atenção dada em suas palavras e orientações aos envolvidos. Toda a preocupação de Boris em não se estigmatizar as manifestações dos alunos sinalizam que o coordenador entende, de forma consciente ou não, que a Educação em Sexualidade ocorre em sua gestão; compreendendo-a como ações diretas ou indiretas sobre os indivíduos quanto à sua própria sexualidade e suas dimensões.

Posteriormente, Boris comenta que em algumas situações envolvendo a temática de sexualidade acaba por influenciar as famílias, tendo precaução em abordá-las por não saber se o assunto é reservado ou não para cada família que atende.

Boris: (...) Então, às vezes você pode precisar até negociar com o próprio aluno, o que é que você, como que os pais receberiam aquilo e tal, esse tipo de coisa. E daí você passa a pôr para eles que eles reflitam também. Então no meu ponto de vista eu tento agir com o mínimo possível de impacto na individualidade do aluno, mas que ele perceba o coletivo.

Na fala, a negociação com o aluno novamente demonstra a preocupação do gestor em minimizar os constrangimentos e as "cicatrices" nos estudantes quando necessária alguma intervenção individualizada. Outro ponto colocado é o trecho destacado no qual ele salienta que, em suas orientações, busca trazer uma reflexão junto ao estudante para que este perceba que suas ações e manifestações na escola e em locais públicos não culminam apenas em uma esfera pessoal, mas também em âmbito coletivo.

A postura de Boris, diante da presente análise, está em consonância com a avaliação de Diana quanto a forma como a gestão escolar lida com as manifestações de sexualidade dentro do ambiente.

Giovanna: Ok. E em relação à gestão da escola, os coordenadores e o diretor. Como que você avalia a forma como eles lidam com as questões que envolvem sexualidade dentro do espaço escolar?

Diana: Eu acho que eles tomam uma postura correta. Eu acho que eles se posicionam no sentido de como eu falei, de educar, não no caso de reprimir, mas se tiver, eles perceberem que algum momento teve sim recriminação alguma, isso também é pontuado, é colocado como advertência porque eles não, não é permitido mesmo. (...) Então eu acho que tem esse lado humano muito importante, que é colocado em conta sempre.

Quanto às orientações aos professores no tratar de sexualidade com os alunos, Boris negou realizar algum tipo de orientação. Lusíada, comentou que realizada com base em alguns dados, porém não os especificou. Ele complementou que conversou com a professora Bia para que trouxesse algum profissional a fim de orientar os professores no tratar da temática. Na opinião do gestor, os professores da escola não estão preparados para lidar com as questões tanto de sexualidade quanto de gênero.

Santos (2020) aponta que o perfil de despreparo não se dá pela novidade do tema, uma vez se considerando que a temática de sexualidade e gênero no ambiente escolar não é recente, mas sim, pois os membros (professores e gestores) ainda se eximem de se aprofundar no assunto cujo os embates ideológicos e convicções políticas, religiosas e culturais ainda permeiam.

Quando questionados se realizam alguma orientação ou apoio diante de um relato sobre a manifestação de sexualidade dos alunos por parte dos professores, Lusíada e Boris afirmaram que costumam conversar e apoiar os mesmos, contudo, fizeram ressalvas parecidas.

Giovanna: Entendi. Quando um professor ou uma professora relata alguma manifestação de alunos que envolve a temática de sexualidade, você oferece algum apoio ou realiza uma orientação? Se sim, você pode escrever um pouquinho sobre.

Lusíada: Existem situações que o professor, ele quer fazer o debate ou ele quer fazer o trabalho específico. Eu por ética, a gente não interfere, uma porque eu não tenho a competência, talvez no âmbito do professor que está solicitando aquilo, estou falando entre profissionais. Então eu não ofereço esse suporte especializado. O que eu normalmente alerto são questões pontuais da escola em relação à sexualidade.

*Olha, você tem um especialista para falar sobre esse assunto, caso surja esse tipo de problema, você está preparado, preparado para lidar com a situação que vai gerar esse tema na sua aula, no seu trabalho?” **Eu sou na verdade um fiscal.** Minha atuação é fiscalizar. (...) para que ele se blinde de situações, por exemplo, um pai religioso como que ele vai encarar isso?*

***Boris:** Quando tem algum professor que comenta que vai trazer, que vai fazer algum tipo de ação eu permito, dou o meu aval, mas pela minha falta de formação eu não tenho como promover mais ou dar mais subsídios, esse tipo de coisa e normalmente são professores que já são um pouco mais dessa área, né?*

As respostas acabam demonstrando orientações feitas quanto ao trabalho dos professores e não necessariamente sobre os relatos dos mesmos. Ainda assim, aponta-se a consonância entre ambos os gestores de apoio aos professores, porém uma limitação de suas ações. Levando-se em consideração que, como já colocado, nem Lusíada e nem Boris tiveram formações acerca de Educação integral em Sexualidade, não surpreende que os gestores se limitem a orientar porém sem se envolverem de fato com as ações, buscando uma posição defensiva ou de maior preocupação com os desdobramentos das abordagens dos professores. Complementa-se que os gestores também não buscaram preencher tais lacunas através de uma formação continuada na área.

Na avaliação de Lusíada, a escola oferece um local seguro para os alunos buscarem informações e dúvidas relacionadas à sexualidade.

***Giovanna:** Você acredita que a escola oferece um ambiente acolhedor e seguro, onde os alunos possam buscar informações para as dúvidas ligadas à sexualidade?*

***Lusíada:** Totalmente. Eu confio plenamente nos professores, na coordenação, embora não tenhamos um trabalho específico nesse sentido, mas eu tenho profissionais competentes para lidar com as situações do dia a dia. São atos corriqueiros que durante esses anos nós conseguimos nos inserir ao contexto da educação sexual dentro da escola. Não que tivéssemos um treinamento, é uma coisa realmente das vivências.*

Apesar de expressar sua confiança nos professores, novamente o gestor sinaliza a ausência de treinamento aos profissionais da escola, em que os aprendizados no lidar com a temática de sexualidade e gênero dentro da escola ocorre pela vivência das situações. O diretor coloca que os professores são preparados para lidar com ‘as situações do dia-a-dia’, porém, aparentemente para ele, as manifestações de sexualidade dos alunos não se incluem nestas situações considerando que anteriormente ele negou o preparo dos professores para lidar com elas.

Ambos os gestores também afirmaram a inexistência de um material para o trabalho a ser usado para na temática de Educação integral em Sexualidade. Ambos comentaram que o professor acaba desenvolvendo as atividades e aulas com base em um planejamento próprio, o que também é demonstrado no discurso de Bia e Lion.

O trabalho de Silva e Souza (2019), que objetivou identificar os possíveis obstáculos que os professores de Biologia de rede pública enfrentam no decorrer de suas aulas, sinaliza a necessidade do papel ativo do professor no meio escolar ainda que haja dificuldades na execução de suas atividades planejadas.

Segundo os professores entrevistados no trabalho, não há a necessidade de grandes materiais ou estruturas bem equipadas para as aulas práticas de ciência, sendo o interesse dos alunos pelo conteúdo o ponto crucial no desenvolvimento destas. Além disso, "as atividades práticas não devem se limitar às nomeações, manipulações de vidrarias e reagentes, sendo fundamental que se garanta o espaço de reflexão, desenvolvimento e construção de ideias, ao lado de conhecimentos de procedimentos e atitudes" (Idem, p.08).

Boris, em sua fala, complementa a existência de uma disciplina no curso de Técnico de Enfermagem oferecido pela escola.

Giovanna: Na temática de educação sexual, como você avalia o material didático oferecido pela escola em relação às informações e os conteúdos a serem trabalhados?

Boris: Então, a gente não tem um material específico, mas que nem eu falei, o professor de biologia, por exemplo, está aberto no plano de curso tem a parte de sexualidade e tal, mas não tenho material de apoio.[...]

Sobre as questões das ações realizadas pelos estudantes do curso técnico de enfermagem que há na escola, Boris comenta que são realizados workshops com estandes sobre somente os métodos contraceptivos e as ISTs, nada mais abrangente. Ele complementou sua fala sugerindo que seria interessante se as outras dimensões da sexualidade fossem incluídas. Ele levanta a ideia de uma "Semana da Sexualidade", na qual diversos tópicos da temática podem ser abordados. Lion, em sua entrevista, sugere uma proposta semelhante.

Lion: Não, talvez isso. Talvez tentar chamar um ou 2 por ano, um evento que traga um pouco mais essa discussão. A gente até numa das disciplinas está pensando aí se faz um festival da diversidade, tentar trazer um pouco essas pautas, apresentação teatral, vídeo, música, é, mas seria um pouco mais lúdica, não tão informativa, mas

lógico que informa também, mas o caráter mais lúdico. Talvez valha nem intensificar um pouco esse trabalho aí.

Quanto às propostas do sistema de ensino no qual a escola está inserida, que envolvem a Educação integral em Sexualidade, os gestores pontuam algumas ações e direcionamentos promovidos pela secretaria de ensino da unidade. O primeiro deles, citado por Bóris, é um programa voltado para a dignidade íntima da mulher. No relatório de observação de campo, cita-se ações relacionadas a este programa.

No banheiro feminino não foram encontrados grafitos, mas havia uma caixa disponibilizada com absorventes externos com a placa “Atenção! Pode pegar! É seu... é nosso! Quem pode parar um ser que tem o poder de gerar uma vida?”

O trabalho de Gotardo (2022) coloca que muitas pessoas que menstruam deixam de seguir suas atividades cotidianas quando estão em período menstrual, ou seja, modificam sua rotina por conta de um processo naturalmente fisiológico daqueles que possuem útero. A pesquisa realizada pelo Fundo de População das Nações Unidas - UNFPA e o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF aponta que a pobreza menstrual é um fenômeno multifacetado relacionado com a falta de acesso aos produtos de higiene adequados, saneamento básico e também à coleta seletiva de lixo. Segundo a pesquisa, cerca de 200 mil de jovens brasileiras em idade escolar não possuem condições de gerir sua menstruação tanto em seus domicílios quanto na escola (Unicef, 2021).

Lusíada coloca que há departamentos no sistema de ensino voltados para questões de assédio e violência sexual assim como para as burocracias de mudança de gênero e adesão do nome social. Quando questionado se estes departamentos trazem alguma proposta de Educação integral em Sexualidade, o diretor negou e comentou que há apenas convites à palestras e cursos voltados para a gestão escolar à título de orientação. Em outro momento, Lusíada comentou a ciência de políticas públicas e documentos oficiais sobre o tema, mas sem especificar quais. Assim, ele legitima a existência dos documentos mas admite uma falha em sua gestão de colocá-los em prática na escola.

Giovanna: Entendi. Você tem conhecimento se a Secretaria de Educação ou um sistema de ensino que a escola está inserida possui alguma proposta de educação sexual para o Ensino Médio?

Lusíada: Tem. Existem, eu vou falar em termos de políticas públicas. Existem aí decretos, eu não diria umas leis maiores que te obriguem, mas existem muitas

portarias, decretos que nos encaminham e nos dão autonomia para fazer esse trabalho dentro da escola. Então eu não posso ser leviano em dizer que o Estado promove, “não existe políticas públicas”, não. Depende mais do gestor, de mim para colocar uma ação dessa na escola e com os colegas do que propriamente esperar a lei estar lá. Existem essas portarias, decretos, basta a gente utilizá-las, então eu vou dizer que é um, talvez eu esteja aqui admitindo uma deficiência.

A fim de ilustrar alguns documentos, porém sem tornar a exposição demasiada e tirar o protagonismo da análise, os documentos de Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade redigidos pela UNESCO são alguns exemplos. O documento foi desenvolvido visando membros da área da educação e da saúde para a implementação de programas e matérias envolvendo Educação integral em Sexualidade: "É de relevância imediata para os ministros da educação e suas equipes técnicas, incluindo formuladores de currículos, diretores e professores de escolas" (Unesco, 2010, p.12).

O documento se baseia nas seguintes convenções internacionais sobre os direitos humanos das quais o Brasil é signatário, sendo elas: Declaração Universal dos Direitos Humanos, Convenção sobre os Direitos da Criança, Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Já no documento redigido para o cenário brasileiro, a orientação destina-se aos programas de Educação integral em Sexualidade para o público de 5 a 18 anos, abrangendo toda a educação básica. Neste, a temática de gênero teve um destaque pois, mesmo sendo presente nos espaços escolares, ainda é pouco reconhecida e debatida nos âmbitos educacionais. Para o documento, incluir a diversidade sexual nos temas a serem abordados pode auxiliar a escola no combate às discriminações como a homofobia, lesbofobia e transfobia bem como questionar a heteronormatividade vigente.

A escola é compreendida não apenas como local de transmissão de saberes, "[...] mas também locus de aprendizagem de valores e atitudes. A escola constitui espaço privilegiado para a construção de uma ética que inclua o respeito à diversidade humana e a promoção da solidariedade" (Unesco, 2014, p.14).

Criado em Janeiro de 2013, o programa CONVIVA SP visa identificar vulnerabilidades de cada unidade escolar para a implementação do Método de Melhoria de Convivência - MMC, além de atrelar ações proativas de segurança. Pedagógica e Psicossocial; Proteção e Saúde; Segurança Escolar em unidades escolares e secretarias de

ensino do Estado de São Paulo. O protocolo 179 orienta as ações a serem tomadas nas situações que descreve, dentre elas casos contra a dignidade sexual como ato obsceno, importunação sexual, assédio moral ou sexual e violência sexual contra crianças e adolescentes (São Paulo, 2023). Segundo o documento:

A convivência saudável nas escolas está diretamente associada a uma melhora significativa na aprendizagem dos alunos. Quando as escolas possuem um bom alinhamento nas ações a serem tomadas durante um conflito, conseguem resolver as ocorrências de forma mais efetiva e justa. Além disso, quando todos os envolvidos no ambiente escolar compreendem a importância de conviver de forma pacífica, ocorre uma diminuição dos conflitos, criando um ambiente propício para o crescimento acadêmico e pessoal dos estudantes. A promoção de uma cultura de paz e o respeito mútuo são fundamentais para construir um espaço escolar saudável, onde todos se sintam seguros e motivados para aprender e conviver harmoniosamente (p. 05)

5.1.6 Categoria: Manifestações da sexualidade dos/as alunos/as

Dos discursos analisados, as questões de namoro dentro do ambiente escolar foram unânimes entre todas as falas dos entrevistados. É de se esperar que os primeiros relacionamentos ocorram nesta fase da juventude e com pares do ambiente escolar, local em que o sujeito passa demasiado tempo ao longo de seu crescimento. O caráter desses namoros, contudo, teve opiniões diferentes: para Lusíada e Diana, ocorrem de maneira resistente, ou de maneira oculta, como expressado nas falas destacadas abaixo.

Lusíada: Por exemplo, um jovem que está aí por descobrir sua sexualidade ou sua identidade de gênero. Ele ainda trata com muito medo ele, ele vai se descobrindo no grupo e vai se revelando, mas ele não tem autonomia. Ele é muito velado, é muito cauteloso com muita preocupação ainda. Os primeiros namoros, também naturais, né? Eu vejo que eles são resistentes ainda para namorar.

Diana: [...]Teve uma época, acho que mais ano passado, nos anos atrás, tinha muita gente querendo beijar pelos corredores. Isso tem diminuído. Eu acho que tem diminuído, ou tem sido talvez mais discreto ou eles tentam esconder mais, talvez eles tentam esconder mais.

Em complementação à sua fala, a professora comentou que, no dia da entrevista, encontrou um casal de alunos sozinhos na sala em que a entrevista foi realizada e, ao lado de fora, outros alunos aconselharam a professora a não entrar. O casal permaneceu pouco tempo sozinhos na sala, contudo, a experiência acendeu um alerta à professora. Assim, a medida de

trancar as salas após o horário regular das aulas seria para evitar que situações inadequadas para um ambiente escolar ocorram.

Cabe, aqui, a reflexão se esta medida realmente evita a ocorrência de situações similares à descrita, uma vez que não houve um diálogo entre alunos e professores sobre estes comportamentos na escola. Assim, a medida de apenas “fechar o cerco” com os alunos pode vir a se uma solução temporária e pouco eficaz uma vez que os alunos encontram meios de subverter as regras e regulações de seus comportamentos por parte da gestão.

Quanto aos grafitos na estrutura física da escola, Bia e Diana comentaram dos desenhos de pênis que são possíveis encontrar. A fala de Bia cita sobre a relação dos meninos com o genital:

Bia: É, desenho tem um monte, se você olhar nas carteiras da escola, tem pênis desenhado para todo lado e é só ensino médio. Que mais tem é pênis desenhado e é o que eu falo, é essa relação fállica, e aí as piadinhas sempre voltada para o objeto de disputa, o seu é pequeno, meu é maior a você é isso, né? Sempre relacionando o poder ao tamanho do pênis, é a ideia do poder fállico.

Montañés (2014) sinaliza que o comportamento juvenil de se desenhar e pintar nas paredes é resultado de uma recuperação dos impulsos criativos de forma primitiva, presentes desde o início da humanidade, necessidade de se expressar e se comunicar por meio da matéria que existe no mundo. O fato do pênis ser um tema constante nas representações não deve ser entendido como apenas obscenidade, pelo contrário, deve-se levar em conta suas características gráficas, os locais em que são desenhados e o contexto em que estão inseridos. Na antiguidade, o desenho do pênis era usado em rituais religiosos.

Porém, com a chegada da bíblia, foi excluído dos contextos religiosos e passou a ser associado à profanidade e obscenidade. Podemos discernir os diferentes significados do falo da seguinte maneira: Objeto de culto religioso; Amuleto profilático contra mau-olhado; Imagem sexual explícita (marcadores de bordel, dildos etc.); Escrita hieroglífica; Agressividade, exibicionismo, ameaça (Idem, p.116)

Levando-se em conta o contexto escolar e o público frequente, pode-se considerar que os grafitos se associam com o segundo significado exposto pelo autor. O relato de observação de campo realizado corrobora com as citações das professoras, que encontraram desenhos de pênis em mesas e carteiras da escola. Como apontado por Montañés (2014), de um ponto de vista da diversidade sexual, os desenhos de pênis são uma metonímia do sexo. Além disso, o

autor considera que há um culto unisexual ao órgão por parte de seus autores, em sua maioria jovens do sexo masculino.

No tópico de vestimentas, as opiniões dos entrevistados e a percepção da pesquisadora convergem na ideia de que há uma liberdade para os alunos se vestirem e se expressarem por meio das roupas de forma livre e sem julgamentos; não há uma obrigatoriedade para o uniforme tradicional da escola e rigidez quanto à vestimenta. O relato de observação de campo aponta:

As meninas usavam saias rodadas e shorts curtos (na altura do meio da coxa ou acima), seus cabelos variam de cortes indo dos mais curtos aos mais longos, com e sem mechas coloridas. Já os meninos também possuíam cabelos longos e curtos em conjunto com a sobrancelha estilizada, usavam calças jeans e bermudas; correntes, brincos, piercings e pulseiras eram partes de seus acessórios, alguns deixavam suas tatuagens à mostra e outros tinham as unhas pintadas. Notou-se que, em ambos os gêneros observados, muitos usavam as camisetas criadas pelos alunos para os jogos de Interclasse e para as turmas de formandos, não se percebeu, em nenhum momento, a obrigatoriedade do uniforme tradicional da escola.

Diana, em suas considerações, citou o caso em que as meninas começaram a vir para a escola com shorts muito curtos e a situação foi levada à coordenação e conversada com as alunas; contudo, algumas se sentiram feridas quanto à liberdade de usarem o que desejarem. Segundo a professora, a escola realizou algumas orientações quanto aos regimentos e regras da instituição quanto às condutas a serem adotadas pelos alunos durante a permanência no espaço escolar.

Tal fato pode ser associado ao comportamento juvenil de rebeldia, de contravenção às regras impostas. A rebeldia, para Rocha e Santos (2015), é compreendida como intrínseca à juventude devido à posição social que esta ocupa nas relações. Há a afirmação da identidade do sujeito que não se constitui mais como crianças mas não se integra aos adultos por meio da afronta às regras, valores, autoridades e tradições estabelecidas institucionalmente. Na vestimenta, este comportamento ganha espaço uma vez que é um dos meios de expressão de sua identidade em formação. Assim,

A rebeldia juvenil sempre inaugurou estilos vestimentares a partir de uma grande preocupação de distinção ligada à questão etária e cultural. Nesse sentido, os grupos juvenis propõem mudanças com base em estilos culturais que conhecem seu sucesso a partir da conquista de adeptos, que se engajarão em viver integralmente os ideais do grupo, transformando-o em estilo de vida. Para que um estilo cultural seja capaz de

influenciar a moda, ou transformar-se em moda, no entanto, é necessário que esse estilo conquiste, além dos adeptos tradicionais, os “simpatizantes”, que são uma parte maior da juventude que não compartilha totalmente os ideais do grupo, mas adota alguns deles segundo suas conveniências, compondo sua identidade. (Silva, 1996, p.08)

Na fala de Bia, a professora relaciona a vestimenta com a orientação sexual de alguns alunos, observando que as questões de religiosidade e da família se impõem na maneira como os jovens costumam se vestir e se expressar.

Bia: (...) Vestimenta, hoje eles estão bem mais soltos para isso. As coisas estão começando a ser mais aceitas, mas eu percebo, é uma coisa até complicada de dizer que eu percebo que alguns alunos que têm aquela religiosidade mais rígida e que se sentem sexualmente diferente daquilo que a religião e o pai quer, na escola, no comportamento ele solta mais. Eles demonstram mais que tem uma coisa diferente daquilo que ele veste.

É possível pensar que, atualmente, a presença destas relações homoafetivas no ambiente escolar é mais aceita entre os pares e que encontram na escola um ambiente mais seguro para manifestarem suas identidades e orientações sexuais se comparado há algumas décadas. Contudo, tal afirmação se dá com base na escola e relatos citados, ou seja, não se pode generalizar tal cenário uma vez que os relatos de violência contra homossexuais e transexuais no ambiente escolar são expressivos e que, nesta mesma escola, ocorreu um caso de preconceito contra transexuais citado anteriormente.

Ainda na esteira sobre a homossexualidade na escola, o relato de observação de campo da pesquisadora coincide com a fala da professora Bia quanto ao comportamento dos casais lésbicos.

Bia: Hoje eles são mais carinhosos, por exemplo, as meninas. Elas já se abraçam, elas se beijam, elas têm pequenos relacionamentos dentro do colégio e está tudo bem. Antes isso não era visível, a forma como eles se relacionam hoje dentro da escola também é mais aberto

Segundo o relato, não foram observados casais homoafetivos na escola; porém o relato de Lion traz a presença destes e novamente a religião e a família aparecem como pontos chaves nas expressões dos alunos na escola.

Giovanna: Você pode trazer um pouco assim do que você observa?

Lion: *Aqui, de novo, é um ambiente um pouco mais liberal, então a gente tolera mãozinha dada um beijinho ou outro, não pode ficar se pegando, mas é hétero ou homossexual, a gente vê mãozinha dada, vê casais. Vez em quando vê beijinho.*

Lion: *[...] Mas assim, aqui por exemplo é um espaço mais heterogêneo, mas a gente tem bastante gente religiosa fundamentalista e tal. [...] Nota-se e às vezes já ouvi também de aluno “sou mesmo homossexual, mas se eu falar lá em casa, me bota para fora, então eu não vou falar lá em casa”.*

Posteriormente, o professor intercala o assunto de vestimentas com transgeneridade, citando que há alunos que não se identificam com o gênero masculino ou feminino e externalizam por meio de sua vestimenta ou fala. Arcoverde (2015), coloca a divisão binária através das roupas como processo histórico dos anseios das classes mais baixas em alcançar a aristocracia. As vestimentas ainda podem ser vistas como elementos de rebeldia e transgressão, contudo, outro viés a ser apontado é de que a moda por tempos exerceu um papel de reforço aos *status quo* social do que de subversão principalmente no que diz respeito ao gênero.

Assim, ela funciona como um aparelho de poder e manutenção às estruturas hierárquicas. Somente nas décadas mais recentes que se pode ver nas passarelas referências de transgressões às normas de vestuário de acordo com os gêneros femininos e masculinos, propondo uma vestimenta menos binária:

Ainda que a moda das passarelas ofereça e incentive novas possibilidades do vestir, a sociedade de maneira geral ainda guarda muitas reservas, especialmente no que diz respeito à desconstrução da estrutura binária reiterada e reafirmada pela roupa. O que é visto como “conceitual” e como expressão do potencial criativo dos estilistas nas apresentações encontra no cotidiano das ruas a resposta fria, desqualificante e por vezes agressivas de uma sociedade que ainda luta, ora para livrar-se, ora para manter tradições conservadoras e heteronormativas (Arcoverde, 2015, p.11).

As manifestações dos alunos durante as abordagens de conteúdos que trabalham com as dimensões sobre sexualidade foram mais apontadas apenas por Bia e Lion pelo fato dos professores contemplarem a temática no planejamento de suas respectivas disciplinas. Para Bia, os alunos "ficam maravilhados" (fala da professora) com a temática e demonstram entusiasmo; na percepção da professora, antigamente os alunos eram mais envergonhados e menos participativos por conta do tabu existente em torno da sexualidade.

Para Lion, há uma boa receptividade dos alunos quanto às propostas de discussões levantadas pelo professor. Ambos os professores fazem ressalvas quanto às brincadeiras e piadas que ocorrem durante as abordagens, mas que estas não chegaram a atrapalhar

consideravelmente o trabalho realizado o qual, no fim, é encarado com seriedade pelos alunos e professores como destacado nas falas.

Giovanna: *Quais as manifestações, risos, piadas, perguntas, olhares dos alunos que mais costumam aparecer quando você trata sobre sexualidade nas suas aulas?*

Lion: *Não sei, eu não sei. Acho que varia muito esse que falei, às vezes mais infantis. Pode ter um risinho ou outro, mas até que isso não é predominante assim. Acho que os primeiros anos, um pouco mais infantis, vem um risinho ou outro, mas de um modo geral sinto que eles levam a sério sim essa discussão.*

Bia: (...) *Hoje eles já são bem mais maduros com isso, até já entro na sala falando “quem for fazer piadinha eu vou pedir para sair porque não é uma brincadeira”. Mas hoje já não acontece tanto, já não tem mais isso.*

Ribeiro e Reis (2007) colocam que a insatisfação das questões sobre sexualidade dos jovens podem gerar tensões e ansiedades por serem significativas na subjetividade de cada ser. A oferta de um espaço seguro e tranquilo por parte da escola, no qual tais angústias podem ser esclarecidas e novas questões formuladas contribui para o alívio da ansiedade e para o desenvolvimento psicossocial dos sujeitos. Ainda assim, há aqueles que se blindam sobre as discussões de sexualidade por questões religiosas como comentado por Lion:

Lion: [...] *Não vejo muita recusa assim em pensar a questão, mas é claro, tem gente que finge ali que está acompanhando e meio que já está blindado. Eu sei que na intimidade tem muita gente que se blindando realmente muito por conta da religião, não tem dúvida, inclusive, tem muita gente que nota-se, é perceptível. É uma repressão relacionada a vivência de gênero ou sexual ou ambas e por conta da religião, a pessoa se prende.*

Já outros, segundo Bia, demonstram interesse pelos conteúdos ofertados nas aulas mesmo possuindo questões religiosas ou familiares mais conservadores.

Bia [...] *mas normalmente são alunos que têm algum tipo de religião mais rígida que não gostam de participar ou mesmo os que têm falam “Não, professora, o meu pai não precisa saber. Eu quero ouvir”.*

Como já apontado anteriormente, a frequência dos estudantes às aulas e intervenções que envolvem a Educação integral em Sexualidade não deve ser obrigatória pois, dessa maneira, o clima de coerção pode ser predominante. Logo, o respeito às individualidade e opção do aluno deve prevalecer uma vez que este não se sinta à vontade em participar. Novamente, tudo dependerá da forma como a Educação integral em Sexualidade é apresentada e conduzida pelo professor.

Outro ponto colocado por Diana, Boris e Lusíada é em relação aos perfis de turma existentes na escola, o que acarreta no trabalho dos professores e gestores da unidade em relação às manifestações dos alunos e as intervenções a serem realizadas. Boris em sua fala expõem de forma prática a situação:

Boris: [...] Então assim, os alunos vêm e perguntam, às vezes te colocam numa fria nesse sentido assim, mas eu acho super legal. Apesar de, às vezes assim, eu posso até falar uma coisa, ali na hora que podem me custar o pescoço,(...) É, mas também assim eu tenho que saber qual é o grupinho de alunos com quem eu estou falando. É um pessoalzinho legal, posso falar melhor, não é um pessoal um pouco mais que eu não conheço tanto. Daí você tem uma outra linguagem.

Na fala do coordenador, observa-se uma preocupação do mesmo em relação às suas palavras e como serão interpretadas pelos alunos. Ele também coloca o perfil de turma como fator determinante de como realizará sua intervenção ou conduzirá sua opinião. Em outro momento da entrevista, quando questionado se para Boris a escola era um lugar seguro para os/as estudantes buscarem informações e tirarem suas dúvidas sobre o tema de sexualidade, o coordenador afirmou que há uma confiança dos mesmos nos professores.

Boris: (...) Eles não vêm falar sobre esse assunto, por exemplo, abertamente comigo. Claro que tenho vários professores com quem eles têm muito contato. Se o professor, claro, tivesse essa formação e tal e pudesse trazer à tona o assunto para discussão e tudo, seria interessante. Os alunos são abertos para isso, talvez eles esperem isso da escola, seria um tema que chama a atenção deles. [...] E é por isso que eu comentei, eles se sentem seguros para fazer isso na escola, claro, com certeza, porque eles aceitam bem os professores, os professores têm um diálogo muito aberto com eles e é interessante.

No primeiro trecho destacado percebe-se que, na escola, há um diálogo mais horizontal entre professores e alunos; algo de suma importância para que a Educação integral em Sexualidade ocorra de modo mais tranquilo e cumprindo seu objetivo de atender às necessidades dos estudantes. No segundo trecho, Boris coloca o interesse dos mesmos quanto à temática. Como apontado anteriormente, não se pode excluir a sexualidade dos espaços escolares uma vez que ela está presente nos sujeitos que os compõem, suas manifestações, suas vestimentas, suas falas e - como destacado na fala do coordenador - em seus interesses. O coordenador posteriormente cita casos em que os alunos trazem alguma situação hipotética e pedem sua opinião sobre, dando a entender que gostariam de saber qual seria sua postura e atitude como um referencial de alguém mais velho e experiente.

Para Sayão (1997), se um/a docente já possui disponibilidade para realizar o trabalho de Educação integral em Sexualidade, ainda que sua área de formação não contemple a temática, ele deve estabelecer um elo de confiança com os estudantes, mas sem tornar-se seu cúmplice. Assim, o juízo de valor do docente não deve estar presente nos diálogos com os estudantes, deve-se ouvi-los antes de intervir e manter uma posição de assimetria para que seus questionamentos e angústias sejam expressados e o trabalho seja realizado com êxito.

5.1.7 Categoria: Relações da escola com a família e a comunidade

As questões sobre o relacionamento da escola com as famílias e a comunidade foram direcionadas apenas aos gestores entrevistados. Quanto à postura das famílias, as respostas de Boris e Lusíadas não foram convergentes:

Giovanna: *Entendi. E como que as famílias recebem a atuação da escola em relação à educação sexual? Você pode descrever um pouco?*

Lusíada: *Já nessa parte eu acho que eles confiam. Eles dão crédito a escola, os profissionais que aqui estão pela competência, pela tradição, pelo equilíbrio, conhecimento de cada profissional. (...) Porque eles enxergam na pessoa, na reunião, a preocupação da escola também. Então, nesse aspecto, é positivo.*

Boris: *Olha como a gente não tem essa abordagem, não tem nada assim declarado, no meu ponto de vista, a gente não tem uma ação, a gente não recebe nenhum tipo de crítica também, porque ou não é falado nada a respeito dessa questão da sexualidade dos alunos. Então não tem o que acrescentar.*

Como apontado, as respostas dos gestores sinalizam para diferentes relações estabelecidas entre a escola e a família. Lusíada, como diretor da instituição, coloca a confiança das famílias com o trabalho exercido na escola; enquanto Boris, como coordenador, cita que o assunto é velado na relação entre ele e as famílias. Na entrevista de Boris, foi levantada uma situação hipotética sobre a necessidade de chamar a família à escola diante de um caso em que os alunos extrapolam os limites de comportamentos aceitáveis, o coordenador comentou que, durante seu período de gestão, a necessidade de chamar os pais nunca ocorreu, sendo o imbróglio dissolvido em uma conversa com os alunos e salientado a eles que numa recorrência de comportamento os pais seriam chamados.

Como colocado anteriormente no trabalho, são poucas as famílias que conseguem tratar com os jovens as questões sobre sexualidade com base na vivência deles:

Giovanna: Entendi. Na sua visão, qual a postura da comunidade escolar e das famílias em relação às manifestações da sexualidade dos alunos?

Lusíada: Olha, ainda são manifestações, eu não diria, são resistentes, são manifestações que você analisa ainda, eles não confiam na escola. As manifestações não são positivas, na maioria, são negativas devido a um fato gerador problema, (...) então isso acaba tirando um pouco o crédito da escola, da capacidade da escola, de tratar e eles ficam, com receio, com o pé atrás, eles não confiam totalmente, não são, vamos dizer, pacíficas as manifestações.

Boris: Olha, é complexo porque ao mesmo tempo que o pessoal comenta que está sendo cada vez mais prematura essa sexualidade ou a manifestação dela, existe uma outra parcela que verifica que tem alunos que não amadurecem para a sexualidade.

Nas falas coloca-se a relação da comunidade quanto às manifestações da sexualidade dos alunos. É possível notar que, segundo Lusíada, há uma desaprovação da comunidade quanto ao tratar de sexualidade com os jovens por parte da escola. Isso pode ser reflexo de uma cultura que rotula a sexualidade como tabu e a enxerga com pré-conceitos. Sugere-se que a comunidade pode ter como expectativa que a escola trate o assunto da mesma maneira que antigamente, ou seja, sem um diálogo aberto com os professores e gestores e com coibição às manifestações de sexualidade como um meio de afastá-la dos muros escolares.

Já a questão citada por Bóris quanto à sexualidade prematura dos alunos, vale reiterar que é manifestada desde a infância e na juventude ganha uma característica erótica e libidinal expressa de maneira intensa por ser uma fase de transformações e experimentações. Não há uma regra quanto à idade em que esta transição ocorre, variando de acordo com as influências sociais do sujeito bem como as características culturais e históricas em que se insere.

5.2 Análise das entrevistas com professores/as e gestores/as da escola particular

Quadro 4 - Identificação dos entrevistados na escola particular

Nome	Gênero	Atividade/Função
Pérola	Mulher cisgênero	Professora de Biologia
Benedito	Homem cisgênero	Professor de Física
Isis	Mulher cisgênero	Professora de Sociologia e Filosofia
Monique	Mulher cisgênero	Coordenadora Pedagógica
Cristina	Mulher cisgênero	Diretora

Fonte: Dados originais da pesquisa.

5.2.1 Categoria: Formação profissional

No tocante às trajetórias de formação profissional, apenas Monique e Pérola comentaram ter discutido questões de sexualidade, mas não através de uma disciplina específica e sim de maneira transversal. As discussões abordaram as ISTs na formação de Pérola, porém a professora relatou não se recordar de outros assuntos debatidos e que, se foram contemplados, não foram marcantes em sua formação. Já na formação de Monique, a coordenadora citou a temática de diversidade, que inclui as questões de sexualidade mas não de forma aprofundada.

Quanto aos cursos de formação na área, Cristina citou as formações oferecidas pela instituição por meio de cursos, palestras, orientações e documentos que geram respaldo aos profissionais, bem como a existência de uma psicóloga dentro da instituição. A diretora também citou que parte de sua formação ocorreu pelas vivências dentro da escola.

Giovanna: Sobre a sua formação, em algum momento durante a sua formação foram discutidas questões de sexualidade?

Cristina: Na minha formação, não. Na minha formação acadêmica, não diretamente. A formação que eu tive em relação à sexualidade dentro da escola foi com as vivências dentro da escola e aí a gente vai buscando uma parte acadêmica, vai buscando informações na Pedagogia, na Psicologia, na Filosofia, na Antropologia, para poder entender essas questões.

As formações que ocorrem na instituição também foram citadas por Monique, que comentou haver uma semana de formação para os professores no início do ano letivo. Segundo a coordenadora, pela primeira vez a temática de sexualidade foi contemplada de maneira mais efetiva.

Monique: (...) o coordenador pedagógico como ele vai acompanhando os problemas cotidianos então perpassa a necessidade de ter um olhar para essas questões (...). O [nome da escola] esse ano vem também com uma necessidade de discutir sobre a diversidade, incluindo a questão da sexualidade dentro da diversidade, desde o [nome do programa da escola]. O [nome do programa da escola] é a semana de formação de professores que abre, dá início ao ano letivo de 2023, então esse ano todo o início de dia do [nome do programa da escola] tinha o [nome do programa da escola], esse diverso como a sexualidade. Foi também colocada como algo para ser reconhecido em sala de aula, para ser acolhido, considerado, mas isso veio institucionalmente como a primeira vez com maior peso.

Aqui nota-se um empenho da instituição privada em garantir uma formação mínima aos professores quanto à temática, considerando-a como necessária e emergente. A professora Ísis comentou ter participado como tutora de um curso de formação de professores de Educação Infantil oferecido pela Universidade Federal de São Carlos -IUFSCar sobre sexualidade nas escolas. Em sua avaliação, a formação foi superficial e manteve-se no plano nas discussões teóricas com poucas propostas práticas.

Para Antunes e Melo (2023), as formações continuadas voltadas à esta categoria devem subsidiar processos de sensibilização junto aos professores visando a construção de projetos intencionais de Educação integral em Sexualidade. Assim, deve-se apontar possibilidades práticas concretas durante as temáticas oferecidas pelos cursos.

Benedito, por sua vez, citou um curso oferecido pela prefeitura do município que abordava sobre ISTs. O professor comentou que ele não tinha ciência do número de vítimas de violência sexual infanto-juvenil. Para ele, os alunos de Ensino Médio têm maiores chances de se defender de seus agressores e os de Educação Infantil nem tanto.

No tocante às vivências dos entrevistados no Ensino Médio, Monique e Ísis comentaram que os assuntos abordados eram de perfil biológico com foco nas questões de reprodução humana e ISTs. Monique também citou que o planejamento familiar era um dos temas discutidos em aula.

Giovanna: Quando você estava no seu Ensino Médio, antigo colegial, como que a escola tratava sobre Educação Sexual?

Monique: Tinha uma pegada de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, né? Então me lembro muito disso. Toda a questão não se discutia afinidades e prazeres, discutia especificamente a questão da proteção para tanto a prevenção de uma gravidez, o planejamento familiar quanto a questão das doenças. Que mais? Mas me lembro também que a escola naquele momento também orientava a questão do desenvolvimento físico durante a puberdade, ali no início da adolescência, as transformações corporais. É isso, me lembro também enquanto estudante de me lembrar desses papos em sala de aula.

Pérola e Benedito comentaram não se recordar de aulas com temática de sexualidade em suas passagens pelo Ensino Médio. Cristina citou que não se falava sobre a temática e que, em seu tempo de estudante, a sexualidade era tratada como algo desconectado do sujeito e não como sua parte integral. Os trechos destacados expressam essa ideia:

Cristina: Não se falava.

Giovanna: Nem um pouco?

Cristina: Nem um pouco, não se falava. A sexualidade era uma coisa fora do corpo. A sexualidade era algo assim que você tinha que deixar ela na sua casa ou deixar ela, ou fazer funcionar só na hora dos namoros e tudo mais. E você não se via como um ser que tem a sua sexualidade. E era assim, uma sexualidade não voltada para a parte integral do ser humano, era uma sexualidade voltada para o sexo, pro ato sexual e não para a sexualidade enquanto corpo, mente espírito. Então não se falava, de jeito nenhum.

Miskolci (2005), em seu trabalho, comenta que a temática de sexualidade é geralmente colocada como um tema privado e que deve estar restrito ao lado de fora da escola. Contudo, como já reiterado anteriormente no decorrer desta pesquisa, a sexualidade se encontra presente na escola e em outros ambientes por ser parte integral dos sujeitos. Logo, não é possível transferi-la para outro lugar por um determinado período de tempo da mesma maneira que um acessório ou peça de roupa que se possa despir.

5.2.2 Categoria: Compreensão da Sexualidade

No âmbito da compreensão do que é sexualidade, as respostas dos entrevistados apresentaram o mesmo ponto convergente encontrado entre os entrevistados da escola pública: a associação com as questões de afetividade. Observou-se que, com as mulheres entrevistadas, houve uma maior elaboração do significado de sexualidade.

A professora Pérola a definiu como desenvolvimento inerente a todos os sujeitos, ocorrendo de forma antecipada em uns e tardia em outros. Apesar de não especificar sobre qual desenvolvimento. Levando-se em consideração sua formação e atuação como professora de Biologia, pode-se entender que ela se refere à maturação fisiológica do indivíduo. Aqui, resgata-se o que foi exposto no segundo capítulo do presente trabalho, no qual os modelos biológicos ressaltam as condições biológicas adequadas do sujeitos para o exercício da sexualidade, ou seja, a maturação e bom funcionamento do sistema reprodutor e estado físico geral do sujeito (Werebe, 1998).

As falas de Monique e Cristina trazem uma compreensão mais abrangente da sexualidade, não resumindo-a ao ato sexual e abrangendo as questões afetivas e emocionais.

Giovanna: Agora sobre a sua atuação, o que você entende como sexualidade?

Cristina: Sexualidade é algo amplo, como eu já falei, não é nada só relacionado a ato sexual ou posturas que alguma criança ou algum professor tenha de ato sexual.

Sexualidade é o que a gente é. É o nosso corpo, é a nossa mente, como nós nos enxergamos enquanto seres humanos. Então, para mim a sexualidade é uma tríade, é corpo, alma e espírito. É aquilo que você sente enquanto seu corpo.

Monique: (...) A gente fala um pouco da sexualidade quando a gente fala não só do corpo. Mas eu acho que a gente fala de sexualidade, a gente tá falando do corpo, mas os nossos sentimentos, desejos e que vai muito além só da relação sexual então acho que sexualidade é uma palavra mais ampla, né? Tem questões psíquicas envolvidas, as questões socioemocionais vieram com mais peso na escola há muito pouco tempo, então essa pegada não ouvia lá na minha fase de adolescência, de criança, os nossos sentimentos eram bastante negados.

Cristina em suas considerações traz uma dimensão identitária da sexualidade por um viés holístico, bem expresso na fala “corpo, alma e espírito”. Apesar da expressão possuir um teor religioso, a maior parte de sua fala ainda se direciona para a dimensão identitária pautada no corpo do indivíduo e na maneira como ele se sente. Aqui faz-se uma ponte com a relação de sexualidade e gênero já expostas nos capítulos anteriores. O gênero é um dos fatores que estabelecem a identidade dos sujeitos e não somente de suas ações, assim como a nacionalidade, o estado civil, a etnia, entre outros (Louro, 1997).

Monique, por sua vez, contempla a questão afetiva e psíquica da sexualidade. A coordenadora faz alusão a Freud. Celes e Lindenmeyer (2020), em seu trabalho sobre o psiquismo e a sexualidade na origem da psicanálise, consideram:

A vivência sexual se caracteriza, portanto, como excitação e prazer. Ambos possuem características orgânicas. A excitação é corporalmente vivenciada - mesmo quando se transforma em afeto de angústia - e o prazer é por definição prazer de órgão. O psiquismo se encontra entre a fonte e o objetivo da pulsão. A pressão ou força que marca o aumento da excitação é capturada pelo psiquismo - precisamente pela imaturidade orgânica de solucionar a excitação - na forma de afeto e investimentos das representações (p.06).

Por fim, é válido comentar sobre o professor Benedito que teve dificuldade em responder às perguntas da entrevista. Supõe-se que tal dificuldade se origina no próprio perfil do entrevistado: um homem de 49 anos, com formação na área de Exatas e de origem humilde. O desconforto e timidez durante o diálogo foi perceptível e expressado em suas palavras: "É difícil pra mim falar". Contudo, considerando as questões etárias, de gênero e formação, Benedito, pode contribuir à sua maneira com a pesquisa através do seu olhar para outras categorias analisadas.

Conclui-se aqui que a sexualidade, para os entrevistados da escola particular, é caracterizada de maneira além do viés da biologia, incluindo os aspectos afetivos. Porém, como já destacado antes, é válido associá-la às dimensões sociais e políticas que a integram.

5.2.3 Categoria: Relações com a Educação em Sexualidade

Dos discursos que tangem a Educação em Sexualidade, notou-se diferentes perspectivas sobre a mesma, igualmente observado na escola pública. O professor Benedito a coloca como algo importante e faz relações da temática com a prevenção do abuso sexual.

Benedito: Eu acho importante. Acho muito importante porque eu tenho uma filha mulher e eu fico feliz da escola estudar a parte biológica e tudo mais pra às vezes eu tenho medo que ela vai na casa de uma amiga que tem lá um pai, ou que vai dormir numa amiga que tem um vô. Você sabe como é esse mundo de hoje, né?

Apesar do professor não expressar de forma tão clara, é possível compreender pela fala "às vezes eu tenho medo que ela vai na casa de uma amiga que tem um pai" sua preocupação com a exposição de sua filha em situações de vulnerabilidade à sua integridade sexual. O documento da Unesco (2023) sinaliza que 243 milhões de mulheres e meninas de 15 a 19 anos sofreram violência física e/ou sexual por parte de alguém próximo no ano de 2019, na qual menos de 40% das vítimas buscam ajuda ou denunciam o crime.

Gusmão (et al., 2003) apontam que o conhecimento sobre o próprio corpo é uma das formas de se fortalecer contra o abusador. Este conhecimento é construído na relação concreta com o seu próprio corpo e da descoberta do corpo do outro durante a primeira infância. Os abusos, em sua maioria, são realizados sem o uso de violência física e por pessoas próximas à vítima que a identifica como um alvo frágil de fácil cumplicidade. Assim, por falta de conhecimentos e esclarecimentos sobre o próprio corpo, a vítima fica desprotegida e vulnerável à situações de violência sexual (Gusmão et al., 2003; Rocha, et al., 2022).

Vale lembrar que Benedito é professor de física na instituição, o que torna lógico se esperar que o conteúdo de sexualidade não apareça em seus planejamentos. Quando comentado tal fato pela pesquisadora, Benedito respondeu que ele deu aulas de Biologia no telecurso para a faixa etária do EJA (Educação de Jovens e Adultos), nas quais abordava sobre ciclo menstrual, genética e fertilidade. Ao final, ele reiterou que não adentrava em outras temáticas sobre sexualidade.

Na fala de Ísis, aparece novamente a relação à orientação do desejo e as questões ética em como lidar com o próprio corpo e o corpo do outro. A professora não caracteriza qual o tipo de desejo mencionado, se este se relaciona com a atração sexual ou com a atração afetiva. De qualquer forma, a Educação integral em Sexualidade contempla o reconhecimento de ambas as manifestações, uma vez que entre seus tópicos de aprendizagem se encontra a abordagem das intersecções entre sexualidade e o ciclo da vida "[...] enfatizando que a sexualidade é parte constituinte da vida humana e pode ser expressa de diversas maneiras" (Unesco, 2014, p.38).

Algo surpreendente na análise desta população, foi a resposta de Pérola, professora de biologia, cuja fala não especificou de que maneira ela entende a Educação integral em Sexualidade mas sim o modo como ela deve ser exercida.

Giovanna: E o que você entende como educação sexual?

Pérola: Educação sexual, eu acho que tem que ser um debate com os alunos, não você só falando mas ouvindo o que eles tem a dizer e assim, quando eu faço isso com eles eu gosto de trazer muitos debates então eu gosto de trazer muitas perguntas, né?

A fala da professora sugere o debate como a via pela qual a Educação integral em Sexualidade deve percorrer. Como colocado anteriormente, o diálogo aberto com os alunos é um dos meios de abordagens, porém os alunos podem se sentir constrangidos ou envergonhados de expressar suas dúvidas de forma espontânea diante dos colegas. Werebe (1998) sugere algumas técnicas para desencadear as discussões e os diálogos com os alunos:

- questões que suscitam o interesse dos alunos e são mais propícias aos debates propostas pelo educador;
- questões propostas pelos alunos: anônimas, por escrito (caixa de perguntas) ou oralmente. As questões por escrito permitem ao educador selecionar, inicialmente, as que correspondem ao interesse da maioria o que não impede de apresentar as demais; respostas dos alunos a questões de opinião (questionários anônimos);
- colheita de material, pelos próprios alunos, sobre questões ligadas à sexualidade;
- notícias de jornais ou revistas, filmes, etc. que se refiram a fatos ligados à sexualidade, sobretudo à vida das crianças e dos adolescentes; *slides, posters*;
- outros materiais audiovisuais - leitura de textos literários (contos, poesias, etc.) sobre questões sexuais, leitura de textos; histórias com personagens da idade dos alunos, relatando seus problemas, nas relações interpessoais (p.180).

Cristina, em sua fala, expressa a Educação em Sexualidade como uma ferramenta para o sujeito reconhecer sua identidade.

Cristina: Eu acho que a escola agora em relação a parte de aprendizagem e de desenvolvimento com a entrada e a mudança da BNCC, a questão socio emocional, eu acredito que a Educação Sexual vem para dar essa identidade para as pessoas, a sua identidade. Você tem um corpo que esse corpo ele tem uma identidade, você tem sentimentos, você tem valores.

Posteriormente, a coordenadora comenta que por vezes as dificuldades em outras áreas curriculares podem ocorrer devido a dificuldade do sujeito de se entender e se enxergar. Furlani (2005) sinaliza que as identidades culturais são produzidas no meio social através do processo de produção da diferença: "Sabemos que todo processo e toda dinâmica de formação de identidades referem-se à existência de um "outro" (que não sou eu; que é diferente de mim), o que torna identidade e alteridade componentes necessariamente inseparáveis" (p. 272).

Portanto, segundo o autor, a identidade está atrelada às diferenças que a integram, ou seja, o que ela é depende daquilo que ela não é. Os processos de exclusão posteriormente definem as hierarquias e ditam as diferenças culturais. Estes aspectos são pautas de discussões na Educação integral em Sexualidade, uma vez que ela busca problematizar o sexismo e as diversas formas de preconceito e exclusão.

Por fim, coloca-se a fala de Monique que traz uma perspectiva bastante ampla da Educação em Sexualidade, abrangendo os aspectos emocionais citados por Cristina e incluindo as dimensões do prazer, o debate sobre a diversidade de gênero e formas de violência.

Monique: (...) a porque quando a gente fala de educação sexual, a gente ainda vai perpassar quais são os conteúdos escolares que promovem habilidades que vão fazer parte da educação sexual de um jovem, de um adolescente, né? Mas eu acho que a gente tá mudando porque junto de todas essas questões de reprodução a gente também se permite falar de sentimentos. A gente também vai falar de prazer, de diferença de gênero. A gente também tem que de questões de sexualidade a gente também tem que falar muito da questão da violência contra a mulher, de uma cultura ainda machista muito presente, principalmente o que se chama de brincadeiras, mas que são violências veladas no ambiente escolar, né?

No primeiro trecho destacado, a coordenadora coloca ênfase nas habilidades que são necessárias para o indivíduo exercer sua sexualidade. Para a Unesco (2010), o objetivo da

Educação integral em Sexualidade é de "[...] equipar crianças e jovens com os conhecimentos, habilidades e valores para fazer escolhas responsáveis sobre seus relacionamentos sexuais e sociais" (p.03).

Monique, no segundo trecho destacado, coloca as temáticas a serem contempladas nas intervenções. Nota-se uma compreensão muito próxima dos documentos que trazem propostas de intervenções sobre Educação integral em Sexualidade, como as dimensões da afetividade, o sistema reprodutor, a diversidade de gênero e formas de violência contra a mulher. Contudo, cabe questionar se o discurso se alinha com as práticas que ocorrem na instituição. Nesta mesma linha de raciocínio, questiona-se de que maneira essas práticas ocorrem e se estas atingem e contemplam as necessidades dos alunos.

5.2.4 Categoria: Questões de gênero

Ísis em sua entrevista trouxe sua percepção quanto às alunas do colégio como refêns da sexualização. A professora relatou que, em momentos que há o “Intervalo cultural” ou outras intervenções realizadas pelos alunos, muitos pedem por músicas que envolvem o tema e que acha explícito o conteúdo apelativo das letras escolhidas por eles.

*Ísis: Ah, não. Acaba muito ainda a questão da sexualização do corpo da mulher. Eu vejo as alunas ainda muito refêns dessa sexualização. **A gente tem aqui no intervalo o Intervalo Cultural que eles escolhem as músicas e aí a gente tem que ficar e pede para eles ficarem atentos em relação à sexualização dos conteúdos. Então a gente fica sempre problematizando com eles essa questão do corpo, da sexualização, enfim, mas eles muitos, eles falam “ah professora o que importa é o ritmo”. E aí quando tem manifestações culturais,(...) Vira e mexe a última dança sempre é um apelo mais sexual porque é legal então eles até fazem o conteúdo que se espera, mas aí sempre no final elas estão lá dançando de maneira, eu vejo como sexualizadas mas elas acham que que está tudo bem e que elas gostam. Eu não gosto muito.***

Apesar da professora não citar o gênero musical trabalhado no Intervalo Cultural, o trabalho de Júnior (2016) com músicas de *funk* em uma escola de Ensino Médio coloca que o debate sobre o conteúdo das letras não se limita à dimensão literária apenas, se constituindo como uma fonte para diversos focos de debates.

E por outros tantos questionamentos que também começam a emergir, como por exemplo: quais os limites dos papéis de MC e DJ? Que outras bases foram usadas (e abusadas) pelo *funk* carioca? Qual a importância (ou não) da tecnologia digital

(incluindo, aí, os próprios aparelhos celulares que carregam cotidianamente nos bolsos) na produção e no consumo desta e muitas outras práticas musicais? (p.169)

Para Moreno (2011), os jovens se manifestam culturalmente por meio de suas vestimentas e consumo de estilos musicais que os conferem uma identidade grupal. Na pesquisa realizada pelo autor em comunidades do Rio de Janeiro, as músicas, geralmente consumidas por essa faixa etária, com letras que abordam conteúdos sexuais, os fazem de modo sexista e pejorativo. As referências às mulheres com termos "novinha", "safada", "cachorra", as colocam como objeto de satisfação aos desejos sexuais masculinos.

Quando as músicas são de autoria feminina, "a satisfação sexual dos homens é colocada em um plano semelhante à satisfação dos desejos das mulheres" (Moreno, 2011, p.10). Assim, há a reafirmação das hierarquias de gênero, nas quais o papel e lugar tradicional da mulher permanece o de submissão e de satisfação ao outro.

Quanto às danças de apelo sexual, comentadas pela professora, Moreno (2011) cita que estas são uma materialização das manifestações de uma sexualidade ativa, em que os comportamentos esperados e normativos de acordo com os gêneros são questionados e ressignificados: "O exercício libidinoso de suas performances aponta a construção de territórios sobre os quais exercitam uma feminilidade ativa que desloca as convenções de recato e pudor imputadas às mulheres" (Moreno, 2011, p.14). A sexualização ocorre assim por meio de movimentos corporais e exposição de partes do corpo ligadas ao sexo (seios, nádegas e pêlvis).

Azevedo (2002) convida à uma reflexão sobre a relação contraditória entre empoderamento e tais práticas, pois, uma vez se expondo desta maneira há uma afirmação feminina de ser "dona de si" e das rédeas da sua vida, ao mesmo tempo que perpetua o estereótipo feminino de objeto de prazer e satisfação. Monique, em suas considerações, trouxe a representação feminina da maternidade de forma caricata em trotes escolares, bem como a mesma situação com pessoas travestis.

Monique:** Toda vez que vinha um menino vestido de menina a gente colabora com a violência contra o travesti. **Ou então outro dia, eles tinham feito um trote, como a gente teve um problema, (...) esses que vieram vestidos de mulheres falaram que era o Dia das Mães, mas daí quando representam uma mulher representam pela questão da sexualidade, então do shorts, do peito exposto e tal, a gente fez essa discussão, olha eu sou uma mulher, sou mãe, já que é Dia das Mães e eu não quero estar representada pela minha característica de sexualidade, mas eu quero estar representada daquilo que eu conquistei ao longo da minha vida.

A coordenadora cita a ocorrência de tais fatos em momentos em que há o trote realizado por alunos do terceiro ano do Ensino Médio. O primeiro ponto destacado é o da violência simbólica contra a população travesti, pois há uma representação desta de maneira caricata na maneira de vestir-se, gesticular-se e falar-se. Ferreira (et al., 2018) apontam que a vivência social de travestis e transexuais carregam consigo resistências às normas sociais hegemônicas, por vezes baseadas em binômios, de diferentes maneiras:

Pode-se entender que "[...] toda uma normativa social ancorada em masculinidades ou feminilidades não é capaz de lidar com pessoas que não estejam somente em um desses lugares, mas em ambos, de modo que passam, na maioria das vezes, a não acessar nenhum deles" (p.424).

Logo, a contribuição às discriminações citada por Monique se dá pelo reforço aos estigmas e diferentes categorias de violência que ocorrem contra esta população.

No argumento usado pelos alunos fantasiados de mulheres como representantes do Dia das Mães, a coordenadora comenta que há um apelo sexualizado nas fantasias e que, como mãe, não gostaria de ser representada desta maneira. No trabalho de Galdini (2010) sobre a representação de mulheres nos carnavais brasileiros a partir de grupos masculinos, coloca-se o objetivo das fantasias como um meio de se ausentar do cotidiano. Assim, elas permitem aos atores a experienciarem, por alguns momentos, os diferentes papéis sociais de seu símbolo. Contudo, por vezes há uma representação preconceituosa, estereotipada ou estigmatizante, mesmo no propósito de brincadeira ou de descontração de uma inversão de papéis.

De acordo com os relatos de Cristina e Monique, há um trabalho da escola em dialogar com os alunos sobre os entraves e as situações apontadas levando-os à reflexão sobre suas ações. Aqui infere-se o papel da Educação integral em Sexualidade no desenvolvimento do senso crítico e no combate às violências de gênero de diferentes modalidades.

5.2.5 Categoria: O trabalho com o tema de sexualidade

Para a análise desta categoria, optou-se por fragmentá-la da mesma maneira que foi feita na análise da escola pública. A primeira parte trata do trabalho realizado pelos professores entrevistados e a segunda quanto ao trabalho feito pela coordenadora e diretora escolar. Desta maneira, pode-se separar algumas especificidades de cada função e comparar a percepção dos professores quanto à postura dos gestores e vice e versa.

5.2.5.1 O trabalho dos professores

Em relação às temáticas abordadas, Pérola e Ísis trouxeram de forma mais expressiva os tópicos abordados com os alunos. Benedito não pode contribuir uma vez considerando que leciona a disciplina de Física na qual a temática de sexualidade não possui um espaço propriamente dito. Pérola organiza seus conteúdos com base nas expectativas de aprendizagem fornecidas pela instituição. Segundo a professora, o tema de sexualidade aparece nas expectativas referente ao primeiro ano do Ensino Médio. Assim, gravidez na adolescência, genética e ISTs são alguns tópicos trabalhados pela professora. A temática de gênero também aparece em suas aulas, trazendo a diferenciação entre sexo biológico e gênero.

Pérola: A parte de gênero, especificamente de identidade de gênero, (...) geralmente eu converso muito com eles quando eu começo genética. Na aula de genética a gente tem que falar, né? A gente tem que falar dos cromossomos femininos, dos cromossomos masculinos, então é nesse momento que eu vou falar, olha todos os nossos exercícios aqui vai aparecer um homem afetado pela herança genética tal. Aqui precisamos tratar do sexo biológico.

Como já expressado no trabalho, a biologia possui o papel de compreensão do desenvolvimento humano e sexual, bem como sua variabilidade genética. Pérola também administra aulas de empreendedorismo na qual aborda temáticas sociais como a inserção da mulher no mercado de trabalho e discriminações raciais. Nesta mesma esteira de temática, Ísis aponta que em seus conteúdos traz a construção social dos papéis de gênero e suas implicações como padrões de beleza e mercado de trabalho.

Ísis: Então, a discussão ela vem numa parte específica que é o processo de socialização e as instituições sociais. Eu quando eu estou apresentando para ele as instituições, o papel da socialização aparece sempre a construção dos gêneros. (...) Eu acho que ele aparece sempre, na verdade, várias temáticas e a gente sempre joga para a questão dos papéis de gênero e como eles são colocados na sociedade.

Um ponto a ser destacado é que Ísis faz uma dicotomia entre sexualidade e gênero em diversos momentos da entrevistas. Há falas que expressam isso como as destacadas a seguir:

Giovanna: quais assuntos sobre o tema de sexualidade você costuma abordar nas suas aulas?

Ísis: Sexualidade nas aulas? Eu acho que eu trabalho mais com a questão do gênero e não propriamente da sexualidade.

Ísis: (...) trabalho mais com a questão de gênero porque a sexualidade ainda é muito, como eu posso dizer, é um tabu muito grande ainda. Eu me sinto mais confortável para falar de gênero porque eu tenho respaldo da sociologia então eu vou poder puxá-las. Agora para a questão da sexualidade, eu acho mais complicado pra mim trabalhar com ela e ainda tem muito tabu, né? Principalmente aqui no interior.

O primeiro ponto na fala de Ísis é que a sexualidade ainda é um tabu. Se pesquisado seu significado, tabu define-se como "uma proibição da prática de qualquer atividade social que seja moral, religiosa ou culturalmente reprovável. Dizer que algo é um tabu pode significar que é sagrado e por isso interdito qualquer contato. Ou pode também significar algo perigoso, imundo ou impuro" (Enciclopédia, 2024). Martines e Rossarola (2018) apontam que a palavra, associada com o tema de sexualidade, traz a ideia de medo de uma penitência pela transgressão de uma proibição ou ao mencionar um assunto proibido que não deve ser falado. Ademais, os autores complementam que "um tabu pode se transformar em uma polêmica, na qual um discurso pode se tornar hegemônico sobre outros, acarretando o silenciamento de outras formas de dizer, pensar, viver" (p. 290).

Se resgatarmos a concepção da professora quanto a sexualidade, a mesma a definiu como "a expressão de um desejo pelo outro". Logo, para ela, as dimensões de gênero não são integrantes do universo da sexualidade, o que culmina na dicotomização entre ambos os conceitos. Ressalta-se que, para o presente trabalho, compreende-se a interligação entre os conceitos de gênero e sexualidade; logo, limitar a definição de sexualidade associada somente aos aspectos fisiológicos de reprodução não a caracteriza com os conceitos atualizados e abrangentes. Para Camargo e Sampaio Neto (2018) abordar a temática somente pelo viés biologicista como um caminho mais simples e técnico, pode ser insuficiente diante da vasta abrangência e ampliação do tema de sexualidade.

Em relação aos conteúdos abordados por ambas as professoras, nota-se que há uma preocupação em contemplar as diferentes dimensões que acompanham a sexualidade mesmo que de maneira separada, atingindo uma Educação integral em Sexualidade de modo imparcial.

A professora Pérola comentou que trabalha com os alunos da seguinte maneira: ela fornece os tópicos a serem apresentados e deixa livre para os alunos trazerem os materiais

(filmes, curtas, slides, debates). Após a exposição dos alunos, ela complementa o conteúdo se necessário e faz perguntas sobre o tema.

Giovanna: E quando você vai abordar esses temas que você citou, de que forma você prepara suas aulas? Como você se prepara para essas aulas para abordar?

Pérola: Eu leio, eu leio bastante. Eu leio no Google acadêmico, eu leio o próprio material que vem do [nome da escola], das coisas que a gente tem que discutir, (...) aí eu me preparo para o que eles vão trazer. Porque não é uma aula expositiva, (...) eu divido a sala em grupos e os grupos vão me trazer as informações, a partir de um roteiro que eu dou de qual vai ser o tema trabalhado, então eles têm liberdade de trabalhar da forma que eles quiserem e a partir do que eles trazem é que a gente acaba discutindo.

Quanto aos conteúdos de difícil abordagem, Pérola citou a temática de gênero como o mais difícil por conta de alunos que respeitam e outros que ainda “estão no processo” (palavras da professora). Tal fato é interessante se contrastado com a fala da professora Ísis que colocou a temática de gênero como ponto central no trabalho com os alunos. Em outro momento, a professora de sociologia sinaliza: "Eu me sinto mais confortável para falar de gênero porque eu tenho respaldo da sociologia". É possível sugerir aqui que não há trocas entre as profissionais em relação aos conteúdos abordados.

Não convém especular quais as razões disto, levando-se em consideração a rotina de um professor de Ensino Médio que possui diversas salas de aula e outras tarefas como preparo de suas aulas, preparo e correção de atividades, além do volume de documentações e burocracias a serem preenchidos. Para Ísis, o conteúdo de racismo é o mais desafiador segundo a professora.

*Ísis: (...) Acho que o racismo ele acaba sendo mais difícil de ser tratado e toda vez quando eles levam a discussão para uma polarização de ódio, mesmo que para o outro lado (...) Temas como “fogo aos racistas”, **por exemplo, é um tema que nossa, surge muito.** É muito difícil de desconstruir porque esse não é o objetivo. (...) Então eu vejo que eles vêm com discursos da internet muito violentos e querem instaurar uma nova forma de dominação também. **Então como se a gente invertesse, o oprimido agora quer ser opressor.***

Nota-se que a professora se afasta da temática de sexualidade e evidencia o racismo como o tema mais desafiador de se trabalhar em sala de aula. Segundo Ligeiro e Brito (2020), o ensino de sociologia visa auxiliar o sujeito a ter consciência própria e profunda da realidade social inserida, de maneira a desnaturalizar os preconceitos reproduzidos em seu

cotidiano e refletir sobre sua vida e sobre as razões, meios e finalidades do funcionamento da sociedade.

O enfrentamento do racismo é um dos papéis da disciplina. A Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e culturas afro-brasileira e africana na educação básica. Para Oliveira (2014), no tocante às práticas docentes, é necessário que os professores repensem sua postura profissional quanto aos fundamentos de suas formações. Há uma mobilização da lei na criação de novas estratégias pedagógicas para a abordagem dos conteúdos. Para o autor:

Assim, os professores são desafiados em diversos aspectos: formação histórica e pedagógica; condições objetivas da docência, que são apontadas como obstáculos para a qualificação na formação continuada; contradições pedagógicas a serem resolvidas; conflitos raciais e discriminações a serem enfrentadas; condições de aprendizagens dos alunos consideradas desumanas; violência e presença de drogas no espaço escolar; e disputas epistemológicas em função da intolerância religiosa, dentre outras (Oliveira, 2014, p.65).

O tema "fogo nos racistas" é destacado pela professora como um ponto delicado nas discussões. Para ela, há uma distorção dos objetivos das lutas antirracistas, na qual ela define como "O objetivo é equalização e diminuição da desigualdade e não a instauração de uma nova forma de poder". A expressão, advinda da música "Olho de Tigre" do artista Djonga, lançada em 2023, cujo refrão traz o imperativo "fogo nos racistas", é avaliada de como contraditória pela professora.

Barbora (2022), em sua análise de uma entrevista de Djonga, afirma que o cantor "não concebe como contraditória a luta pela paz e a luta pelo fim do antirracismo, mesmo quando esta esteja aberta a "expurgar" aqueles que praticam violência contra pessoas racializadas" (p.27). Como colocado pela professora, há a influência desses discursos nas falas dos alunos durante as abordagens da temática.

Quando questionadas sobre se sentirem amparadas legalmente para atuar com a temática de sexualidade na escola, Ísis e Pérola afirmaram e que este amparo se dá pelos documentos das expectativas de aprendizagem e pelos autores que usam para o preparo das aulas. Apesar de não se ter acesso aos documentos norteadores do trabalho realizado pelos professores na escola particular, nota-se que é uma ferramenta fundamental tanto para o preparo rotineiro das aulas e intervenções realizadas quanto para a segurança dos professores ao abordarem assuntos mais complexos.

No aspecto da relação entre professores com a coordenação e direção, os professores foram unânimes quanto ao apoio existente por parte da gestão para lidar com manifestações ligadas à sexualidade.

Giovanna: *Você possui algum tipo de direcionamento ou apoio da gestão, das coordenadoras, para lidar com essas manifestações dos alunos em sala de aula?*

Benedito: *A gente tem vários cursos, mas na verdade por falta de tempo, tem questão religiosa, questão política e mais tempo você acaba não entrando em alguns assuntos. Uma que não faz tanta parte da minha disciplina, entendeu?*

Pérola: *Olha, eu sei que se eu precisar eu vou ter esse apoio porque elas são muito abertas, elas são muito próximas.*

Ísis: *Sim, sim. Aqui a gente sempre conversa muito. A gente sempre tem a prática de chamar primeiro individualmente, então as relações são sempre tratadas primeiro entre professora e o aluno. Depois, se a gente não consegue resolver pelo diálogo individual é que a gente procure a coordenação.*

Um ponto a se destacar é que, inicialmente quando questionada sobre haver orientações por parte da gestão, Ísis negou ter algum tipo de orientação. Posteriormente, fez-se a pergunta sobre o apoio oferecido e assim ela comentou sua percepção na fala colocada acima, sinalizando uma contradição em haver ou não apoio e direcionamento da gestão. No trecho destacado de Benedito, há o oferecimento de cursos de formação continuada; porém, por falta de tempo hábil e pelo tema não aparecer em sua disciplina, o professor não se envolve totalmente com a formação.

Ísis, em sua fala, expressa suas ações quando há necessidade de intervenções com os alunos. Percebe-se que a professora busca dissolver a situação de maneira pontual e direta com o aluno, recorrendo à coordenação somente quando necessário.

No tocante à avaliação do material didático oferecido pela escola para o exercício da Educação integral em Sexualidade, Ísis comentou que não há um material propriamente dito pela instituição mas que a escola ofereceu uma formação introdutória sobre a temática, ainda superficial e sem a parte pedagógica especificada. Pérola, por sua vez, critica a limitação do material em abordar a temática somente no primeiro ano do Ensino Médio.

Giovanna: *Na temática de educação sexual, como que você avalia o material didático oferecido pela escola em relação às informações e os conteúdos a serem trabalhados?*

Pérola: *Olha, eu acho que as propostas são boas, mas ele fica muito limitado dentro de uma expectativa só no primeiro ano e acabou. (...) Se eu for falar assim aparece ao longo de um ensino médio todo? Não. Ele fica restrito, realmente pontual a questões*

de adolescência, que são trabalhadas quase que em conjunto. Então a questão das drogas, a questão da depressão, do suicídio, da sexualidade fica tudo dentro da, quando a gente estuda a adolescência no primeiro ano, dentro de uma expectativa somente. Ele é pontual.

Como comentado anteriormente, não se teve acesso ao material usado pelos professores. A fala da professora reflete que as questões de sexualidade são tratadas em conjunto com outras questões de cunho emocional que envolvem a adolescência. Infere-se aqui que tal situação não é positiva pois os conteúdos sobre sexualidade correm o risco de serem trabalhados de maneira superficial e corriqueira, sem promover uma real formação e reflexão dos alunos sobre o tema.

Segundo os documentos da Unesco (2010), "[...] é preciso abordar diferentes tópicos, de modo apropriado para a idade, ao longo de vários anos. Ao transmitir mensagens claras sobre comportamento aos jovens, também é importante reforçá-las ao longo do tempo" (p.25). Segundo o documento, os programas de Educação integral em Sexualidade com resultados duradouros nos comportamentos dos jovens trabalhavam com intervenções sequenciais durante dois a três anos ou a maioria das intervenções eram feitas no primeiro ano e, meses mais tarde, realizava-se intervenções de reforço.

Em outro momento, Pérola sugere outra maneira de organização do material:

Pérola: (...) Talvez poderia realmente acontecer ele aparecer em outros momentos, atrelado a outros conteúdos ou ele ser, não ficar assim tudo junto num só. Então um momento a gente trata, por exemplo do suicídio, em outro momento a gente trata um pouquinho da gravidez na adolescência, para não ficar tudo de uma vez só.

Como reforçado pela professora, há a necessidade de que os conteúdos abordados sejam distribuídos ao longo da etapa de ensino médio para que não se acumulem. Tal fato se torna ainda mais urgente levando-se em consideração os outros conteúdos presentes no planejamento do professor que poderiam ser articulados com tópicos de Educação integral em Sexualidade. Por fim, tanto Pérola quanto Ísis afirmaram ter liberdade para complementar ou modificar a forma que os conteúdos são apresentados.

Quanto à avaliação do trabalho da gestão no lidar com as manifestações em sexualidade dos alunos, as opiniões foram convergentes em uma avaliação positiva:

Giovanna: *Até falando disso, em relação às coordenadoras, como que você vê, como que você avalia a forma como elas lidam com as questões que envolvem sexualidade aqui dentro da escola?*

Benedito: (...) *Eu não sei ao certo como que é o trabalho delas, mas eu sei que eles têm um grande trabalho.*

Pérola: *Eu acho que de uma maneira muito boa, muito boa. Porque elas também, tudo o que elas passam para a gente, nas formações é baseado na expectativa e traz agora essa força do socioemocional e esse socioemocional que agora vem em peso entra essas questões, né?*

Ísis: *Então, diante da diversidade de manifestações e da faixa etária e do nosso ambiente, eu achei uma boa estratégia essa questão do público e do privado que a gente tem desde crianças pequenas até o ensino médio dividindo o mesmo espaço. (...) Eles jogam muito isso de um convívio com o diverso, então dentro desse diverso é melhor a gente manter as relações afetivas no ambiente privado. Então eu acho que acho que é uma boa estratégia, tem funcionado assim.*

As falas citam, sem aprofundar ou explanar, os aspectos socioemocionais trabalhados na instituição, o convívio com o diverso e retorna novamente a dicotomia do público e privado. A BNCC, em seu texto, estabelece as competências e os objetivos de aprendizagem para cada etapa e ano escolar, em que as especificidades de cada região ou rede de ensino são agregadas na elaboração das propostas curriculares estaduais.

Ao discutir sobre a competência socioemocional em diferentes abordagens, Marin (et al., 2017), afirmam que esta se relaciona com a noção de inteligência emocional, ligando o manejo social com o êxito social. Esta inteligência emocional, avaliada de diferentes maneiras, deveria ser bem vinda nas escolas considerando que há uma multiplicidade de inteligências que possibilitam diversas práticas pedagógicas. Porém, “essa compreensão tem representado uma nova maneira de classificação social, criando formas atuais de competência e incompetência social. A inteligência emocional, sob essa perspectiva, corresponderia aos requisitos exigidos do ‘eu’ nos formatos de capitalismo contemporâneo” (p.391)

Quando questionados se agiriam de maneira diferente, os professores negaram e Ísis complementou “A gente não tem muito preparo também para lidar com essas questões”, admitindo a lacuna existente na formação dos professores.

Em outra fala, Benedito complementa: “A gente acaba ficando ‘nossa, mas eu queria saber um pouquinho mais pra, até na família da gente pra você conseguir explicar”. O trabalho de Silva e Neto (2006) sobre as produções acadêmicas acerca da formação de professores para o exercício da Educação integral em Sexualidade, evidencia que o despreparo desta categoria se dá por vários fatores: pessoais, científicos, institucionais ou

pela falta de políticas públicas que garantem a formação continuada nesta temática: "As pesquisas revelam ainda que esse despreparo produz condutas discriminatórias e pouco reflexivas, verificadas tanto na postura pessoal quanto profissional, o que colabora para a imposição de valores, mitos e crenças relativos à Educação Sexual" (p.191).

5.2.5.2 O trabalho dos gestores

Cristina se sente preparada para lidar com as manifestações de sexualidade que ocorrem na escola, mesmo lidando com diferentes gerações de alunos e professores. Já Monique, comentou que possui receio de trabalhar mas não possui muita escolha quanto a isso.

Giovanna: Você se sente preparada para lidar com essas manifestações?

Monique: Eu não sei se eu tenho escolha. Me dá um frio na barriga porque eu tenho que perceber o que que vai ser, o que eu tenho que eu ainda tenho, quanto adulto, quais são os meus vieses, que eu também tenho que perceber dentro disso, mas eu não posso dizer que não estou preparada porque não tenho escolha. Mas então eu vou adotar sempre a estratégia do ouvir porque se a gente só vai conseguir ter um olhar empático diante de tudo isso, se a gente tiver pelo menos disposto a fazer uma escuta ativa

Nos trechos destacados a coordenadora enfatiza sua preocupação em lidar com a situações, em especial por ter consciência de que seus valores pessoais não podem sobrepujar a maneira em que conduz suas orientações e intervenções. No trecho final destacado, Monique cita sobre exercer a escuta ativa como principal estratégia para lidar com as manifestações.

Um ponto relevante notado na análise das entrevistas tanto da coordenadora quanto da diretora é o uso da escuta como principal ferramenta entre a gestão, o corpo docente e o corpo discente. Nota-se que, de imediato, as gestoras não reagem de forma punitiva com os alunos. Há um zelo e cuidado em ouvi-los e propor reflexão. As falas de Cristina e Monique expõem o trabalho realizado.

Giovanna: E de que forma você costuma agir quando há essas manifestações que envolvem a sexualidade dos alunos na escola?

Cristina: Muito diálogo. Diálogo, conversa. Não adianta punir, não adianta a punição, você tem que dialogar, você tem que colocar do lado dos valores deles e o

valor da sociedade e principalmente que eles estão no ambiente educacional. Então assim, até para resguardar a própria pessoa. Eles precisam se sentir resguardados, por eles em primeiro lugar. (...) E ouvir, uma escuta ativa, uma escuta ativa e sensível para poder orientar, e deixá-los mais preparados para a vida mesmo.

Monique: *Intervenção eu acho que o primeiro é a escuta mesmo, a escuta qualificada, ouvir, questionar, pergunta algumas coisas porque ao invés de dar um sermão, a gente tem que propor a reflexão*

Freire (1987) considera que a palavra, o trabalho e a reflexão fazem parte da constituição do sujeito. O diálogo possibilita sua comunicação e significação no mundo. A educação é essencialmente dialógica e ferramenta para de pensar as práticas pedagógicas.

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: palavra. Mas ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos (p. 44).

A concepção do autor se baseia na crítica à educação bancária. Esta educação é defendida como o modelo vigente, no qual o professor assume a posição de detentor dos conhecimentos e os alunos possuem lacunas a serem preenchidas com estes conhecimentos. Há então o "depósito" de informações nos alunos que possuem a função de memorizá-las e reproduzi-las. Freire (1987) argumenta que esta modalidade de abordagem perpetua as relações autoritárias sociais.

Em contrapartida, a pedagogia dialógica propõe uma abordagem em que há a participação e colaboração dos alunos, na qual os sujeitos são ativos na construção de seus conhecimentos. Os conteúdos abordados devem estar relacionados com as experiências de vida dos alunos, gerando uma compreensão aprofundada e crítica do meio em que estão inseridos. Cabe completar que a diretora afirma que a punição não é eficaz, o que pode sinalizar uma prática já recorrida para situações corriqueiras na escola. As coerções por meio de punições permitem o controle - ou a sensação dele - dos comportamentos dos sujeitos, ainda que seja questionável que isto gere mudanças comportamentais efetivas.

Quanto às orientações aos professores no tratar de sexualidade com os alunos, ambas as gestoras comentaram haver formações no início do ano para a discussão da temática com o corpo docente. Cristina disse haver algumas "paradas" na escola para a abordagem de alguns assuntos, em especial o racismo. Monique, em sua opinião, acredita que a abordagem sobre sexualidade é recente na escola e comenta novamente sobre os conflitos de valores internos no tratar da sexualidade no ambiente escolar.

Giovanna: *Você realiza algum tipo de orientação com os professores em relação à temática de educação sexual que é abordada com os alunos?*

Monique: *Olha, eu acho que isso a gente ainda está engatinhando. Não vou dizer que tá acontecendo cotidianamente na escola porque se a gente vem de um primeiro ano que isso foi colocado para uma discussão coletiva (...) como eu tenho que lidar com isso, eu também tenho que lidar com o meu interior; isso também é muito difícil para muitos professores, porque vão ter diferentes valores, então isso é incômodo para alguns.*

Maia e Ribeiro (2011) sinalizam que, para que as propostas de Educação integral em Sexualidade ocorram de maneira efetiva, o professor deve lidar com as questões pertinentes ao tema de maneira natural. Assim, deve haver um interesse na temática de sexualidade e conforto em falar sobre, além de possuir uma atitude saudável e positiva diante a ela. Os autores complementam sobre a capacitação técnica do professor, ou seja, que o profissional possua informações científicas atualizadas e correntes sobre os assuntos abordados vindas de fontes fidedignas, recorrendo a um especialista quando o assunto for de caráter específico ou polêmico.

Santos (2020) aponta que o perfil de despreparo não se dá pela novidade do tema -uma vez se considerando que a temática de sexualidade e gênero no ambiente escolar não é recente- mas sim pois os membros (professores e gestores) ainda se eximem de se aprofundar no assunto cujo os embates ideológicos e convicções políticas, religiosas e culturais ainda permeiam.

Quando questionados sobre o realizam alguma orientação ou apoio diante de um relato dos professores sobre a manifestação de sexualidade, Cristina e Monique trouxeram novamente o aspecto de diálogo com os professores. Cristina comenta sobre a busca de profissionais especializados para tratar de assuntos em que tanto os professores quanto a gestão não se sentem capazes de lidar.

Giovanna: *E quando o professor relata alguma manifestação de alunos que envolvem essa temática de sexualidade, você oferece algum apoio, realiza alguma orientação? Pode descrever um pouco?*

Cristina: *Olha, o apoio eu acho que é essa escuta, é o professor também se sente acolhido porque tem algumas situações em sala de aula que não dá para ser tratadas, tem que tirar o aluno em algum determinado momento para conversar. (...) Quando o professor não se sente preparado, porque a gente tem um jogo aberto com eles, não é todo mundo que se sente preparado para trabalhar; então traz pra coordenação, traz pra direção da escola e a gente junto vai tratar disso. Quando a*

gente também não consegue porque às vezes é um assunto muito delicado, aí nós chamamos a equipe de Psicologia do [nome da escola], aí eles vem, nos preparam, e aí é uma rede de apoio.

Na fala da diretora observa-se uma boa parceria entre gestão e professores, onde estes possuem liberdade e confiança para levar suas inseguranças à gestão e solicitar ajuda quando necessário. É válido apontar que a ação de recorrer a um profissional especializado para questões delicadas está em consonância com um dos requisitos da Educação integral em Sexualidade apontados há pouco por Maia e Ribeiro (2011).

Outro ponto destacado no trecho é a necessidade de intervenção da gestão com os alunos. Este aspecto foi retratado na fala de Ísis, na qual a professora comentou que diante de alguma problemática, busca tratar diretamente com o aluno e - caso não resolva a situação - recorre à gestão. Monique também reforçou o diálogo entre a gestão e os alunos como um meio para dissolver os contratempos que surgem. Assim como na escola pública, leva-se em consideração que as gestoras não possuem formações acerca de Educação integral em Sexualidade. Desta maneira, as ações enfocadas na escuta e no diálogo são iniciativas convenientes no tratar da temática de sexualidade no ambiente escolar, ainda que de maneira receosa.

No tocante à abordagem do tema de sexualidade na instituição com alunos ou professores junto a um profissional fora da escola, além da equipe de psicologia citada por Cristina, a diretora complementa que a escola possui parceria com a prefeitura do município e com convênios de saúde particulares.

Na avaliação tanto de Cristina quanto de Monique, a escola oferece um local seguro para os alunos buscarem informações e dúvidas relacionadas à sexualidade.

Giovanna: Você acredita que aqui a escola oferece um ambiente acolhedor e seguro onde os alunos possam buscar informações para as dúvidas de questões ligadas à sexualidade?

Cristina: Eu acredito que sim. A gente tem assim, acho que uma escuta muito ativa, uma escuta respeitosa. A gente está muito em contato com eles, a gente conversa demais com eles, é no corredor, é fora, eles entram nas nossas salas, marcam horário. A gente tem aqui alguns momentos de assembleia com alguns alunos das das turmas aonde às vezes eles trazem as temáticas para gente e pedem ajuda. Então acho que podemos melhorar muito ainda, eu acho que tudo a gente pode melhorar, mas eu acho que a gente está no caminho, já é o começo.

Monique: Creio que sim, porque se para a escola já é difícil, para as famílias é ainda mais. Né? Então assim, porque a escola é um ambiente de diversidade. A

*família, ela, já, vai, nem sempre, às vezes, concordar, aceitar. Então, acho que a escola tem que ser acolhedora, **não do ponto de vista de ter que né, de interferir na educação familiar. Não é isso, mas é um espaço ao qual ele precisa também ter liberdade de escuta.***

Novamente nota-se o aspecto da escuta ativa das demandas trazidas pelos alunos. Nos trechos destacados. Percebe-se que há um envolvimento do corpo discente na para que suas necessidades sejam ouvidas e atendidas, em especial através das assembleias. Para Gil e Seffner (2016), o reconhecimento dos jovens como atores sociais de diferentes formas da ocupação dos espaços ajuda a construir novas compreensões sobre as ideias conclusivas que são impostas a eles.

Na questão da família, colocada por Monique, há o argumento de que nem todas as famílias são receptivas às manifestações dos jovens sobre sua sexualidade. A escola passa a ser um local seguro e diverso para que o jovem sinta-se livre para experimentar e construir sua identidade na esfera da sexualidade. Assim, a escola pode ser pensada de forma mais ou menos aproximada da cultura familiar.

Se pensada como continuação da cultura familiar, se perde a noção de escola como espaço público e de negociação das diferenças, e se transforma a professora em uma continuação da figura materna. Se pensada de modo autônomo da cultura familiar, a escola ganha importância como espaço público, laboratório do exercício da vida pública para as novas gerações, e marcada pelas liberdades laicas (Idem, p.187).

Ambos os gestores também afirmaram a inexistência de um material próprio para ser usado na temática de Educação em Sexualidade. Cristina comentou que há temáticas dentro dos materiais didáticos oferecidos pela instituição que perpassam pelo assunto de sexualidade. Em sua avaliação, há espaços para crescimento e melhoria deste material. Percebe-se que o tema é trabalhado de maneira transversal, porém, segundo a professora Pérola, a temática não percorre nos três anos do ensino médio e concentra-se somente no primeiro ano.

Quanto às propostas do sistema de ensino no qual a escola está inserida, que envolvem a Educação em Sexualidade, Monique aponta que a escola acredita em uma educação de sentimentos e valores, e desta maneira a Educação integral em Sexualidade está contemplada.

Giovanna: Você tem conhecimento se o sistema de ensino aqui da escola está inserido em alguma proposta de educação sexual para o ensino médio?

Monique: Acho que não com esse nome, mas se a gente vem de uma, se a gente acredita numa educação de sentimentos e valores, a gente pode dizer que é possível a abordagem. (...) mas trabalhamos com educação de sentimentos e valores então de certa forma isso também é contemplado.

Aponta-se novamente o documento da Unesco (2014) sobre a Educação integral em Sexualidade redigido para o cenário brasileiro, no qual a escola é entendida como um local de aprendizagem de valores e atitudes. Desta maneira, a colocação da coordenadora não está equivocada ao alinharmos sua fala com a citação do documento que coloca a escola como "[...] privilegiado para a construção de uma ética que inclua o respeito à diversidade humana e a promoção da solidariedade" (p.14), porém, nota-se que não é uma resposta direta e diretamente envolvida com Educação Integral em Sexualidade, entendendo-se que houve uma esquivia da coordenadora em sua colocação.

Contudo, no decorrer das análises, observou-se que a colocação da coordenadora contrasta com outra opinião emitida por ela quando questionada sobre a reação das famílias com a temática na escola.

Monique: O que é tranquilo a gente conversa cotidianamente. Que nem eu falei, falar quando a gente fala da diversidade, quando a gente fala das questões raciais, as pessoas até dialogam mais, são mais abertas, mas as questões de sexualidade ainda são menos exemplificadas. Fica ainda embaixo do tapete e se ela está embaixo do tapete quer dizer que ainda não é tranquilo para nós, ainda nos causa incômodo.

O trecho destacado "fica embaixo do tapete" é contraditório com a ideia exposta quanto ao trabalho de valores e atitudes. Ora, não é porque o assunto de sexualidade não 'incomode' a gestão que ele não deve ser tratado ou no caso omitido (jogado para debaixo do tapete). Outra questão é se realmente este tema está tranquilo como dito por Monique. Ao longo das análises da escola particular foram apontadas diversas manifestações dos alunos que são fonte para o trabalho com a temática de sexualidade.

Há, também, a questão da família, que leva para a escola suas angústias e questionamentos, este ponto será abordado mais adiante. Em conclusão, não pode haver uma educação pensada em sentimentos e valores de forma efetiva se forem excluídos os aspectos da sexualidade do sujeito, ainda mais considerando o período da juventude, no qual as

transformações biopsicossociais atravessam a esfera da sexualidade e compõem a formação de seus valores.

No final da entrevista, Cristina sinaliza a Educação integral em Sexualidade como necessária, principalmente na desmistificação de alguns valores.

Cristina: (...) eu só acho que temos que caminhar muito ainda, **tem sua escolha em trabalhar sobre isso é algo que eu acho que é para as futuras gerações aí porque é um passinho de cada vez. É um passinho de cada vez, mas muito necessário. É muito necessário porque existem alguns valores aí que a gente precisa desmistificar, nós precisamos ou não só desmistificar, mas ratificar, né?**

Segundo a Unesco (2010), a Educação integral em Sexualidade está baseada nos direitos. Diaz (et al., 2004) apontam que as leis são variáveis em cada país e desta maneira geral mais ou menos privilégios e injustiças para determinados grupos de pessoas. A modificação destes direitos podem ocorrer através de reivindicações e lutas de grupos sociais ou representantes que se sintam feridos e prejudicados, propondo e conquistando novos direitos. Assim, o respeito, a tolerância, a igualdade, a empatia e a reciprocidade são valores vinculados aos direitos humanos na qual a abordagem da Educação integral em Sexualidade está vinculada: "Não é possível divorciar considerações de valores de discussões de sexualidade" (p.09).

5.2.6 Categoria: Manifestações da sexualidade dos alunos

Dos discursos analisados, a questão de existirem casais de mão dadas na escola foi predominante entre os entrevistados. Contudo, a fala da professora Ísis foi destoante por afirmar que as demonstrações de afetividade não são permitidas na escola.

Giovanna: ***E quais as formas com os alunos manifestam a sua sexualidade dentro do espaço escolar que você observa, de beijos, carícias, comportamentos, vestimentas?***

Ísis: ***Então, aqui a gente trabalha muito com questões públicas e privadas, então na escola eles não podem, os namorados, os casais, eles não podem, nenhum, pode ter manifestação de afeto, nem mãos dadas, nem abraço, nem sentar no colo dentro do horário escolar, (...) Então a gente não tem muita, claro que a gente sempre tem uns B.Os aí nos banheiros, mas a ideia da instituição é manter os afetos longe do ambiente coletivo.***

Como já colocado, é de se esperar que os primeiros relacionamentos ocorram nesta fase da juventude e com pares do ambiente escolar. Na entrevista com a coordenadora Monique, ela cita que o namoro não é permitido na instituição, mas que há alunos que andam abraçados. Em sua fala, ela enfatiza o carinho existente entre os alunos, porém, não é sinalizado de forma clara os limites colocados aos alunos quanto às manifestações de afetuosidade. Contudo, como destacado no segundo trecho da fala de Ísis, ainda que haja um controle quanto aos comportamentos dos alunos, não há como haver uma vigilância onipresente. Assim, as manifestações por vezes irão subverter as regras impostas.

Inferre-se, aqui, que a política da escola em manter as demonstrações afetivas no âmbito privado assemelha-se à ideia de que "o que não é visto, é inexistente".

As falas de Ísis, Monique e Cristina são convergentes no trabalho que a escola faz de dicotomizar a sexualidade em ambientes públicos e privados. As falas abaixo expressam esse aspecto.

Ísis: (...) então a gente sempre tenta trazer essa questão do público e do privado, **que no ambiente isso é um ambiente público, portanto** essas manifestações de afeto ficariam restritas ao ambiente privado.

Monique: (...) eles consideram, que convivem alunos de 18 até 6 anos. Então há um respeito também com os pequenos de entender que não vai no pátio da escola ter beijos e abraços vão ter, mãos dadas vão ter. Tentar separar o que é da intimidade e o que é espaço público.

Cristina: Olha pros alunos, eu vejo assim, é muito de namorado, namoradinho, beijar, ficar. (...) Olha, você pode, é gostoso, não temos nada contra, porém o espaço não é adequado para isso, então você não anula a sexualidade, mas você orienta e canaliza para o momento certo.

Aponta-se, novamente, a falta de clareza em relação às manifestações de afeto permitidas ou não na instituição, sendo a falta de consideração aos menores como uma das justificativas de se mantê-las no âmbito privado. Claro, é de se esperar que relações sexuais, masturbação ou toques em áreas íntimas (incluindo seios e nádegas) e beijos de língua envolventes com ambos os sujeitos entrelaçados - os chamados "amassos" - não sejam condutas apropriadas para um ambiente escolar. Contudo, questiona-se se manifestações sutis como andar de mãos dadas ou abraçados, abraços e selinhos devem ser excluídas da escola uma vez que o indivíduo carrega consigo sua sexualidade e suas manifestações para qualquer lugar que esteja.

Outro ponto é a dicotomização de espaços públicos e privados. É possível compreender que esta orientação visa preservar a intimidade dos alunos para que não se exponham de forma constrangedora. Porém, sabe-se que existem outros espaços públicos além da escola, nos quais os indivíduos são livres para manifestar seus afetos, desde que estes não infrinjam o artigo 233 do Código Penal: "Praticar ato obsceno em lugar público, ou aberto ou exposto ao público" (Brasil, 1940).

Vieira (2023) coloca que o crime é definido como o ato revestido de sexualidade que por sua vez fere o sentimento de pudor, como por exemplo, a exposição de órgãos sexuais. Desta forma, obscenos seriam os comportamentos indecentes que geram um sentimento de vergonha, repulsa e humilhação. É compreensível que cada instituição possui suas normas de conduta, contudo, questiona-se se as orientações feitas pela escola particulares são viáveis ou se deveriam especificar que, em outros espaços públicos além da escola, existe uma liberdade maior de expressão afetiva. Outro ponto é que este tipo de orientação pode ferir os Direitos Sexuais (Diaz, et al., 2004), que garantem uma vida sexual prazerosa e livre de discriminações, incluindo o direito "[...] de viver a sexualidade sem medo, vergonha, culpa, falsas crenças e outros impedimentos à livre expressão dos desejos" (Sos Corpo apud Diaz et al., 2004, p.09).

Outro ponto apontado por Monique é a manifestação artística dos alunos com temáticas que envolvem a sexualidade.

Monique: Nós também aqui, vou ampliar um pouquinho esses exemplos. A gente teve sim, é as bandeirinhas colocadas, os alunos criarem as bandeiras e colocar no banheiro ou colocar na sala de aula as bandeiras.

Giovanna: Você fala a bandeira LGBTQIA+?

Monique: Isso, isso a gente teve essas manifestações, muitas vezes na própria produção artística, você vê que relatos ou desenhos expressam essa afetividade.

Percebe-se que os alunos possuem liberdade para se apropriar do espaço escolar como um local de manifestação de suas crenças. Não se sabe se ocorrem manifestações de outros caráter, como religiosos e políticos partidários. Outro ponto a se considerar é que a resposta da coordenadora em relação ao uso de bandeiras LGBTQIA+ nas dependências da escola não compreende de maneira tão abrangente as possíveis manifestações que ocorrem na escola, possibilitando entender que a coordenadora não tem total ciência do que ocorre ou mantém uma postura mais reservada quanto às mesmas.

Quanto às vestimentas, Pérola trouxe a percepção de que, em eventos da escola, os alunos costumam se vestir de maneira diferente, com a ideia de se desvincilhar do uniforme tradicional.

Pérola: Olha o que eu observo é, às vezes tem algum evento, por exemplo, que as meninas podem vir com uma roupa diferente. Elas estão na adolescência, elas gostam de ir natural, né? Eu acho que todo adolescente passa por isso. Elas gostam de mostrar um pouco mais o corpo, tirar aquele negócio de uniforme, né? Então, é o momento que eu vejo esse processo natural de sexualidade, em que ela quer ser vista.

Como colocado na análise da escola pública, as vestimentas podem ser elementos usados para a rebeldia e a transgressão ou, em contrapartida, como um papel de reforço às manutenções de hierarquia de gênero (Arcoverde, 2015). Somente com a fala da professora, não se pode deduzir para qual viés se inclina o fato narrado. Ressalta-se aqui a ausência da observação de campo por parte da pesquisadora que poderia auxiliar a compreender ou complementar a percepção de Ísis.

Benedito e Cristina citaram a troca de fotos íntimas (popularmente conhecidas como *nudes*) entre os alunos como um fenômeno ocorrente que é pauta de conversas entre a coordenação e o corpo estudantil.

Benedito: (...) No começo quando teve celular tinha os esquema pra tirar foto, enviar foto, perder a foto, manda foto pro namorado, namorado largar, mandar pro outro, tem os problemas sim.

Cristina: (...) Às vezes eles tomam alguns posicionamentos, por exemplo, um nudes, porque eles tiram nudes e eles colocam no WhatsApp da vida ou eles passam pro namoradinho, namoradinho passa pro coleguinha e vai andando. Então esses valores têm que ser trabalhados dentro da escola.

A prática de envio de fotos e mensagens de caráter sexual por aparelhos celulares é chamada de *Sexting*. Smyl (2020) em sua tese coloca que a prática retrata corpos totalmente ou parcialmente nus, ou somente partes do corpo com atenção aos órgãos sexuais (seios, nádegas, vulvas e pênis). Tal prática é presente na escola como bem sinalizado pelos relatos. Geralmente, a prática de *sexting* dentro e fora do ambiente escolar pode ter consequências sérias devido ao compartilhamento não consentido (ilustrado nas falas no quadro acima) como o *bullying* e suicídio. Smyl (2020) ressalta que "[...] os compartilhamentos não consentidos são uma consequência que a troca de nudes pode proporcionar, o que significa

que nem todo envio gera, automaticamente, um compartilhamento sem autorização" (p.14). Barros (et al., 2014) em seu trabalho sobre as condições de emergência do *sexting*, ressaltam:

Ao discutirmos os deslocamentos que vêm ocorrendo em nossa sociedade, evidenciamos que o *sexting* só se torna possível de acontecer na contemporaneidade devido a algumas condições sociais, culturais, econômicas e históricas. É o deslocamento da modernidade sólida para a líquida que torna possível a emergência desse fenômeno, que pode ser entendido como uma novidade ou atualidade do dispositivo da sexualidade (p. 212).

Benedito, Pérola e Ísis fazem considerações quanto às brincadeiras e piadinhas que ocorrem em sala de aula. Pérola, complementou que as brincadeiras ocorrem entre amigos que não se ofendem por entenderem o contexto de chacota, no entanto, para a professora estas não deveriam ocorrer pois outros alunos podem se sentir ofendidos.

Quanto às manifestações dos alunos durante as abordagens de conteúdos temáticos da sexualidade, somente Ísis falou sobre aqueles que inicialmente se mostram resistentes à discussão, mas posteriormente se envolvem nas reflexões propostas pela professora.

Giovanna: E como que os alunos costumam receber essa temática? Tem aqueles que se recusam por conta de religião ou de orientação da família? Pode descrever um pouco?

Ísis: Então, num primeiro momento existem alguns alunos que são fechados à discussão, mas depois eles acabam cedendo as reflexões e acabam se colocando.

Em consonância com a fala da professora, Pérola cita que os alunos pedem para que a temática de sexualidade não seja debatida somente nas aulas de biologia, mas que também houvesse palestras com especialistas da área para tratar de assuntos específicos.

5.2.7 Categoria: Relações da escola com a família e a comunidade

As questões relacionadas ao relacionamento da escola com as famílias e a comunidade foram direcionadas apenas às gestoras entrevistadas. Quanto à postura das famílias, as respostas de Monique e Cristina possuem convergências. Cristina expressa a confiança das famílias na escola, uma vez que estas recorrem à instituição para tratar de situações delicadas por não se sentirem confortáveis ou preparadas para tal.

Giovanna: *Como que as famílias recebem a atuação da escola em relação à educação sexual?*

Cristina: *Eles confiam demais na gente, tanto é que tem certas coisas que surgem lá em casa que eles marcam horário com a gente “é, por favor vocês são mais preparados para falar pro meu filho do que eu mesmo”. Então eles transferem pra nós essa responsabilidade. Eles em casa, enquanto pais têm muitos tabus ainda, que precisam ser desmistificados. A gente vai tentando em reuniões de pais, nessas parcerias com palestras, com a psicóloga. A gente vai tentando, mas a comunidade muitas vezes eles transferem para gente essa questão mesmo. Eles não conseguem enquanto pais, separar que é meu filho, a minha sexualidade, a sexualidade da minha esposa, do meu marido, e a da criança e infelizmente, eles acham ainda que sexualidade está voltado para o sexo.*

Nos trechos destacados é possível observar, como diz a diretora, a transferência da responsabilidade das discussões e ensinamentos sobre sexualidade da família para a escola. Essa transferência se dá pela insegurança da parte dos pais e responsáveis em lidar com assuntos pertinentes à sexualidade, incluindo o próprio sexo como colocado na frase “sexualidade está voltado para o sexo”. Novamente emerge-se a lacuna das discussões sobre o assunto que é perpetuada de forma geracional, ou seja, a atitude destas famílias é justificada por não possuírem referências intrafamiliares em como lidar com tais questões. Pode-se assumir que o tema era velado e silenciado dentro de casa e a busca por informações ou respostas às inquietudes ocorria em fontes externas como escola, roda de amigos, revistas, etc. Por fim, a diretora ressalta a dificuldade das famílias separarem as opiniões e crenças pessoais do processo de desenvolvimento da sexualidade dos jovens. Novamente sinaliza-se que as famílias citadas não possuem preparo para tratar sobre o assunto considerando que, além da falta de informações corretas e precisas, o tabu e as opiniões pessoais sobre o tema impedem que o diálogo ocorra de maneira construtiva.

Ainda nesta esteira de pensamento, a fala de Monique retrata que, por vezes, as famílias tentam atribuir as manifestações da sexualidade dos alunos como resultado de influências externas.

Giovanna: *Na sua visão, qual a postura da comunidade escolar e das famílias em relação à manifestação da sexualidade dos alunos?*

Monique: *Acho que isso eu já abordei nessa questão de ao invés de apoiar o autoconhecimento ainda assim buscar explicações numa influência externa, de rede social, de colegas ou do outro, sendo que talvez a orientação fosse mais de autoconhecimento.*

Beliz (2018), em seu trabalho aponta que vivemos em uma "[...] sociedade hipersexualizada e, mesmo que não queiramos falar sobre o assunto, o conteúdo chega-nos de todos os lados: televisão, revistas, músicas e internet" (p.17) Ou seja, os assuntos sobre sexualidade chegam aos jovens sem qualquer tipo de filtro ou orientação, de maneira crua e perversa mesmo que não haja algum tipo de conversa com eles. Para a autora, os conceitos de erotização da infância, violência sexual infanto-juvenil, violências de gênero, abuso, *sexting*, *bullying* ou *ciberbullying* podem não ser conhecidos ou sensíveis para as gerações anteriores.

Quando questionada sobre a reação das famílias na postura da escola em relação ao tema, Monique comentou que há aquelas que apoiam e outras que já se manifestam de forma preconceituosa. Na entrevista de Cristina, na pergunta sobre conflitos entre a instituição e as famílias em determinados assuntos, a diretora afirmou que sim, principalmente no tratar de gênero.

Giovanna: Existe algum conflito em determinados assuntos entre a família e a escola?

Cristina: Sim, principalmente quando nós estamos trabalhando a questão dos gêneros. (...) dentro desse currículo integrado que a gente tem às vezes aparece. Até temas de projeto, né? A gente tem o eixo integrador aqui que tem temas pertinentes à sexualidade, então são coisas em que alguns pais ainda marcam reunião para perguntar “tá, mas vocês não estão incentivando meu filho a mudar de gênero?”. Não, nós não estamos incentivando, estamos explicando que existe isso, que existem pessoas diferentes da gente, com posturas diferentes, com valores diferentes e com sua sexualidade diferente, né? É uma questão de respeito, então existe sim. Já foi pior. Eu acho que nós estamos caminhando, eles estão entendendo que a escola também é para isso, para esse tipo de orientação, de educação, esclarecimento, de debate, de escuta.

A fala da diretora reflete pontos a serem destacados. O primeiro é que as famílias desconhecem ou possuem uma ideia distorcida sobre o trabalho de Educação integral em Sexualidade. Não cabe aqui indicar novamente todos os objetivos e conteúdos abordados dentro da Educação integral em Sexualidade, mas reforça-se seu papel de prover aos sujeitos habilidades e princípios para ter escolhas e atitudes responsáveis quanto aos seus relacionamentos sociais e afetivos (Unesco, 2010). Além disso, não é possível mudar o gênero através de alguém através de ferramentas externas ou afins, logo, esta mudança e transição deve partir da necessidade e identificação do próprio sujeito.

O segundo ponto destacado é das ações da escola contemplarem os conceitos chaves expostos no documento da Unesco (2014) voltado para o cenário brasileiro: "O

reconhecimento dos direitos humanos requer que pessoas de diferentes orientações sexuais e identidades de gênero sejam respeitadas" (p.30). Por fim, a diretora coloca que há uma transição no perfil das famílias ao compreenderem que a escola é um local propício para o debate dos temas envolvendo a diversidade de gênero.

Por fim, coloca-se a fala da coordenadora Monique quanto a sua insegurança no diálogo com as famílias.

Monique: Se o diálogo com adolescente não me deixa muito apreensiva, mas o diálogo com as famílias é mais difícil porque as famílias ainda vem com, quando percebem o desenvolvimento da sexualidade dos seus filhos, isso causa uma preocupação, ainda vem culpando o outro. (...) Então os pais trazem muito essa questão do medo das influências. Então isso é difícil da gente lidar quando os pais vem para a escola para compartilhar porque o problema é outro. Então isso eu me sinto insegura.

Quanto ao receio das famílias sobre as ações de Educação integral em Sexualidade na escola ou de outras influências externas, Braga (2011) comenta que o diálogo sobre sexualidade fora do núcleo familiar preocupa os pais, que o compreendem como fator de incentivo à sexualidade precoce. Contudo, como apontado pelos documentos da Unesco (2010; 2014; 2021), a Educação integral em Sexualidade realizada é pautada em dados corretos e atualizados e nos Direitos Humanos, contemplando os conteúdos adequados a cada faixa etária, promovendo um retardamento do início das atividades sexuais bem como o aumento do uso de métodos preventivos e contraceptivos nas mesmas.

5.3 Análise das entrevistas com professores/as e gestores/as das escolas pública e particular

Pensando no melhor deleite da leitura trabalho, as análises com o material obtido em ambas as escolas foram divididas de acordo com o público entrevistado, ou seja, com os professores de biologia, os professores de física, os professores de sociologia e filosofia, os coordenadores pedagógicos e, por fim, os diretores. Optou-se por fragmentar as análises desta maneira para que as comparações sejam feitas de maneira justa e de acordo com a função escolar dos entrevistados.

Quadro 5 - Identificação dos entrevistados na escola pública e particular

Atividade/Função	Escola Pública	Escola Particular
Professor/a de Biologia	Bia	Pérola

Professor/a de Física	Diana	Benedito
Professor/a de Sociologia e Filosofia	Lion	Ísis
Coordenador/a Pedagógica	Boris	Monique
Diretor/a	Lusíada	Cristina

Fonte: Dados originais da pesquisa.

5.3.1 Categoria: Professores de Biologia

Entre Bia e Pérola, o contato com a temática de sexualidade por meio da graduação em pedagogia é um dos pontos convergentes a se destacar. É de se surpreender que o tema não tenha aparecido de maneira relevante na graduação em Biologia das professoras uma vez que a sexualidade humana pode ser compreendida e estudada pelo viés biológico.

Giovanna: *Em algum momento durante a sua formação, foram discutidas questões de sexualidade?*

Bia: *Na primeira formação que foi a mais de 20 anos, não. Na segunda, [formação em Pedagogia] bastante. Nós tínhamos matérias sobre isso.*

Pérola: *Olha, eu não tive uma formação específica nisso, né? (...) eu fiz a segunda graduação em Pedagogia que abriu um pouco também a minha mente, né? Pra algumas coisas, para algumas questões, então acho que a formação em Pedagogia me ajudou bastante também (...) e foi mais discutido essas questões do que eu me recorde na própria biologia, né?*

Manchini (2022), em sua Dissertação de Mestrado com o mapeamento e análise dos currículo nos cursos de graduação em Pedagogia das instituições públicas de ensino superior no Estado do São Paulo, aponta a necessidade de que os cursos de formação de professores, Pedagogia e Licenciatura, estejam em consonância com a atualidade. Esta formação deve pensar na criação de profissionais capazes de lidar com a diversidade dentro e fora dos muros da escola, uma vez que, o ensino sobre sexualidade atualmente vigente ocorre majoritariamente por um "viés conservador e de maneira reprodutiva, portanto é necessário que o profissional da educação, tome consciência de suas práticas, realizando a docência de forma crítica e reflexiva" (Manchini, 2022, p.89).

Além da abordagem do conteúdo de genética e corpo humano nas aulas, as professoras comentaram sobre o uso de estratégias de ensino diferenciadas além da aula expositiva tradicional. O uso de vídeos, seminários e aulas expositivas feitos pelos alunos,

debates, apresentações de trabalhos, casos que estão na mídia e artigos de sites são exemplos de materiais e estratégias citadas nas entrevistas das professoras. Os documentos da Unesco (2010; 2014; 2023) consideram que os métodos de ensino a serem usados na Educação integral em Sexualidade devem envolver os alunos de forma ativa para que internalizem e integrem as informações abordadas com seus conhecimentos prévios.

As piadinhas como uma das manifestação dos alunos durante as aulas foram relatadas pelas professoras. Além disso, ambas comentaram o apoio da gestão para lidar com as manifestações de sexualidade dos alunos, porém nenhuma citou algum tipo de orientação realizada pelos gestores em relação aos conteúdos abordados.

Dos contrastes encontrados, os mais relevantes são relativos aos conteúdos que as professoras abordam nas aulas. Bia em seu planejamento contempla discussões sobre o aborto, a homossexualidade, as formas de discriminação e os perigos da pornografia. Pérola, por sua vez, traz debates sobre gênero, discriminações sociais, drogas, alcoolismo e gravidez na adolescência. Pérola sente mais dificuldade em abordar gênero com os alunos, ao passo que Bia não citou ter dificuldades com algum tema em específico. A professora da escola particular afirma se sentir amparada para tratar das temáticas abordadas tendo em vista que possui um material norteador das discussões; já na escola pública o cenário é ao contrário uma vez que a professora cita ter receio da reação das famílias.

Por fim, no tocante ao material utilizado, somente Pérola possui um material norteador das abordagens e discussões de temas referente à sexualidade. A ressalva feita pela professora é de que este material é pontual e concentrado no primeiro ano do Ensino Médio, ou seja, para Pérola as temáticas poderiam aparecer ao longo de toda etapa e em diferentes momentos, transversalizando com outros conteúdos a serem trabalhados. Bia, por sua vez, negou haver material para o trabalho de Educação integral em Sexualidade, ficando sob sua responsabilidade a seleção dos trabalhos e metodologias a serem usadas.

5.3.2 Categoria: Professores de Física

Os contrastes encontrados entre os professores de física se dão mais por conta do perfil discrepante entre eles do que pelas respostas das entrevistas. Não cabe aqui descrever com detalhes os perfis de Diana e Benedito a fim de preservar-lhes a intimidade, mas é válido ressaltar que as origens familiares e vivências reforçam a dicotomia encontrada na análise das duas entrevistas, em especial no perfil de Benedito.

Dos pontos em comuns encontrado, o mais notável é o fato de ambos não contemplarem a temática de sexualidade em suas aulas. Como já apontado, a formação superior e continuada de ambos os professores não se aproximam da temática, logo, é compreensível que nenhum dos dois se sinta seguro ou confortável para abordar o tema. Na mesma esteira de pensamento, isso leva à ocorrência de menos manifestações dos alunos nas aulas de física comparado com as outras disciplinas.

Não se pode atribuir o caráter da disciplina à quantidade de manifestações, afinal são muitos os fatores que podem influenciar o comportamento dos alunos; ressalta-se que o fato apontado se dá com base nos relatos e na percepção apontadas pelos professores. As manifestações relatadas por ambos os professores são as piadinhas que ocorrem entre os alunos, das quais os professores conseguem remanejar para que não atrapalhem a aula.

Outro ponto convergente é que tanto Benedito quanto Diana aprovam o trabalho realizado pela gestão de suas respectivas escolas. Ainda que expressado de diferentes maneiras, os professores citaram nas entrevistas as ações realizadas pela gestão, tanto na orientação dos professores quanto no lidar cotidiano com as manifestações de sexualidade dos alunos.

5.3.3 Categoria: Professores de Sociologia e Filosofia

Nas entrevistas de Lion e Ísis foram encontrados pontos semelhantes quanto à suas definições dos conceitos de sexualidade e Educação em Sexualidade e sobre suas atuações profissionais. O aspecto da sexualidade como algo voltado para o desejo e afetividade foi encontrado nos discursos dos professores na definição de sexualidade, porém Lion complementou sua fala incluindo os aspectos sociais da mesma. Como colocado no primeiro capítulo do trabalho, a sexualidade possui aspectos biológicos, psicológicos e sociais e cada sujeito a expressa de maneira particular (Maia e Ribeiro, 2011).

Já a Educação integral em Sexualidade estaria ligada às orientações ou o aprendizado para tratar das dimensões do desejo segundo os professores.

Giovanna: E o que você entende como Educação Sexual?

Lion: Então, nesse sentido, entendo que a educação sexual é aprender a lidar; a conhecer para lidar melhor com o corpo, com o desejo. Com a excitação, com o corpo, desejo. Com a própria percepção do comportamento.

Ísis: Educação sexual eu acho que uma orientação do desejo e uma reflexão sobre questões éticas de como lidar comigo, com meu próprio corpo e com o outro.

Observa-se que a dimensão corporal é colocada em ambas as falas. Maia e Ribeiro (2011) sinalizam que os modelos pelos quais construímos os valores e atitudes sexuais compõem o processo de Educação em Sexualidade do indivíduo. Ainda que de forma não intencional, ele se inicia no nascimento e ocorre no meio familiar na infância e posteriormente em outros núcleos sociais. Quando transformada em objeto de ensino, ela deve informar, refletir e questionar os valores e concepções que os sujeitos trazem em suas bagagens a fim de compreenderem as referências culturais, históricas e éticas que modelam suas opiniões e atitudes sobre a sexualidade.

Outra semelhança observada quanto aos assuntos abordados por Lion e Ísis nas aulas de filosofia e sociologia foi o conteúdo de gênero. Lion citou que contempla outros assuntos como identidade, dimensões do desejo, prevenção ao abuso e os diferentes tipos de violência. Ísis, em sua entrevista, comentou trabalhar o tema de racismo com os alunos. A fim de ilustrar outras temáticas a serem trabalhadas com os alunos nas disciplinas, Ramos (2021) e Tinoco (2021) colocam algumas sugestões.

Na filosofia, Ramos (2021) sugere o tema ‘Ética, moral e política’, no qual o conteúdo de sexo, cultura e sociedade pode ser transversalizado a partir das várias concepções da moralidade sexual em diversas culturas ao longo da história. Já a influência do sentimento de culpa e as ideias de pecado na sexualidade podem ser estudados na temática do Platonismo, Neoplatonismo e Filosofia Cristã. Outros exemplos são o contrato social como tema de discussão da liberdade sexual e a estética como viés para a reflexão do mercado do sexo e objetificação do corpo.

Tinoco (2021), em suas sugestões para a disciplina de sociologia, além das discussões sobre diversidade cultural e discriminações, coloca o movimento feminista como foco de estudo na temática de cidadania, direitos humanos e movimentos sociais. Nas relações de trabalho, a discussão sobre sexualidade e mercado de trabalho pode ser abordada, assim como a discussão de campanhas de conscientização de gravidez na adolescência na temática de poder, política e Estado. A presença de alunos mais fechados às discussões foi um aspecto comentado por ambos os professores.

Giovanna: *E como que os alunos costumam receber essa temática? Tem aqueles que se recusam por conta de religião ou de orientação da família? Pode descrever um pouco?*

Ísis: *Então, num primeiro momento existem alguns alunos que são fechados à discussão, mas depois eles acabam cedendo as reflexões e acabam se colocando*

Lion: *(...) a gente tem bastante gente religiosa fundamentalista e tal. Não vejo muita recusa assim em pensar a questão, mas é claro, tem gente que finge ali que está acompanhando e meio que já está blindado. (...) tem muita gente que se blinda realmente muito por conta da religião, não tem dúvida, inclusive, tem muita gente que nota-se, é perceptível.*

As piadinhas são outra manifestação dos alunos durante as aulas relatadas pelos professores. O sentimento de amparo legal para trabalhar com os conteúdos de sexualidade foi algo comentado por Lion e Ísis, bem como o apoio da gestão para lidar com as manifestações dos alunos. Contudo, em ambos os casos os professores não comentam sobre direcionamentos dos conteúdos por parte da gestão; Ísis verbaliza sua inexistência. Zanette (2018) reforça as atribuições da coordenação pedagógica, dentre elas: "Prestar assessoria aos docentes na elaboração, execução e avaliação de suas atividades; Promover e incentivar a formação continuada da equipe escolar, potencializando o debate teórico-prático em prol da qualificação do processo educativo" (p.24). Assim, nota-se uma lacuna nas ações por parte da gestão de ambas as escolas.

O último ponto convergente entre as entrevistas é a despreparo dos professores para exercerem a Educação integral em Sexualidade. Os trechos abaixo ilustram:

Giovanna: *Em relação à gestão da escola, os coordenadores, o diretor. Como que você avalia a forma como eles lidam com as questões que envolvem sexualidade dentro do espaço escolar?*

Lion: *É, então é o que eu te disse assim, coordenação de um modo geral, pelo menos nesses últimos tempos, estão bastante atenta, mas nem todos os professores estão preparados. Acho que talvez valeria o preparo mais global mesmo.*

Giovanna: *Você faria alguma coisa diferente [da gestão] em relação a isso ou da forma como elas agem?*

Ísis: *Não, acho que não. A gente não tem muito preparo também para lidar com essas questões.*

Nascimento e Silva (2015) reforçam que a ausência de formação para trabalhar com sexualidade culmina na insegurança do corpo docente e da gestão escolar, uma vez que os cursos de graduação e licenciaturas não ofertam de forma ampla e aprofundada conteúdos

relacionados à sexualidade. Ademais, as secretarias de educação não fomentam a formação continuada de profissionais da escola ou lhe oferecem subsídios.

Dos contrastes relevantes para as análises, a formação dos professores é o primeiro ponto a ser comentado. Lion afirmou que sua graduação trouxe discussões sobre sexualidade de maneira transversalizada em outros conteúdos. Já Ísis, negou ter tido discussões sobre sexualidade em sua formação; a professora teve contato com a temática através de um curso de formação continuada voltado para professores de educação infantil.

Dos tópicos mais difíceis de abordar com os alunos, Lion elencou a relação tolerância e respeito, enquanto Ísis afirmou serem as discussões sobre o racismo, o que a afasta das discussões sobre sexualidade e reforça sua fala de não haver "muito preparo também para lidar com essas questões". Lion afirmou possuir material para o trabalho da Educação integral em Sexualidade, baseado nas propostas do Novo Ensino Médio. Ísis negou ter um material norteador de discussões sobre a temática. Apesar de ambos os professores possuírem liberdade para acrescentar ou modificar a forma que os conteúdos são abordados, Maia e Ribeiro (2011) reforçam que, para ocorrer uma efetiva Educação integral em Sexualidade nas escolas, deve ocorrer

a reflexão crítica sobre os materiais pedagógicos utilizados nas escolas, como livros, cartilhas, figuras e textos de modo que esses instrumentos pedagógicos não reproduzam a discriminação, os preconceitos sexuais, e a imposição de valores morais conservadores (p.81).

5.3.4 Categoria: Coordenadores Pedagógicos

Nas definições sobre Educação integral em Sexualidade, Monique e Boris contemplaram o trabalho para além dos aspectos fisiológicos da sexualidade, contemplando as suas dimensões afetivas e sociais.

Giovanna: O que você entende como educação sexual?

Monique: (...) Mas eu acho que a gente tá mudando porque junto de todas essas questões de reprodução a gente também se permite falar de sentimentos. A gente também vai falar de prazer, de diferença de gênero. A gente também tem que de questões de sexualidade a gente também tem que falar muito da questão da violência contra a mulher (...)

Boris: (...) Eu acho que o sentido da educação sexual não pode ser apenas da parte física, mas também dessa parte emocional, dos comportamentos, causas e

consequências de tudo. Falar sobre relacionamento, você não pode ir lá falar apenas de coito, falar de sexo e tal, você tem que falar de relacionamento também.

Nota-se que os coordenadores compreendem a sexualidade numa perspectiva mais abrangente e não sob uma ótica biológica. Quantos às manifestações dos alunos, o contato físico entre eles - em especial o andar abraçado - foi presente nas duas entrevistas. É válido lembrar que as escolas lidam de maneiras diferentes com estas manifestações, que por sua vez influenciam no comportamento dos alunos. O despreparo dos coordenadores para lidar com as manifestações dos alunos também é um ponto encontrado em ambos os relatos.

Giovanna: *Você se sente preparada para lidar com essas manifestações?*

Monique: *Eu não sei se eu tenho escolha. Me dá um frio na barriga porque eu tenho que perceber o que que vai ser, o que eu tenho que eu ainda tenho, quanto adulto, quais são os meus vieses, que eu também tenho que perceber dentro disso, mas eu não posso dizer que não estou preparada porque não tenho escolha.*

Boris: (...) *Bom, eu estou preparado no sentido de que até aí ok, né? O que não se pode é que os alunos extrapolem aquilo que é aceitável para dentro de uma escola.*

Boris coloca que seu preparo abrange os contornos das regras escolares em relação ao comportamento dos alunos. Fernandes (2017), em sua Dissertação sobre o problema da violência na escola, versa que as regras são a base sobre a qual os sujeitos desenvolvem a moral necessária para as relações. Se forem impostas, as regras fortalecem para uma moral heterônoma, isto é, sujeita à uma lei exterior. Se construída coletivamente, podem contribuir para o desenvolvimento de uma moral autônoma. Assim, entende-se que a construção das normas e regras escolares em conjunto com os alunos pode acrescentar à gestão um manejo mais eficiente e seguro em lidar com as dimensões da sexualidade na escola.

Novamente retorna-se ao fato de ambos os gestores não possuírem formação tanto inicial quanto continuada ligadas à sexualidade. Monique possui uma licenciatura em Pedagogia finalizada em 2019, e Boris possui uma pós graduação em Metodologia de Ensino, áreas que por sua natureza poderiam ter o conteúdo de sexualidade transversalizado. Neste ponto, Manchini (2022) coloca que se considerarmos o cenário atual que sucedeu uma grande onda de disseminação do HIV ocorrida nos anos 1980, percebe-se um retrocesso no acesso das propostas em relação à sexualidade e um reforço do discurso biomédico sobre a mesma. Houve uma inércia nas estruturas de ensino, mesmo diante a alguns avanços, que se relacionam às condições de poder que regulam a sexualidade (Manchini, 2022).

Esta ausência de formação também é demonstrada pelos coordenadores quanto às orientações e apoios dados aos professores. Os trechos abaixo ilustram:

Giovanna: Quando um professor relata alguma manifestação de aluno que envolve a temática de sexualidade, você oferece algum apoio ou realiza alguma orientação?

Boris: Quando tem algum professor que comenta que vai trazer, que vai fazer algum tipo de ação eu permito, dou o meu aval, mas pela minha falta de formação eu não tenho como promover mais ou dá mais subsídios

Monique: Olha, eu acho que isso a gente ainda está engatinhando. Não vou dizer que tá acontecendo cotidianamente na escola porque se a gente vem de um primeiro ano que isso foi colocado para uma discussão coletiva no [nome do programa da escola] (...)

Apesar das inseguranças demonstradas pelos gestores no tratar da temática de sexualidade nas escolas de uma maneira mais formalizada e dentro do papel da coordenação escolar, um destaque positivo observado tanto em Boris quanto em Monique é o zelo que apresentam com os alunos quando precisam realizar alguma intervenção direta. Boris, em sua fala, reforça a necessidade de preservar a intimidade dos alunos a fim de não causar nenhuma cicatriz emocional que culmine em sua sexualidade.

Já Monique traz a escuta qualificada como ferramenta para acolher os alunos e o diálogo com eles propondo-lhes reflexões sobre suas ações. Logo, percebe-se uma sensibilidade dos coordenadores em seu cotidiano. Há uma noção, de forma subjetiva talvez, de que a Educação integral em Sexualidade ocorre na gestão das escolas, compreendendo-a como ações diretas ou indiretas sobre os indivíduos no tocante à sua sexualidade. Entretanto, o que se observa em ambos os cenários é que não há uma abordagem contínua do tema com os alunos, somente quando há alguma situação problema ou conflito a ser mediado.

Dos contrastes encontrados mais relevantes, a dicotomia da liberdade de expressão afetiva entre as duas escolas é a que mais se destaca. Na escola pública, com base nos relatos dos professores e coordenadores, observa-se uma maior liberdade dos alunos em se expressar afetivamente com seus pares. Os namoros, os beijos, os abraços e as mãos dadas são exemplos de manifestações citadas pelos entrevistados das quais não há nenhum tipo de repressão por parte da gestão escolar. Já na escola particular, os alunos não possuem permissão para se relacionarem dentro da escola segundo o relato de alguns professores e da coordenadora.

Apesar deste ponto ter sido abordado no capítulo anterior, é válido retomar o questionamento de quais as implicações e consequências das diferentes abordagens

apresentadas. Para isso, a extensão da pesquisa aos alunos iria ao encontro destes questionamentos, pois suas opiniões e considerações poderiam revelar se as ações da gestão atendem às suas inquietudes.

Outra diferença observada no contraste já mencionada anteriormente é a ausência de material específico para o trabalho da Educação integral em Sexualidade na escola pública, ao passo que na escola particular, segundo Monique, a temática é abordada no material de Ciências da Natureza e de Arte. Reforça-se aqui o ponto colocado pela professora Pérola que, apesar de contemplar a temática, o material é pontual.

Por fim, observou-se que a relação entre famílias e escola é mais estreita na escola particular do que na escola pública. Para Oliveira e Marinho-Araújo (2010), a escola e a família são instituições distintas que compartilham a tarefa de preparar os sujeitos para a vida de maneira crítica, participativa e produtiva. Para as autoras, a escola e seus profissionais devem ser responsáveis pela iniciativa de construir uma relação harmoniosa entre ambas as instituições; contudo, a base desta relação não deve se basear somente na função de orientação da escola aos pais em como educar seus filhos. Além disso, esta relação ainda é mantida na atualidade pelas situações ligadas a problemas relacionados aos alunos; o que dificulta a construção de uma parceria entre as instituições baseada em fatores positivos.

5.2.5 Categoria: Diretores

Entre Lusíada e Cristina, foram observadas semelhanças em suas respectivas falas sobre as formações que discutiram a temática de sexualidade:

Giovanna: Sobre a sua formação, em algum momento durante a sua formação foram discutidas questões de sexualidade?

Cristina: (...) A formação que eu tive em relação à sexualidade dentro da escola foi com as vivências dentro da escola e aí a gente vai buscando uma parte acadêmica, vai buscando informações na Pedagogia, na Psicologia, na Filosofia, na Antropologia, para poder entender essas questões.

Lusíada: No meu tempo de formação, mesmo em nível de pós, nós não tivemos nada assim específico. O que tínhamos era situações nos grupos, entre professores, questões do dia a dia, ocorrências do dia a dia com alunos, mas nada assim relativo ao professor para que ele pudesse ter um conhecimento diferenciado ou tomada de decisão.

Nas fala observa-se o componente do aprendizado pelas vivências do dia a dia escolar. Assim, para os diretores, a busca por maiores esclarecimentos sobre a Educação integral em Sexualidade ocorreu por uma demanda em tratar desses assuntos em sua gestão e não necessariamente por interesse pela temática.

Mesmo com a lacuna de uma formação na área, o tratamento das manifestações de sexualidade dos alunos por parte de Lusíada e Cristina se converge no diálogo com os mesmos. Notou-se que, para ambos, a primeira atitude é uma intervenção de maneira individualizada e dialogada com os alunos. Estas ações da direção são reforçadas pelas falas dos professores entrevistados das respectivas escolas.

Além disso, os diretores afirmaram que oferecem orientações e apoio aos professores quando há algum relato de manifestações de sexualidade por parte deles. Lusíada, em suas considerações, enfoca sobre sua permissão para os professores trabalharem com a temática sem interferir diretamente por não se considerá-los aptos para tal; mas que faz questionamentos para que o professor se blinde de indisposições com as famílias. Cristina, por sua vez, comentou sobre acolher o professor que não se sente confortável em trabalhar com a temática para encontrar uma solução de maneira conjunta. A diretora acrescentou que, quando não possui recursos suficientes, busca apoio de outros profissionais da equipe institucional.

Outro ponto em comum observado nas análises, é de que os diretores afirmaram que acreditam que suas respectivas escolas oferecem um local acolhedor e seguro para que os alunos busquem informações ligadas à sexualidade.

Giovanna: Você acredita que aqui a escola oferece um ambiente acolhedor e seguro onde os alunos possam buscar informações para as dúvidas de questões ligadas à sexualidade?

Lusíada: Totalmente. Eu confio plenamente nos professores, na coordenação, embora não tenhamos um trabalho específico nesse sentido, mas eu tenho profissionais competentes para lidar com as situações do dia a dia. São atos corriqueiros que durante esses anos nós conseguimos nos inserir o contexto da educação sexual dentro da escola. Não que tivéssemos um treinamento, é uma coisa realmente das vivências. Então eu me sinto muito seguro. (...) Ainda que ela não seja, vamos dizer formal, mas é muito rápida a ação aqui. Eu confio totalmente.

Cristina: Eu acredito que sim. A gente tem assim, acho que uma escuta muito ativa, uma escuta respeitosa. A gente está muito em contato com eles, a gente conversa demais com eles, é no corredor, é fora, eles entram nas nossas salas, marcam horário. A gente tem aqui alguns momentos de assembleia com alguns alunos das das turmas aonde às vezes eles trazem as temáticas para gente e pedem ajuda. (...) eu

acho que tudo a gente pode melhorar, mas eu acho que a gente está no caminho, já é o começo.

Nos trechos destacados os diretores manifestam suas ações que culminam num ambiente favorável para o trabalho de Educação Integral em Sexualidade. Observa-se que esta educação possui um terreno fértil para se desenvolver pois, de acordo com os relatos, já são realizadas ações principiantes para sua implementação - de maneira proposital ou não. Maia e Ribeiro (2011), incitam que é essencial que hajam ações pedagógicas que incentivem "[...] as escolas reconheçam a sexualidade como um aspecto essencial do ser humano e promovam o debate constante entre os alunos e alunas, seus familiares, agentes escolares e a comunidade" (Maia e Ribeiro, 2011, p.82). As falas finais das entrevistas corroboram com a citação pois Lusíada e Cristina reconhecem a importância da Educação integral em Sexualidade e sua aplicação em suas considerações finais nas entrevistas.

Pode-se encontrar contrastes inicialmente na formação dos diretores. Lusíada comentou não ter participado de formações relacionadas à Educação integral em Sexualidade, complementou que se surpreende pelo fato do tema ser importante e muitos profissionais da escola terem dificuldades por não possuírem tal formação. Posteriormente, ele reforça que não se sente preparado para lidar com o tema em sua gestão mesmo tratando-o diversas vezes anteriormente. Cristina, por sua vez, afirmou ter participado de formações anteriormente oferecidas pela instituição, o que lhe garante um respaldo para tratar da temática. Da mesma maneira, sua fala é reforçada ao afirmar que se sente preparada para lidar com as manifestações de sexualidade dos alunos de diferentes gerações e com os professores que possuem opiniões diversas sobre o assunto de sexualidade.

Outro contraste relevante encontrado nas análises, assim como apontado na categoria dos coordenadores pedagógicos, é a relação das escolas com as famílias. Inicialmente, observa-se uma maior relação de confiança entre as famílias e a escola particular do que comparado na escola pública.

Giovanna: Entendi. Na sua visão, qual a postura da comunidade escolar e das famílias em relação às manifestações da sexualidade dos alunos?

Lusíada: (...) são manifestações que você analisa ainda, eles não confiam na escola. As manifestações não são positivas, na maioria, são negativas devido a um fato gerador problema (...) isso acaba tirando um pouco o crédito da escola, da capacidade da escola, de tratar e eles ficam, com receio, com o pé atrás, eles não confiam totalmente(...)

Cristina: *Eles confiam demais na gente, tanto é que tem certas coisas que surgem lá em casa que eles marcam horário com a gente “é, por favor vocês são mais preparados para falar pro meu filho do que eu mesmo”. Então eles transferem pra nós essa responsabilidade. (...) A gente vai tentando, mas a comunidade muitas vezes eles transferem para gente essa questão mesmo. (...)*

Os trechos destacados ilustram o posicionamento dicotomizado das famílias de acordo com as escolas. Contudo, é válido apontar que, quando os diretores foram questionados sobre a atuação da escola em relação à Educação integral em Sexualidade e se há algum conflito entre a escola e as famílias, as respostas sinalizam um cenário inverso ao exposto inicialmente.

Giovanna: *Entendi. E como que as famílias recebem a atuação da escola em relação à educação sexual? Você pode descrever um pouco?*

Lusíada: *Já nessa parte eu acho que eles confiam. Eles dão crédito a escola, os profissionais que aqui estão pela competência, pela tradição, pelo equilíbrio, conhecimento de cada profissional.*

Giovanna: *Existe algum conflito em determinados assuntos entre a família e a escola?*

Cristina: *Sim, principalmente quando nós estamos trabalhando a questão dos gêneros. (...) então são coisas em que alguns pais ainda marcam reunião para perguntar “tá, mas vocês não estão incentivando meu filho a mudar de gênero?”. (...) Já foi pior. Eu acho que nós estamos caminhando, eles estão entendendo que a escola também é para isso (...).*

Novamente, os trechos destacados ilustram a mudança de cenário. Como já colocado nos capítulos anteriores da pesquisa, o trabalho de Educação integral em Sexualidade tem como finalidade suprir o despreparo e as dificuldades das famílias em abordar a temática de com os jovens, para que assim possam desenvolver sua sexualidade e concepções sobre de maneira tranquila e satisfatória. Apesar dos cenários opostos encontrados nas escolas de acordo com as entrevistas feitas e a "inversão de campo" que ocorre quando há o tema de sexualidade envolvido, é possível concluir que as famílias reconhecem - de maneira favorável ou não - o papel da escola em trabalhar o tema de sexualidade com os jovens.

6. REFLEXÕES: EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE, ESCOLA PÚBLICAS

Este capítulo busca apontar reflexões a partir das percepções da pesquisadora com base nos dados analisados. É importante reiterar que os apontamentos não podem ser generalizados para um cenário mais abrangente de escolas de Ensino Médio do município, pois a pesquisa foi feita em uma representante do setor público e uma do setor privado.

Outro ponto a se considerar é que não houve a inclusão direta dos alunos na pesquisa devido à inviabilidade da quantidade de dados a serem tratados em um período curto de realização; além das questões burocráticas de autorização da família e outros documentos que poderiam atrasar ainda mais a coleta das entrevistas. Logo, a percepção das manifestações e comportamentos dos alunos é restrita e com base nas falas dos professores e gestores, em especial na escola particular, onde não se teve acesso aos alunos por parte da pesquisadora.

Desta maneira, coloca-se que os casos retratados por professores e gestores envolvendo a sexualidade dos alunos são aqueles que chegam até seu conhecimento, ou seja, supõe-se que ocorrem muitas outras situações e manifestações dos alunos que por fim permanecem ocultas ou somente entre o grupo. Há fala dos professores que retratam isso, como "Sempre tem uns Bo's aí nos banheiros" (Ísis) e "várias outras histórias com certeza acontecem entre os alunos, mas que a gente acaba desconhecendo" (Diana). Reforça-se, aqui, que com a inclusão dos alunos na pesquisa poderia ocorrer uma percepção mais global dos acontecimentos da escola.

Nessa esteira de pensamento, entende-se que não falar sobre as manifestações não excluem sua existência. Como apontado veementemente nos capítulos iniciais e nas análises do presente trabalho, a escola não é um local isento de manifestações sejam elas culturais, sociais, sexuais, políticas, entre outras. Logo, ainda em ambientes com regras mais rígidas como visto na escola particular desta pesquisa, a sexualidade dos alunos e suas manifestações estarão presentes de maneira explícita ou implícita - mesmo que para isso os alunos subvertam e transgridam essas regras.

Já no cenário da escola pública, observa-se uma preocupação por parte dos professores em trazer os materiais para trabalhar a temática de sexualidade. Há uma gestão que apoia essas ações mas que se sente incapaz de colaborar de maneira eficiente por não se sentir apta para se envolver. O que se percebe, no entanto, é uma clara verbalização dos alunos quanto às suas necessidades, suas dúvidas e carências sobre o tema. Nesse sentido,

Quirino e Rocha (2013) sinalizam a importância do exercício da escuta dos alunos como estratégia para o exercício da Educação integral em Sexualidade.

Vislumbramos, assim, que as estratégias de ensino baseadas na transmissão do saber, que privilegia a audição em detrimento da fala do/a estudante, e aquelas fundamentadas no experimento e na observação, de modo particular dentro do ensino de Ciências, têm se mostrado falhas ao tratarem do problema epistemológico do empirismo, da cultura, do entendimento generalizado, e de como as experiências particulares são influenciadas em decorrências de diferenças individuais. Portanto, consideramos que a integração dos componentes curriculares deve permitir que o mesmo objeto seja conhecido sob várias perspectivas, sem, contudo, anular a subjetividade das pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem (Quirino e Rocha, 2013, p.693).

Nesta mesma linha, também foi observado na escola pública a preocupação dos professores com os materiais a serem usados nas aulas. Novamente, exercer a escuta como estratégia para atender as necessidades dos alunos é uma possibilidade a ser colocada em prática tanto na escola pública quanto na particular. Gonçalves (et al., 2013) apontam que ações e propostas pontuais como palestras anuais ou cartilhas são insuficientes para os jovens, pois apenas os sensibilizam para a temática sem promover uma mudança positiva e significativa em suas posturas. Além disso, atividades que vetam a participação dos jovens no diálogo são escassas pois nelas "os adolescentes apenas recebem as informações, continuando com dificuldades para superar seus conflitos" (Gonçalves, et al., 2013, p. 260).

Nas análises, a falta de preparo dos professores e gestores foi um ponto destacado uma vez que somente um membro da população estudada teve uma formação continuada que abarcasse o tema de sexualidade. Cunha (2013) define a formação continuada dos professores como as iniciativas instituídas no período da atuação profissional docente, podendo ter formatos e duração variados e assumindo a ideia de formação como um processo contínuo. Esta formação pode ocorrer por iniciativa do professor ou por inserção em programas institucionais de sistemas de ensino, universidades e escolas. Como demonstrado, são raros os professores que buscam essa formação na área de Educação integral em Sexualidade que culmina numa escassez de profissionais minimamente preparados para lidar com a temática.

Manchini (2022) em seu trabalho aponta que a formação de professores é resultante das posições políticas que permeiam a educação. Logo, o docente como mediador do conhecimento, deve objetivar sua prática para a formação de sujeitos autônomos, críticos e reflexivos acerca das condições que está inserido, incluindo os meios de poder social.

O estudo de Silva e Neto (2006) acerca das produções de pós-graduação brasileiras sobre formação de professores/educadores para o trabalho com Educação Sexual, sinaliza para a necessidade de uma maior sensibilização do corpo docente para a abordagem da Educação integral em Sexualidade. Os documentos estudados, entre eles modelos de formação inicial e continuada e as características e concepções dos profissionais, sugerem uma Educação integral em Sexualidade altamente "[...] idealizadas nos seus aspectos subjetivos (ser séria, boa, compreensiva, amiga, ter equilíbrio/amadurecimento mental e psicológico) e altamente exigentes nos objetivos (estar preparado/ter conhecimento do assunto, ter interesse em desenvolvê-lo e não passar seus valores)"(Silva e Neto, 2006, p.195).

Logo, há um sentimento de inadequação por parte dos professores nas características citadas, culminando no seu distanciamento da temática. Desse modo, considera-se fundamental e necessário o preparo dos professores na sua formação acadêmica, e não somente em projetos de formação continuada, assegurando que saiam de seus cursos com um preparo mínimo para a abordagem da Educação integral em Sexualidade (Silva e Neto, 2006).

Maia e Ribeiro (2011) complementam que esta formação é necessária para que, assim,

os professores possam compreender a manifestação da sexualidade de seus alunos e educá-los em relação a isso é preciso que tenham clareza tanto da abordagem histórica e cultural sobre a construção da sexualidade quanto da compreensão científica do desenvolvimento psicosssexual (p.80).

O que se nota é um reconhecimento dos entrevistados da impotência da Educação integral em Sexualidade nas escolas, sendo isso sinalizado na maioria das entrevistas. Contudo, propõe-se aqui questionar o que falta para que esta educação chegue até as escolas. O ponto da formação continuada dos profissionais citado anteriormente é um passo importante para que haja agentes mobilizadores e multiplicadores desta educação, porém há a necessidade de uma revisão das posturas e condutas adotadas por estes profissionais. Para Silva e Neto (2006), somente palestras para a sensibilização do tema são insuficientes, uma vez que a maioria das dúvidas e questionamentos sobre o exercício da Educação integral em Sexualidade ocorre em sua prática, colocando assim a necessidade de uma supervisão continuada e sistematizada.

Nessa temática, as políticas públicas são meios importantes para a abertura das escolas. Altmann (2013) coloca que a necessidade dessas políticas que contemplem a diversidade sexual são oriundas de pesquisas que demonstram ações preconceituosas que ocorrem nos meios escolares. Esta afirmação é demonstrada de forma clara no capítulo anterior da pesquisa, no qual os professores da escola pública citaram a ocorrência de transfobia contra uma aluna. "Percebe-se, aí, a importante articulação entre os movimentos sociais, a produção de conhecimento, a constituição de políticas públicas, as práticas educativas e a formação profissional" (Altmann, 2013, p. 77). Para Vianna,

Portanto, o Estado em ação, que envolve necessariamente os movimentos sociais na produção das políticas públicas e na prática de ações que modifiquem as identidades docentes e o cotidiano escolar, supõe um processo educativo para todos nós, em uma sociedade na qual a segregação e as estratégias de esvaziamento das desigualdades são permanências históricas que devem ser superadas também no âmbito das relações sociais de gênero (p.803).

É válido ressaltar que, devido a descentralização da administração do sistema educacional básico brasileiro, as políticas e abordagens específicas à Educação integral em Sexualidade podem variar entre diferentes regiões do país, modificando-se de acordo com a época e com influências de lideranças políticas e movimentos sociais.

Como já apontado na presente pesquisa, a BNCC se configura como o documento legal atualmente vigente que é responsável pela promoção das discussões sobre sexualidade e a Educação integral em Sexualidade no país. Reitera-se que, comparado aos antigos PCNs, a temática de sexualidade foi condensada na disciplina de Ciências Humanas com ênfase em sistema reprodutor e ISTs, sendo contemplada no oitavo ano apenas.

Para Altmann (2013), a promoção do respeito à diversidade sexual como uma das pautas da Educação integral em Sexualidade nem sempre é socialmente aceita pois, em determinados casos, é entendida como um incentivo à homossexualidade ou transexualidade. Este fato também é aferido na presente pesquisa de acordo com a fala de Cristina em suas considerações sobre o relacionamento da escola com as famílias: 'alguns pais ainda marcam reunião para perguntar "tá, mas vocês não estão incentivando meu filho a mudar de gênero?"' (Cristina). A autora também cita a suspensão da distribuição do material produzido pelo Programa Brasil Sem Homofobia realizado em 2011 devido à pressões de segmentos

religiosos no Congresso nacional, o que demonstra os impasses políticos e morais atravessados nestas questões.

As estratégias políticas e educativas em torno da diversidade sexual mobilizam valores pessoais, religiosos, éticos etc. ainda mais complexos do que os postos em ação em função das doenças e da gravidez, mostrando o terreno movediço em que se instalam práticas de intervenção e formação (Altmann, 2013, p. 76).

Outro documento que também está atualmente vigente é o PNE 2014/2024, aprovado pela Lei Nº13.005/2014 (Brasil, 2014). No documento consta "Art. 2º São diretrizes do PNE: (...) III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação" (Brasil, 2014). O documento trouxe de forma superficial a superação das desigualdades educacionais e a erradicação das formas de discriminação; suprimindo menções a termos ligados à diversidade sexual. Groff (et al., 2016) mencionam que a supressão do conteúdo de sexualidade evidencia a crescente influência de um movimento fundamentalista no Brasil representado por deputados que compõem a bancada evangélica no Congresso. Estes deputados negam as possibilidades de expressões da sexualidade e a ideia de uma educação mais abrangente pautada nos direitos humanos.

Assim, o campo político se torna um campo de disputa entre setores progressistas e conservadores na implementação da Educação integral em Sexualidade nas escolas. Brabo et al. (2019) colocam que de um lado há as articulações entre os movimentos sociais e as teorias acadêmico-científicas que são favoráveis à implementação de Políticas Públicas relativas à educação. Por outro, há as inquietudes dos que discordam ou se descontentam com os avanços conquistados.

Como citado no capítulo anterior, há a possibilidade de fazer projetos com a temática de gênero e sexualidade devido aos espaços livres que os documentos deixam, sendo necessário realizar alinhamentos entre os objetivos da Educação integral e Sexualidade com os objetivos do PNE e conteúdos da BNCC, ainda que não apresentem de modo claro ou direto questões voltadas à diversidade sexual e de gênero. Contudo, Groff (et al., 2015) alertam sobre a supressão destes termos pois, por meio da linguagem há a disputa de espaços políticos e sociais educativos: "Ao retirar determinadas palavras e expressões das legislações, se imprime o que se deve ou não falar, o que é ou não preciso dizer sobre determinados assuntos na escola e, conseqüentemente, na formação de docentes" (p.1436, grifos da autora).

Vianna (2015) coloca que outro desafio na introdução da Educação integral em Sexualidade por meio de Políticas Públicas de educação gestadas em esferas federais é que supostamente um produto educativo seria desenvolvido para ser transferido às escolas. Porém, este tipo de produtos, planos e programas pensados e promovidos pelo governo são incorporados de maneira complexa no cotidiano escolar pois esta incorporação leva em conta as ideias, experiências, significações e interpretações distintas dos docentes e gestores.

Conforme sinalizado ao longo do trabalho, os comportamentos relacionados à sexualidade tanto de crianças, jovens e adultos, devem ser compreendidos dentro de um contexto amplo que integre o meio social dos sujeitos, suas perspectivas mudadas e padrões aprendidos. A regulação de sua sexualidade ocorre por viés direto ou indireto das instâncias normativas. Pensar em Políticas Públicas incorporadas nas práticas sociais é integrar os direitos sexuais e reprodutivos que comportam as questões de cidadania e visam garantir os direitos humanos. Segundo o documento, a vivência consciência da sexualidade proporciona uma vida mais digna no âmbito individual e coletivo do sujeito, bem como a uma mudança nas estruturas sociais vigentes (Diaz, et al., 2004).

Contudo, o que tem se apresentado é uma crescente dos movimentos reacionários contra ações de movimentos sociais e acadêmicos na implementação de políticas públicas ligadas aos direitos sexuais e reprodutivos e à Educação integral em Sexualidade. Por consequência, os jovens -população central deste estudo- que atravessam uma fase de construção identitária e social, não tem suas necessidades de informações sobre sexualidade atendidas no meio escolar.

Brabo (et al., 2020) diante deste cenário propõe o questionamento: "[...] como os jovens e adolescentes terão condições de se reconhecerem como diferentes e de respeitarem a diversidade humana, constituindo seu "eu" em um contexto sociocultural tal qual o dos dias de hoje?" (Brabo et al., 2020, p.17). Apesar das possibilidades de respostas ainda estarem esboçadas, reitera-se aqui a urgência de lideranças políticas e de autoridades de educação tomarem ações em Educação integral em Sexualidade que garantam aos jovens as habilidades que precisam para seu pleno desenvolvimento pessoal, social e afetivo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade não pode ser definida de maneira simplória e resumida, há correlações a serem feitas com os diferentes campos como psicologia, biologia, educação e outros tendo em vista que sua constituição é permeada por influências diversas que se modificam de acordo com a época e a sociedade. As diferentes dimensões descritas no trabalho perpassam pelos campos da cultura, medicina, religião, educação e juventude a fim de compreender de forma mais aprofundada seu impacto na construção dos sujeitos, em especial na fase da juventude.

Na cultura, os estilos de vida promovidos pelas mídias impactam na maneira como a sexualidade é concebida e vivenciada pelos sujeitos, ditando os modos de como guiar seu corpo e sua sexualidade. Já na área da biologia, o entendimento do desenvolvimento sexual e humano bem como suas variabilidades é possível graças ao desenvolvimento da área. Assim há a promoção da saúde sexual devido à disponibilidade de informações quanto aos processos fisiológicos ligados à reprodução humana. Com a modernidade, as ideias de sexo manifesto e sexo latente foram aceitas de maneira abrangente.

Quanto ao gênero, ainda que os genitais e diferenças fisiológicas ditem as dicotomias entre sujeitos, estes não são capazes de ditarem suas diferenças sociais e identitárias. Judith Butler, em suas contribuições, coloca o gênero como um processo de construção identitária do sujeito, e não como um determinismo social a partir de seu nascimento. A religião, por sua vez, estabelece normas e preceitos que regem a sexualidade e suas ramificações, enquanto as tradições, crenças e valores específicos quanto à sexualidade e a moralidade sexual variam conforme o local, época e vertente religiosa.

A juventude se define como o período de construção da autonomia dos sujeitos e da busca de suas individualidades e habilidades em diferentes esferas sociais, dentre elas a sexual. Os valores relacionados à sexualidade se consolidam conforme as experiências primárias afetivas ocorrem e fazem parte da transformação biopsicossocial de cada um. Podem haver, em uma mesma geração, diferenças sociais e culturais que envolvem trajetórias e experiências distintas elaboradas pelos sujeitos desde o seu nascimento. Os projetos de vida construídos neste período articulam-se com o processo de construção da identidade psicossocial.

A família, por sua vez, se constitui como fonte de informação relevante para os jovens é a primeira fonte de educação na construção da relação do sujeito com sua sexualidade. As

diferentes perspectivas e experiências tornam a relação entre sexualidade e família ainda mais complexa, na qual os valores culturais, momentos históricos, crenças religiosas e classes sociais podem influenciar a maneira como a sexualidade é percebida e tratada dentro das famílias.

O presente trabalho buscou investigar quais são as dimensões da sexualidade e relações de gênero presentes dentro de uma escola da rede pública e uma da rede privada de Ensino Médio. Não houve a inclusão direta dos alunos, assim a percepção de suas manifestações e comportamentos é restrita e baseada nas falas dos professores, dos gestores entrevistados e no relatório de campo realizado pela pesquisadora (este último realizado somente na escola pública).

Nas escolas estudadas, apenas os professores de Filosofia e Biologia comentaram ter formações na área de sexualidade por conta de seus ensinamentos superiores (Ciências Biológicas e Filosofia e Sociologia), uma vez que os cursos possuem convergências com o tema, seja por um viés médico-científico ou por um viés social e cultural. Levando-se em consideração a formação dos outros entrevistados, é de se esperar que estes não tenham o mesmo currículo, porém, uma formação continuada em Educação integral em Sexualidade apresenta-se como um meio para sanar tais lacunas.

Quanto à compressão de sexualidade, as respostas tiveram como ponto convergente a associação com questões de afetividade, sendo ainda caracterizada de maneira biológica. Apesar de ser um ponto inicial, não se deve anular as dimensões culturais, políticas e sociais da sexualidade uma vez que ela é parte integral do sujeito.

O gênero, por sua vez, é tema de debates na escola pública nas aulas de biologia e sociologia como um meio de combate às discriminações; contudo, apesar do trabalho realizado, a violência contra a população trans atravessa os muros escolares e atinge esta mesma população que está em idade escolar por conta de ações de professores e alunos. Já na escola particular, a pauta da violência simbólica contra a mulher são debatidas entre gestão e alunos, bem como a sexualização dos corpos femininos em letras de músicas.

Na escola pública, o namoro como uma das manifestações sexuais dos alunos foi unanimemente citado entre os entrevistados, sendo esperado nesta fase da juventude a ocorrência dos primeiros relacionamentos com pares do ambiente escolar. Apesar de na escola particular não ser permitido o relacionamento amoroso entre os alunos, os relatos apontaram que a prática ocorre no meio escolar ainda que de maneira oculta.

A presença de pessoas LGBTQ+ foi citada pelos professores da escola pública como algo menos velado e mais aceito se comparado há alguns anos; contudo, a generalização não deve ocorrer uma vez que, na mesma escola, houve caso de violência contra pessoa transsexual. Nota que, por mais que os discursos e leis para população LGBTQ+ avancem na garantia de equidade e direitos, a escola ainda se constitui como um lugar reprodutor das violências explícitas e simbólicas. Há carência de ações mais efetivas de Educação integral em Sexualidade por parte dos professores e gestores a fim de combater tal cenário e fazer da escola e do processo educativo um local de acolhimento e garantia de direitos.

As entrevistas em ambas as escolas sinalizaram a disponibilidade e o interesse dos alunos nos conteúdos de sexualidade, sendo estes participativos nas aulas em que o tema é pautado. Apesar das ressalvas quanto às brincadeiras e piadas que ocorrem, os professores comentaram que o trabalho, por fim, é levado com seriedade pelos alunos. Aqui ressalta-se o terreno fértil que a Educação integral em Sexualidade possui para sua implementação, uma vez que em seus princípios, o ponto de partida das discussões é justamente as necessidades e questionamentos apresentados pelos alunos.

O trabalho já exercido pelas professoras de Biologia busca não fixar-se somente nos aspectos biológicos da sexualidade, contemplando as dimensões sociais que a acompanham. Esta é uma iniciativa importante para se atingir uma Educação integral em Sexualidade mais global. Na escola pública, os professores utilizam-se de exemplos do cotidiano divulgados como conteúdo de suas aulas, ao passo que na particular, os professores possuem um material norteador dos conteúdos e expectativas de aprendizagem de cada ano. Na escola pública entrevistada, não há um material didático específico para o exercício da Educação integral em Sexualidade, sendo necessária a complementação por parte dos professores que possuem liberdade para tal.

Aqui nota-se ações que estão em consonância com as maneiras de abordagem da Educação integral em Sexualidade colocadas por documentos e orientações. Porém, complementa-se que a sexualidade não precisa estar restrita às disciplinas de Biologia, Filosofia e Sociologia, uma vez que sua inclusão de maneira transversalizada pode ocorrer em outras disciplinas realizando-se alinhamentos entre a temática e os objetivos de aprendizagem propostos pela BNCC, documento norteador dos conteúdos a serem trabalhados na educação básica.

Quanto às ações da coordenação, os professores de ambas as escolas foram unânimes em relação ao apoio oferecido pela gestão em casos de ocorrência ou alguma intervenção

necessária. Por vezes, as situações são geradoras de debates dos professores em conjunto com os alunos.

Em relação ao trabalho dos gestores, as análises sinalizaram com evidência o cuidado e zelo por parte dos coordenadores e diretores que apresentam no tratar de questões que envolvem a temática de sexualidade. Nas intervenções, se busca trazer uma reflexão junto ao aluno para que este perceba que suas ações e manifestações culminam em âmbito coletivo. Há uma preocupação da gestão escolar em oferecer um local seguro para o desenvolvimento dos alunos, principalmente com base no diálogo com os mesmos.

Com relação aos professores, a gestão da escola pública comentou realizar algumas orientações com eles, porém sem especificar quais são; há uma consonância entre ambos os gestores de apoio aos professores em suas intervenções que envolvem a Educação integral em Sexualidade. Porém, há limitações nas ações por parte da gestão, na qual tanto o coordenador quanto o diretor atuam como fiscais de quaisquer intermédios que possam surgir durante as intervenções dos professores, sejam questões com as famílias, religiões etc.

Já a gestão da escola particular assinala a escuta como principal ferramenta entre a gestão, professores e alunos. Além disso, a escola oferece formações no início do ano para a discussão de temáticas emergentes com o corpo docente, bem como a disponibilidade de profissionais de outras áreas para o trato da temática no ambiente escolar. Assim, sinaliza-se a necessidade da formação continuada na área a fim de modificar a postura da gestão para um comportamento mais ativo quanto ao apoio e orientação aos professores.

Ao longo das análises das entrevistas, percebeu-se que não falar sobre as manifestações de sexualidade dos alunos não exclui sua existência; elas estarão presentes na escola com regras mais ou menos rígidas e de maneiras implícitas e explícitas. Essas manifestações são entendidas como uma verbalização das necessidades e dúvidas dos alunos na temática de sexualidade, sendo um prato cheio para propostas de discussões sobre o tema na escola.

A falta de preparo dos professores e gestores foi um ponto destacado na pesquisa. A formação continuada centrada na Educação integral em Sexualidade não é alvo de procura dessa população, o que culmina numa escassez de profissionais minimamente preparados para lidar com a temática. Assim, o preparo durante a formação acadêmica assegura que os professores e outros profissionais da educação se formem com um preparo mínimo para a abordagem dessa educação. Entretanto, o cenário atual de disciplina ofertadas de maneira não obrigatória nas licenciaturas dificulta a concretização desse cenário.

As políticas públicas são meios importantes para a abertura das escolas, contudo, atualmente o campo político é disputado entre setores progressistas e conservadores na implementação da Educação integral em Sexualidade nas escolas. Os movimentos sociais e acadêmico-científicos enfrentam as inquietudes e descontentamentos daqueles que discordam e tem suas opiniões fundamentalistas representadas por deputados no Congresso. As Políticas Públicas voltadas para a Educação integral em Sexualidade são meios de garantia dos direitos sexuais e reprodutivos que comportam as questões de cidadania e afirmam os direitos humanos.

A Educação integral em Sexualidade é fundamental para o desenvolvimento do jovem contemporâneo para que possa adquirir seus conhecimentos baseados em informações corretas acerca da sexualidade humana e dos direitos humanos. Além disso, esta educação tem como finalidade desenvolver habilidades vitalícias que promovem o pensamento crítico e assertividade na comunicação e tomadas de decisões, imprescindíveis para o desenvolvimento pessoal e social do sujeito. Quanto mais diversos forem os caminhos de reflexão dos jovens em relação às experiências que se depararem em sua trajetória, maiores serão suas habilidades em manejar os desafios e questões que confrontarem, que se estendem para além da esfera afetiva e sexual.

A escola, portanto, se constitui como ferramenta de promoção de igualdade e de direitos em seu caráter democratizador do conhecimento. Um discurso bem informado acerca da sexualidade humana pode gerar representações mais igualitárias e modernas, nas quais o conhecimento sobre o corpo e suas relações são valorizados. Novos horizontes podem se abrir a partir de vivências e experiências elaboradas a partir de uma nova geração.

Por fim, espera-se que o trabalho tenha contribuído para a discussão e ampliação da temática de Educação integral em Sexualidade nas escolas e sua promoção na formação continuada. Além disso, almeja-se que a pesquisa subsidie a construção de propostas formativas e políticas afirmativas indo ao encontro das necessidades dos alunos, professores e gestores objetivando uma educação mais ampla que busca uma prática pedagógica objetivando uma formação crítica do sujeito, oferecendo-lhe meios para compreender as raízes da relação humana com a sexualidade, as relações de poderes existentes e as manifestações ideológicas existentes, promovendo-o como sujeito ativo e protagonista de transformações socioculturais. Dessa maneira será possível sobrepujar as concepções restritas e que propagam ações de desumanização.

REFERÊNCIAS

- Abeastury, A e Knobel, M.(1981). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Altmann, H. (2013, abril). Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. *Sexualidad, Salud y Sociedad, Revista Latinoamericana*, 13, 69-82.
- Alves, M. de F. P. (2011). Religião e sexualidade: permanências e transformações da perspectiva de jovens pentecostais de Recife/PE - Brasil. *Ciencias Sociales Y Religión*, 13(15), 83–113.
- Antunes, L., & Melo, S. M. M. de. (2023). Reflexões sobre a formação continuada de professoras/es e suas interfaces com a educação sexual no cotidiano da educação infantil. *Dialogia*, (43), 12-26.
- Aquino, J.G. (1997). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 6. ed. São Paulo: Summus.
- Arcoverde, M. (2015). Moda: tecendo outras possibilidades na construção das identidades de gênero. *Revista Periódicus*, 1(2), 263-276.
- Azevedo, I. L. C. (2022). *O fenômeno da pornificação em trends de dança no TikTok: uma leitura crítica sobre o agenciamento da sexualização do corpo feminino pela indústria cultural*. [Apresentação de Trabalho]. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UFPB.
- Back, J. L. e Nogueira, F. M. G. (2021) A concepção de corpo e sua interface entre gênero e sexualidade nos PCNs e na BNCC. *Revista Educação Online*, 36,70-89.
- Barbosa, B. C. (2022) Multimodalidade, Dialogia e Raça: Djongador das Palavras. *Entrepalavras*, Fortaleza, 12(3),18-37.
- Barbosa, F. C. & Paiva, C. M. (2017). Sexo/prazer no Islam é devoção. *Religião e Sociedade*, 37 (3), 198-223.
- Bardin, L. 1977. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70.
- Barros, S. da C. de, Ribeiro, P. R. C., & Quadrado, R. P. (2014). Sexting: a espetacularização da sexualidade. *Educação: Teoria E Prática*, 24(45), 197-215.
- Beliz, V. (2018). *Chamar as coisas pelos nomes: como e quando falar sobre sexualidade*. São Paulo: Editora Arena.
- Benevides, B. G. (Org.) (2021). *Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE.
- Bezerra, E. O. e Pereira, M. L. D., Chaves, A. C. P., & Monteiro, P. d. V. (2015). *Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo*. *Rev Gaúcha Enferm*. 36(1), 84-91.

- Borges, A. L. V. e Schor, V. (2005). Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 21(2),499-507.
- Bozon, M. (1998). Demografia e sexualidade. In LoyolaA, M. A. *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Bozon, M. e Heilborn, M. L. (2006). Iniciação à Sexualidade: Modos de Socialização, Interações de Gênero e Trajetórias Individuais. Heilborn, M. L. (org.) et al. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.
- Bozon, M. (2005). Novas normas de entrada na sexualidade no Brasil e na América Latina. In Heilborn, M. L. et al. (org) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV.
- Brabo, T. S. A. M., Silva, M. E. F. da, & Maciel, T. S. (2019). Gênero, sexualidades e educação: cenário das políticas educacionais sobre os direitos sexuais e reprodutivos de jovens e adolescentes. *Práxis Educativa*, 15, 1-21.
- Brandão, E. R. (2004). Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. Heilborn, M. L (Org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004
- Brasil. (2017). *Base Nacional Comum Curricular: Ciências da Natureza Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica.
- Brasil. (1990) *Lei 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.
- Brasil. (2014) *Lei 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.
- Brasil. (2017). Ministério da Educação. *Em pronunciamento, ministro da Educação, Mendonça Filho destaca homologação da BNCC*. Seção Rede nacional.
- Brasil. (2009) Ministério da Saúde. *Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais*. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasil. Presidência da República. Casa Civil. (2003, janeiro). *Lei Nº 10.639*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências.
- Brasil. Código Penal. (1940). *Art. 233, de 07 de dezembro de 1940*. Código Penal: Do Ultraje Público ao Pudor. Brasília, 1940.
- Bueno, R. C. P.; Ribeiro, P. R. M. (2018). História da Educação Sexual no Brasil: apontamentos para reflexão. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 29(1), 49-56.

- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da Identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camargo, S. A. P. de, & Sampaio Neto, L. F. de. (2018). Sexualidade e gênero. *Revista Da Faculdade De Ciências Médicas De Sorocaba*, 19(4), 165-166.
- Canela, P. R. B. (2006). Sexo, sexualidade e gênero. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 17(1). Cedaro J. J.; Vilas Boas L. M. S.; Martins R. M. (2012). Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório em uma escola de Porto Velho - RO. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(2), 320-339.
- Celes, L. A. M, Lindenmeyer, C. (2020). O Psíquico e o Corporal da Sexualidade nas Origens da Psicanálise Freudiana. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, 36, 34-59.
- CEND (2017). *Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin*, Vol. II. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2017.
- Conselho Nacional de Saúde (2014). Amanhã (17) será celebrado o Dia Internacional contra a homofobia. Veja abaixo o manifesto da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABGLT). Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2014/05mai_16_lgbt.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- Corrêa, M. V. (1998) Sexo, sexualidade e diferença sexual no discurso médico: algumas reflexões. In Loyola, M. A. *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Couto, M. T. (2005) Gênero e comportamento reprodutivo no contexto de família em pluralismo religioso. In Heilborn, M. L. et al. (org) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Cruz, T. M., & dos Santos, T. Z. (2016). Experiências escolares de estudantes trans. *Reflexão e Ação*, 24(1), 115-137
- Cunha, M. I. (2013). O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, 3, 609-625.
- Dabhoiwala, F. (2013). *As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual* (1969). Tradução: Rafael Mantovani. São Paulo: Globo.
- Díaz, M.; Cabral, F.; Santos, L. (2004) Os direitos sexuais e reprodutivos. In: Ribeiro, C.; Campus, M.T.A. *Afinal, que paz queremos?* Lavras: Editora UFLA.
- Duarte, L. F. D. (2005). Ethos privado e justificação religiosa: negociações na reprodução da sociedade brasileira. In Heilborn, M. L. et al. (org) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Enciclopédia, S. (2024). Significado de Tabu. [Web page]. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/exitus/v8n2/2237-9460-exitus-8-2-273.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

- Espejo X., Tsunehiro M. A., Osis M. J. D., Duarte G. A., Bahamondese L., Sousa M. H. (2003). Adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais entre mulheres de Campinas, São Paulo. *Rev Saúde Pública*, 37(5), 583-90.
- Fernandes, E. P. (2017). *Construção coletiva de regras e resolução de conflitos: contribuições para o enfrentamento da violência entre alunos*. 164 f. [Dissertação de Mestrado Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Ferreira, G. G., Aginsky, B. G. Rodrigues, M. C. (2018). Segurança pública e violência simbólica: as identidades trans entre o reconhecimento e a (in)visibilidade. *Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidade*, 9(1), 419-433.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e terra.
- Freud, S. (1987). *Trois Essais sur la Théorie Sexuelle*. Paris: Gallimard.
- Furlani, J. (2013) Educação sexual: possibilidades didáticas in Louro, G. L., Felipe. J., Goellener, S. V. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes.
- Furlani, J. (2005). *O bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos de educação infantil*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Gabarino, M. I. (2021). O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. *Cadernos pagu* (63), 35-66.
- Gadini, S. L. (2010). *Representações femininas a partir de grupos masculinos no carnaval brasileiro* [Fotografias]. Mostra de Fotografias Fazendo Gênero, 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. UFSC.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª edição. São Paulo: Editora Atlas.
- Gil, C. Z. V., Seffner, F. Dois Monólogos. (2016). Não Fazem um Diálogo: jovens e ensino médio. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 41(1), 175-192.
- Godinho, M. I. A. (2020). Violência simbólica contra a mulher: do espaço doméstico à universidade. *Revista Do Instituto De Políticas Públicas De Marília*, 6(1), 9-20.
- Gonçalves, R. C., Faleiro, J. H., & Malafaia, G. (2013). Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *HOLOS*, 5, 251–263.
- Gotardo, S. (2022). Pobreza menstrual : uma análise sobre a discussão a partir da reportagem exibida no Programa Fantástico. *Organicom*, 19(39), 171-184.
- Groff, A. R., Maheirie, K., & Mendes, P. de O. e S. P. (2016). A educação sexual e a formação de professores/as um convite ao dissenso. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 10(2), 1431-1444.
- Gusmão, V. ., R. Schiavo, M. ., & Jurberg, P. . (2003). A Educação Sexual e a proteção contra o abuso. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 14(2), 55-89.

- Heilborn, M. L., Cabral, C. S., Bozon, M. (2006) Valores sobre Sexualidade e Elenco de Práticas: Tensões entre Modernização Diferencial e Lógicas Tradicionais. Heilborn, M. L. (org.) et al. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.
- Heilborn, M. L. (2006). Experiência da Sexualidade, Reprodução e Trajetórias Biográficas Juvenis. In Heilborn, M. L. (Org) *O aprendizado da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.
- Heilborn, M. L. & GRAVAD. (2005). Uniões precoces, juventude e experimentação da sexualidade. In Heilborn, M. L. et al. (org) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Heilborn, M. L. (2012) Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. *Psicologia Clínica*, 24 (1), 57-68.
- IBGE. (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010: Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência*. Rio de Janeiro.
- IBGE. (2021). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados: Rio Claro.
- Júnior, A. L. (1997). Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In Aquino, J.G. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 6. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- Junior, T J. C. (2016). “Na casa do seu Zé” – música e sexualidade no cotidiano escolar. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 11(1), 165-173.
- Justo, J. S. (2006). O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso na contemporaneidade. In Figueiró, M. N., Ribeiro, P. R. M. (Orgs.) *Adolescência em questão: estudos sobre sexualidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- Leite, V. (2012). A sexualidade adolescente a partir de percepções de formuladores de políticas públicas: refletindo o ideário dos adolescentes sujeitos de direitos. *Revista Psicologia Clínica*, 24(1), 89-103.
- Ligeiro, I. R., & Brito, J. E. de. (2020). Enfrentando o racismo nas aulas de sociologia. *Arquivo Brasileiro De Educação*, 8(17), 155-183.
- Louro, G. L. (2019). Pedagogias da sexualidade. LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maia, A. C. B. (2011). *Inclusão e Sexualidade: na voz de pessoas com deficiência física*. Curitiba: Juruá.
- Maia, A. C. B. & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: princípios para ação. *Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação*, 15 (1), 41-51.
- Manchini, I. C. (2022). *Inserção de conteúdos de Educação Sexual nos cursos de pedagogia das instituições públicas do Estado de São Paulo*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Unesp.

- Marin, A. H., Silva, C. T. da, Andrade, E. I. D., Bernardes, J., Fava, D. C. (2017). Competência socioemocional: conceito e instrumentos associados. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(2), 92-103.
- Martines, E. A. L. D. M., & Rossarolla, J. N. (2018). Sexo e sexualidade: tabu, polêmica ou conceitos polissêmicos? Reflexões sobre/para a formação de educadores. *Revista Exitus*, 8(2), 273-299.
- Martins, L. B. M.; Costa-Paiva, L.; D Osis;, M. J.; Souza, M. E. de; Pinto Neto, A. M.; Tadini, V. (2006). Conhecimentos sobre métodos anticoncepcionais por adolescentes. *Rev. Saúde Pública*, 40(1), 57-64.
- Mattos, C. L. G. (2011). A abordagem etnográfica na investigação científica. In Mattos, CLG., Castro, P. A., (orgs.) *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB.
- Meirelles, J. A. B. de. Os ETS e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. AQUINO, J.G. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 6. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- Meyer, D. E. (2013). Gênero e educação: teoria e política in Louro, G. L., Felipe, J., Goellener, S. V. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed., Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. ed. São Paulo: Editora Hucitec.
- Miskolci, R. (2005). Um corpo estranho na sala de aula. : Abramowicz, A.Silvério, V. R. (Orgs.). *Afirmando diferenças: Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola*. Campinas: Papirus.
- Montañés, A. L. (2014). El graffiti fálico. Un análisis de ejemplos encontrados en la ciudad de Zaragoza Educación artística. *Revista de Investigación*, Universitat de València, 5, 111-125.
- Moreno, G. G. (2011) Novinhas, malandras e cachorras: jovens, funk e sexualidade. *Ponto Urbe 9, Revista de Antropologia Urbana da USP*. URL: Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/277>>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- Mossuz-Lavau, J., (2005). Sexualidade e religião:o caso das mulheres muçulmanas na França. *Revista Estudos Feministas*, 13(2), 377-386
- Nascimento, A. V., Silva, M. L. S.(2019) *Sexualidade na escola - o olhar da gestão escolar nas séries finais do ensino fundamental nas escolas de Lagoa de Dentro - PB*. Anais II CONEDU - Congresso Nacional de Educação.
- Nascimento, C. L. L. do, e Alves, N. S. (2021). O ensino de Filosofia no contexto das competências e habilidades do novo ensino médio. *Revista Digital De Ensino De Filosofia - REFilo*, 7(17), 1-19.
- Oliveira, C. B. E. Marinho-Araújo, C. M. (2010). A relação família escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 27(1), 99-108.

- Oliveira, D. C., Gomes, A. M. T., Marques, S. C., Thiengo, M. A. (2007, setembro-outubro). “Pegar”, “ficar” e “namorar”: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Rev Bras Enferm*, 60(5), 497-502.
- Oliveira, L. F. (2014). Educação Antirracista: tensões e desafios para o ensino de sociologia. *Educação & Realidade*, 39(1), 81-98.
- ONU, BR. (2015). Nações Unidas no Brasil. *A Agenda 2030*.
- Pino, N. P. (2007). A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*, 28, 149-174.
- Paiva, C. M., Barbosa, F. C. (2019). Arranjos entre religião, sexualidade e saúde mental: concepções e experiências de mulheres muçulmanas. *Revista NUPEM*, 11(24), 19-34.
- Quirino G. da & Rocha, J. B. T. (2012). Sexualidade e educação sexual na percepção docente. *Educar em Revista*, 43, 205-224.
- Quirino G. da & Rocha, J. B. T. (2013). Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. *Ciênc. Educ.*, Bauru, 19(3), 677-694.
- Quiroga F. L., & Vitale, M. S. S. (2013). O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 23(3), 863-878.
- Ramos, R. (2021). Capítulo 14: Na aula de Filosofia, Ensino Fundamental II, Ensino Médio. In Ribeiro, M. (Org.) *A conversa sobre sexualidade na escola: Educação Infantil ao Ensino Médio*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Reidel, M. (2013) *Pedagogia do salto alto: histórias de travestis e transexuais na Educação Brasileira*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Ressel, B. L., Junges, C. F., Sehnem, G. D. Sanfelice. (2011). A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. *Esc Anna Nery* (impr.), 15(2), p.245-250.
- Ribeiro, M., & Reis, W. . (2007). Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 18(2), 375-385.
- Rohden, F. GRAVAD. (2005). Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares. In Heilborn, M. L. et al. (org) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Rocha, M. Z. B., Santos, T. A. dos. (2015). *Rebeldia Juvenil como cultura escolar: a ideologia subjacente à novela rebelde* [Apresentação de Trabalho]. 37ª Reunião Nacional da ANPED, UFSC, Florianópolis.
- Rocha, R. C. A., Rosaneli, C. F., De Carli, E. F. R., Sanches, M. A. (2022). Infâncias violadas e as vulnerabilidades na violência sexual infantil: uma revisão integrativa. *Desidades*, 34 (10), 219-237.

- Ripoli, F. (2018). Apontamentos sobre a implantação do protestantismo no Brasil: história, cultura e tradição. *Revista Eletrônica Correlatio*, 17(2), 56-78.
- Risman, A. (1997). Alguns aspectos da sexualidade no judaísmo. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 8(1), 80-84.
- Sabat, R. (2013). Gênero e Sexualidade para Consumo. In: Louro, G. L., Felipe, J., Goellener, S. V. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes.
- Salih, S. (2019) *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editor.
- Santana, A. M. (2014). Gênero, sexualidade e educação: perspectivas em debate. *Revista Tempos E Espaços Em Educação*, 7(12), 151-168.
- Santos, D. B. & Silva, R. C. (2008). Sexualidade e Normas de Gênero em Revistas para Adolescentes Brasileiros. *Saúde Soc. São Paulo*, v.17(2), 22-34.
- Santos, D. N. (2019). Formação de professores e homossexualidade aspectos do e para o trabalho na escola. *Revista Do Instituto De Políticas Públicas De Marília*, 6(2), 127-139
- São Paulo. (2023, dezembro). Comunicado externo conjunto subsecretaria /Conviva, 280, Governo do Estado, Secretaria de Educação.
- Savegnano, S. D. O., Arpini, D. M. (2001)30. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*, 43(150), 924-947.
- Sayão, R. (1997) Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In Aquino, J.G. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 6. ed. São Paulo: Summus.
- Sayão, Y. (1997) Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In Aquino, J.G. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 6. ed. São Paulo: Summus.
- Setton, D. (2015). La construcción de identidades judías LGBT a través de prácticas diaspóricas: estudio sobre organizaciones judías LGBT en América Latina. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 21, 25-52.
- Severino, A. J. (2000). *Metodologia do trabalho científico*. 21.ed. São Paulo: Cortez.
- Silva, A. C. A. (2022). *Gaslighting, Mansplaining, Interruption, Bropriating e Manspreading: Uma visão Analítico-Comportamental*. IBAC: Instituto Brasiliense de Análise do comportamento.
- Silva, C. G., Santos, A. O., Licciardi, D. C., Paiva, V. (2008). Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13(4), 683-692.
- Silva, C. R. & Lopes, R. E. (2009). Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, 17(2), 87-106.

- Silva, E. M. (1996). *Moda e rebeldia: as estratégias de diferenciação das culturas juvenis*. Colóquio de moda, Anais Letras, 221, p.221.
- Silva, F. H. M., Souza, D. N. N. (2019). *Aulas práticas de biologia no ensino médio: importância e desafios*. Anais VI JOIN / Brasil - Portugal. Campina Grande: Realize Editora.
- Silva, J. C., de Azambuja Maraschin, A., Anselmo Funari, C., Billig Mello, E. M., & da Silva Junqueira, S. M. (2021). Gênero e sexualidade na BNCC: uma análise sob a perspectiva freireana. *Diversidade E Educação*, 8(2), 152-176.
- Silva, R. C. P. e Neto, J. M. (2006). Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência E Educação*, 12(2), 185-197.
- Sousa, K. S., e Andrade Júnior, G. F. (2017). Sociedade, Estado e Religião: Secularismo e Laicidade e a (ex) inclusão da questão de gênero nas escolas. *Revista Educação, Artes E Inclusão*, 13(2), 154-178.
- Smyl, E. B. O. (2020). Manda nudes, bebê: relações de gênero e sexualidades na prática do sexting entre adolescentes no ambiente escolar. [Tese de Doutorado, Universidade Tecnológica Federal do Paraná].
- Tinoco, H. (2021). Capítulo 15: Na aula de Sociologia, Ensino Fundamental II, Ensino Médio. Ribeiro, M. (Org.) *A conversa sobre sexualidade na escola: Educação Infantil ao Ensino Médio*. Rio de Janeiro: Walk Editora.
- Unesco. (2023). *Direito à educação em sexualidade e relações de gênero no cenário brasileiro*. Brasília.
- Unesco. (2010). *Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*. Brasília.
- Unesco. (2014). *Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília.
- Unicef. (2021). *Pobreza menstrual no Brasil: desigualdades e violações de direitos*. Unicef, Brasília, DF.
- Vergueiro, V. (2018). *Sou travesti: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade decolonial*. Brasília: Padê editorial.
- Vianna, C. P. (2015, julho-setembro). O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. *Educ. Pesqui.*, 41(3), 791-806.
- Vieira, E. S. G. (2023). *O afrontamento público segundo o Código Penal Brasileiro*. Jusbrasil.
- Vilaça, T. (2012). Metodologia de ensino para uma sexualidade positiva e responsável. *Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, 19, 91-102.

- Vilaça, T. (2019). Metodologias de ensino na educação em sexualidade: desafios para a formação contínua. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 14(2), 1500-1537.
- Villela, W. V., Doreteo, D. T. (2006, novembro). Sobre a experiência sexual dos jovens. *Cad. Saúde Pública*, 22(11),2467-2472.
- Werebe, M. J. G. (1998). *Sexualidade, Política, Educação*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Zanette, J. E. (2018). *Coordenação pedagógica na educação infantil e as (im)possibilidades de uma rede (in)formativa sobre gênero e sexualidade*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Affonso, L. M. A & Ribeiro, P. R. M. (1997). O “ficar” e o “rolo”: provocando o debate sobre as atitudes e relações afetivas dos jovens no final do século XX e início do século XXI. In Aquino, J.G. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 6. ed. São Paulo: Summus.
- Almeida, M., & Comin, A. (2021). Racismo no Livro Didático? Sim, no Livro de Sociologia. In *Anais do XXIX Seminário de Educação*, (pp. 2422-2432). Porto Alegre: SBC.
- Amorim, S. M. G. & Brancaloni, A. P. L. (2019). VOZES ABJETAS: A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UM GRUPO DE PESSOAS TRANSEXUAIS DO INTERIOR DE SÃO PAULO. *Cadernos CIMEAC* v. 9(2).
- Brasil. (1997) Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.
- Braz, M. G. F & Barros, J. C. M. (2019). Sexualidade: perspectiva histórica e significação cultural. *Acta Biomedica Brasiliensia* v.10, 13-22.
- Bueno, R. C. P., & Ribeiro, P. R. M. (2018). HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: APONTAMENTOS PARA REFLEXÃO. *Revista Brasileira De Sexualidade Humana*, 29(1), 49–56.
- Carvalho, P. R., (2010). Mídia e Sexualidade. Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social, (17),217-225.. ISSN: 1578-8946.
- César, F. R. M., Araújo, M. C. M. de ., & Moreira, R. N. de M. . (2021). Práxis pedagógicas de enfrentamento ao racismo no Ensino Médio. *Ensino Em Perspectivas*, 2(4), 1–9.
- Fernandes, F., & Lorenzetti, L. (2021). A EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE E SEUS ASPECTOS CIENTÍFICOS E SOCIOCULTURAIS: UMA ABORDAGEM NOS ANOS INICIAIS. *Investigações Em Ensino De Ciências*, 26(2), 254–270.
- Fernandes, I. S. (2015). *Juventude: uma categoria socio histórica*. [Apresentação de Trabalho]. EDUCERE: Congresso Nacional de Educação, XII
- Foucault, M. (1994). *A história da Sexualidade I - A vontade de saber* Lisboa: Relógio D'Água.
- Foucault, M. (1979) *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- Jardim, D. P. & Brêtas, J. R. S. (2006). Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59(2) 157-162,
- Kileling, S. S. (1993). Aspectos Psicopedagógicos da Educação Sexual. In: Ribeiro, M. (Org.). *Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempo.

- Moura, A. R., & Zibetti, M. L. T. (2023). A ESCOLA PARA TODES? O QUE DIZEM OS ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO DE PESSOAS TRANS. In *SciELO Preprints*.
- Moura, J. C. de L., Silva, P. M. C. da, & Araújo, M. C. C. (2017). GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA TRANSVERSALIDADE RELEVANTE. *Geoconexões*, 2, 12–20.
- Neves, D. M. (2019.) Sexualidade: Saber e Individualidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27 (2)
- Pazó, R., Salles, G., Zaganelli, J. (2016). Transexualidade e o direito fundamental à educação: uma análise sobre a responsabilidade civil das instituições privadas de ensino. *Revista de Direito Brasileira*, v.5.
- Queiroz, V. dos R., & Almeida, J. M. de. (2018). Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. *Revista Da Faculdade De Ciências Médicas De Sorocaba*, 19(4), 209–214.
- Ribeiro, P. R. M. (1990) *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU.
- Robson, L. (2022) *Bullying e trote universitário: considerações dialéticas sobre educação e civilização na barbárie*. São Paulo: Pimenta Cultural.
- Rodrigues Ligeiro, I., & Brito, J. E. de. (2021). Formação docente para as relações étnico-raciais: o que dizem professores de sociologia do ensino médio?. *Formação Docente – Revista Brasileira De Pesquisa Sobre Formação De Professores*, 13(27),
- Russo, J. A. (2013). A terceira onda sexológica: medicina sexual e farmacologização da sexualidade. *Revista Latinoamericana*, (14), 172-194.
- Silva, J. R. da. (2018). A ação docente na prevenção ao abuso sexual infantil. *Eventos Pedagógicos*, 9(3), 973–986.
- Silva, N. B., Moreira, A. F., Augusta, P., Fagundes, R., & Rena, L. C. C. B. (2018). RELACIONAMENTOS HOMOAFETIVOS: DESAFIOS PARA UMA EXPRESSÃO NO ESPAÇO PÚBLICO. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, 3(6), 587 - 601.
- Silva, O. M. da. (2002). *Origens da educação (Sexual) brasileira e sua trajetória*. [Apresentação de Trabalho]. ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO da UFPI.
- Silva, R. D. da. (2020). A exclusão da temática sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental na BNCC e seus reflexos para o ensino de ciências. *Horizontes - Revista De Educação ISSN 2318-1540*, 8(15), 98–112.
- Sousa, C. A. de, Maldonado, D. T., & Neira, M. G. (2018). Círculo de cultura e educação física: a tematização do funk na escola. *Kinesis*, 36(1).

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DE CAMPO

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DE CAMPO

RECOMENDAÇÕES PRELIMINARES

- Acordar previamente os dias das observações de campo juntamente com o coordenador pedagógico da instituição
- Chegar com 15 minutos de antecedência do horário de intervalo dos alunos
- Levar caderno para anotações
- Levar garrafa de água
- Usar roupas discretas e confortáveis
- Não fazer uso de telefone celular durante as observações

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO:

- ❖ Observar o ambiente (descrever espaço físico, clima e outras questões relevantes)
- ❖ Circular pelo principal local onde ocorre o intervalo dos alunos de forma discreta, buscando sentar-se em locais que privilegiam a vista dos alunos mas que não influenciam em sua circulação.
- ❖ Circular em locais onde os alunos possuem acesso durante o intervalo, como sala de aulas, bibliotecas, banheiros, escadas, bebedouros etc, de forma discreta.
- ❖ Observar as estruturas (portas, janelas, paredes, corrimãos) e móveis da instituição (cadeiras, mesas, estantes) se há manifestações escritas ou desenhadas sobre sexualidade.
- ❖ Anotar diálogos e eventos especiais que ocorrerem.
- ❖ Caso algum aluno(a) aborde a pesquisadora, se apresentar como mestrandia em Educação Sexual e conduzir a conversa com naturalidade, anotando posteriormente pontos conversados que achar importante.
- ❖ Preencher de forma mais detalhada possível os itens de descrição da observação e as percepções da pesquisadora

ESTRATÉGIAS PARA A OBSERVAÇÃO

- ➔ Aprender a prestar a atenção, ver o que há para ver e ouvir o que há para ouvir. Realizar as observações e anotações sem manifestar juízos de valor, crenças e valores pessoais.

DIMENSÕES DA OBSERVAÇÃO:

Objetivo: cobrir impressões obtidas através das observações dos alunos durante o intervalo de aulas em locais do espaço escolar.

Temas de comportamento geral

➤ Características gestuais / físicas

- postura corporal
- vestimentas
- características dos gestos
- contato visual
- característica da voz (exemplo: alto, suave, fluente, parada)
- tom da voz

➤ Expressões afetivas

- disposições entre os alunos
- interação física entre os alunos (toques, afagos, beijos, etc)
- linguajar entre os alunos

➤ Relações

- Como os alunos se relacionam com os demais no ambiente escolar durante o intervalo?
- Há variações de interações entre os alunos em diferentes locais da instituição?

FONTES DE DADOS

1. O ambiente: A descrição deve ser suficiente detalhada para que o leitor visualize o setting do estudo
2. Envolvimento Humano: O modo como os seres os alunos interagem, molda a maneira como se comportam em um ambiente.

APÊNDICE B - RELATÓRIO DESCRITIVO DE OBSERVAÇÃO - ESCOLA PÚBLICA

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO - ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO

O presente relatório descreve as observações de campos realizadas nos dias 17 e 18 de Agosto de 2022 numa escola pública de Ensino Médio localizada no centro da cidade de Rio Claro - SP.

Em ambos os dias, o dia estava frio e nublado. A escola observada se encontra no centro da cidade e sua estrutura possui um prédio histórico onde anteriormente foi uma Escola Profissional Masculina. O prédio passou por várias reformas e extensões, porém abriga majoritariamente a secretaria, salas de coordenação e direção; garagem, salas dos professores e cozinha. Do lado oposto ao prédio há um complexo onde se situam salas de aulas, banheiros e laboratórios. Há outro edifício onde há salas de informática, xerox, cantina e biblioteca. Nos fundos da escola há os laboratórios dos cursos técnicos ofertados pela escola, juntamente com as quadras de vôlei e poliesportiva e orefeitório. Nos espaços entre os edifícios há diversos bancos de concreto, lixeiras e murais.

Nos dias de observação, pode-se circular livremente nos ambientes externos e internos dos quais os alunos e alunas têm acesso. Neles, pode-se observar nas mesas, bancos e paredes as marcas que sinalizam sua presença, como nomes escritos, números de telefone, apelidos, frases e afins. Desenhos de penis nas cadeiras e palavras como “otário” foram encontrados em algumas salas. No banheiro feminino, não foram encontrados grafitos, mas havia um a caixa disponibilizada com absorventes externos com a placa “Atenção! Pode pegar! É seu... é nosso! Quem pode parar um ser que tem o poder de gerar uma vida? #dignidadeintimaetecbys”. No banheiro masculino, não foram encontrados nenhum recurso ofertados aos usuários, porém haviam muitos grafitos nos banheiros. A maioria deles eram expressões sobre questões filosóficas e sociais quanto a paz no mundo e igualdade entre os homens. Porém, uma discussão escrita chamou a atenção, a frase “dê todo amor carinho para ela e veja ela te trocando por outro”, em seguida, três flechas sinalizavam para as respectivas réplicas: “para de ser otário!”, “tem que dar rola, saber chupar uma buceta!!!”, “o outro faz tudo isso, carinho de cu é rola!”. Das expressões gravadas nas estruturas da escola, estas foram as que mais se destacaram.

Quanto às manifestações dos alunos, foi observado primeiramente suas vestimentas. As meninas usavam saias rodadas e shorts curtos (na altura do meio da coxa ou acima), seus

cabelos variavam de cortes indo dos mais curtos aos mais longos, com e sem mechas coloridas. Já os meninos também possuíam cabelos longos e curtos em conjunto com a sobrancelha estilizada, usavam calças jeans e bermudas; correntes, brincos, piercings e pulseiras eram partes de seus acessórios, alguns deixavam suas tatuagens à mostra e outros tinham as unhas pintadas. Notou-se que, em ambos os gêneros observados, muitos usavam as camisetas criadas pelos alunos para os jogos de Interclasse e para as turmas de formandos, não se percebeu em nenhum momento a obrigatoriedade do uniforme tradicional da escola.

Durante a circulação nos ambientes citados anteriormente nos horários de intervalos dos alunos, averiguou-se a disposição dos mesmos no espaço escolar. Os grupos eram variados, sendo homogêneos e heterogêneos. No refeitório se concentravam aqueles que realizavam suas refeições e também rodas de conversa. Próximo ao local, alguns alunos e alunas jogavam vôlei na quadra e outros ping-pong na área de garagem. No refeitório, havia uma aluna tocando violão e cantando com um grupo de amigos. Outro grupos se dispunham nas áreas de circulação entorno dos bancos de concreto.

Os comportamentos observados variavam conforme o gênero, notou-se que as meninas se abraçavam e expressavam carinho entre elas; da mesma forma, notou-se o mesmo comportamento nos casais heterossexuais observados. Entre os meninos, observou-se pouco contato físico, sendo sua ocorrência somente através de toques breves ou empurrões, não notou-se casais gays na escola. Pode-se ouvir expressões como “caralho”, “filha da puta”, “cabaço”, “buceta”, “mó daora”, “vai tomar no cu”, “mano”, “mermão”, “pô”, “porra”, “sem vergonha” e “viado” em vozes altas durante a circulação nos espaços, assim como brincadeiras e risadas em tom alto. No refeitório, pode-se ouvir uma conversa entre alunos sobre a frustração com o retorno das aulas e a necessidade de voltar à estudar; assim ouviu-se a frase “descontar tudo em sexo e punheta”. Logo, o assunto sobre torção testicular surgiu na roda e os alunos trocaram imagens ilustrativas sobre a situação. Em outro momento, o tema de musculação apareceu e os meninos logo pediram para um aluno específico “compartilhar a foto do *shape*” (ou seja, de sua aparência física). Outras frases ouvidas no refeitório foram “sua mãe de quatro na cama”, “não existe mulher feia, existe mulher mal cozida”, “mãe gostosa”.

Das expressões sobre sexualidade citadas, a maioria são as mesmas vivenciadas pela pesquisadora no seu período em que cursava o ensino médio, ou seja, há uma década. Assim, reflete-se que os interesses e manifestações da sexualidade na juventude possui um cerne comum independentemente da época, sendo este o interesse pelas primeiras vivências e

experimentações da sexualidade com caráter libidinal, a busca da definição da identidade e o reconhecimento como sujeito apto para o mundo adulto.

APÊNDICE C - TCLE PROFESSORES E GESTORES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa de Dissertação de Mestrado intitulada “SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: O QUE PENSAM E FALAM PROFESSORES/AS E GESTORES DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO MÉDIO” desenvolvida pela mestranda Giovanna Souza Picolo, do Curso de Mestrado Profissional em Educação Sexual, pela Faculdade de Ciências e Letras - UNESP Câmpus de Araraquara, RG. 37.219.145-9, sob a responsabilidade e orientação da Profª Dra. Célia Regina Rossi, RG 107.363.372-0, Docente do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar e Educação Sexual na Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Câmpus de Araraquara.

O objetivo da pesquisa é investigar quais ideias e reflexões sobre a sexualidade e relações de gênero estão no ambiente escolar de Ensino Médio público e privado. Busca-se saber quais as vivências relacionadas à sexualidade existem entre os estudantes e de que forma os profissionais da educação atuam com a manifestação destas no meio escolar.

Na maioria das vezes, a escola não trata de forma aprofundada o assunto de sexualidade nas salas de aula, por acreditar que este deve ser restrito à família e que seu papel deve ser de apenas ensinar sobre sistema reprodutor, métodos contraceptivos e as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Assim, acredita-se que tratar de sexualidade na escola deve ir além, sendo vista como um meio de formação de valores atitudinais voltados a questões de sexualidade. Insere-se aqui o combate às discriminações de gênero, à homofobia, à transfobia e à violência sexual, psicológica, física, etc. Estas questões devem ser tratadas de maneira crítica e reflexiva, elementos fundamentais para a prática da Educação em Sexualidade. Quando o/a professor/a toma consciência da importância de estudar a sexualidade, reconhece a importância dela para a formação do/a estudante e assume uma postura de comprometimento profissional ligado aos Direitos Humanos.

A pesquisa busca identificar e debater as semelhanças e contrastes nos discursos sobre sexualidade e Educação Sexual entre os/as professores/as gestores/as das escolas pesquisadas e também traçar as semelhanças e diferenças entre as redes de ensino público e privado. Por fim, busca-se apontar como as instituições de ensino, juntamente com os/as professores/as e gestores/as, podem atender suas necessidades por meio dos currículos escolares; propondo assim, iniciativas que abram espaços nas escolas para a discussão da Educação Sexual.

Havendo interesse de sua parte em participar da pesquisa, será realizada uma entrevista que será gravada, com duração máxima de uma hora. Haverá a destruição das gravações após a sua transcrição. Em relação aos possíveis riscos que a pesquisa pode oferecer aos participantes, estes são mínimos, podendo haver constrangimento de sua parte em responder ou por não compreender algumas das perguntas feitas, ou ainda o cansaço durante a entrevista. Esclarecemos que a participação é totalmente voluntária, a negação da mesma não acarretará a você nenhum tipo de dano. Se em qualquer momento durante a pesquisa houver desistência, não lhe haverá prejuízo algum. A pesquisa não envolve custos para o participante.

C A pesquisa não possui fins lucrativos, não haverá nenhuma despesa ou remuneração para o participante. Há a garantia ao participante de seu direito de requerer indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Todos os dados informados são confidenciais e serão utilizados apenas para a pesquisa, garantindo o sigilo e privacidade de cada participante. Você terá acesso aos dados e resultados da pesquisa após o exame de defesa de Dissertação de mestrado.

Havendo interesse e ciente dos objetivos, benefícios e possíveis riscos, o/a convidamos para assinar este termo em duas vias, sendo uma destinada ao senhor (a) e outra à pesquisadora.

Local/data: _____, ____/____/____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do pelo participante da Pesquisa

Dados do participante da pesquisa

Nome: _____

Idade: _____

Documento de Identidade: _____

Gênero: _____ Data de nascimento: ____/____/____

Telefone para contato: _____

Turma: _____

Nome da Escola: _____

Dados sobre a pesquisa:

“SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: O QUE PENSAM E FALAM PROFESSORES/AS E GESTORES DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DE ENSINO MÉDIO”

Pesquisadora Responsável: Prof.^a Dra. Celia Regina Rossi

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Endereço: Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, Machados, CEP: 14800-901, Araraquara/SP

Dados para contato: Tel. (16) 3334-6212 e-mail: celia.rossi@unesp.br

Aluna pesquisadora: Giovanna Souza Picolo

Cargo/função: Aluna do curso de Mestrado em Educação Sexual

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Endereço: Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, Machados, CEP: 14800-901, Araraquara/SP

Dados para contato: Tel. (19) 3525-2648 e-mail: giovanna.picolo@unesp.br

CEP/UNESP-Câmpus Araraquara

Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, Machados, CEP: 14800-901, Araraquara/SP

Telefone: (16)3334-6224

Número do parecer: 5.525.346

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSORES**Roteiro da entrevista - Professores****Identificação**

Gênero: () F () M

Idade: _____

Curso que se graduou: _____

Ano em que se graduou: _____

Instituição em que se graduou: _____

Tempo de atuação no magistério (em anos): _____

Série(s) que leciona: _____

Pós-graduação: (especifique) _____

Questões***I- Trajetória de formação***

1. Em algum momento, durante a sua formação, foram discutidas questões de sexualidade?
2. Houve alguma disciplina específica desse assunto ou as discussões se deram em várias disciplinas por meio de artigos, filmes, documentários, em algum módulo, trabalho, seminário, etc.? Se sim, quais assuntos foram abordados? Se não, você sentiu falta desta abordagem?
3. Sua formação lhe dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual em sala de aula?
4. Você participa, ou participou de palestras, cursos, oficinas, congressos, simpósios relacionados à Educação Sexual? Se sim, como foi essa experiência para você?
5. Quando você estava no Ensino Médio (antigo colegial), como eram as aulas que tratavam sobre Educação Sexual?

II- Atuação Profissional

1. O que você entende como “sexualidade”?
2. O que você entende como “Educação Sexual”?

3. Quais assuntos sobre o tema de sexualidade você aborda em suas aulas? Como você costuma abordar? Pode descrever um pouco?
4. Como os alunos costumam receber esta temática? Há aqueles que se recusam por conta de religião ou orientação da família? Pode descrever um pouco ?
5. Quando você vai abordar algum tema de sexualidade com os alunos, de que forma você prepara sua aula e os conteúdos?
6. Você trata somente de sexualidade ou também sobre gênero, etnias e discriminações?
7. Em quais atividades as temáticas de sexualidade e gênero são colocadas ou de que maneira elas aparecem em seu planejamento?
8. Qual tópico sobre esse assunto você acha mais difícil de tratar com os alunos?
9. Quais as manifestações (risos, piadas, perguntas, olhares) dos alunos que mais costumam aparecer quando você trata sobre sexualidade em suas aulas? Como você se sente?
10. Quais as formas como os alunos manifestam sua sexualidade dentro do espaço escolar? (beijos, carícias, comportamentos, vestimentas, etc.)
11. Enquanto professor/a, você se sente legalmente amparado/a para atuar com a temática de sexualidade no seu local de trabalho?
12. Você sente que possui algum apoio ou direcionamento da gestão para planejar suas aulas sobre Educação Sexual ou para lidar com as manifestações dos alunos em sala de aula? Existem conflitos?
13. Em relação à gestão da escola (os/as coordenadores/as), como você avalia a forma como eles/as lidam com as questões que envolvem sexualidade dentro do espaço escolar? Você faria diferente?
14. Na temática de Educação Sexual, como você avalia o material didático oferecido pela escola em relação às informações e os conteúdos a serem trabalhados? Você sente liberdade para acrescentar ou modificar a forma na que os conteúdos são apresentados?
15. Você gostaria de falar mais alguma coisa ou comentar mais sobre algum assunto que foi perguntado?

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA GESTORES**Roteiro de entrevista - Gestores****Identificação**

Gênero: () F () M

Idade: _____

Curso que se graduou: _____

Ano em que se graduou: _____

Instituição em que se graduou: _____

Tempo de atuação no magistério (em anos): _____

Tempo de atuação na coordenação escolar (em anos): _____

Pós-graduação: (especifique) _____

Questões***I- Trajetória de formação***

1. Em algum momento, durante a sua formação, foram discutidas questões de sexualidade?
2. Houve alguma disciplina específica desse assunto ou as discussões se deram em várias disciplinas por meio de artigos, filmes, documentários, em algum módulo, trabalho, seminário, etc.? Se sim, quais assuntos foram abordados? Se não, você sentiu falta desta abordagem?
3. Sua formação lhe dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual no espaço escolar?
4. Você participa, ou participou de palestras, cursos, oficinas, congressos, simpósios relacionados à Educação Sexual? Se sim, especifique e esclareça: quem organiza/ou e qual a duração.
5. Quando você estava no Ensino Médio (antigo colegial), como a escola tratava sobre Educação Sexual?

II- Atuação Profissional

1. O que você entende como “sexualidade”?
2. O que você entende como “Educação Sexual”

3. Quais as manifestações que envolvem sexualidades você observa nos alunos durante e fora das aulas no espaço escolar? Você se sente preparado/a para lidar com essas manifestações?
4. De que forma você costuma agir quando há manifestações que envolvem a sexualidade dos alunos na escola?
5. Você realiza algum tipo de orientação com os/as professores/as em relação à temática de Educação Sexual abordada com os alunos?
6. Quando um/a professor/a relata alguma manifestação de alunos que envolve a temática de sexualidade, você oferece algum apoio ou realiza alguma orientação? Se sim, pode descrever um pouco sobre isso?
7. Alguma vez você abordou a temática de sexualidade com os alunos/professores junto a um profissional fora da escola? Se sim, pode descrever um pouco sobre?
8. Você acredita que a escola oferece um ambiente acolhedor e seguro onde os alunos possam buscar informações para as dúvidas de questões ligadas à sexualidade?
9. Na temática de Educação Sexual, como você avalia o material didático oferecido pela escola em relação às informações e os conteúdos a serem trabalhados?
10. Você tem conhecimento se a Secretaria de Educação/Sistema de Ensino na qual esta unidade educacional está inserida possui alguma proposta de Educação Sexual para o Ensino Médio? Caracterize-a.
11. Na sua visão, qual a postura da comunidade escolar e das famílias em relação às manifestações da sexualidade dos alunos? Como as famílias recebem a atuação da escola em Educação Sexual? Pode descrever um pouco sobre isso?
12. Você gostaria de falar mais alguma coisa ou comentar mais sobre algum assunto que foi perguntado?

APÊNDICE F - ENTREVISTA PROFESSORA BIA

Transcrição de entrevista escola pública - Profª Bia

Identificação ‘

Curso que se graduou: Ciências Biológicas e Pedagogia

Ano em que se graduou: Ciências Biológicas (1997) e Pedagogia (2016)

Instituição em que se graduou: UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Tempo de atuação no magistério (em anos): 24

Série (s) que leciona: Primeiro a terceiro ano do ensino médio

Pós-graduação: Tutoria EAD, Design Institucional para EAD, Sociedade e Tecnologia

Questões:

I- Trajetória de formação

Giovanna: Falando um pouquinho sobre a sua trajetória de formação. Em algum momento durante a sua formação, foram discutidas questões de sexualidade?

Bia: Na primeira formação que foi há mais de 20 anos, não. Na segunda, bastante. Nós tínhamos matérias sobre isso.

Giovanna: Entendi. Houve alguma disciplina específica desse assunto ou as discussões elas aconteceram em várias disciplinas, por meio de artigos, filmes, documentários?

Bia: Sim, sim, sim. Por meio de artigos, filmes, mas não uma matéria específica.

Giovanna: Quais assuntos foram abordados, você lembra?

Bia: A gente discutiu sobre a nova realidade, dos jovens estarem descobrindo mais cedo sua sexualidade, a capacidade que eles têm de se assumir. A gente discutiu a necessidade do acompanhamento familiar da aceitação da escola, do professor estar preparado para lidar com isso. A gente discutiu muito sobre as novas nomenclaturas dentro dessas coisas, o LGBTQI, o que cada letra faz e toda a realidade da sociedade.

Giovanna: A sua formação hoje lhe dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual em sala de aula?

Bia: Sim, sim, sim, não só a formação. A formação dá uma ideia, mas as leituras extras, sim.

Giovanna: Você participa ou já participou de palestras, oficinas, cursos, congressos, simpósios relacionados à Educação Sexual.

Bia: Palestras, só.

Giovanna: Como que (*sic.*) foi essa experiência para você?

Bia: É sempre esclarecedora, né? Sempre coisas que você não pensa, ou histórias e vivências que você não tem, porque a gente parte do princípio que, por exemplo, eu, a idade que eu tenho, e o tempo em que eu me formei, eu não vivia isso, eu não tive nada disso na minha realidade pessoal. Então é sempre uma descoberta as coisas que a gente ouve.

Giovanna: E quando você estava no ensino médio, que era o antigo colegial, como eram as aulas que tratavam sobre Educação Sexual no seu ensino Médio? Como eram essas aulas?

Bia: Ah, era biologia, né? Era só as aulas de ciências, de biologia, a gente teve aula de Educação sexual no segundo e terceiro ano do ensino médio. E aí tratava da situação de consentimento, o que era intimidade, como funciona o corpo, saúde, as IST, só.

II- Atuação Profissional

Giovanna: Entendi. Bom, falando sobre a sua atuação profissional agora, o que que você entende como sexualidade?

Bia: Sexualidade para mim, é a sua, o sentimento que você tem a respeito do seu próprio corpo. Como você se identifica, né? Como você se sente no seu corpo e o que o corpo do

outro provoca em você. Então é a sua identidade pessoal com relação a desejos sexuais, você e o outro. Para mim sexualidade é isso.

Giovanna: E o que que (*sic.*) você entende como Educação Sexual?

Bia: Educação sexual para mim é tudo. A gente começa pensando, por exemplo, é Educação Sexual para criança é exatamente mostrar para ela como é o corpo dela, o que é permitido, o que não é, fazer ela identificar que algumas coisas são incômodas, porque criança tem isso. Ah isso não é legal, não é gostoso, então Educação Sexual na infância é fazer a criança entender que aquilo que não faz bem para ela não é correto e ela identificar o próprio corpo. E a Educação Sexual, por exemplo, de um adolescente é ele se identificar, é ele se aceitar, é ele entender biologicamente alguns sentidos, quase instintivos do corpo e como é que ele vai relacionar isso na sociedade? Aceitação da sociedade, como que ele manifesta a isso se ele está sendo aceito, se ele não está, como que ele trabalha isso então, para mim a Educação Sexual vai ser dividida assim e deveria ser trabalhada dessa forma.

Giovanna: E quais assuntos sobre o tema de sexualidade você aborda em suas aulas? Como que você costuma abordar? Se você puder descrever um pouquinho.

Bia: A gente começa, normalmente eu sempre vou falando primeiro, a gente começa falando do sistema reprodutor, apresentando todo o sistema reprodutor. Aí a gente fala de hormônio, a relação do hormônio com o sistema reprodutor com o sistema nervoso, aí a gente vai trazendo histórias, principalmente as que tem acontecido. Aí tem um livro e alguns vídeos do Drauzio Varella que ele relaciona a sexualidade ao DNA e a genética e isso explica um pouquinho como que os genes atuam nessa sexualidade. E tudo isso a gente vai assistindo e vai conversando, aí eu trago algumas coisas para eles pesquisarem para a gente fazer debate, por exemplo, sobre o aborto. Quem tem direito, quem não tem, as manchetes mais populares sobre isso, e aí eu vou ouvindo a opinião deles. A gente vai lendo sobre leis, o que que (*sic.*) é permitido, o que não é permitido, por que é que deveria ser permitido. Então, a gente vai trabalhando coisas mais ou menos assim. A realidade hoje do homossexualismo, comparo com o que era. A gente traz, fala um pouco também sobre o psicológico dentro disso, como que eles se sentem, aquele que não é aceito, que não consegue se assumir, fica depressivo. Não que a gente faça eles falarem que eles são alguma coisa, mas a gente traz, eu trago e eles

também trazem matérias para a gente conversar sobre isso e ajudar a elucidar alguma coisa para quem ainda está meio perdido.

Giovanna: E como que os alunos costumam receber essa temática?

Bia: Nossa maravilhados, eles adoram.

Giovanna: E tem alguns que eles se recusam por conta de religião ou orientação da família?

Bia: Sim, eu já começo explicando que aqueles que não quiserem participar, que os pais não permitem que eles podem pedir para sair, aí eles fazem atividade diferente durante essas aulas, mas normalmente são alunos que têm algum tipo de religião mais rígida que não gostam de participar ou mesmo os que têm falam “Não, professora, o meu pai não precisa saber. Eu quero ouvir”.

Giovanna: Entendi. Você trata somente sobre sexualidade ou você também trata sobre gênero, etnias e discriminações?

Bia: Ah sim, sim. A gente tem que falar de todo mundo, como que essas pessoas são abordadas dentro disso. A realidade, por exemplo, de você ser gay branco e você ser gay negro, né? É muito diferente, então sim, a gente aborda.

Giovanna: Como que você costuma trazer para as suas aulas isso?

Bia: Como eu falei, a gente traz matérias, né? Que estão na mídia, casos, eles pesquisam. Tem algumas páginas e algumas redes sociais que são interessantes. Tem uma que eu gosto de usar bastante, porque a gente fala sobre a pornografia. O grande problema que é a pornografia porque ela provoca até danos cerebrais, o vício na pornografia. Tem uma página no Instagram que se chama “Recuse a Clicar” que trabalha bastante sobre isso. Então, a gente pesquisa essas coisas e traz esses assuntos, esses artigos e conversa sobre em sala de aula.

Giovanna: Em quais atividades as temáticas de sexualidade e gênero são colocadas ou de que maneira que elas aparecem no seu planejamento de aulas?

Bia: Sempre eu coloco no planejamento sobre sistemas humanos e aí conforme eu vou trabalhando o sistema reprodutor, a gente entra em Educação Sexual.

Giovanna: E qual desses tópicos, sobre esse assunto de sexualidade, você acha que é mais difícil de tratar com os alunos?

Bia: Sinceramente, hoje nenhum. Já foi mais difícil, hoje nenhum.

Giovanna: Como que era antes? Para você isso, já que você tem bastante tempo de magistério, como o que você achava?

Bia: Para mim nunca teve problema. Eu sempre fui bem, como que eu vou falar para não falar maluca, bem mais desenvolta naquilo que eu queria fazer, mas antes os alunos, eles eram menos receptivos, mais envergonhados, menos participativos, era tabu. Agora não.

Giovanna: E quais manifestações, pode ser risos, piadas, olhares, perguntas dos alunos que mais costumam acontecer ou mais costumam aparecer quando você trata sobre sexualidade nas suas aulas, como que você se sente em relação a isso?

Bia: Então, hoje em dia já não é tanto problema. Antes, eu vou pensar aí uns 8 anos atrás, era muita piadinha e eu tinha que ficar chamando atenção. Hoje eles já são bem mais maduros com isso, até já entro na sala falando “quem for fazer piadinha eu vou pedir para sair porque não é uma brincadeira”. Mas hoje já não acontece tanto, já não tem mais isso. É mais os meninos, quando a gente vai falar, é incrível, né? A gente vê a relação fálica que eles têm com o próprio pênis, que aí eles ficam nas brincadeirinhas, porque eles têm o pênis, aí eu volto na explicação que aos 5 anos de idade, eles descobrem o pênis e o homem normalmente nunca mais se desvincula, para o resto da vida ele tem essa interação maravilhosa que tudo é voltado para o pênis e aí eles param. Quando eu falo que eles têm 5 anos de idade, acaba, pelo menos a minha frente na aula acaba. Eles podem até brincar depois, mas não na sala de aula, então hoje é mais tranquilo.

Giovanna: E quais as manifestações você geralmente percebe?, Piadinha, riso, desenhos

Bia: É, desenho tem um monte, se você olhar nas carteiras da escola, tem pênis desenhado para todo lado e é só ensino médio. Que mais tem é pênis desenhado e é o que eu falo, é essa relação fállica, e aí as piadinhas sempre voltada para o objeto de disputa, o seu é pequeno, meu é maior a você é isso, né? Sempre relacionando o poder ao tamanho do pênis, é a ideia do poder fállico.

Giovanna: E quais as formas como os alunos manifestam a sua sexualidade dentro do espaço escolar que você observa? Pode ser beijo, carícias, comportamentos, vestimentas.

Bia: Ah, eles manifestam basicamente de todas as formas, o que eu percebo. Vestimenta, hoje eles estão bem mais soltos para isso. As coisas estão começando a ser mais aceitas, mas eu percebo, é uma coisa até complicada de dizer que eu percebo que alguns alunos que têm aquela religiosidade mais rígida e que se sentem sexualmente diferente daquilo que a religião e o pai quer, na escola, no comportamento ele solta mais. Eles demonstram mais que tem, uma coisa diferente daquilo que ele veste. Um exemplo, um menino tem que se vestir de Jeans, camiseta, tênis, boné, mas os trejeitos e o comportamento dentro da escola é completamente fora daquilo que é imposto para ele.

Giovanna: E do que você vê de comportamento mais dos alunos, que que você mais observa, assim, dos comportamentos que chamou a atenção?

Bia: Hoje eles são mais carinhosos, por exemplo, as meninas. Elas já se abraçam, elas se beijam, elas têm pequenos relacionamentos dentro do colégio e está tudo bem. Antes isso não era visível, a forma como eles se relacionam hoje dentro da escola também mais aberto.

Giovanna: Enquanto professora, você se sente legalmente amparada para atuar com a temática de sexualidade no seu trabalho?

Bia: De jeito nenhum, nem precisa terminar. De jeito nenhum. Eu corro um sério risco, então eu sempre que vou trabalhar com isso, porque hoje é mais do que necessário, eu tenho que comunicar a coordenação e a direção para eles ficarem cientes. E aí eu mostro, ó, tem, é sistema reprodutor e aqui fala sobre algumas. Eu vou abordar essa temática. Não, eu não me sinto segura. Eu morro de medo de tomar um processo de um pai. Né? Mas.

Giovanna: E você acha que esse impedimento, essa insegurança, essa falta de amparo que você sente te traz assim, limitações na sua atuação?

Bia: Sim, sim, a gente podia trabalhar por mais tempo isso. Quando eu termino o sistema reprodutor, eu demoro mais umas 2 aulas para terminar o que eles querem discutir e vou para o próximo sistema. Se eu me sentisse amparada eu continuaria com as discussões que eles precisam.

Giovanna: Entendo. Você sente que possuem algum apoio ou direcionamento da gestão para planejar suas aulas sobre Educação Sexual ou para lidar com as manifestações dos alunos nas salas de aulas?

Bia: Sim, sim, foi o que eu falei, quando eu vou trabalhar eu comunico eles. Fica todo mundo a par e todo mundo apoia, o que eu precisar eu tenho certeza que eu consigo. Sim, aqui na escola sim, eu não sei como são as outras escolas, mas aqui sim.

Giovanna: Entendi. E em relação à gestão da escola, os coordenadores e o diretor, como que você avalia a forma como que eles lidam com as questões que envolvem sexualidade dentro da escola?

Bia: Ah, olha, na gestão, como eu converso bastante, tem algumas pessoas que lidam super bem, mas que o maior problema são os próprios professores. Alguns professores são preconceituosos, bastante preconceituosos. Nós tivemos um caso de uma aluna que se transferiu porque o professor simplesmente não tratava ela pelo nome e pela sexualidade que ela tinha assumido. Aí ela pediu transferência porque ela se sentiu, ela sentiu preconceito. Ela se sentiu, eu não sei a palavra, mas ela se sentiu...

Giovanna: Não inclusive dentro da escola?

Bia: Isso, não se sentiu aceita. Aí ela pediu para sair.

Giovanna: Você faria diferente? As formas como a gestão, você faria diferente da gestão, da forma como a gestão lida com as pessoas?

Bia: A gestão, não. Mas os outros professores, sim.

Giovanna: E na temática de Educação Sexual, como que você avalia o material didático oferecido pela escola em relação às informações e os conteúdos a serem trabalhados?

Bia: Zero. Eu trago, eu complemento, não tem nada.

Giovanna: E você sente essa liberdade para acrescentar ou modificar a forma que os conteúdos são apresentados?

Bia: Sim, precisa né. Para falar de Educação Sexual você tem que mudar muita coisa, porque não tem. O tabu vem de cima.

Giovanna: Bom, você gostaria de comentar mais alguma coisa ou comentar sobre algum assunto aqui que foi perguntado? Quer trazer mais algum relato?

Bia: Eu acho que não. Acho que é isso mesmo. Infelizmente a gente ainda tem muito preconceito por parte dos professores mais antigos, né? Eu compreendo, inclusive eu falo isso para os alunos durante as nossas conversas, coisas que eu gosto de abordar. A gente tem que entender que essas pessoas não foram treinadas e educadas para aceitar bem isso. O machismo institucionalizado, cultural, não preparou essas pessoas para esse tipo de momento, onde a sexualidade é aberta, onde as pessoas se expressam. Então eu falo para eles que sim, a gente precisa ter essa misericórdia também, desde que não haja violência, o outro precisa de misericórdia porque ele não sabe lidar. A gente não sabe lidar, a gente não teve esse treinamento. Eu acho que porque eu sempre tive uma cabeça mais aberta para tudo, cabeça sempre foi mais louca, é tranquilo. Mas eu percebo que os meus pares da mesma idade não lidam tão bem, principalmente o sexo masculino, principalmente os homens. Eles não lidam tão bem com essa realidade, o preconceito é bem maior, mas aí eu falo que a gente tem que entender porque eles foram treinados para isso. Um gay na minha adolescência, ele não ficava no meio de todo mundo, eles eram marginalizados. Isso são coisas que eu tento colocar para eles, que a gente tem que ter essa compreensão. Nem todo mundo está preparado, às vezes

porque não quer mesmo e às vezes porque não consegue, porque foi treinado para viver diferente.

Giovanna: Sair desse desse modo operante talvez seja muito difícil, né?

Bia: Isso é difícil demais, é difícil demais. Eu sou casada com um homem que ele aceita, mas eu percebo que para ele é muito difícil porque ele foi criado por um machista, machista assim, sabe que ensinou ele que não se usa cortador de unha, “arranque a unha no dente, porque cortador de unha é coisa de mulher”. Então como que eu vou cobrar de um homem que foi criado, ensinado, doutrinado, adestrado para ter esse rompante de masculinidade? Não posso. Ele aceita, a gente conversa. Eu falo muito, ele vai ouvindo, mas eu sei que para ele é difícil. É como se você adestrasse um animal. Depois que está adestrado, é difícilíssimo mudar. Ele não vai te avançar, mas ele não vai aceitar a sua presença tão bem.

APÊNDICE G - ENTREVISTA PROFESSORA DIANA

Transcrição de entrevista escola pública - Profª Diana

Identificação

Gênero: (X) F () M

Idade: 38

Curso que se graduou: Física

Ano em que se graduou: 2005

Instituição em que se graduou: UNESP - Instituto de Ciências Exatas - Câmpus Rio Claro

Tempo de atuação no magistério (em anos): 14

Série (s) que leciona: Nono ano do ensino fundamental e primeiro a terceiro ano do ensino médio

Pós-graduação: Mestrado em Engenharia Mecânica

Questões:

I- Trajetória de formação

Giovanna: Vamos lá. Falando sobre a sua trajetória de formação, em algum momento durante a sua formação foram discutidas questões de sexualidade?

Diana: No sentido de formação como professora?

Giovanna: Não, para sua formação onde você está hoje.

Diana: Em escola, sim, mas seria mais uma formação a nível simplesmente como pessoa. Para formação de profissional na área de educação, não.

Giovanna: A sua formação hoje te dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual em sala de aula.

Diana: A minha não.

Giovanna: Você participa ou participou de palestras, cursos, oficinas, congressos, simpósios relacionados à Educação Sexual?

Diana: Nunca fui, não. Nunca participei de nenhum evento. Deixa eu lembrar, teve alguma palestra oferecida pela escola, mas assim de um evento maior, não.

Giovanna: Quando você estava no ensino médio, que seria o antigo colegial, como que eram as aulas que tratavam sobre Educação Sexual?

Diana: Eu lembro mais até no fundamental, mas era uma parte mais questão científica mesmo. Não era nada em temas mais abertos de discussão.

Giovanna: Algo mais voltado para IST e prevenção?

Diana: Sim, sim.

II- Atuação Profissional

Giovanna: Ok. Sobre a sua atuação profissional, o que você entende como sexualidade?

Diana: Bom, isso envolve, para mim, vários aspectos, desde o estado emocional a parte física que a pessoa, ela tem, né? Ela acaba escolhendo... [pausa] Não acho que isso é uma escolha, mas para mim é um contexto bem mais amplo do que um ato, não associo, não associo a palavra sexualidade, por exemplo, a um ato ou uma única ação. Para mim, envolve todo esse contexto de gêneros, de afeto, toda essa descrição.

Giovanna: E o que você entende como Educação Sexual?

Diana: Para mim, a palavrinha, no caso Educação Sexual, envolve sim um olhar para o entendimento do que vai ser em si o ato, as consequências. A importância de falar sobre métodos preventivos, no caso de contraceptivos contra doenças que são transmitidas, nesse sentido.

Giovanna: OK. Você costuma abordar o tema de sexualidade nas suas aulas?

Diana: Nunca, nunca fiz isso.

Giovanna: Ok. Acho que aqui não entraria tanto porque pela temática das suas aulas fugiria. Quais manifestações dos alunos costumam aparecer nas suas aulas? Quando tem algum assunto de sexualidade surgindo assim, tem algumas situações.

Diana: Então é uma coisa que eu até eu mesma quando foi feito o convite para a entrevista, eu fiquei pensando “nossa”. Eu fui resgatar, tentar resgatar um pouco na memória. Para mim, eu não sei se eu fico tão enfocada com a parte do conteúdo, do envolvimento ali com a aula que eu não lembro de ter grandes manifestações. Talvez uma única manifestação, não é nem uma manifestação, mas até uma brincadeira que eu até costumo fazer, talvez acho que é a única a tratar e usar naquela relação de uma frase numa fórmula da física lá.

Giovanna: PV NRT?

Diana: Não, nem é essa, talvez então tem 2 que é lá na parte da ótica, da equação de Gauss, um sobre f é igual um sobre p mais um sobre p linha daí, né? Eles brincam, uma fimose é um pênis mais uma pelinha é que eu acho que a única brincadeira que ainda falo, é uma coisa, é verdade, não é? E é isso, já era. Umas risadinhas, mas não é nada além disso, não chega a abrir uma discussão sobre isso. Alguns eu percebo que às vezes ficam envergonhados, outros olham, não vê muito sentido, mas não chega a ter uma continuidade ou alguma discussão? Nunca teve nenhuma indagação, um questionamento sobre também.

Giovanna: Entendi.

Diana: Então, é muito superficial.

Giovanna: E quais formas que você observa de como os alunos manifestam a sexualidade dentro do espaço escolar? Beijos, carícias, comportamentos, vestimentas, etc.

Diana: É bom isso tem grandes diferenças. Não é para citar nada de turmas.

Giovanna: Pode, pode. Se você quiser trazer relatos, pode trazer.

Diana: Teve uma turma que ainda está na escola, que as meninas começavam, estavam vindo com umas saias, uns shortinhos muito muito muito curtos, e aí eu lembro nisso quando foi colocado até pela coordenação, houve um grande questionamento sobre isso, uma revolta até na escola por conta de as meninas se acharem da liberdade de usar o que quiser, mas aí elas não entenderam que ali é um ambiente próprio de escola. E foi colocado também, eu lembro disso, acabei participando como ouvinte da situação, não estava envolvida, mas elas não entenderam, por exemplo, que a orientação da escola não era para, não estava falando algo que você deve usar ou o que você não deve usar, só estava colocando algumas regras que são propriamente da escola, que tem uniforme, que tem algumas condutas a serem seguidas no ambiente da escola. O que quer fazer e como quer ser? É de escolha de cada uma. Era no caso mais uma orientação. Então lembro desse episódio. Teve uma época, acho que mais ano passado, nos anos atrás, tinha muito, gente querendo beijar pelos corredores. Isso tem diminuído. Eu acho que tem diminuído, ou tem sido talvez mais discretos ou eles tentam esconder mais, talvez eles tentam esconder mais. Por exemplo, hoje mesmo, nessa sala que a gente está, eu usei de manhã, eu peguei a chave porque tem poucos alunos pela escola. Eu saí que estava a sala do lado, a hora que eu voltei, porque eu ia ver, tirar as coisas até fechar, só ouvi alguém “Não, não, não abre “. Era um uns 2, 3 alunos fora da sala, e a hora que eu abri tinha um casal aqui dentro. Pelo tempo até que eu saí, fazia pouco tempo que eles estavam em sala, mas me despertou um alerta, né? A sala aberta eles se fecharam dentro e não sei aqui o que isso continuaria, até onde chegaria. Que é num contexto de depois foi feito na escola, dentro da escola, então foi até um exemplo hoje mesmo que ocorreu. É, e assim, como não estava acontecendo nada. Eu abri a porta, estava só os dois de frente para o outro, não fiquei olhando e nem perguntando. Só falei “gente, vou fechar a sala”. Pedi para se retirar, então é uma medida que eu acho também que as salas. Elas ficam fechadas quando não está tendo aula. Os professores, para evitar essas situações. Então, imagino que isso é algo mais frequente até do que eu chego em conhecimento, tá?

Giovanna: Mas de roupa, de conversas, de desenhos que você vê também?

Diana: Desenhos teve uma turma já também acho que, é aquela é básico dos meninos desenhar pênis, mas isso é, eu falo, acho que na minha época era muito mais do que agora. Eu

lembro de uma turma. Quando? Antes da pandemia, mas essas brincadeiras de desenho não vejo com frequência, não. Não sei se vai fugir do contexto, mas hoje mesmo, até conversando com outros professores, com outros alunos, fiquei sabendo de uma situação que me deixou triste, que era algo que eu não imaginava que tinha acontecido. Uma aluna, ela saiu da escola, era uma aluna trans. E aí fiquei sabendo agora que o motivo da saída foi por conversas e piadinhas que outros da turma mesmo e até a outras pessoas da escola faziam com ela que eu não imaginava. Eu achava que eles tinham um respeito até maior, sabe? Eu fiquei super triste. É, fiquei muito triste em saber disso.

Giovanna: Enquanto professora, você se sente legalmente amparado para atuar com a temática de sexualidade no seu local de trabalho?

Diana: Eu amparada?

Giovanna: É, legalmente amparada. Você se sente amparada?

Diana: Ó vou ser sincera que eu não conheço as leis envolvendo essa parte, mas eu diria que hoje em dia, não só até no contexto, nesse sentido de sexualidade, né? Mas até alguns outros assuntos que são, não controversos, mas que geram opiniões diferentes, eu acho que hoje em dia a gente não está mais amparado para várias coisas. Vai fugir totalmente, eu sei do tema, mas uma história de uma professora que eu ouvi que aluna, acho que estava faltando da escola, a escola acho que até acessou o conselho tutelar, a criança, o adolescente retornou para a escola. Quando retornou para a escola, ficou sabendo que a criança estava tendo abusos na família. Não sei se físicos ou tipos de agressão. Conclusão: a escola estava sendo processada por um assunto totalmente que fugia ali ao ambiente escolar, então eu acho que eu não me sinto confortável, não, amparada legalmente.

Giovanna: Entendi. Você tem algum apoio? Você possui algum apoio ou direcionamento da gestão para lidar com as manifestações dos alunos em sala de aula? Essas manifestações de sexualidade, como que está sendo isso?

Diana: Sim, sim, sim. A coordenação é bem ativa nesse sentido, sempre foi tanto que eu como eu falei, voltando na história dos das roupas muito curtas, quando teve esse evento que a

própria coordenação passou pelas salas, que foi feito um trabalho, inclusive, de fala com as turmas sobre o posicionamento da escola em relação ao que se esperava, e não como uma opinião pessoal. Não era nada num contexto pessoal, mas eu sei que teve mais coisas. Eu acho que a história foi mais longa do que eu acabei presenciando. Eu sei que em momento algum, se a gente tiver percepção ou presenciar algum, qualquer tipo de discriminação, isso é colocado diretamente para a coordenação, para a direção e é feito, tanto da coordenação e da direção, alguma intervenção mesmo, seja de fala, seja às vezes de trazer uma palestra para abordar o tema, porque às vezes tem uma percepção que eles estão falando dessa maneira, quer dizer que não entenderam realmente sobre o assunto, então vamos buscar uma formação para os alunos neste sentido. Então eu já ouvi isso, é neste sentido, sim, de a coordenação, a direção está sempre atenta para não permitir nada que discrimine que gere um desconforto, mas também no sentido de alguma coisa que acontece servir como um tema de Educação, de colocar e de discussão sobre o assunto.

Giovanna: Existe algum conflito entre a forma como os professores querem lidar ou a forma como você quer lidar e a orientação da gestão?

Diana: Não.

Giovanna: Ok. E em relação à gestão da escola, os coordenadores e o diretor. Como que você avalia a forma como eles lidam com as questões que envolvem sexualidade dentro do espaço escolar?

Diana: Eu acho que eles tomam uma postura correta. Eu acho que eles se posicionam no sentido de como eu falei, de educar, não no caso de reprimir, mas se tiver, eles perceberem que algum momento teve sim recriminação alguma, isso também é pontuado, é colocado como advertência porque eles não, não é permitido mesmo. Não só no ambiente, mas também como pessoa, né? Então eu acho que tem esse lado humano muito importante, que é colocado em conta sempre.

Giovanna: Você faria alguma coisa diferente da gestão?

Diana: Da gestão?

Giovanna: Do que eles fazem hoje, da forma como eles lidam.

Diana: Em relação a esse assunto, eu acho que não. Eu acho que não. De novo, acabo não me envolvendo, talvez desse distanciamento até da disciplina em relação ao assunto. As conversas e os temas não chegam até mim. É uma questão muito pouca.

Giovanna: Mesmo através dos alunos, os alunos não chegam a comentar, a trazer “pro aconteceu alguma coisa assim”, uma fofuquinha, talvez?

Diana: Não, acho que é um pouco também do perfil pessoal. Eu não sou quem fica falando, eu não falo muito sobre mim pessoalmente, então eu acho que não vem, não é se falado também nesse nesse (*sic.*) contexto.

Giovanna: Entendi. E na temática de Educação Sexual você consegue avaliar o material didático oferecido pelas escolas em relação às informações do conteúdo a ser trabalhados, você consegue ter um parâmetro de avaliação desse material?

Diana: Eu nunca peguei em mãos para avaliar um, eu nunca peguei. E assim, coisas de internet que eu não confio, não que eu não confio, eu não deixo só um questionamento que surgiu na internet, noticiário falando sobre o tema, não. Então assim, só um fato isolado, então teria que analisar todo o material para entender dentro de um contexto maior, e isso eu nunca fiz. Como eu também não tenho formação para isso, eu não sou uma pessoa que me considero apta a ter um questionamento, uma avaliação sobre o material feito. O que eu fizer vai ser muito mais pessoal do que como profissional, então até também, acabo, como eu não vou contribuir, então não acabo interferindo no assunto.

Giovanna: Entendi. Bom, você quer comentar mais alguma coisa, falar mais alguma coisa ou comentar de algum assunto que a gente conversou aqui? Quer trazer relatos dos alunos e as suas percepções?

Diana: Eu sempre tive uma percepção que o ambiente da escola ele era bem aberto às diferenças. Essa aceitação sempre ocorria e eu não sei. Agora desse último evento me questionei se realmente é ou achava que era ou isso de alguma forma tem mudado também o

perfil desses novos alunos. Que às vezes também é difícil. São turmas e turmas dentro do mesmo ambiente, cada turma, cada sala de aula às vezes tem um perfil diferente, então. Às vezes fica difícil de falar de uma forma geral do ambiente da escola, mas eu acho, numa visão bem superficial, que eu tenho que a escola conduz ao que é levado em conhecimento à escola. Eu acho que ela não fica omissa ao que se é colocado. Com grande certeza muitas coisas não chegam até a parte da coordenação dos professores. Então várias outras histórias com certeza acontecem entre os alunos, mas que a gente acaba desconhecendo. Mas se tem algo que, até surja de boato, é feita. Tem uma pequena investigação, vamos falar. Não tem uma acusação nunca, sempre feito uma verificação sobre os fatos e aí sempre na imparcialidade, na impessoalidade, de falar para as turmas abertamente sobre um tema e não especificamente sobre o evento. As vezes eu sinto isso, que alguns ocorridos na escola chegam até a coordenação, direção. Isso geram temas, pequenas discussões ou falas breves, nem que seja pelas salas, mas então assim, eu acho que a escola não tampa, essa é minha visão. Não tampa o tema desde que os assuntos, as informações cheguem até lá e nós temos um grande problema. Como a escola não tem inspetores de alunos então muitas coisas realmente não chegam porque a gente fica sem saber, não tem como saber, muitas vezes por falta de possibilidade nesse sentido mesmo, compreende?

Giovanna: Entendi, está bom. OK, então.

APÊNDICE H - ENTREVISTA PROFESSOR LION

Transcrição de entrevista escola pública - Profª Lion

Identificação

Gênero: () F (X) M

Idade: 38

Curso que se graduou: Ciências Sociais

Ano em que se graduou: 2007

Instituição em que se graduou: UNESP

Tempo de atuação no magistério (em anos): 11

Série (s) que leciona: Primeiro a terceiro ano do ensino médio

Pós-graduação: Mestrado em Filosofia, Especialização em Ensino de Sociologia e Filosofia

Questões:

I- Trajetória de formação

Giovanna: Ok. Vamos lá. Trajetórias de formação. Em algum momento durante a sua formação foram discutidas questões de sexualidade?

Lion: Sim, sim. Na minha formação foi. Teoricamente, sim, não muito, mas a gente tinha talvez sociologia da cultura, um pouco sociologia do conhecimento. A gente tinha um pouco, mas não com foco específico assim, dedicado a isso, mas aparecia transversal aí em outras matérias.

Giovanna: Houve alguma disciplina mais específica desses assuntos ou as discussões se deram em várias disciplinas por meio de artigos, filmes e documentários, módulos de trabalho?

Lion: Várias disciplinas. É mais transversal. Que eu me recordo não teve uma disciplina específica.

Giovanna: Quais assuntos que foram abordados?

Lion: Eu Acredito que todas essas questões de gênero, sexualidade foram abordadas aí. A gente tá falando também de 15 anos atrás, um pouquinho mais, mas a pauta já estava circulando, né?

Giovanna: Sua formação hoje te dá embasamento para trabalhar com a temática de Educação Sexual em sala de aula?

Lion: Sim, eu acredito que sim. Tanto a formação quanto a pesquisa própria, a busca individual nessa temática.

Giovanna: Você participa ou já participou de palestras, cursos, oficinas, congressos, simpósios relacionados à Educação Sexual?

Lion: Não que eu me recorde agora, nada focado assim, não, nada focado. Busca mais autônoma mesmo.

Giovanna: E quando você estava no seu ensino médio, que era o antigo colegial, como que as aulas, como eram as aulas que tratavam sobre Educação Sexual?

Lion: Olha, eu não me lembro muito dessa temática aparecer, mas também eu entrei na faculdade em 2002, então eu fiz o ensino médio até 2001. Eu não me lembro muito dessa temática aparecer nas aulas, para falar a verdade eu não lembro.

II- Atuação Profissional

Giovanna: Um pouquinho agora sobre a sua atuação profissional, o que que (*sic.*) você entende como sexualidade?

Lion: Sexualidade, então o que eu trabalho com eles, né? A gente discute quais são as questões de gênero, de modo geral, a sexualidade ela entra nesse guarda-chuva todo. Mas, eu entendo que sexualidade especificamente é a vivência de afetividade. Então, como você orienta a sua afetividade, né? Inclusive direcionada numa questão de erotismo, é uma questão

que envolve excitação sexual, mesmo desejo sexual. Então, sexualidade está muito ligada à desejo sexual, à excitação. O que não é a mesma coisa do gênero, então isso é importante. As pessoas não entenderam isso ainda. A homossexualidade, condição de ser homossexual ou bissexual, ela é mais compreendida um pouco, mas a questão da transgeneridade não. Então as questões de gênero, que muita gente, inclusive deve estar lidando com essas críticas, né? Muitas vezes acusa falsamente de ideologia de gênero e não de questões de gênero. As questões de gênero, os estudos de gênero trazem essa discussão de maneira mais aberta e mais aprofundada. Então entendi que sexualidade é uma coisa e gênero é outra coisa, então é assim que eu busco trabalhar com eles, né? A gente tem aí as orientações de desejo, de gosto sexual, mas a gente tem uma outra vivência que é cultural e que é social, e que é psicossocial acima de tudo, né? Que são as questões de gênero, então há ainda muita confusão nesse sentido, mas a minha leitura é essa, então eu distingo o que que é sexualidade, do que que é uma condição cultural. Não é psicossocial, de vivência, de comportamentos, de valores. E há muito conflito. Mesmo nesse sentido, tá? Tem muita gente que não distingue o que que é um transgênero do que é um transexual e o transexual, essa é a minha compreensão, ele demanda uma intervenção biológica cirúrgica. Então o cara que vai lá e faz, biologicamente nasce-se macho, fêmea ou intersexual. Culturalmente, a gente vivencia o gênero de diferentes formas, né? E o gênero não necessariamente é identificável com a sexualidade, então você pode ter alguém que fez uma transição de gênero, mas passa a gostar do mesmo sexo biológico de origem. Então ele é um transgênero homossexual ou ele é um transgênero heterossexual. Porque se ele mudou de gênero, nasceu macho e vivencia um gênero cultural feminino ele passa a ser uma mulher. Se ele passa a ser uma mulher e gosta de mulheres, eles se tornou um transgênero homossexual. Sei que às vezes dá umas bugada na cabeça, é normal que aconteça isso, mas eu faço um pouco essa distinção. É, inclusive acho que o movimento faz distinções, mas nesse sentido me incomoda um pouco alguns exageros. Ultimamente também vi que eles estão acrescentando mais e mais siglas. Eu acho que isso mais atrapalha do que ajuda o debate tanto de sexualidade quanto de gênero.

Giovanna: E o que você entende como Educação Sexual?

Lion: Então, nesse sentido, entendo que a Educação Sexual é aprender a lidar, a conhecer para lidar melhor com o corpo, com o desejo. Com a excitação, com o corpo, desejo. Com a própria percepção do comportamento. Então, Educação Sexual nesse sentido de entender.

Educação, eu tenho muito no sentido de aprendizagem e integração, então você aprende e se integra com o tipo de conteúdo. É fazer um processo de Educação Sexual, significa aprender e se integrar melhor com essas dimensões da sexualidade do gênero de modo geral.

Giovanna: E quais assuntos sobre o tema de sexualidade você aborda nas suas aulas?

Lion: Eu abordo esses assuntos, né. Que eu estou te colocando, então formação da identidade, como é que a identidade se constrói numa questão comportamental valorativa, o gênero como ele é vivenciado culturalmente, mas também uma questão de sexualidade. Então o desejo, onde mora o desejo, como é que você lida com isso, é claro, a gente também faz sempre um trabalho de esclarecimento, preventivo com relação ao abuso, né? Com relação a diferentes tipos de violência que a gente sabe o que acontece e que muitas vezes o jovem não se dá conta, tanto em casa quanto no ambiente escolar e tal, as formas de assédio, de violência. Diferentes dimensões, também.

Giovanna: Como que você costuma abordar esse trabalho seu?

Lion: Olha, é muito ouvindo eles. A gente sempre tem aberturas, enfim, alguma exposição breve que provoque o debate. Pode ser falando, pode ser por um vídeo, por um exemplo cotidiano e aí ouvi-los. Acho muito importante, individualmente ou em grupo e aí eles discutem, trazem a discussão. A gente com base no que eles falaram, retoma e tenta seguir, mas sem dosar errado, expositivo e o dialogado que a gente chama. Então não adianta ser 100% expositivo, mas também não adianta 100% dialogado, eles precisam de algum norte, então ó, debatendo, mas tem um norte aqui sobre isso e nada melhor que usar exemplos cotidianos, né? Acho que qualquer um que lida com essa área, se não souber usar o exemplo cotidiano, está perdendo um pouco o timing da conexão com o assunto. Sei lá. Esse último ano tivemos inúmeros casos de assédio, de violência contra mulheres, especialmente, muitos desses aí foram discutidos em sala. Agora, últimas semanas também tivemos outros casos, inúmeros aí e que envolve, principalmente as mulheres, né. E a gente bota na roda e discute, discute aí todas as implicações sobre isso sobre o assunto.

Giovanna: Bacana. E como que os alunos costumam receber essa temática? Tem aqueles, por exemplo, que se recusam por conta de religião ou por conta de orientação da família. Pode descrever um pouquinho?

Lion: É, venho mudando um pouco no sentido de que é uma temática mais conversada. Ela é mais colocada abertamente mesmo, isso aqui, inclusive, choca muitos, tanto lá fora quanto aqui, e as pessoas confundem um pouco. O fato de ser mais dito com o fato de se existir mais, ninguém falou que existe mais agora. A gente só discute mais sobre isso, mas é isso, sempre existiu, né? Com algumas variações, a ciência também entra aí etc. Mas assim, aqui por exemplo é um espaço mais heterogêneo, mas a gente tem bastante gente religiosa fundamentalista e tal. Não vejo muita recusa assim em pensar a questão, mas é claro, tem gente que finge ali que está acompanhando e meio que já está blindado. Eu sei que na intimidade tem muita gente que se blinda realmente muito por conta da religião, não tem dúvida, inclusive, tem muita gente que nota-se, é perceptível. É uma repressão relacionada a vivência de gênero ou sexual ou ambas e por conta da religião, a pessoa se prende. Nota-se e às vezes já ouvi também de aluno “sou mesmo homossexual, mas se eu falar lá em casa, me bota para fora, então eu não vou falar lá em casa”. Então, isso sim, já ouvi de relato de alunos meus, isso acontece. Também tem a vivência heterossexual, acho que eles também continuam lidando com isso de uma maneira, sei lá, saudável. Também, tipo, não deve haver repressão para nenhum dos lados. Não tem essa também, não é isso. Isso a gente deixa claro com relação a eles quando se fala de uma coisa, não está se negando outra coisa, não é ninguém está dizendo não, você não pode ter, uma família ser bela, recatada e do lar, se quiser ser ok. Mas e quem não quer ser, né? Como é que fica então? Mas aí a gente busca esse equilíbrio. Mas a religião, sim, ainda pesa.

Giovanna: Do resto, eles costumam receber de que forma? Quando você traz essas provocações, você traz ali, um norte, para discussão eles costumam receber bem essas propostas?

Lion: Eu acredito que sim. Eu acredito que sim, claro, geralmente mais primeiro ano, você vai ter uma infantilidade um pouco maior e tal, né? Nos primeiros anos, mas de modo geral me parece que é bem recebido sim. Tanto a questão da sexualidade ou bissexualidade quanto a questão do gênero. Esse foi o primeiro ano que a gente nitidamente teve, tem ainda transgêneros aqui, o que não era comum. Questão da homossexualidade sempre foi comum, mas a transgeneridade, inclusive na adolescência que é uma situação mais complicada porque o jovem não tem o direito legal de assumir a sua transição de gênero, etc. Mas tem alguns

jovens que, sim, que assumem, independente da formalidade do nome e tal eles já assumiram e estão aí, eu posso te dizer que, acho que a gente tinha 4, um acabou indo embora acho que problema pessoal, mas também depois fiquei sabendo que teve algumas, tretinhas internas aqui, mas acho que se não me engano, tem 3 aí atualmente . Eram 4, uma foi embora. Isso estou falando do primeiro ao terceiro do ensino médio, à noite não venho mais, mas deve ter também. Outros anos à noite, eu já peguei também, que agora faz tempo que eu não dou aula à noite, mas já peguei trans. Transgênero, e na verdade, transexual transgênero que houve um processo cirúrgico mesmo tal, mas de manhã menos. Mas anda recebendo bem, acredito que sim.

Giovanna: Quando você vai abordar algum tema de sexualidade com os alunos, de que forma você prepara as suas aulas e os conteúdos?

Lion: De que forma? É um pouco que estou te dizendo assim, sempre a gente tem uma bagagem teórica, uma referência na manga, mas ela precisa ser preparada com contexto. Então o que está rolando, estourou essa notícia. Opa, vamos trazer essa notícia e conectar. Então se não houve nenhuma notícia recente, né? Pega um episódio que eles estejam ligados, que eles sabem.

Giovanna: Vamos lá e em quais atividades as temáticas de sexualidade e gênero são colocadas ou de que forma que elas aparecem no seu planejamento? Você traz isso, tipo, um período vou trabalhar esse bimestre ou você traz em vários momentos? Como que você organiza?

Lion: Então, varia muito ano a ano, agora com o novo ensino médio também novas disciplinas deram uma bagunçada um pouco nessa organização, mas assim, dentro da Filosofia, ela vai vir em um momento. Então está se discutindo corporeidade, as condições do corpo, consciência, corpo, mente e a identidade brota daí. Então ela aparece nessa linha e na Sociologia mais quando a gente está discutindo antropologia, questão de identidade também, ela vai aparecer ao se discutir a identidade. Talvez apareça primeiro, até na Filosofia a questão do corpo, na Sociologia vem com a antropologia, depois sociologia contemporânea, diversidade as pautas da diversidade. Ela aparece mais transversal. Acho que na Sociologia um pouco mais transversal. Em vários momentos ela aparece, mas ela tem um momento mais certo na antropologia ali.

Giovanna: Entendi. E qual dos tópicos sobre sexualidade você acha mais difícil de tratar com os alunos?

Lion: Qual é mais difícil? Não sei viu, pra te falar a verdade todos são um pouco assim, mas os clássicos é a questão de desejo, é a questão da tolerância, é a questão da afirmação, da responsabilidade e não sei, não saberia te dizer o que é mais difícil, mas afirmação, a gente pode fazer pares aí. Afirmação, responsabilidade, desejo, consciência. Então como é que eles lidam com esses pares. Você vai se afirmar, você não vai se afirmar para quem, como? Está consciente do seu desejo, não está. Questão da tolerância e da concordância. Ninguém falou que você tem que concordar. Você tem que tolerar, você tem que respeitar, então a tolerância parte muito dessa premissa, ninguém está te obrigando a concordar, mas está te obrigando a manter o respeito. Não sei, acho que são alguns dos temas que aparece. Por exemplo, ele vai aparecer na antropologia contemporânea com a questão do lugar de fala, que é um conceito que vem sendo trabalhado, então ao discutir lugares de fala também aparece a diversidade para se discutir esse lugar de fala, que é um conceito também que não pode ser excludente exclusivista, né? Tem muita gente que gosta de usar esse conceito para exclusão, então porque eu sou trans, apenas eu falarei dos trans, só eu tenho propriedade para falar disso. E não é por aí, então assim, se você é mulher por você, tende a ter mais condições de enunciação da sua fala com maior coerência, mas isso é uma tendência, um fato de ser mulher não te garante em absoluto maior propriedade no lugar de fala. O que seria propriedade, não é coesão, coerência e legitimidade no seu discurso? O fato de ser mulher e falar sobre questões femininas tende a te oferecer esse melhor caminho. Questão do gênero também, da sexualidade também, mas ela não é uma garantia, que eu acho que isso é fundamental as pessoas entenderem. É daí que acho que vai muito estudo daí vai a compreensão e a tolerância. Então, para se colocar no lugar do outro, aí vem a alteridade na antropologia.

Giovanna: Quais as manifestações, risos, piadas, perguntas, olhares dos alunos que mais costumam aparecer quando você trata sobre sexualidade nas suas aulas?

Lion: Não sei, eu não sei. Acho que varia muito esse que falei, às vezes mais infantis. Pode ter um risinho ou outro, mas até que isso não é predominante assim. Acho que os primeiros anos, um pouco mais infantis, vem um risinho ou outro, mas de um modo geral sinto que eles levam a sério assim essa discussão.

Giovanna: Como que você se sente sobre isso?

Lion: Sobre o que você diz?

Giovanna: Essa questão das manifestações, de ter assim ou eles levarem mais a sério ou assim ah, tem um pouquinho de infantilidade, como que você se sente durante as aulas quando vem essas manifestações?

Lion: Olha, sei lá. Não sei, tranquilo. Acho que não chega a ser algo, não chega a irritar, porque eu também sou meio de cortar assim. Deixo uma horinha ou outra, mas no que vai começar a irritar eu já corto, não sou daqueles já não toda hora que eu falo disso sempre vai acontecer isso e eu vou deixando. Porque a gente que trata dessas temáticas é um pouco mais liberal, às vezes é comum eles darem uma confundida. Então, se é liberal aqui, quer dizer que ah, vou fazer piada toda hora, não. Então aí precisa cortar. Às vezes alguns até falam “pô, achei que você era legal”. É, legal é uma coisa, ser paciência infinito, então eu dou uma cortadinha, mas assim não me deixa irritar muito não. Sei lá que mais às vezes, claro, quando a gente vê que desenvolve, evolui, tem uma satisfação nesse sentido, mas eu acho que mais satisfação. Acho que especialmente também esse ambiente um pouquinho mais qualificado, que a gente está, não é das piores escolas, então acho que ajuda também. Favorece também, né?

Giovanna: E quais as formas como os alunos costumam manifestar a sua sexualidade dentro do espaço escolar que você observa? Pode ser beijos, carícias, comportamentos, vestimentas. Quais são as formas que você mais observa?

Lion: Tem de tudo. Inclusive, às vezes até exageram também. A gente tem que ficar um pouquinho em cima.

Giovanna: Você pode trazer um pouco assim do que que você observa?

Lion: Aqui, de novo, é um ambiente um pouco mais liberal, então a gente tolera mãozinha dada um beijinho ou outro, não pode ficar se pegando, mas é hétero ou homossexual, a gente vê mãozinha dada, vê casais. Vez em quando vê beijinho. Em termos de roupa, vestimenta

tanto mulher quanto homem ficam mais à vontade assim, não é uma escola de, bom também não vai me entender errado, que ah pode tudo e tal. mas não é o mesmo. Que eu tenho escolas que só vai entrar de calça jeans, e acabou, entendeu? É isso. Não, aqui não tem essa rigidez com relação à vestimenta e é isso. Nos últimos tempos, ou melhor, esse ano no ensino médio até vem havendo essa manifestação da transgeneridade, que é mais confusa, muita gente fala “ué, mas não entendi exatamente”. Tem Inclusive, que tem as pessoas, né, que não se identificam nem com um, nem com outro gênero. Ainda estão no processo de transição, que realmente fica mais complicado e claro que elas vão externalizar isso em vestimenta, alguma nuance de fala. Tem gente que já é mais convicta da sua transição e realmente vivencia toda uma transformação, mas acho que em modo geral é isso, mas eles estão animado, né? Pós pandemia, estão pegando fogo.

Giovanna: Enquanto professor, você se sente legalmente amparado para atuar com a temática de sexualidade aqui no seu local de trabalho?

Lion: Sim, pra falar a verdade nunca parei para pensar muito em implicações legais, porque eu estou sempre trabalhando com essas temáticas das ciências humanas, a gente assim, com todo o respeito, é o que eu sempre digo, né? Eu respeito a sua religião, mas respeitem a educação laica, que independente da religião e que entende dar o espaço para todo e qualquer discurso, mas não pode se limitar. Então eu sempre tratei esses temas sem o menor dos problemas. Acho que o problema talvez mora em professores que não tem o mínimo preparo para lidar com essa discussão e às vezes soltam umas coisas atravessadas no meio de uma aula, que não tem nada a ver. Uma opinião pessoal sobre X e aí ele erra um negócio. Acho que talvez a legislação tem que zelar um pouco mais nesse sentido, para quem não tem o mínimo preparo e sai falando umas groselhas. Vai estudar um pouquinho para entender, no meu caso sempre me senti tranquilo, sei lá, de [nome da escola] são quase 7 anos aí, nunca tive problema, nunca tive reclamação nenhuma nesse sentido de alunos, de pais e só que a gente toca em vários assuntos, mas é isso. Acho que sempre mantendo o respeito, tudo bem, acho que isso. Não tem essa de você não pode falar nisso, isso é pecado, você está falando do ensino laico, então eu acho que nesse problema não sei a lei. Não quer dizer, vamos lá, não vejo problema na Lei desde que ela não mude para pior, para lá a lei de Escola sem Partido e algo afim. Escola sem Partido é um tipo de, acho que você deve conhecer, não é um tipo de projeto de lei aí que busca cercear qualquer posicionamento pouquinho mais crítico e que

envolva discussão de poder, discutir sexualidade, gênero, discutir política, porque envolve poder quando. Então, esse tipo de proposta que quer calar essa discussão.

Giovanna: Você sente que possuem algum apoio ou direcionamento da gestão para planejar suas aulas sobre Educação Sexual ou para lidar com as manifestações dos alunos em sala de aula?

Lion: Tem, tem. Nesse sentido, acho que tem.

Giovanna: Pode falar um pouquinho sobre?

Lion: Então eu acho que tem o apoio total assim, eles também estão sempre atualizados, estão sempre buscando ver o que está rolando aqui, o que está rolando ali. Não sei, ciclo de palestras, esse tipo de coisa. Está buscando se construir, é isso também. A gente não pode esquecer que a gente vem de 2 anos de pandemia, está começando a construir, reconstruir.

Giovanna: Em relação à gestão da escola, os coordenadores, o diretor. Como que você avalia a forma como eles lidam com as questões que envolvem sexualidade dentro do espaço escolar?

Lion: É, então é o que eu te disse assim, coordenação de um modo geral, pelo menos nesses últimos tempos, estão bastante atenta, mas nem todos os professores estão preparados. Acho que talvez valeria o preparo mais global mesmo. Algo que envolvesse todos os professores, principalmente os mais velhos, não só, mas principalmente os mais velhos, que têm dificuldade de entender esse tema mesmo. Às vezes alguns até são frustrados por si próprio, mas tem certa dificuldade de entender esse tema aí, talvez valha um preparo melhor para os mais velhos.

Giovanna: Entendi. Você faria algo diferente da gestão de algo que eles fazem hoje em relação a essas manifestações, de como que eles lidam?

Lion: Não, talvez isso. Talvez tentar chamar um ou 2 por ano, um evento que traga um pouco mais essa discussão. A gente até numa das disciplinas está pensando aí se faz um festival da diversidade, tentar trazer um pouco essas pautas, apresentação teatral, vídeo, música, é, mas

seria um pouco mais lúdica, não tão informativa, mas lógico que informa também, mas o caráter mais lúdico. Talvez valha bem intensificar um pouco esse trabalho aí.

Giovanna: Na temática de Educação Sexual, como que você avalia o material didático oferecido pela escola em relação às informações e os conteúdos trabalhados?

Lion: O material eu acho que é bom, acho que é bom, um novo ensino médio, porque o material novo aí a gente está começando a ver como é que dá para trabalhar também, ele é um pouquinho mais enxuto, mas de modo geral, acho que é suficiente.

Giovanna: Você sente Liberdade para acrescentar ou modificar a forma que os conteúdos são apresentados?

Lion: Sim, a gente tem essa liberdade aqui. Isso aí sem erro, sem erro mesmo.

Giovanna: Bom, você quer falar mais alguma coisa ou comentar um pouco mais sobre esse assunto? Quer comentar de algo que foi perguntando? Quer trazer algum relato?

Professor: Eu falo demais que já percebeu, se deixar aqui.

Giovanna: Mas fica à vontade, por favor.

Professor: Não, eu acho que de modo geral é isso, não tem muito que, essas são as principais questões. Sei que não é um tema assim, é um tema complicado para quem está na área. Para quem não está na área eu sei que é complicado, mas isto não pode privar a gente de entender, de trazer o debate, inclusive para combater esses falsos debates a lá ideologia de gênero, confundir os conceitos, não entende muito bem o que é ideologia, muito menos ainda o que é gênero, né? E as pessoas é, seja por religião ou política levadas ao extremo, os extremismos todos, elas podem fortalecer a ignorância, mas eu trabalho com eles no meu limite para fechar, é importante pesquisar lá o Cooper, né? O paradoxo da tolerância nem todo mundo gosta, mas o que o paradoxo da tolerância do Cooper vai dizer que olha, a tolerância é fundamental, mas para que a tolerância sobreviva, é necessário intolerar os intolerantes, então, para que haja sobrevivência da tolerância, eu preciso botar um limite, ou seja, o limite é o

intolerável. Eu preciso botar um limite intolerável para que a tolerância sobreviva, porque se a gente tolerar tudo em nome da liberdade de expressão, em nome de sei lá o que, vai chegar um momento em que não vai mais haver liberdade nenhuma, porque se a gente deixa a intolerância, livre, a vontade, leve, solto, disfarçado de opinião, que quer que seja, vai chegar uma hora em que ela vai liquidar o negócio. Então assim, é paradoxal por isso. É tolerância tem que ser intolerante, tem seja do gênero ou seja qualquer temática, então é um dos pontos que acho que vale discutir aí.

APÊNDICE I - ENTREVISTA COORDENADOR BORIS

Transcrição de entrevista escola pública - Coordenador Boris

Identificação

Gênero: () F (X) M

Idade: 38

Curso que se graduou: Letras - Portugues/Inglês

Ano em que se graduou: 2010

Instituição em que se graduou: Colégio Claretiano - Rio Claro

Tempo de atuação no magistério (em anos): 13

Tempo de atuação na coordenação escolar (em anos): 3

Pós-graduação: Metodologia de Ensino

Questões

I- Trajetória de formação

Giovanna: Vamos lá falando um pouquinho sobre a sua trajetória de formação em algum momento durante a formação foram discutidas questões de sexualidade?

Boris: Não

Giovanna: Ok. A sua formação atual hoje te dá embasamento para trabalhar com a temática de Educação Sexual no espaço escolar?

Boris: Não.

Giovanna: Você participa ou já participou de palestras, cursos, oficinas, congressos, simpósios relacionado à Educação Sexual?

Boris: Não.

Giovanna: Quando você estava no ensino médio, o antigo colegial, como que a escola tratava as questões sobre Educação Sexual?

Boris: Não, não era abordado.

Giovanna: De forma alguma?

Boris: De forma alguma.

Giovanna: Quando tinha alguma manifestação, como que a escola tratava ou como que a escola se posicionava?

Boris: Olha, para ser bem sincero naquela época eu não me lembro de terem veiculado nada assim, relevante que chegasse ao ambiente escolar e simplesmente não era falado, entendeu? Pelo menos eu não me lembro.

II- Atuação Profissional

Giovanna: Sobre a sua atuação profissional, o que você entende como sexualidade?

Boris: Na escola?

Giovanna: Sobre sexualidade como um todo, quando você pensa em sexualidade, o que você entende como isso?

Boris: Eu acho que sexualidade tem a ver com a manifestação do indivíduo naquilo que atrai ou que em outra pessoa atrai ele, atrai a pessoa ou duas pessoas se atraíam ou que aquilo desperte, por exemplo um desejo na pessoa. Acho que sexualidade tem a ver com isso, com a vontade de, sendo atraído por outra pessoa, estar com essa pessoa, tal, esse tipo de coisa.

Giovanna: E o que você entende como Educação Sexual?

Boris: Eu acredito que Educação Sexual seja ou possa ser, não sei. Na verdade eu não sei o que é exatamente, mas vamos pensar o que poderia ser.

Giovanna: Ok.

Boris: Algum conjunto de, vamos pensar assim, fundamentos ou orientações para poder orientar os jovens ou quem quer que seja, a criança e tal, a respeito de tudo aquilo que envolve justamente o outro, a si mesmo e o outro nesse tipo de relação, né? É, seja essa relação física ou tudo aquilo que envolve justamente esse sentimento sexual ou a vontade sexual. Então eu acredito que a orientação sexual, Educação Sexual, seja esse embasamento, mais ou menos esse campo de variáveis que levam a algo, ao sentimento ou às sensações relacionadas ao sexo.

Giovanna: E quais manifestações que envolvem sexualidade que você observa nos alunos durante e fora das aulas no espaço escolar?

Boris: Bom, num âmbito mais geral é comum ver assim que eles vêm para a escola, tanto meninos quanto meninas, eles vêm para a escola bem arrumados. Pode ser que seja uma questão de se colocar bem alinhado e tal, ter uma boa aparência. Também depois, quando já estão na escola, tem uns casais que ficam juntos, né? Tem as paqueras em si, entre os alunos e tal. Isso é super comum, e esse convívio. Em ambientes escolar eu vejo esse tipo de manifestação, né? Desde a pessoa se preocupar com a sua aparência, vir para a escola bem alinhado e tal. Também tem aí quando já estão juntos, não é? Ficam os casais ou aquelas que você percebe assim, né? No corredor ou até na própria sala de aula que um está falando com o outro aqui sobre aquele, que gostou dele ou que gostou dela etc., e que “oh, vai lá”. Vai conversar, não sei o que, esse tipo de coisa.

Giovanna: Entendi, e você se sente preparado para lidar com essas manifestações?

Boris: Bom, eu particularmente na escola, eu entendo. Esse comportamento, OK? Assim porque eu também acho que a escola prevê isso. A escola prevê que as pessoas saiam de casa e vão se encontrar aqui dentro, não é? É lógico que é um ambiente educacional, é um ambiente formal, né? Você não pode vir aqui e fazer o que você quiser e os jovens também sabem disso, mas é a mesma coisa. Você sai da sua casa justamente para estudar e tal ou para ir trabalhar e lá naquele ambiente você vai encontrar outras pessoas né? Que talvez estejam

predispostas a aquilo que você também queira. Então eu acredito que também, dada a idade deles, que são adolescentes, estão saindo aí da infância e tal, estão na adolescência e tudo, estão descobrindo e chegam na escola. Tem aí uma variedade de pessoas e eles vão se encontrar, né? E o próprio convívio vai dar conta dessa dessa manifestação sexual, né? E aí ela vai agir em níveis diferentes, porque cada pessoa é uma pessoa, né? Então, assim, se eu estou preparado para isso? Bom, eu estou preparado no sentido de que até aí ok, né? O que não se pode é que os alunos extrapolem aquilo que é aceitável para dentro de uma escola. A gente convive aí com os casais que estão aí no corredor, com as conversas e tal, a gente percebe que de repente um está flertando com o outro e tudo. Até aí, ok. Porque também nós já passamos por isso. O que não pode é ter, por exemplo uma atitude constrangedora ou uma ação assim que coloca os outros em choque e tal por causa de algum ato despudorado. Por exemplo, vamos pensar assim, aí complica, né? Mas até então, enquanto está em um convívio saudável, até aí eu estou preparado, né?

Giovanna: Entendi. E de que forma você costuma agir quando há essas manifestações que envolvem a sexualidade dos alunos, tanto nesse âmbito mais ok quanto de repente, quando extrapola esse limite aí do ok para você, como que você costuma agir?

Boris: Na verdade eu tenho um preceito para mim que é assim. Como eu sei que apesar de eles estarem na escola, apesar disso existe um indivíduo que tem a sua individualidade, tem a sua intimidade, tem a sua parte emocional, essa questão dele, né? Eu também sou responsável por preservar isso. Aí tem o casal. Esse casal pode estar no corredor, pode estar tranquilamente aí convivendo e tal, dentro de uma atitude, vamos pensar assim, normal, eu não vou chamar atenção, mas eu vou fazer com que se eu precisar conversar com eles, vou, dou um recado assim e pedindo que depois eles, se eu tiver procurando por um deles, por exemplo, “não, depois eu preciso falar com você e tudo”. Eu não vou, eu prefiro não cortar ali, a situação. Agora, se for uma situação que não coloquei ali naquela hora, despudorado uma coisa assim, meio que conflituosa por causa da situação, constrangedora. Eu também tenho que ter cuidado, na hora de falar ou na hora de chamar atenção porque eu não posso traumatizar. Por que? Porque essa individualidade, essa intimidade, essa sexualidade não pode ter uma cicatriz, porque isso vai marcar o indivíduo. Então eu não posso, eu não quero e nem preciso ser responsável por um trauma. Por um trauma que de repente eu fui lá e rotulei uma situação, porque isso é proibido, porque isso porque isso tal tal tal (*sic.*), eu não sei em que nível ele vai sofrer com isso, com esse estigma que eu vou colocar. Se eu falasse “não, isso

daí é totalmente”, nem sei que palavras usar, mas tipo “isso é abominável, isso é extremamente proibido, você fez uma ação transgressora”. De repente esse indivíduo pode acabar vinculando a sua vontade a uma transgressão ou uma coisa muito errada, e pode vir a interferir na sexualidade dele, entendeu? Então eu acho que o chamar a atenção numa situação desconfortável na escola tem que ser feita justamente com muito cuidado, de forma que os alunos envolvidos entendam o contexto de forma leve, mas que eles entendam que é responsabilidade deles zelar pela imagem deles e zelar pela escola. E que a gente não pode, a escola não tem esse espaço e que isso eles possam resolver fora da escola. De repente a escola serviu para que eles se conhecessem, ok. Foi um gatilho e tal, foi um lugar, mas o prosseguimento dessa relação não pode ser dentro da escola. Então, a gente tem que explicar esse tipo de coisa e tal porque também a gente não pode vir com ferro e fogo em cima de uma situação pontual, que de repente a gente não sabe qual é o nível de maturidade emocional do aluno e que ele já sabe que aquele momento para ele foi muito intenso. Se a gente vai lá e estigmatiza de uma forma negativa, às vezes a gente pode até causar um transtorno.

Giovanna: Com certeza.

Boris: Então a minha postura quando acontece alguma coisa desse tipo, tem que pensar muito. De repente se a gente já conhece um pouco quem é o aluno, quem é aluna tal, às vezes facilita porque você já sabe um pouco como lidar. E quando a gente não conhece, a gente tem que ter um todo um cuidado. Daí também envolve a questão dos pais, né? Como os pais lidariam com o assunto, porque é tabu e querendo ou não você vai falar sobre alguma coisa relacionada à sexualidade para os pais, pode ser tabu, pode não ser. Tem pais que são mais abertos, tem uns que não. Então, às vezes você pode precisar até negociar com o próprio aluno, o que é que você, como que os pais receberiam aquilo e tal, esse tipo de coisa. E daí você passa a pôr para eles que eles reflitam também. Então no meu ponto de vista eu tento agir com o mínimo possível de impacto na individualidade do aluno, mas que ele perceba o coletivo. Ó, aqui não é o esse espaço tal, mas é mais ou menos isso.

Giovanna: Entendi. Você realiza algum tipo de orientação com os professores em relação à temática de Educação Sexual abordada com os alunos?

Boris: Não.

Giovanna: Quando um professor relata alguma manifestação de aluno que envolve a temática de sexualidade, você oferece algum apoio ou realiza alguma orientação?

Boris: Quando tem algum professor que comenta que vai trazer, que vai fazer algum tipo de ação eu permito, dou o meu aval, mas pela minha falta de formação eu não tenho como promover mais ou dá mais subsídios, esse tipo de coisa e normalmente são professores que já são um pouco mais dessa área, né? Ou é professor da biologia ou com da ética tal esse tipo de coisa que talvez tenham mais gabarito do que eu. Então se eles já prepararam o material, de repente eles já trabalharam antes com outras turmas ou vão trazer alguma palestra, a gente só incentiva.

Giovanna: Ok. Alguma vez você abordou a temática de sexualidade com alunos ou com os professores junto a um profissional fora da escola?

Boris: Não.

Giovanna: Você acredita que a escola oferece um ambiente acolhedor e seguro onde os alunos possam buscar informações para as dúvidas e de questões ligadas a sexualidade?

Coordenador: Sim.

Giovanna: Na temática de Educação Sexual, como você avalia o material didático oferecido pela escola em relação às informações e os conteúdos a serem trabalhados?

Boris: Então, a gente não tem um material específico, mas que nem eu falei, o professor de biologia, por exemplo, está aberto. no plano de curso tem a parte de sexualidade e tal, mas não tenho material de apoio. Ou seja, ele pode trazer a bibliografia que ele achar melhor ou a fonte de pesquisa da onde ele achar melhor para poder desenvolver o conteúdo. Indo lá para o curso de de enfermagem, eles têm uma disciplina que se chama “Saúde Coletiva” e nesta disciplina existe a questão das IST, DST e tal em que eles também tentam, sempre que possível, promover ações dentro da escola. E muitas vezes a gente envolve todos os alunos, eles fazem um workshop ou estandes aqui na escola com bastante informação, porém é restrito à IST e DST, nesse sentido. Não envolve a sexualidade em si, somente os...

Giovanna: Métodos contraceptivos e...

Boris: É, exatamente. Mas seria interessante que aqui tivesse, por exemplo, já uma corrente acontecendo. Tipo exemplo, Semana da sexualidade e tal, por exemplo, aí tem lá todos os eventos, vários assuntos a serem abordados entre eles IST e DST, métodos contraceptivos e tal, mas a gente não tem assim um enfoque nessa questão da Educação Sexual nem temos uma bibliografia pronta. Cada professor prepara a sua.

Giovanna: Você tem conhecimento se a Secretaria de Educação ou o sistema de ensino na qual a que (*sic.*) a escola está inserida possui alguma proposta de Educação Sexual para o ensino médio?

Boris: Não, não conheço. Não que não tenha, eu desconheço.

Giovanna: Ok. Na sua visão, qual a postura da comunidade escolar e das famílias em relação às manifestações da sexualidade dos alunos?

Boris: Aliás, deixa eu voltar no anterior, não sei se se encaixa, mas o [nome da escola] tem o programa de dignidade íntima. Este programa está voltado para a dignidade íntima da mulher, no sentido de que, porque existe a pobreza menstrual, então não sei se encaixa nisso.

Giovanna: Ah, sim.

Boris: É, esse é o único programa que eu conheço. Acho que se relaciona, uma relação legal?

Giovanna : É.

Giovanna: Ok. Vou repetir sua última pergunta. Na sua visão, qual a postura da comunidade escolar e das famílias em relação à manifestação da sexualidade dos alunos?

Boris: Como comunidade, como um todo?

Giovanna: É, comunidade escolar e das famílias.

Boris: Com relação à sexualidade dos alunos?

Giovanna: Em relação à manifestação da sexualidade dos alunos.

Boris: Olha, é complexo porque ao mesmo tempo que o pessoal comenta que está sendo cada vez mais prematura essa sexualidade ou a manifestação dela, existe uma outra parcela que verifica que tem alunos que não amadurecem para a sexualidade. Exemplo: as meninas são mais prematuras para isso e os meninos, não. Os meninos acabam não se atentando ou pelo menos não se manifestando tanto para a sexualidade tão cedo quanto as meninas, então fica um descompasso mais ou menos assim. Eu acredito.

Giovanna: Como que as famílias recebem a atuação da escola em relação à Educação Sexual? Pode descrever um pouco.

Boris: Olha como a gente não tem essa abordagem, não tem nada assim declarado, no meu ponto de vista, a gente não tem uma ação, a gente não recebe nenhum tipo de crítica também, porque ou não é falado nada a respeito dessa questão da sexualidade dos alunos. Então não tem o que acrescentar.

Giovanna: Mas quando, por exemplo, você tem um caso de um aluno que extrapola os limites e tudo mais, e aí você vê necessário chamar a família para conversar e relatar o que está acontecendo, como que a família geralmente recebe isso?

Boris: Não, isso nunca aconteceu. Já aconteceu de aluno extrapolar, mas a gente conseguiu conversar com o aluno e isso foi resolvido, vamos dizer assim com aluno, o casal, e nós não precisamos chamar os pais, né? A gente até fez aquela negociação com o aluno: “Olha, então você se responsabiliza? Isso não pode acontecer. Isso não pode dentro da escola por conta dos outros alunos e tal, mas caso isso aconteça de novo, nós não vamos ter jeito. A gente vai ter que conversar com os pais”. E como isso não aconteceu de novo então está resolvido dentro da escola, não precisamos acionar os pais. Então assim, pelo menos na minha gestão, não. Nunca precisamos chamar o pai de ninguém para expor nada a respeito de sexualidade, sim.

Giovanna: Ok. Você gostaria de falar mais alguma coisa ou comentar algo sobre algum assunto, alguma coisa que foi perguntado?

Boris: Não, acho que a gente, tinha comentado um monte de coisas daquela outra vez, mas era muito tipo muito e eu nem sei delinear agora, mas eu acho que, claro seria muito importante que a gente tivesse um programa relacionado a isso, só que mais ainda. Um programa que tivesse um foco na mulher, um foco na proteção emocional da mulher, um esclarecimento de eu não sei como dizer. Como se fosse colocar para as meninas e tal que elas têm que se impor, como sujeitos e não como objeto.

Giovanna: Um empoderamento?

Boris: Como um empoderamento, como trazer as mulheres como agentes da sexualidade, no sentido de serem autoras das vontades, porque o que a gente percebe muitas vezes é que elas sofrem os abusos que são muito comuns, já conhecidos por todos aí. Apesar de se saber sobre o assunto, por algum motivo a maioria não se coloca, não tem voz, não se pronuncia. E isso vira uma bola de neve, vira um assunto sem fim e que elas possam ser protagonistas nisso, né? E receber o valor que elas realmente merecem e que precisam ter e eu acredito que não só dentro da escola, em todo lugar, mas acredito que começando dentro da escola, se dentro da Educação, até que seja na Educação Primária e tudo, se a pessoa aprende a ter voz desde sempre, desde cedo, depois é difícil ela ficar quieta. Então se ela aprende que ela precisa falar e ela pode falar e ela vai falar sem ser interrompida, quando ela tiver adulta, ela vai falar sem ser interrompida. E se alguém interromper, ela não vai deixar, então acho que a grande lição, talvez de uma Educação Sexual, seja que as pessoas têm que falar sem ser interrompidas, entendeu? Principalmente a mulher, porque senão ela vai sempre ficar quieta. Sempre que eu digo, assim na grande parte, se submeter e o que não pode, o que não deve. Aliás, ninguém deve. Todo mundo tem que ser de igual para igual, mas o que a gente vê hoje é um descompasso. É, então é isso. Eu acho que o sentido da Educação Sexual não pode ser apenas da parte física, mas também dessa parte emocional, dos comportamentos, causas e consequências de tudo. Falar sobre relacionamento, você não pode ir lá falar apenas de coito, falar de sexo e tal, você tem que falar de relacionamento também. Fazendo um parênteses, outro dia, eu nem assisti, mas outro dia acho que foi no outro domingo, no Fantástico teve lá assim ou foi no jornal, sei lá. Acho que foi no Fantástico, passou uma reportagem sobre como

superar um amor. Como superar um amor que já acabou. Sei lá, alguma coisa assim. Isso tem a ver com sexualidade, é relacionamento, é maturidade, N fatores e tal. Por quê? Porque às vezes uma frustração por conta de um término vira violência, pode virar violência tanto da mulher por parte dela, como por parte dele, o ciúme, tudo, todas essas outras coisas assim. Que são extremas. Então, eu acredito também que dentro da Educação Sexual, tenha que ser tratado os sentimentos, os extremos, as paixões assim, que não podem ser desmedidos. A gente não está num mundo canibal tipo 8 ou 80. A gente está num mundo que a gente tem amanhã, mas tem relacionamentos que parece que não tem amanhã. Se isso acontecer, não sei o que, não tem “se”. Então é isso, a gente tem que ter esses limites e talvez esses limites todos, não só da parte física, mas da parte emocional, espiritual, toda a parte assim, invisível da coisa tem que ser abordado. No meu ponto de vista.

Giovanna: Com certeza. Eu posso só voltar em uma questão? Quando eu comentei aqui se você acredita que a escola oferece um ambiente acolhedor e seguro, onde os alunos possam buscar informações para dúvidas de que ações de sexualidade, como que você percebe que esses alunos se sentem seguros?

Boris: Porque eles confiam nos professores. Eles não vêm falar sobre esse assunto, por exemplo, abertamente comigo. Claro que tenho vários professores com quem eles têm muito contato. Se o professor, claro, tivesse essa formação e tal e pudesse trazer à tona o assunto para discussão e tudo, seria interessante. Os alunos são abertos para isso, talvez eles esperem isso da escola, seria um tema que chama a atenção deles. Supondo que a gente trouxesse aqui um profissional para fazer uma palestra ou uma série de palestras e tal, com certeza teria uma adesão muito grande assim, até de perguntas e respostas e tal, esse tipo de coisa. E os alunos em si, eles conversam muito com os professores. A gente tem aí um monte de disciplinas que são de projeto e tal, que são de muito diálogo, então os alunos são muito parceiros da escola. Única coisa é que esse tema a gente não chegou. Não trouxe o tema, mas com certeza, supondo que o tema entrou na grade e tal, seria super bem recebido, seria excelente, daria para trabalhar muita coisa. E é por isso que eu comentei, eles se sentem seguros para fazer isso na escola, claro, com certeza, porque eles aceitam bem os professores, os professores têm um diálogo muito aberto com eles e é interessante. Inclusive às vezes eu estou na, porque eu estou dando aula também, e aí sempre na minhas aulas, sobra uns minutos. Termina assim, tipo 5 minutos antes e tal, programo uma aula para ela ser flexível. E o pessoal conversa deixa de ser, o pessoal até a hora do sinal, beleza, conversa aí. Tranquilo, né? E às vezes eu vou

circulando ali no meio dos alunos e tal e às vezes os alunos perguntam, professor, o que que você acha, que que você faria se tal pessoa viesse para você e tal? Não sei o que lá, porque aí, claro, eu não nasci ontem. Eu sei que a pessoa está perguntando para ver qual seria a postura de um homem se isso é isso, aquilo.

Giovanna: É uma referência mais velha e tudo mais.

Boris: É, e acontece isso tanto de menina quanto de menino. E umas perguntas assim que eu falo, meu, não tem como eu saber porque cada um vai falar uma coisa. Tem uns que você vê que é uma imaturidade super, porque o menino uma vez perguntou assim, junto com umas meninas: “oh professor eu vou te perguntar só para elas entenderem como que eu penso, vamos ver se você concorda. Eu estou extremamente chateado, porque eu fui lá, comprei uns presentes, para ela. A gente estava saindo, comprei uns presentes para ela, depois comprei um colar, não sei o quê, não sei o quê. Por fim, eu gastei uns 2000 reais de presentes para ela e depois de 3 meses ela me largou. Está certo isso? Ele me perguntou isso e as meninas olhando para mim, tipo “Que que esse cara vai falar?” Ele vai concordar se é abominável. Aí eu falei para ele, “cara, você estava querendo comprar ela então? E você não estava aí, se você não estava pensando que ela estava gostando de você, não sei o que, isso para você era irrelevante, então.” Não, pô, pelo menos, pô, podia ter ficado comigo mais um tempo, porque 2000 real não cai do céu. Aí eu comentei, eu falei, não do jeito que você está colocando, está errado. Então assim, os alunos vêm e perguntam, às vezes te colocam numa fria nesse sentido assim, mas eu acho super legal. Apesar de, às vezes assim, eu posso até falar uma coisa, ali na hora que podem me custar o pescoço, por exemplo. Assim, nossa que a opinião errada que eu dei e tal. É, mas também assim eu tenho que saber qual é o grupinho de alunos com quem eu estou falando. É um pessoalzinho legal, posso falar melhor, não é um pessoal um pouco mais que eu não conheço tanto. Daí você tem uma outra linguagem. Então eles são abertos assim, entendeu? Não sei se logicamente, com todos os professores, talvez não. Mas com alguns que são mais, que já dão aula para eles há mais tempo e tudo mais, que tem mais abertura, esse tipo de afinidade, ok. O que também não é toda turma, tem turmas que são menos abertos. Então, mas assim, no geral, a escola é segura para eles, eles sentem isso também, pelo menos no meu ponto de vista? Então acho que flui legal.

APÊNDICE J - ENTREVISTA DIRETOR LUSÍADA

Transcrição de entrevista escola pública - Diretor Lusíada

Identificação

Gênero: () F (X) M

Idade: 47

Curso que se graduou: Ciências Jurídicas, Letras, Pedagogia

Ano em que se graduou: Ciências Jurídicas (1998), Letras (2002), Pedagogia (2010)

Instituição em que se graduou: UNIMEP, PUC e EAD São Luís

Tempo de atuação no magistério (em anos): 27

Tempo de atuação na coordenação escolar (em anos): 10

Pós-graduação: Análise do Discurso, Gestão Escolar, Direito Civil, Mestrado em Gestão Escolar.

Questões

I- Trajetória de formação

Giovanna: Vamos lá. Em algum momento durante a sua formação, foram discutidas questões de sexualidade?

Lusíada: Não.

Giovanna: Houve alguma disciplina específica que trataram esses assuntos de alguma forma, alguma coisa que levantou esses debates?

Lusíada: No meu tempo de formação, mesmo em nível de pós, nós não tivemos nada assim específico. O que tínhamos era situações nos grupos, entre professores, questões do dia a dia, ocorrências do dia a dia com alunos, mas nada assim relativo ao professor para que ele pudesse ter um conhecimento diferenciado ou tomada de decisão. Infelizmente eu não tive.

Giovanna: Você sentiu falta dessa abordagem?

Lusíada: Eu particularmente não. Eu sempre me senti muito seguro em relação às questões de sexualidade por conta da minha formação cidadã, religiosa, na minha família. Eu sempre tive assim, um posicionamento muito firme em relação às questões sexuais, tanto a minha sexualidade quanto a dos meus alunos quanto ao meu papel como homem, minha sexualidade masculina em sala de aula, fora. Eu sempre controlei muito isso.

Giovanna: A sua formação hoje te dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual no espaço escolar?

Lusíada: Não, não dá.

Giovanna: Você participa ou já participou de palestras, cursos, oficinas, congressos, simpósios relacionado à Educação Sexual?

Lusíada: Não. Olha, por incrível que pareça. Eu fico às vezes meio perplexo porque hoje é um tema tão importante a ser trabalhado em sala de aula, na escola. Hoje, como gestor eu vejo que professores do meu tempo, eles estão tendo problemas justamente por não terem essa formação.

Giovanna: E quando você estudava no ensino médio, o antigo colegial, como que a sua escola tratava sobre a Educação Sexual?

Lusíada: Não existia.

Giovanna: Não existia.

Lusíada: Inexistente. Todo o desenvolvimento sexual, partia de nós mesmos com os nossos ambientes de formação entre alunos. As nossas descobertas. Professor, nunca, eu nunca tive um professor que abrisse a boca para falar de uma questão sexual, de uma questão de intimidade, seja masculina ou feminina. Nada, nada. Eu tive na igreja e fiquei um pouco chocado porque o padre falava e ele falou em algum momento de questão sexual, mas foi só.

Giovanna: Como que foi essa abordagem por parte da igreja?

Lusíada: Por parte da igreja foi devido à formação. Eu era catequista então eu ia trabalhar também como catequista e eu fui presidente de grupos de jovens, então sempre quando a gente vai fazer um trabalho a gente confessa e fala um pouquinho, mas eu, propriamente, nunca entrei nesse tema e o padre entrou. Não sei se por interesse é religioso ou pessoal, ele acabou explicando algumas questões de intimidade masculina, pra mim. Não foi assédio, não foi nada, foi apenas uma abordagem para que eu tivesse o discernimento de questões de sexualidade. Eu fiquei chocado. Eu só fui entender o que aquele padre quis dizer para mim depois de muitos anos, então poderia até ter sido um assédio do ponto de vista de quem não conhece. Poderia classificar, mas hoje eu sei que não, era uma orientação natural. Como hoje deve se discutir as questões de forma mais ampla, mais transparente, não aquele tabu. Que a gente discutia com tabus.

II- Atuação Profissional

Giovanna: Com certeza. Sobre a sua atuação profissional, vamos lá. O que você entende como sexualidade?

Lusíada: Olha, hoje como gestor, a sexualidade para mim ela integra praticamente as ações que envolvem o corpo e a mente, é a integração do corpo e da mente com a individualidade daquela pessoa, então eu não transfiro a relação mente e corpo para terceiros, então eu lido com a com aquela pessoa. Sexualidade, ela não é social, ela não é um fato social, ela não é uma abordagem coletiva. Eu vejo hoje como uma abordagem individual. Parte do individual, desde o respeito, do entendimento de uma série de valores aí depois ela transcende.

Giovanna: Entendi. E o que você entende como Educação Sexual?

Lusíada: Educação sexual é ainda é um tabu. Eu mesmo hoje, como gestor, falar de Educação Sexual não é fácil, pois a sociedade, os alunos, os pais, a própria escola, as ideologias, enfim, tem muita coisa inserida na Educação Sexual, mas ela tem que sim ser, ter uma pauta diária ou corriqueira nas ações escolares. Porque eu vejo que o jovem da minha época, que nem precisava de, vamos dizer orientação é muito diferente do jovem contemporâneo que necessita, assim de um entendimento. Eu sou da geração da AIDS, né? Vamos falar, usar o termo AIDS. Minha primeira namorada, minhas primeiras relações sexuais eram cercadas de

medo de risco. Sexo era, não era prazeroso, era uma necessidade, mas de risco, de perigo, preservativo para a minha geração até hoje é forte. É quase inconcebível você ter uma relação sem compromisso, sem proteção. Não existe essa possibilidade, então a minha geração teve isso. Eu sei que não é assim, então Educação Sexual tem que ser tema corriqueiro nas escolas, na sociedade, nas políticas públicas, né? De afirmação, tem que sim quebrar esse tabu.

Giovanna: E quais manifestações que envolvem sexualidade você observa nos alunos durante as aulas e fora das aulas, aqui no espaço escolar?

Lusíada: As manifestações sexuais durante as aulas e fora essas aulas.

Giovanna: Durante as aulas e fora.

Lusíada: Ainda eu vejo por essa escola. Elas são ainda tímidas, são veladas ainda. Então o aluno, ele ainda tem dificuldade de expor isso para o professor, então as manifestações são ainda bem moderadas, você quase não percebe.

Giovanna: Quais elas, por exemplo?

Lusíada: Por exemplo, um jovem que está aí por descobrir sua sexualidade ou sua identidade de gênero. Ele ainda trata com muito medo ele, ele vai se descobrindo no grupo e vai se revelando, mas ele não tem autonomia. Ele é muito velado, é muito cauteloso com muita preocupação ainda. Os primeiros namoros, também naturais, né? Eu vejo que eles são resistentes ainda para namorar.

Giovanna: Namorar dentro da escola?

Lusíada: Dentro da escola, eles têm dificuldade em assumir, então ainda é bastante velado. Ainda tem um longo caminho. Eu vejo que mesmo ele sendo contemporâneo, com tanta informação, mas as ações, na escola pelo menos, eu falo aqui nesta escola, quem tem que se observar. Quando eu falei as questões sexuais, elas são individualizadas, eu trato assim. É um caso numa sala que é totalmente diferente do outro. Eu não posso, né? Então, mas eu vejo de forma ainda muito tímida e também com muito receio. Tem muito medo de ter a identidade revelada. Pouquíssimos. Eu tive um aluno que ele falou, a gente tem muita atividade

esportiva, né? Você se lembra, então ele falou “o número da minha camisa é 24” e desde o primeiro ano até o último ele foi. Esse é um caso que hoje ele, eu não sei se ele é trans, mas ele é muito bem resolvido, mas é caso assim, 100 em um.

Giovanna: Entendi. E você se sente preparado para lidar com essas manifestações?

Lusíada: Não, eu não estou preparado. Sou hétero, tenho muito conhecimento sobre o assunto, vivenciei na minha vida pessoal, na minha vida profissional centenas de situações, mas se eu disser que eu me sinto preparado eu cometeria um erro da minha fala, porque eu trato de forma individualizada cada situação que correlaciona as questões de sexualidade, de Educação Sexual, de abordagem, não.

Giovanna: Não sente?

Lusíada: Não.

Giovanna: E de que forma você costuma agir? Você já trouxe a questão de tratar de forma individualizada, de que forma você costuma agir quando tem uma manifestação que envolve a sexualidade dos alunos no espaço escolar?

Lusíada: É, já é pontual na verdade assim, é imediato. Eu paro tudo, eu paro tudo porque ali não só um fato social de empoderamento, seja de um gênero, de uma situação da cor da pele, porque a questão sexual, ela puxa outras questões, né? Por exemplo, o racismo, a homofobia ou outros desvios. Então eu paro tudo e vou tratar daquela situação. Eu posso estar fazendo o que for, ouvir as partes, é compor, é chamar os responsáveis, é relatar e tomar as decisões o quanto antes, para que o mal maior não se instaure, porque hoje infelizmente nós temos as redes sociais para esse âmbito 90% vai ser para o negativo e vai depor contra o meu trabalho.

Giovanna: Com certeza.

Lusíada: E aí é quando isso acontece, na verdade, é o professor, é o coordenador, é o diretor. Ele sai da questão, a questão pontual entre os alunos está instaurada. Se eu não tomo providência, essa questão passa a ser culpa minha. A culpabilidade de um ato relativo a uma

situação dessa com menores, ela repercute diretamente na escola, no professor, no coordenador, e no diretor. Então eu peço para que seja imediato...

Giovanna: Tratar sobre a questão ou tratar sobre a pessoa?

Lusíada: O tratamento da questão.

Giovanna: Entendi. Você realiza algum tipo de orientação com os professores em relação à temática sexual abordada com os alunos?

Lusíada: Sim, sim, tanto que eu vou ter uma reunião agora no dia 25. Eu tive muitos problemas nesse nível de abordagem, então é pauta da minha reunião pedagógica com todos os professores.

Giovanna: Como que você conduz essas, orientações?

Lusíada: Eu conduzo com base em dados. A gente não tem um especialista, não tem uma pessoa assim que esteja voltada para isso. Até gostaria, né? É, conversei com a [professora de biologia], inclusive para que ela trouxesse alguém, que ela fosse estudante ou estudioso do assunto para que a gente pudesse numa reunião fazer uma abordagem de 20 minutos, uma orientação, porque o professor atual não está preparado para lidar com as questões tanto de empoderamento ou não, ou de escolha ou de gênero, ninguém assim, eu vejo com esse preparo.

Giovanna: Entendi.

Lusíada: Mas as minhas abordagens são superficiais, não são especializadas não.

Giovanna: Entendi. Quando um professor ou uma professora relata alguma manifestação de alunos que envolve a temática de sexualidade, você oferece algum apoio ou realiza uma orientação? Se sim, você pode escrever um pouquinho sobre.

Lusíada: Existem situações que o professor, ele quer fazer o debate ou ele quer fazer o trabalho específico. Eu por ética, a gente não interfere, uma porque eu não tenho a

competência, talvez no âmbito do professor que está solicitando aquilo, estou falando entre profissionais. Então eu não ofereço esse suporte especializado. O que eu normalmente alerto são questões pontuais da escola em relação à sexualidade. “Olha, você tem um especialista para falar sobre esse assunto, caso surja esse tipo de problema, você está preparado, preparado para lidar com as situações que vai gerar esse tema na sua aula, no seu trabalho?” Eu sou, na verdade, um fiscal. Minha atuação é fiscalizar. Eu lanço as questões do durante e do depois porque eu sei que o antes ele já tem, ele tem pré-requisito, então eu não interfiro por ética profissional, mas eu faço, entre aspas, as abordagens, vamos dizer, de fiscalização do processo para que ele se blinde de situações, por exemplo, um pai religioso como que ele vai encarar isso? E nessa abordagem que eu faço com o professor eu coloco essas questões externas porque às vezes um vídeo que você passa, você pode ter problema com o pai. Eu tive problema com o primo Basílio pela sexualidade. Pelo sensualismo, nem pela sexualidade. O primo Basílio, um clássico para ser trabalhado e eu tive problemas, então eu alerto, mas eu não interfiro.

Giovanna: Entendi. Alguma vez você abordou a temática de sexualidade com os alunos junto a um profissional fora da escola?

Lusíada: Nunca. Não, nunca.

Giovanna: Você acredita que a escola oferece um ambiente acolhedor e seguro, onde os alunos possam buscar informações para as dúvidas ligadas à sexualidade?

Lusíada: Totalmente. Eu confio plenamente nos professores, na coordenação, embora não tenhamos um trabalho específico nesse sentido, mas eu tenho profissionais competentes para lidar com as situações do dia a dia. São atos corriqueiros que durante esses anos nós conseguimos nos inserir ao contexto da Educação Sexual dentro da escola. Não que tivéssemos um treinamento, é uma coisa realmente das vivências. Então eu me sinto muito seguro. Até quando surge algum fato, logo a gente já pontua, já começa a fazer os desdobramentos, é muito rápida a ação. Ainda que ela não seja, vamos dizer formal, mas é muito rápida a ação aqui. Eu confio totalmente.

Giovanna: Na temática de Educação Sexual, como que você avalia o material didático oferecido pra escola em relação as informações e os conteúdos a serem trabalhados?

Lusíada: Eu não tenho nem como avaliar porque não existe. São profissionais na ação que desenvolvem profissionais de outras, de todos os níveis e disciplinas que naturalmente desenvolvem isso nas aulas, nas práticas, na conversação. É informal, não tem nada formal, então.

Giovanna: Dentro do planejamento?

Lusíada: Dentro do planejamento, eu tenho um PPG que fala muito. É assim, é um tópico que por questões legais, mas prática, não.

Giovanna: Entendi. Você tem conhecimento se a Secretaria de Educação ou um sistema de ensino que a escola está inserida possui alguma proposta de Educação Sexual para o Ensino Médio?

Lusíada: Sim, sim.

Giovanna: Você pode caracterizar um pouco?

Lusíada: Tem. Existem, eu vou falar em termos de políticas públicas. Existem aí decretos, eu não diria um leis maiores que te obriguem, mas existem muitas portarias, decretos que nos encaminham e nos dão autonomia para fazer esse trabalho dentro da escola. Então eu não posso ser leviano em dizer que o Estado promove, “não existe políticas públicas”, não. Depende mais do gestor, de mim para colocar uma ação dessa na escola e com os colegas do que propriamente esperar a lei estar lá. Existem essas portarias, decretos, basta a gente utilizá-las, então eu vou dizer que é um, talvez eu esteja aqui admitindo uma deficiência.

Giovanna: Dentro do [nome da escola] existe direcionamentos ou dentro do regimento da escola existe um direcionamento?

Lusíada: Existe. Existem departamentos dentro do [nome da escola], que tratam só disso. Então tem um departamento que é voltado só para assédio sexual, por exemplo, quando chega

um problema de assédio na ouvidoria eu trato com esse departamento. Quando existem questões, por exemplo, de mudança de gênero, enfim, existem procedimentos já diretos para fazer nome social, para tomar conta dessas questões que vão surgindo. Existe sim uma ação prática dentro do [nome da escola] e também esses departamentos aí.

Giovanna: Esses departamento trazem alguma proposta de Educação Sexual na escola? Na parte assim, do dia a dia escolar. Eles trazem uma proposta?

Lusíada: Não, eles dão a título de orientação, só. Uma ou outra palestra, um ou outro curso, esporádico. Nada assim, olha, eu tenho um projeto e um começo meio e fim anual para isso. Não, tem lá uma orientação, tem um profissional que vai falar sobre, ter um convite para participar de determinado projeto ou evento. É assim.

Giovanna: Entendi. Na sua visão, qual a postura da comunidade escolar e das famílias em relação às manifestações da sexualidade dos alunos?

Lusíada: Olha, ainda são manifestações, eu não diria, são resistentes, são manifestações que você analisa ainda, eles não confiam na escola. As manifestações não são positivas, na maioria, são negativas devido a um fato gerador problema, um fato, uma situação problema que é o fato gerador, então isso acaba tirando um pouco o crédito da escola, da capacidade da escola, de tratar e eles ficam, com receio, com o pé atrás, eles não confiam totalmente, não são, vamos dizer, pacíficas as manifestações.

Giovanna: Entendi. E como que as famílias recebem a atuação da escola em relação à Educação Sexual? Você pode descrever um pouco?

Lusíada: Já nessa parte eu acho que eles confiam. Eles dão crédito a escola, os profissionais que aqui estão pela competência, pela tradição, pelo equilíbrio, conhecimento de cada profissional. Na hora que eles se apresentam, que eles apresentam um plano pedagógico. Então, nesse sentido, já uma confiança maior. Porque eles enxergam na pessoa, na reunião, a preocupação da escola também. Então, nesse aspecto, é positivo.

Giovanna: Entendi. Você quer trazer mais alguma coisa a comentar sobre algum assunto que foi perguntado? Quer fazer mais algum comentário?

Lusíada: Olha, assim, a Educação Sexual é um tabu ainda por mais simples ue possa aparecer situações que envolve Educação Sexual. É sempre um grande desafio, um desafio que tem que ser enfrentado todos os dias, pessoa a pessoa, grupo a grupo em todos os níveis e sempre requer o devido cuidado na tomada de decisão. Eu falo como gestor, porque para mim eu tenho que ter um viés, não posso em hipótese alguma, quando eu tenho uma questão de Educação sexual não pontuar, não tomar uma decisão. Seja ela qual for para que eu não piore a situação ou não gere uma situação de desconforto ou que venha a interferir aí na educação desse jovem que é o fator maior.

APÊNDICE K - ENTREVISTA PROFESSORA PÉROLA

Transcrição de entrevista escola particular - Profª Pérola

Identificação

Gênero: (X) F () M

Idade: 38

Curso que se graduou: Ciências Biológicas e Pedagogia

Ano em que se graduou: Ciências Biológicas (2013) e Pedagogia (2022)

Instituição em que se graduou: Instituto de Biociências - UNESP Campus Rio Claro

Tempo de atuação no magistério (em anos): 3

Série (s) que leciona: Sexto e sétimo ano do ensino fundamental e primeiro a terceiro ano do ensino médio

Pós-graduação: Mestrado em Biologia Celular e Molecular

Questões

I- Trajetória de formação

Giovanna: Vamos lá, em algum momento durante a sua formação foram discutidas questões de sexualidade?

Pérola: Sim. Da formação você fala na minha graduação?

Giovanna: Isso.

Pérola: Ou no meu trabalho?

Giovanna: Isso, na sua graduação.

Pérola: Na minha graduação? Olha pra falar bem a verdade, especificamente esse tema, eu não me recordo. Faz tempo, mas eu não me recordo de ter sido tratado desse tema. Trata o que, doenças sexualmente transmissíveis, essas questões, mas agora uma discussão, um

debate sobre as coisas relativas à sexualidade, eu não me recordo. Se houve, não ficou marcante, né? Porque já faz tempo.

Giovanna: Entendi. Houve alguma disciplina específica desse assunto ou as discussões se deram por meio de artigos, filmes, documentário?

Pérola: Não, não houve.

Giovanna: Ok. Sua formação atual te dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual em sala de aula?

Pérola: Olha, eu não tive uma formação específica nisso, né? Mas o que eu fiz depois, faz até pouco tempo, no ano passado, eu fiz a segunda graduação em Pedagogia que abriu um pouco também a minha mente, né? Pra algumas coisas, para algumas questões, então acho que a formação em Pedagogia me ajudou bastante também. Eu fiz uma segunda graduação e foi mais discutido essas questões do que eu me recorde na própria biologia, né?

Giovanna: Você participa ou já participou de palestras, cursos, oficinas, congressos relacionados à Educação Sexual?

Pérola: A Educação Sexual, não.

Giovanna: Quando você estava no seu ensino médio, o antigo colegial, como eram as aulas que tratavam sobre Educação Sexual?

Pérola: Não me recordo.

II- Atuação Profissional

Giovanna: Não tinha algo assim?

Pérola: Não me recordo. Provavelmente teve, mas não me lembro de verdade.

Giovanna: Tranquilo, tranquilo. Vamos lá, o que você entende como sexualidade?

Pérola: O que eu entendo sobre sexualidade?

Giovanna: Como sexualidade.

Pérola: Sexualidade é uma parte inerente ao ser humano, faz parte do desenvolvimento natural do ser humano. Todo mundo desenvolve isso, né? Alguns mais cedo, outros mais tarde, mas é algo, um processo natural.

Giovanna: E o que você entende como Educação Sexual?

Pérola: Educação sexual, eu acho que tem que ser um debate com os alunos, não você só falando mas ouvindo o que eles tem a dizer e assim, quando eu faço isso com eles eu gosto de trazer muitos debates então eu gosto de trazer muitas perguntas, né? Por exemplo, quando fala de gravidez na adolescência, que a gente tem essa parte, né? Que fala, eles sabem que isso acontece, então eu pergunto assim: “o que que está faltando para que diminua os índices de gravidez na adolescência no Brasil?” Então eu pergunto pra eles “o que que falta? Porque vocês já sabem que acontece, vocês já tem informação de como prevenir, se a informação está chegando, o que que faz com que os índices continuem altos?”. Então entraram para debate, mas nessa parte assim social que eu discuto com eles, né?

Giovanna: Ok. E quais assuntos sobre o tema de sexualidade você também aborda em suas aulas? Como que você costuma abordar? Pode me descrever um pouquinho.

Pérola: Então é assim, a gente tem as expectativas de aprendizagem e todas as minhas aulas o planejamento, eles são baseados nessas expectativas, eu não posso sair das expectativas, né? O assunto da sexualidade ele está na expectativa de aprendizagem referente ao primeiro ano do ensino médio. Eu até tenho aqui, se você quiser.

Giovanna: Fica tranquila.

Pérola: Eu até tenho a expectativa que ela fala sobre tudo aquilo que envolve adolescência, então é um momento que a gente vai discutir várias coisas envolvendo adolescência. Então a

gente vai falar desde o uso de drogas, vai falar da questão do alcoolismo, vai falar da questão da gravidez na adolescência, vai falar das IST's, né? Então vai falar tudo isso e é um momento no ensino médio que é abordado de uma forma curricular, então o currículo é esse momento, é o primeiro ano do ensino médio, não é? E aí, o que que eu faço, nesse momento eu trago, eu levo para eles para eles apresentarem um pouco sobre o tema e a partir do que eles falam que eu desenvolvo o restante da aula. Então, às vezes eles trazem filmes, às vezes eles trazem um vídeo de curta-metragem, às vezes eles trazem só um debate, às vezes eles fazem uma forma mais expositiva quais são as doenças sexualmente transmissíveis, as infecções agora, sexualmente transmissíveis e tal e a partir daquilo que eles trazem a gente conversa e aí eu lanço perguntas para eles. Então, das doenças, das infecções, eu sempre falo: “tá bom, vocês já sabiam disso? A gente sabe que existe as infecções sexualmente transmissíveis” então eu falo “mas então por que os índices continuam altos?” Eu sempre vou nessa pergunta, eu faço perguntas a partir do que eles respondem, a partir daquilo que eles vão trazendo. “É um fator cultural? é um fator social? depende da criação da pessoa? do acesso à informação?” A gente vai discutindo mais a questão social e também no que eles apresentam, se eles não trazem isso aí eu apresento no final, por exemplo uma tabela de quais são essas infecções, da forma de transmissão, de prevenção, etc. Aí fica também a parte expositiva, mas eu trago mais a questão social para debater, porque isso eles já tiveram um ensino fundamental 2, né? Mas mesmo eles já tendo, às vezes o que eles falam pra mim é que eles gostariam que não fosse apenas uma coisa assim numa aula de biologia, restrito, né? Então eles falam às vezes que eles gostariam que viessem palestrantes, que viessem pessoas que tem mesmo essa formação mais específica para conversar com eles, o que eu acho legal.

Giovanna: E quando você vai abordar esses temas que você citou, de que forma você prepara suas aulas? Como você se prepara para essas aulas para abordar?

Pérola: Eu leio, eu leio bastante. Eu leio no Google acadêmico, eu leio o próprio material que vem do [nome da escola], das coisas que a gente tem que discutir, é porque eu não posso sair da expectativa de ensino aprendizagem, eu tenho que me pautar nelas, então com base nela do que no material proposto, aí eu me preparo para o que eles vão trazer. Porque não é uma aula expositiva, hoje vamos falar de infecções sexualmente transmissíveis e blablablá (*sic.*), um monte de coisa na cabeça deles, não é dessa forma, por isso que eu divido a sala em grupos e os grupos vão me trazer as informações, a partir de um roteiro que eu dou de qual vai ser o

tema trabalhado, então eles têm liberdade de trabalhar da forma que eles quiserem e a partir do que eles trazem é que a gente acaba discutindo.

Giovanna: Ok. Você trata somente desse tema de sexualidade ou você também inclui aí gênero, etnia e discriminações?

Pérola: A parte de gênero, especificamente de identidade de gênero, nesse momento se houver, se eles colocarem em pauta, a gente discute, mas geralmente eu converso muito com eles quando eu começo genética. Na aula de genética a gente tem que falar, né? A gente tem que falar dos cromossomos femininos, dos cromossomos masculinos, então é nesse momento que eu vou falar, olha todos os nossos exercícios aqui vai aparecer um homem afetado pela herança genética tal. Aqui precisamos tratar do sexo biológico. É nesse momento que eu falo com eles um pouco do sexo biológico e do gênero que não há na aula de biologia para genética, nós precisamos tratar do sexo biológico. É nesse momento que eu coloco essa questão. De etnia, de discriminação também da mulher eu trato mais nas aulas de empreendedorismo, né? Porque além da biologia, eu também trabalho com eles o componente de empreendedorismo e no empreendedorismo a gente trabalha muito a questão social, então eu trago dados do IBGE, eu trago textos que falam sobre a discriminação, o papel da mulher, problemas de discriminação racial também. A gente discute isso também, mas é mais o empreendedorismo porque também repetir, já que é o primeiro ano repetindo nos outros também para a biologia se eu já trabalhei em empreendedorismo também não faz muito sentido.

Giovanna: Ok. Deixa eu ver aqui. Em quais atividades as temáticas de sexualidade e de gênero são colocadas, em quais atividades você coloca essas temáticas ou de que maneira que elas, bom seu planejamento já acaba abarcando por conta das expectativas, não é? Mas nas atividades elas vão aparecendo de acordo com as expectativas ou, de repente, quando você está tratando de alguma outra temática dentro do seu currículo de biologia, você também coloca a questão de sexualidade, gênero e tudo mais?

Pérola: Olha, quando aparece alguma coisa eu falo. Por exemplo, na aula de genética aparece. Que mais? Mas é porque a gente fala muito da questão ambiental. Primeiro ano, por exemplo,

empreendedorismo eu trabalho isso, aí depois eles têm só Ecologia. No segundo ano eu trabalho muito a parte celular e molecular então também acaba não...

Giovanna: Não inferindo tanto.

Pérola: O que entra mais mesmo é na parte do empreendedorismo e no primeiro ano da parte de adolescência que a gente discute e depois em genética no terceiro ano eu volto a falar um pouco e aí vai falar também quando a gente vai falar do corpo humano também fala no terceiro ano. O segundo eu tenho uma aula com eles por semana, então também não tem como ficar colocando mais coisas e sair da expectativa de ensino e aprendizagem. Agora quando aparece em questões, aí elas têm que ser, elas não podem ser negligenciadas, né? Se aparecer algum caso ali, de alguma discriminação que acontece na sala, aí a gente precisa parar, mas graças a Deus assim nunca teve um caso que eu vivenciei, não.

Giovanna: OK. Quais os tópicos sobre esses assuntos de sexualidade você acha mais difícil de tratar com os alunos?

Pérola: Mais difícil eu acho que deve ser a identidade de gênero porque tem alguns que respeitam e tem outros que ainda estão no processo.

Giovanna: E quais manifestações? Risos, piadas, perguntinhas, olhares dos alunos mais costumam aparecer quando você trata sobre sexualidade nas suas aulas e como você se sente com isso?

Pérola: Olha, o que eu já vi, aquelas piadinhas sem graça, de veado, palavras que não deveriam aparecer na sala de aula. Aí eu sempre falo a questão do respeito, a questões que nós somos diferentes, eu resgato com eles o que a gente estudou lá no empreendedorismo que a gente é um agente de transformação social e que a nossa parte tem que ser feita em todos os momentos. É nos pequenos detalhes que a gente vai ser agente dessa transformação social, mas o que mais aparece aí, só que geralmente é entre amigos, então amigo acaba não se doendo porque sabe que está sendo em tom de brincadeira, mas o que realmente não deveria acontecer. Porque pode ter outras na sala que tomem para si e se sintam mal com isso.

Giovanna: E como que você se sente com essas manifestações?

Pérola: Mal, não deveria acontecer.

Giovanna: Quais as formas como os alunos aqui na escola, de ensino médio, eles costumam manifestar a sexualidade dele dentro do espaço escolar, por exemplo, beijos, carícias, comportamentos, vestimentas daquilo que você observa de manifestação da sexualidade deles?

Pérola: Olha o que eu observo é, às vezes tem algum evento, por exemplo, que as meninas podem vir com uma roupa diferente. Elas estão na adolescência, elas gostam de ir natural, né? Eu acho que todo adolescente passa por isso. Elas gostam de mostrar um pouco mais o corpo, tirar aquele negócio de uniforme, né? Então, é o momento que eu vejo esse processo natural de sexualidade, em que ela quer ser vista. De carinho eu vi uma vez na verdade, dentro da sala de aula, quando eu falo uma vez, é um casal, né? Algumas vezes dentro das aulas, no momento de entrada minha, então eu estava entrando na sala, eles estavam juntos com carinhos, no cabelo tal, e aí eu falava: “oh, agora então cada um pro seu lado que agora é aula”. Não posso deixar eles ali na sala de aula, mas nos corredores, às vezes a gente vê, na entrada, na saída casalzinho de mão dada. São essas manifestações.

Giovanna: Ok. Enquanto professora, você se sente legalmente amparada para atuar com a temática de sexualidade aqui no seu local de trabalho?

Pérola: Legalmente sim principalmente agora porque é uma coisa nova. Veio na verdade esse ano que a gente está estudando ainda, as expectativas socioemocionais, né? Então, além das de ensino aprendizado vem agora as socioemocionais que vem essa questão do respeito, das diferenças e tal, então acho que agora, ainda mais do que antes, mas já me sentia.

Giovanna: Ok. Você possui algum apoio ou direcionamento da gestão para planejar suas aulas sobre Educação Sexual ou para lidar com as manifestações dos alunos em salas de aula?

Pérola: Olha, eu sei que se eu precisar eu vou ter esse apoio porque elas são muito abertas, elas são muito próximas.

Giovanna: Existe algum tipo de conflito?

Pérola: Não, não. Comigo não.

Giovanna: Em relação à gestão da escola, né? Ou seja, as coordenadoras, como você avalia a forma como elas lidam com as questões que envolvem sexualidade dentro do espaço escolar?

Pérola: Eu acho que de uma maneira muito boa, muito boa. Porque elas também, tudo o que elas passam para a gente, nas formações é baseado na expectativa e traz agora essa força do socioemocional e esse socioemocional que agora vem em peso entra essas questões, né? Então eu acho que de uma forma boa é que eu especificamente para falar a verdade, já aconteceu de eu precisar pedir auxílio dela? Não, não aconteceu, mas eu sei que eu vou ter um suporte se acontecer alguma situação em que eu precise.

Giovanna: Na temática de Educação Sexual, como que você avalia o material didático oferecido pela escola em relação às informações e os conteúdos a serem trabalhados?

Pérola: Olha, eu acho que as propostas são boas, mas ele fica muito limitado dentro de uma expectativa só no primeiro ano e acabou. Então, assim, o resto, como a gente tem que lidar com o tempo, gestão do tempo para que eu consiga dar todos os conteúdos, né? Se eu for falar assim aparece ao longo de um ensino médio todo? Não. Ele fica restrito, realmente pontual a questões de adolescência, que são trabalhadas quase que em conjunto. Então a questão das drogas, a questão da depressão, do suicídio, da sexualidade fica tudo dentro da, quando a gente estuda a adolescência no primeiro ano, dentro de uma expectativa somente. Ele é pontual.

Giovanna: Você sente liberdade para acrescentar ou modificar a forma que os conteúdos são apresentados?

Pérola: É que sim, eu acho que, como é pontual aquilo que ele traz é uma forma boa, eu não tenho críticas ao material. Talvez poderia realmente acontecer ele aparecer em outros momentos, atrelado a outros conteúdos ou ele ser, não ficar assim tudo junto num só. Então um momento a gente trata, por exemplo do suicídio, em outro momento a gente trata um pouquinho da gravidez na adolescência, para não ficar tudo de uma vez só. As questões

adolescentes tudo de uma vez só no primeiro ano, para poder retomar sempre, se não ele fica muito restrito naquele momento em comum.

Giovanna: Você gostaria de falar mais alguma coisa ou comentar sobre mais algum assunto que eu perguntei?

Pérola: Não.

Giovanna: Tranquilo.

APÊNDICE L - ENTREVISTA PROFESSORA ÍSIS

Transcrição de entrevista escola particular- Profª Ísis

Identificação

Gênero: (X) F () M

Idade: 40

Curso que se graduou: Ciências Sociais

Ano em que se graduou: 2007

Instituição em que se graduou: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP Araraquara

Tempo de atuação no magistério (em anos): 12

Série (s) que leciona: Primeiro a terceiro ano do ensino médio

Pós-graduação: Mestrado em Sociologia

Questões

I- Trajetória de formação

Giovanna: Entrevista professora Ísis. Um pouquinho sobre a sua formação. Em algum momento durante a formação foram discutidas questões de sexualidade?

Ísis: Não, em nenhum momento.

Giovanna: A sua formação atual, ela te dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual em sala de aula?

Ísis: Muito pouco. Os desdobramentos sou eu mesmo que faço a partir das experiências que eu vivo, né? Mas não tenho respaldo teórico nem metodológico.

Giovanna: Você participa ou já participou de palestras, cursos, oficinas, congressos, simpósios relacionados à Educação Sexual?

Ísis: Já. Participei de um curso de formação de professores pela UFSCar sobre sexualidade nas escolas.

Giovanna: E como que foi essa experiência para você?

Ísis: Eu atuei como tutora na verdade, né? É, a gente atuava com a formação de professores para a educação infantil. Foi para mim, eu achei bem superficial, eu acho que fica só no plano das discussões e poucos modelos, poucas propostas de como atuar, de como fazer. Fica mais na parte das construções teóricas, o que é gênero, como são as relações sociais entre homens e mulheres, mas como abordar eu achei fraco.

Giovanna: Ainda mais se tratando pra Educação Infantil.

Ísis: Isso. As professoras com as quais eu atuava faziam o curso mais por questões de certificado, enfim, mas não conseguiam aplicar a teoria na prática.

Giovanna: Entendi. E quando você estava no ensino médio, que era o antigo colegial como eram as aulas que tratavam sobre Educação Sexual?

Ísis: Eu não me recordo de ter tido aulas. A gente teve assim, aula de Ciências e Biologia que tratava sobre os aparelhos reprodutores masculino e feminino, pouquíssimas palestras sobre os método contraceptivo, mas era sempre um tabu. Tirava muita vergonha.

II- Atuação Profissional

Giovanna: Sobre a sua atuação profissional agora, o que você entende como sexualidade?

Ísis: Para mim é a expressão de um desejo pelo outro.

Giovanna: E o que você entende como Educação Sexual?

Ísis: Educação sexual. Eu acho que uma orientação do desejo e uma reflexão sobre questões éticas de como lidar comigo, com meu próprio corpo e com o outro.

Giovanna: quais assuntos sobre o tema de sexualidade você costuma abordar nas suas aulas?

Ísis: Sexualidade nas aulas? Eu acho que eu trabalho mais com a questão do gênero e não propriamente da sexualidade.

Giovanna: E como que você costuma abordar?

Ísis: Sobre a construção social dos papéis de gênero. A gente tenta fazer, separar o sexo e o gênero e pensar um pouquinho sobre os lugares que são colocados e atribuídos aos gêneros, né?

Giovanna: E como que os alunos costumam receber essa temática? Tem aqueles que se recusam por conta de religião ou de orientação da família? Pode descrever um pouco?

Ísis: Então, num primeiro momento existem alguns alunos que são fechados à discussão, mas depois eles acabam cedendo às reflexões e acabam se colocando. Quando a gente começa a questionar, por exemplo, como que são as divisões dos papéis, domésticos e dos serviços doméstico entre homens e mulheres, mães e filhos, filhos e filhas. Então quando vai pra prática e eles percebem nesse processo, ou mesmo até assim, como fica a questão do serviço doméstico para as mães. E aí eles se interessam, então aí eles se propõem a discutir, mas aí quando eu começo a chamar a responsabilidade deles, eles já não querem mais.

Giovanna: Quando você vai abordar todo esse tema, principalmente relacionado ao gênero, de que forma você prepara suas aulas e os conteúdos?

Ísis: Então, a discussão ela vem numa parte específica que é o processo de socialização e as instituições sociais. Eu quando eu estou apresentando para ele as instituições, o papel da socialização aparece sempre a construção dos gêneros. E vira e mexe, a gente volta a colocar esses temas. Eu acho que ele aparece sempre, na verdade, várias temáticas e a gente sempre joga para a questão dos papéis de gênero e como eles são colocados na sociedade.

Giovanna: E além de gênero, você trata também nas suas aulas, etnias, discriminações ou sistemas assim?

Ísis: Sim, porque a sociologia é Ciências Humanas, é basicamente o nosso tema, né?

Giovanna: E quais atividades a temática de sexualidade e gênero são colocadas ou de que maneira que elas vão aparecendo no seu planejamento?

Ísis: Quando a gente pensa em padrões de beleza, por exemplo. Em expectativas e lugares sociais mesmo, até mesmo quando a gente pensa em projeto de vida, porque que algumas carreiras não são pleiteadas pelas meninas. A gente faz uma pesquisa, quais futuras profissões e aí a gente começa a pensar o perfil. Qual é o perfil? Por que que as meninas vão não se interessam pelas ciências? Por que elas estão fora da área da tecnologia? Nesse sentido.

Giovanna: E qual tópico sobre esse assunto você acha mais difícil de tratar com os alunos? Sobre no caso, o assunto de gênero que você acaba mais abordando nas suas aulas, qual deles acaba sendo mais difícil de tratar?

Ísis: Tô pensando. Difícil. Ah, não tem nenhum que é difícil acho que o racismo ele acaba sendo mais difícil de ser tratado e toda vez quando eles levam a discussão para uma polarização de ódio, mesmo que para o outro lado. Quando a gente está tratando, por exemplo, a questão do feminismo e aí a gente tem os discursos de ódio que tentam inverter as relações de poder e colocam agora a mulher como opressora, aí fica um pouco difícil porque aí eu tenho que desconstruir uma fala do senso comum e mostrar que esse não é o objetivo. O objetivo é equalização e diminuição da desigualdade e não a instauração de uma nova forma de poder. Temas como “fogo aos racistas”, por exemplo, é um tema que nossa, surge muito. É muito difícil de desconstruir porque esse não é o objetivo. O objetivo é a construção de uma sociedade democrática e não uma nova forma de exclusão. Então eu vejo que eles vêm com discursos da internet muito violentos e querem instaurar uma nova forma de dominação também. Então como se a gente invertesse, o oprimido agora quer ser opressor.

Giovanna: Entendi.

Ísis: E isso me desgasta muita até eu ter que explicar a questão da dignidade humana, do direito de todos os indivíduos, sejam homens brancos também héteros também, como eles são produto também de uma cultura. Mostrar para eles que tanto o machismo como racismo são

elementos da estrutura social e que não são combates individuais, então isso dá um pouco de trabalho.

Giovanna: Imagino. E quais manifestações, risos, piadas, perguntas, olhares dos alunos mais costumam aparecer quando você trata do tema de sexualidade, no caso de gênero, nas suas aulas?

Ísis: Há uma discriminação mesmo em relação.

Giovanna: Verbal isso?

Ísis: É, piadas, comentários, sempre pejorativo e aí até alguns alunos se sentem excluídos. O tema sexualidade a gente trabalha muito pouco, trabalho mais com a questão de gênero porque a sexualidade ainda é muito, como eu posso dizer, é um tabu muito grande ainda. Eu me sinto mais confortável para falar de gênero porque eu tenho respaldo da sociologia então eu vou poder puxá-las agora para a questão da sexualidade, eu acho mais complicado pra mim trabalhar com ele e ainda tem muito tabu, né? Principalmente aqui no interior.

Giovanna: E diante dessas manifestações que você falou, de piadas, de discriminações, como que você se sente?

Ísis: Então, me sinto constrangida a lidar com um tema assim e vejo que isso gera também um desconforto neles. Na turma que quer discutir, não se sente muito à vontade para discutir também por conta dessas manifestações.

Giovanna: E quais as formas com os alunos manifestam a sua sexualidade dentro do espaço escolar que você observa, de beijos, carícias, comportamentos, vestimentas?

Ísis: Então, aqui a gente trabalha muito com questões públicas e privadas, então na escola eles não podem, os namorados, os casais, eles não podem, nenhum, pode ter manifestação de afeto, nem mãos dadas, nem abraço, nem sentar no colo dentro do horário escolar, seja no intervalo. Então a gente sempre tenta trazer essa questão do público e do privado, que no ambiente isso é um ambiente público, portanto essas manifestações de afeto ficariam restritas

ao ambiente privado. Então a gente não tem muita, claro que a gente sempre tem uns B.O.'s aí nos banheiros, mas a ideia da instituição é manter os afetos longe do ambiente coletivo.

Giovanna: Enquanto professora, você se sente legalmente amparada para atuar com a temática de gênero e sexualidade aqui no seu local de trabalho?

Ísis: Sim.

Giovanna: Legalmente amparada?

Ísis: Sim, porque faço sempre a relação com a minha área de formação então eu sempre, a gente vai para discussão e volta para o autor. Então eu me sinto, nunca tive nenhum problema. Agora quanto a sexualidade, já acho mais difícil.

Giovanna: Você possui algum apoio ou direcionamento da gestão para planejar as suas aulas sobre Educação Sexual lidando aí com gênero ou para lidar com as manifestações dos alunos em sala de aula?

Ísis: Não, nós não temos nenhuma orientação.

Giovanna: Mas se existe alguma situação de manifestação que você precisa lidar, você tem algum apoio da gestão, inovações?

Ísis: Sim, sim. Aqui a gente sempre conversa muito. A gente sempre tem a prática de chamar primeiro individualmente, então as relações são sempre tratadas primeiro entre professora e o aluno. Depois, se a gente não consegue resolver pelo diálogo individual é que a gente procure a coordenação, mas como eles já estão acostumados geralmente a gente se resolve ali num combinado mesmo individual, mas sempre ao apoio e às vezes quando precisa a gente convoca a família também e aí sempre está presente a família.

Giovanna: Em relação à gestão de escola, as coordenadoras, como que você avalia como elas lidam com as questões que envolvem a sexualidade dentro do espaço escolar?

Ísis: Então, diante da diversidade de manifestações e da faixa etária e do nosso ambiente, eu achei uma boa estratégia essa questão do público e do privado que a gente tem desde crianças pequenas até o ensino médio dividindo o mesmo espaço. Então eu acho que elas colocam de maneira muito assertiva para os alunos do ensino médio, por exemplo, que existem crianças naquele ambiente que para aquela faixa etária não seria um tema, que portanto eles poderiam se sentir, as crianças observarem. Eles jogam muito isso de um convívio com o diverso, então dentro desse diverso é melhor a gente manter as relações afetivas no ambiente privado. Então eu acho que acho que é uma boa estratégia, tem funcionado assim.

Giovanna: Você faria alguma coisa diferente em relação a isso ou da forma como elas agem?

Ísis: Não, acho que não. A gente não tem muito preparo também para lidar com essas questões.

Giovanna: E na temática de Educação em Sexualidade você comentou que não tem nenhum material que é ofertado pela instituição para você tratar e tudo mais, não tem nada direcionado.

Ísis: A gente teve agora uma capacitação no mês de janeiro que tratou, começou a tratar um pouquinho sobre essa temática, mas ainda é muito recente, mais introdutória, mas não uma metodologia assim, de como abordar, de como tratar.

Giovanna: Por exemplo, dessa capacitação você sente liberdade para acrescentar ou para modificar a forma que os conteúdos são apresentados?

Ísis: Ah, sim.

Giovanna: Tem mais alguma coisa que você quer falar ou comentar aqui na entrevista, trazer algum dado, alguma vivência sua, algum B.O. de alunos?

Ísis: Ah, não. Acaba muito ainda a questão da sexualização do corpo da mulher. Eu vejo as alunas ainda muito reféns dessa sexualização. A gente tem aqui no intervalo o Intervalo Cultural que eles escolhem as músicas e aí a gente tem que ficar e pede para eles ficarem atentos em relação à sexualização dos conteúdos. Então a gente fica sempre problematizando

com eles essa questão do corpo, da sexualização, enfim, mas eles muitos, eles falam “ah professora o que importa é o ritmo”. E aí quando tem manifestações culturais, por exemplo, a gente tem um evento que é torneio Inter Classes e eles têm que produzir uma dança que mostra, sei lá, as danças típicas de todas as regiões. Vira e mexe a última dança sempre é um apelo mais sexual porque é legal então eles até fazem o conteúdo que se espera, mas aí sempre no final elas estão lá dançando de maneira, eu vejo como sexualizadas, mas elas acham que está tudo bem e que elas gostam. Eu não gosto muito.

Giovanna: O que você trouxe da situação das meninas estarem reféns dessa sexualização do corpo feminino, você observa isso por que meio? Pelas roupas, pelo comportamento?

Ísis: Pelo conteúdo das letras, das letras de música que são bem apelativas. Não tem como. Não é dúvida, é explícito. As roupas a gente não vê muito não, mas o apelo da letra da música, né? Eu acho.

Giovanna: Com certeza. Mais algum comentário?

Ísis: Não.

APÊNDICE M - ENTREVISTA PROFESSOR BENEDITO

Transcrição de entrevista escola particular- Profª Benedito

Identificação

Gênero: () F (X) M

Idade: 49

Curso que se graduou: Licenciatura em Física

Ano em que se graduou: 2000

Instituição em que se graduou: Uniararas

Tempo de atuação no magistério (em anos): 15

Série (s) que leciona: Primeiro a terceiro ano do ensino médio

Pós-graduação: Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental

Questões

I- Trajetória de formação

Giovanna: Entrevista professor Benedito. Vamos lá, em algum momento durante a sua formação acadêmica foram discutidas questões de sexualidade?

Benedito: Não.

Giovanna: A sua formação atual, ela te dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual em aula?

Benedito: Não.

Giovanna: Você já participa ou já participou de palestras, oficinas, cursos, simpósios relacionados a Educação Sexual?

Benedito: Então participei dessas que os guardas municipais dão. Eles até explicam sobre tudo sobre sexualidade, doença, sabe? No final sempre tem, foi até engraçado que uma vez o

cara chegou e ele foi falar justamente que ele sofria uma agressão da esposa, que a esposa agredia ele.

Giovanna: E como que foi essa experiência de participar dessa palestra para você?

Benedito: Não, foi legal. Eu fiquei até surpreso com o número que tem de abusos, eu acho que principalmente das crianças menores, do ensino fundamental. Eu acho que o médio, eles sabem se defender do padrasto, do avô ou do vizinho, sei lá de quem, entendeu. Agora pela minha visão, os menores que eu acho que é mais difícil, né?

Giovanna: E quando você estava no ensino médio, o antigo colegial, como que eram as aulas que tratavam sobre Educação Sexual?

Benedito: Moça, aquele tempo era muito difícil, entendeu? Aquele tempo era diferente de hoje, entendeu? A gente nem imaginava como que era o corpo de uma mulher, essas coisas. Não tinha internet, não tinha nada. Tinha uma revistinha lá que você via a mulher como que é que era, entendeu? Você não imaginava.

II- Atuação Profissional

Giovanna: E hoje, o que que você entende como sexualidade?

Benedito: Olha, assim. É difícil para mim falar. Até aconteceu faz umas duas sextas feiras. Eu fui com a minha menina, foi aniversário da minha esposa, eu fui com ela em Piracicaba. Passou em frente do motel, ela tem 11 anos. Ela falou assim “pai, que isso?” Eu não sabia o que responder, entendeu? Eu não sabia o que responder. Aí eu falei assim “ó eu não sei, pergunta pra sua mãe” entendeu? Mas então esse assunto tipo assim mais antigo, não é um assunto, eu não gosto de entrar muito nesse assunto, sabe? Eu não entro muito nesse assunto.

Giovanna: E o que que você entende como Educação Sexual?

Benedito: Eu acho importante. Acho muito importante porque eu tenho uma filha mulher e eu fico feliz da escola estudar a parte biológica e tudo mais pra às vezes eu tenho medo que ela

vai na casa de uma amiga que tem lá um pai, ou que vai dormir numa amiga que tem um vô. Você sabe como é esse mundo de hoje, né? Então eu acho muito importante e eu queria até contribuir mais com isso, entendeu? Mas eu não consigo, sabe, não consigo. Eu não tenho essas habilidades.

Giovanna: Eu imagino que não, mas não tem nenhum tema de sexualidade que acaba vindo nas suas aulas por conta da própria disciplina do currículo disciplinar de Física. Então acho que não entra nenhum outro assunto que envolva sexualidade de alguma forma ou que traga esse assunto de outra forma.

Benedito: Eu até dei aula Biologia aqui no telecurso, muitos anos assim. Eu dava aula para o EJA à noite. Falava alguma coisa de ciclo menstrual, de fertilidade, genética, entendeu? Acaba que, não sei, nunca acabei entrando.

Giovanna: Quais manifestações, sejam risos, piadinhas, perguntas, olhares dos alunos costumam aparecer quando de repente surge esse tema dentro da sua aula?

Benedito: Mais os meninos começa uma brincadeirinha. Alguma coisa do tipo assim, uma piadinha, um gemidinho, uma coisa assim.

Giovanna: E como que você se sente? Quando tem essas manifestações?

Benedito: Ainda tento ficar tranquilo, se não eu tento brincar. Viu, marca uma pizza, entendeu? Deixa pra depois em casa ainda. Entendeu? Então a gente assim num ambiente, é um momento difícil, respeitar tudo o mundo da sua opção sexual e tudo mais. E ainda existe o bullying e tudo, essa discriminação.

Giovanna: E quais formas como os alunos manifestam sua sexualidade aqui dentro da escola, sejam com beijos, com carícias, com comportamentos, com as roupas que eles vestem, o que que você observa?

Benedito: Eu acho que até tranquilo, sabe? Eu vejo assim, eu vejo, por exemplo, os índios. Não usa roupa, aí todo mundo tranquilo, entendeu? Se põem nos árabes lá amanhã, mulher não pode tirar nada que morre, que não sei o quê, que é apedrejada, então? Eu particularmente

acho que tá até mais tranquilo, filho, tudo. No começo quando teve celular tinha os esquema pra tirar foto, enviar foto, perder a foto, manda foto pro namorado, namorado largar, mandar pro outro, tem os problemas sim. Eu na minha visão, entendeu? Eu acho que é muito tranquilo, os meninos na verdade, acho que estão até perdendo um pouco dessa talvez essa libido, essa, entendeu? É videogame, celular, computador, rede social, não sei, ao meu ver, entendeu não? Mas mais tranquilo, né? Não sei.

Giovanna: Você possui algum tipo de direcionamento ou apoio da gestão, das coordenadoras, para lidar com essas manifestações dos alunos em sala de aula?

Benedito: A gente tem vários cursos, mas na verdade por falta de tempo, tem questão religiosa, questão política e mais tempo você acaba não entrando em alguns assuntos. Uma que não faz tanta parte da minha disciplina, entendeu? Aqui entra muito religiosidade política assim entre aspas, então a gente vive num momento difícil e não tem um motivo também assim.

Giovanna: Não existe uma situação que você precisou pedir ajuda das coordenadoras?

Benedito: Não teve nenhum motivo assim. De todas as escolas que eu já vi aqui, aqui é uma escola tranquila.

Giovanna: Até falando disso, em relação às coordenadoras, como que você vê, como que você avalia a forma como elas lidam com as questões que envolvem sexualidade aqui dentro da escola?

Benedito: Então, viu, eu não tenho assim, assim como que eu falo com você? Eu não sei ao certo como que é o trabalho delas, mas eu sei que eles têm um grande trabalho. A gente teve algumas coisas relacionadas a algumas habilidades socioemocionais o respeito e consequentemente, entre aspas na sexualidade, mas aqui tem aquele esquema que não pode com roupa curta, dentro do uniforme, se um dia for fazer, sei lá o Carnaval ou alguma outra coisa que pode vir com fantasia não pode fantasia de enfermeira, então ainda tem aqui algumas normas, aí, sabe, tranquilas.

Giovanna: Você faria alguma coisa diferente do que elas fazem hoje com os alunos em relação a essa orientação que ela dá para os alunos?

Benedito: Então, eu não sei, eu como tenho uma filha, eu não sei se existe uma orientação assim de prevenção de gravidez, doenças, daí seria mais o professor de Ciências ou a professora de Biologia, né? Seria até legal você falar com ele.

Giovanna: Eu falei com a professora de biologia.

Benedito: Ela é dos maiores, tem o de Ciências que é dos menores e ele pega justamente essa puberdade, essa mudança de criança, né? Que tem mais hormônio, então assim eu sinto um problema maior lá do outro lado que são os pequeninos do que aqui. Aqui é tudo tranquilo, tem namorado, não sei o que.

Giovanna: Ensino médio ao público mais tranquilo em relação às manifestações do que o fundamental?

Benedito: Eu acho que sim. As pequenas, as meninas, elas vêm aqui, sabe, atrás dos meninos, paquerar, entendeu? É que os meninos que namora lá sabe, que pega as pequenas. Então eu acho mais difícil da aula para as pequenas e até pros meninos do que pros grandes.

Giovanna: Entendi.

Benedito: Esse lance do médio é mais tranquilo, sabe? Agora, as pequenas já não, entendeu?

Giovanna: Tem mais alguma coisa que você quer comentar sobre o assunto?

Benedito: Não, não. Só acho que eu não pude dar muita contribuição.

Giovanna: Ah, imagina e ainda mais por conta da disciplina de talvez ser de exatas e não haver muitas manifestações ali nas disciplinas.

Benedito: É, eu também sou aquela pessoa que talvez porque eu tive assim, não que tive uma religião, religião era católica, nasci no sítio, mas tipo assim, meu pai nunca falou “que mulher

bonita” uma coisa que que não se fala muito em casa. Palavirão, nada. O que tem muito assim o que eu sinto é justamente algumas, principalmente mais as meninas, mas aquelas que não tem pai, não tem mãe, tem uma que não tem mãe, então acaba tendo um vocabulário um pouco vulgar, entendeu? Já acaba namorando muito cedo lá de pequeninha já namora, então você já repara. Eu acabo ficando quieto, que você não sabe muito o que você vai fazer, né? Eu não sei, tipo assim, né? A gente acaba ficando na nossa, mas eu queria saber um pouquinho mais pra, até na família da gente pra você conseguir explicar. Que você acha que eu tinha que falar pra minha menina?

Giovanna: Aí eu já não sei, depende da situação. Eu vou encerrar a gravação, tá bom?

Benedito: Tá bom.

APÊNDICE N - ENTREVISTA COORDENADORA MONIQUE

Transcrição de entrevista escola pública - Coordenadora Monique

Identificação

Gênero: (X) F () M

Idade: 42

Curso que se graduou: Geografia e Pedagogia

Ano em que se graduou: Geografia (não informado), Pedagogia 2019

Instituição em que se graduou: Geografia no Instituto de Geociências e Ciências Exatas - UNESP Rio Claro, Pedagogia no Colégio Claretiano

Tempo de atuação no magistério (em anos): 22

Tempo de atuação na coordenação escolar (em anos): 3

Pós-graduação: Pós em Tecnologia aplicada à Educação

Questões

I- Trajetória de formação

Giovanna: Sobre a sua formação, em algum momento durante a sua formação, foram discutidas questões de sexualidade?

Monique: Durante a primeira faculdade de Geografia, isso não apareceu mesmo, nem nas aulas no departamento de Educação que complementavam a formação de licenciatura em Geografia. Na Pedagogia, talvez as questões da diversidade foram colocadas, mas não com a especificidade da sexualidade.

Giovanna: Teve alguma disciplina específica desse assunto? Essas discussões elas vieram por várias disciplinas, por meio de artigo, filme, documentário?

Monique: Não, não havia uma especificidade, não. Que nem eu falei, talvez fossem... A gente chegava à conclusão na exemplificação da sexualidade inserida nos temas da diversidade, não que isso era uma proposta principal, mas uma exemplificação.

Giovanna: Desses temas de diversidade quais assuntos foram abordados?

Monique: Acho que era muito forte a questão da diversidade cultural, né? Eu acho que falar um pouco de racismo ainda é mais tranquilo, acho que é um tema bastante, que foi mais abordado na minha formação tanto na pedagogia quanto em Geografia, mas a gente entende a diversidade de um aspecto mais amplo, né? E aí então chegava a essa questão da diversidade também na sexualidade, não é que era sutil, mas muito superficialmente.

Giovanna: A sua formação atual te dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual na escola? Vou pegar um pouco de água.

Monique: Fica à vontade. Olha, eu não posso dizer que não porque o coordenador pedagógico como ele vai acompanhando os problemas cotidianos então percebe a necessidade de ter um olhar para essas questões porque a gente acaba sempre buscando leituras, referências, conversa entre a equipe de professores, né. O [nome da escola] esse ano vem também com uma necessidade de discutir sobre a diversidade, incluindo a questão da sexualidade dentro da diversidade, desde o [nome do programa da escola]. O [nome do programa da escola] é a semana de formação de professores que abre, dá início ao ano letivo de 2023, então esse ano todo o início de dia do [nome do programa da escola] tinha o [nome do programa da escola], esse diverso como... A sexualidade foi também colocada como algo para ser reconhecido em sala de aula, para ser acolhido, considerado, mas isso veio institucionalmente como a primeira vez com maior peso.

Giovanna: Você participa ou já participou de palestras, cursos, oficinas, congressos afins relacionados à Educação Sexual?

Monique: Não.

Giovanna: Quando você estava no seu ensino médio, antigo colegial, como que a escola tratava sobre Educação Sexual?

Monique: Tinha uma pegada de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, né? Então me lembro muito disso. Toda a questão não se discutia afinidades e prazeres, discutia

especificamente a questão da proteção para tanto a prevenção de uma gravidez, o planejamento familiar quanto a questão das doenças. Que mais? Mas me lembro também que a escola naquele momento também orientava. A questão do desenvolvimento físico durante a puberdade, ali no início da adolescência, as transformações corporais. É. Isso me lembro também enquanto estudante de me lembrar desses papos em sala de aula.

II- Atuação Profissional

Giovanna: O que que você entende como sexualidade?

Monique: Eu acho que a gente cria um, acabei de falar, né? A gente fala um pouco da sexualidade quando a gente fala não só do corpo. Mas eu acho que a gente fala de sexualidade, a gente tá falando do corpo, mas os nossos sentimentos, desejos e que vai muito além só da relação sexual então acho que sexualidade é uma palavra mais ampla, né? Tem questões psíquicas envolvidas, as questões socioemocionais vieram com mais peso na escola há muito pouco tempo ruim então essa pegada não ouvia lá na minha fase de adolescência, de criança, os nossos sentimentos eram bastante negados. Mas hoje eu acho que a sexualidade a gente consegue ter uma, conversar mais sobre isso se a gente tiver aberto a falar dos nossos sentimentos.

Giovanna: O que que você entende como Educação Sexual?

Monique: Bom, quando a gente vai falar de Educação Sexual, ela vai permear também, aí eu vou dar uma resposta que eu acho que ela ainda tá antiga porque quando a gente fala de Educação Sexual, a gente ainda vai perpassar quais são os conteúdos escolares que promovem habilidades que vão fazer parte da Educação Sexual de um jovem, de um adolescente, né? Mas eu acho que a gente tá mudando porque junto de todas essas questões de reprodução a gente também se permite falar de sentimentos. A gente também vai falar de prazer, de diferença de gênero. A gente também tem que de questões de sexualidade a gente também tem que falar muito da questão da violência contra a mulher, de uma cultura ainda machista muito presente, principalmente o que se chama de brincadeiras, mas que são violências veladas no ambiente escolar, né? Então, isso ainda é muito presente. Apesar de termos jovens que aceitam a diversidade sexual com mais facilidade do que quando era na nossa era época ainda assim as piadas são as mesmas. Desenham pinto na cadeira, pinto na mesa, né? Então

brinco assim: “então quem você desenhou para quem sentar? Porque se isso é para uma menina, isso é uma violência e se isso é para um menino também é homofobia”. Então a gente ainda percebe essa necessidade de ter que conversar e não se percebe o quanto que essas brincadeiras que vem desde a época que eu era estudante, o quanto elas são uma violência velada, que vira chacota do outro. Aqui eles tinham um hábito daqueles trotes de terceiros e nonos anos de vir fantasiado no dia tal, né? Então uma das coisas que nos preocupavam. Então todo ano a gente reúne a comissão de eventos, os alunos têm uma comissão, a gente forma uma comissão de eventos, então a gente não faz mais trote, essa gente começou a fazer eventos culturais e dentro desses eventos eles pedem essa brincadeira da fantasia, de outras vestimentas. Então hoje eles já tem também um certo, a gente conseguiu a partir de alguns exemplos fazer com que eles tenham mais consciência daquilo que eles querem vir vestidos. Toda vez que vinha um menino vestido de menina a gente colabora com a violência contra o travesti. Ou então outro dia, eles tinham feito um trote, como a gente teve um problema, né, só pra exemplificar. Eles podiam se vestir de qualquer data comemorativa, data comemorativa, então esses que vieram vestidos de mulheres falaram que era o Dia das Mães, mas daí quando representam uma mulher representam pela questão da sexualidade, então do shorts, do peito exposto e tal, a gente fez essa discussão, olha eu sou uma mulher, sou mãe, já que é Dia das Mães e eu não quero estar representada pela minha característica de sexualidade, mas eu quero estar representada daquilo que eu conquistei ao longo da minha vida. Então aí já houve, já não tinha mais essa vontade de ficar toda vez que liberasse uma fantasia, ter essa questão pejorativa, entender que aquilo não é uma brincadeira, mas eu escolhi representar uma mulher de uma maneira que a sociedade vê como vulgar, vê como objeto sexual e ao mesmo tempo essa questão de que para algumas pessoas isso é a vida real e portanto não é alvo de uma fantasia, de uma brincadeira. Então isso avançou, mas é sempre necessário a cada comissão de evento e a cada possibilidade de vir brincar com fantasias, a gente tem que reafirmar determinados comportamentos.

Giovanna: Quais as manifestações que envolvem sexualidade que você observa nos alunos, durante e fora das aulas aqui no espaço escolar? Podem ser abraços, carícias, beijos, falas. Você já trouxe a questão das piadas, dos desenhos na mesa, na porta. Quais outras manifestações que você observa?

Monique: Nós também aqui, vou ampliar um pouquinho esses exemplos. A gente teve sim, é as bandeirinhas colocadas, os alunos criarem as bandeiras e colocar no banheiro ou colocar na sala de aula as bandeiras.

Giovanna: Você fala a bandeira LGBTQIA+?

Monique: Isso, isso a gente teve essas manifestações, muitas vezes na própria produção artística, você vê que relatos ou desenhos expressam essa afetividade. Na escola, apesar de eles não poderem namorar na escola eles têm bastante carinho um com o outro. Então é normal que vocês verem os alunos andarem...

Giovanna: Abraçados?

Monique: Isso. Nada que sai do que eles consideram, que convivem alunos de 18 até 6 anos. Então há um respeito também com os pequenos de entender que não vai no pátio da escola ter beijos e abraços vão ter, mãos dadas vão ter. Tentar separar o que é da intimidade e o que é espaço público. Há muito mais manifestações de carinho e cuidado do que as brincadeiras. Assim, vamos tentar também dosar. Existem essas coisas que nos incomodam, o desenho na cadeira, na carteira ou no mural, mas as manifestações de carinho são maiores então agora no Valentine's Day, eles também fizeram os painéis dentro da aula, do componente curricular língua inglesa. É bacana porque Valentine's Day amplia um pouco a noção do que é amor, não só o amor como ligado ao romance, não é o meu namorado, como é no Brasil, Dia dos Namorados, mas o amor em outras formas então as manifestações de carinho, de reciprocidade são mais frequentes no nosso ambiente do que essas mais agressivas.

Giovanna: Você se sente preparada para lidar com essas manifestações?

Monique: Eu não sei se eu tenho escolha. Me dá um frio na barriga porque eu tenho que perceber o que vai ser, o que eu tenho que eu ainda tenho, quanto adulto, quais são os meus vieses, que eu também tenho que perceber dentro disso, mas eu não posso dizer que não estou preparada porque não tenho escolha. Mas então eu vou adotar sempre a estratégia do ouvir porque se a gente só vai conseguir ter um olhar empático diante de tudo isso, se a gente tiver pelo menos disposto a fazer uma escuta ativa. Se o diálogo com adolescente não me deixa muito apreensiva, mas o diálogo com as famílias é mais difícil porque as famílias ainda

vem com, quando percebem o desenvolvimento da sexualidade dos seus filhos, isso causa uma preocupação, ainda vem culpando o outro. Eu falo não, a sexualidade é uma descoberta para o mundo interno, não é o mundo externo. Então os pais trazem muito essa questão do medo das influências. Então isso é difícil da gente lidar quando os pais vem para a escola para compartilhar porque o problema é outro. Então isso eu me sinto insegura.

Giovanna: E de que forma você costuma agir quando tem essas manifestações que envolve a sexualidade dos alunos na escola, trazendo talvez para situações que precisam de uma intervenção? Como que você...?

Monique: Intervenção eu acho que o primeiro é a escuta mesmo, a escuta qualificada, ouvir, questionar, pergunta algumas coisas porque ao invés de dar um sermão, a gente tem que propor a reflexão. Então o primeiro passo é esse, ouvir o que está acontecendo com aquele estudante, fazer algumas reflexões. A partir dessas reflexões a gente tenta monitorar depois de uma semana, um tempo pra ver se as coisas se assentaram, já se acomodaram emocionalmente ou não. Ouvir também os professores, então depende muito do problema. Têm problemas que a gente é procurado pelas famílias, às vezes é a gente que tem que buscar na família uma orientação, mas todos perpassam o ouvir e o refletir.

Giovanna: Você realiza algum tipo de orientação com os professores em relação à temática de Educação Sexual abordada com os alunos?

Monique: Volta a pergunta.

Giovanna: Você realiza algum tipo de orientação com os professores em relação à temática de Educação Sexual que é abordada com os alunos?

Monique: Olha, eu acho que isso a gente ainda está engatinhando. Não vou dizer que tá acontecendo cotidianamente na escola porque se a gente vem de um primeiro ano que isso foi colocado para uma discussão coletiva no [nome do programa da escola] isso, é como eu falei, é do mesmo jeito que quando, como eu tenho que lidar com isso, eu também tenho que lidar com o meu interior, isso também é muito difícil para muitos professores, porque vão ter diferentes valores então isso é incômodo para alguns. Para alguns não, mas para alguns há um

certo incômodo, mas quando ele tem que também se posicionar frente a isso, eu sinto que estão inseguros.

Giovanna: Quando um professor relata para você alguma manifestação do aluno que envolve a temática da sexualidade, você oferece algum apoio ou realiza alguma orientação?

Monique: Bom, da mesma forma que eu vou tá ouvindo os estudantes o primeiro passo é ouvir o que esse professor precisa relatar porque às vezes é nesse relato ele vai manifestar a sua impressão e a sua impressão vai perpassar pelos próprios valores. Agora, se for algo que realmente a gente sinta a necessidade que o aluno está precisando de um acolhimento, daí eu chamo em particular. Então acho que tem que diferenciar se é o professor que está precisando dialogar, para entender e para lidar com os sentimentos dele ou se é uma conversa com um estudante, para que ajudar com que o estudante esteja lidando com sentimentos dele.

Giovanna: Você alguma vez você abordou a temática de sexualidade com os alunos ou com os professores junto a um profissional fora da escola? Algum palestrante profissional da área de saúde?

Monique: Não sei, tantos anos... Não consigo pensar.

Giovanna: Nesses 3 anos de gestão...

Monique: Eu acho. Vamos pensar então nesses 3 anos, porque desses 3 anos 2 a gente estava em pandemia?

Giovanna: Então acho não que teve possibilidade....

Monique: Então a gente teve um ano e nesse último ano, acredito que não. A gente teve algumas intervenções com convidados, mas não com a temática da sexualidade.

Giovanna: Você acredita que a escola aqui oferece um ambiente acolhedor e seguro, onde os alunos possam buscar informação para as dúvidas das questões ligadas à sexualidade?

Monique: Creio que sim, porque se para a escola já é difícil, para as famílias é ainda mais. Né? Então assim, porque a escola é um ambiente de diversidade. A família, ela, já, vai, nem sempre, às vezes, concordar, aceitar. Então, acho que a escola tem que ser acolhedora, não do ponto de vista de ter que né, de interferir na educação familiar. Não é isso, mas é um espaço ao qual ele precisa também ter liberdade de escuta.

Giovanna: Na temática de Educação Sexual, como que você avalia o material didático oferecido aqui pela escola em relação às informações dos conteúdos a serem trabalhadas?

Monique: Olha, é quando a gente teve essa experiência no [nome do programa da escola] de lidar com a diversidade foi bacana porque a instituição se apoiou. Os recursos do próprio material didático. Mas muitas vezes não e não naquela pegada da educação, de estar na parte de Ciências ou de Biologia, mas tem muita coisa no livro de arte. Muitos recursos dentro da arte que devido à sensibilidade perpassam a esse tema. Então o material, não vou dizer que tem muito, mas é possível dar, ter esse olhar atento a partir de recursos que alguns materiais tem. Na história, na arte e no próprio material de Ciências da Natureza.

Giovanna: Você tem conhecimento se o sistema de ensino aqui da escola está inserido em alguma proposta de Educação Sexual para o Ensino Médio?

Monique: Acho que não com esse nome, mas se a gente vem de uma, se a gente acredita numa educação de sentimentos e valores, a gente pode dizer que é possível a abordagem. Mas não com esse vai, não é um pilar, mas trabalhamos com educação de sentimentos e valores então de certa forma isso também é contemplado.

Giovanna: Na sua visão, qual a postura da comunidade escolar e das famílias em relação à manifestação da sexualidade dos alunos?

Monique: Acho que isso eu já abordei nessa questão de ao invés de apoiar o auto conhecimento ainda assim buscar explicações numa influência externa, de rede social, de colegas ou do outro, sendo que talvez a orientação fosse mais de autoconhecimento.

Giovanna: E como que as famílias recebem a atuação da escola nessa situação de sexualidade dos alunos?

Monique: Algumas famílias são muito tranquilas, parceiras, mas a gente ainda tem, a gente percebe que é um tema espinhoso. É um tema espinhoso, a comunidade também tem algumas manifestações muitas vezes, algumas não, é bem pontual, mas alguma manifestação preconceituosa a gente consegue sentir. Então ainda estamos em transição. E como é um tema muito velado e tenho pouco tempo aqui, um ano de presencial não é algo que eu possa afirmar que realmente está acontecendo porque geralmente é aquilo que a gente não conversa muito tranquilamente é porque é incômodo. O que é tranquilo a gente conversa cotidianamente. Que nem eu falei, falar quando a gente fala da diversidade, quando a gente fala das questões raciais, as pessoas até dialogam mais, são mais abertas, mas as questões de sexualidade ainda são menos exemplificadas. Fica ainda embaixo do tapete e se ela está embaixo do tapete quer dizer que ainda não é tranquilo para nós, ainda nos causa incômodo.

Giovanna: Entendi. Você gostaria de falar mais alguma coisa ou comentar sobre algum assunto que foi perguntado?

Monique: Não, se eu não fui clara em alguma das falas.

Giovanna: Não, foi ao contrário, foi ótimo. Vou encerrar aqui a gravação então.

APÊNDICE O - ENTREVISTA DIRETORA CRISTINA

Transcrição de entrevista escola pública - Diretora Cristina

Identificação

Gênero: (X) F () M

Idade: 51

Curso que se graduou: Pedagogia

Ano em que se graduou: 1995

Instituição em que se graduou: Instituto de Biociências - UNESP Campus Rio Claro

Tempo de atuação no magistério (em anos): 30

Tempo de atuação na coordenação escolar (em anos): 27

Pós-graduação: M.B.A. Gestão Escolar, Psicopedagogia e Pós em Gestão Escolar

Questões

I- Trajetória de formação

Giovanna: Sobre a sua formação, em algum momento durante a sua formação foram discutidas questões de sexualidade?

Cristina: Na minha formação, não. Na minha formação acadêmica, não diretamente. A formação que eu tive em relação à sexualidade dentro da escola foi com as vivências dentro da escola e aí a gente vai buscando uma parte acadêmica, vai buscando informações na Pedagogia, na Psicologia, na Filosofia, na Antropologia, para poder entender essas questões.

Giovanna: Ok. A sua formação atual, ela te dá embasamento para atuar com a temática de Educação Sexual no espaço escolar?

Cristina: Sim, atualmente sim por conta das formações que a própria instituição oferece pra gente e os cursos e as especializações que a gente vai fazendo ao longo aí em serviço.

Giovanna: E quando você tá, aí desculpa, pulei uma pergunta. Você participa ou já participou de palestras, cursos, oficinas, congressos relacionados à Educação Sexual?

Cristina: Sim, sim.

Giovanna: Quem organizou e qual foi a duração, você lembra?

Cristina: Olha durante todos esses anos dentro da instituição pelo menos uma vez por ano o [nome da escola] nos dá cursos, palestras, orientações, documento, temos dentro da instituição uma psicóloga. Toda a parte de saúde e psicologia dentro da escola, então isso nos dá um respaldo muito grande.

Giovanna: E quando você estava no ensino médio, que era o antigo colegial, como que a escola tratava sobre Educação Sexual?

Cristina: Não se falava.

Giovanna: Nem um pouco?

Cristina: Nem um pouco, não se falava. A sexualidade era uma coisa fora do corpo. A sexualidade era algo assim que você tinha que deixar ela na sua casa ou deixar ela, ou fazer funcionar só na hora dos namoros e tudo mais. E você não se via como um ser que tem a sua sexualidade. E era assim, uma sexualidade não voltada para a parte integral do ser humano, era uma sexualidade voltada para o sexo, pro ato sexual e não para a sexualidade enquanto corpo, mente espírito. Então não se falava, de jeito nenhum.

II- Atuação Profissional

Giovanna: Agora sobre a sua atuação, o que que você entende como sexualidade?

Cristina: Sexualidade é algo amplo, como eu já falei, não é nada só relacionado a ato sexual ou posturas que alguma criança ou algum professor tenha de ato sexual. Sexualidade é o que a gente é. É o nosso corpo, é a nossa mente, como nós nos enxergamos enquanto seres humanos. Então, para mim a sexualidade é uma tríade, é corpo, alma e espírito. É aquilo que você sente enquanto seu corpo.

Giovanna: E o que que você entende como Educação Sexual?

Cristina: Eu acho que a escola agora em relação a parte de aprendizagem e de desenvolvimento com a entrada e a mudança da BNCC, a questão socioemocional, eu acredito que a Educação Sexual vem para dar essa identidade para as pessoas, a sua identidade. Você tem um corpo que esse corpo ele tem uma identidade, você tem sentimentos, você tem valores. Então, para mim Educação Sexual na escola é primordial, assim como Matemática, Física, Química. De repente você precisa, você até tem dificuldade em alguma área curricular até por não se entender, não se enxergar. Então, para mim, assim é fundamental. A gente vê que isso na escola é algo que não dá para voltar para trás, é como um túnel que a gente começou e não dá para voltar para trás. Quando o aluno vem pra escola, ele vem com tudo o que ele tem e aí cabe a nós ajudar a ele se organizar, ser maduro o suficiente ser profissional suficiente para ajudá-lo a se organizar e se enxergar melhor e se aceitar.

Giovanna: Com certeza. E quais manifestações que envolvem sexualidade você observa nos alunos durante e fora das aulas aqui no espaço escolar?

Cristina: Olha pros alunos, eu vejo assim, é muito de namorado, namoradinho, beijar, ficar. Eles ainda têm, assim como era na nossa época, né? Essa vontade de estar com outra pessoa. Não digo, hoje estar com outra pessoa eu digo em questão de gênero e tudo. Eles, eles querem estar, eles querem se tocar, eles querem se abraçar, eles querem beijar e quando isso acontece a gente traz para o lado da sexualidade global. Olha, você pode, é gostoso, não temos nada contra, porém o espaço não é adequado para isso, então você não anula a sexualidade, mas você orienta e canaliza para o momento certo.

Giovanna: Então você se sente preparada para lidar com essas manifestações?

Cristina: Acredito que sim. É claro que de vez em quando aparece algumas coisas, alguns tabus na escola até porque a escola trabalha com N gerações. Então a gente vê às vezes professores mais tradicionais que pensam de forma diferente, mas a gente também tem que ter essa mente aberta para as coisas, e aquilo que não era bom na nossa época não adianta você querer colocar, impor agora então essa discussão na escola é direto.

Giovanna: E de que forma você costuma agir quando há essas manifestações que envolvem a sexualidade dos alunos na escola?

Cristina: Muito diálogo. Diálogo, conversa. Não adianta punir, não adianta a punição, você tem que dialogar, você tem que colocar do lado dos valores deles e o valor da sociedade e principalmente que eles estão no ambiente educacional. Então assim, até para resguardar a própria pessoa. Eles precisam se sentir resguardados por eles em primeiro lugar. Às vezes eles tomam alguns posicionamentos, por exemplo, um *nudes*, porque eles tiram *nudes* e eles colocam no WhatsApp da vida ou eles passam pro namoradinho, namoradinho passa pro coleguinha e vai andando. Então esses valores têm que ser trabalhados dentro da escola. Não adianta só punir que a punição já veio para ela. Ela foi exposta, todo mundo está tirando sarro, os pais descobriram aí aquela situação vexatória por todo mundo. Então acho que a escola tem que trabalhar com muito diálogo. E ouvir, uma escuta ativa, uma escuta ativa e sensível para poder orientar, e deixá-los mais preparados para a vida mesmo. Pode fazer, mas você tem que confiar que o outro não vai te expor.

Giovanna: Sim, e você realiza algum tipo de orientação com os professores em relação à temática de Educação Sexual que é abordada por alunos?

Cristina: Olha, em janeiro mesmo a gente realizou muito essa questão de pertencimento, da questão da sexualidade, do racismo. Essa questão estrutural do racismo também. Sempre na empresa tem algumas paradas durante o ano, aonde se aborda a alguns assuntos. Em janeiro tratamos um pouco disso também, mas mais a questão assim da, me fugiu a palavra agora, do preconceito geral, né? É racismo, o bullying, a questão da sexualidade, do gênero. Na verdade, a gente trabalha com respeito, nós temos que entender que existe isso é legítimo e temos que respeitar. Então durante o ano a empresa faz algumas paradas e essas paradas é justamente para nos fortalecer enquanto educadores que somos, profissionais da educação para que a gente possa trabalhar com os alunos

Giovanna: e quando o professor relata alguma manifestação de alunos que envolvem essa temática de sexualidade, você oferece algum apoio, realiza alguma orientação? Pode descrever um pouco?

Cristina: Olha, o apoio. Eu acho que é essa escuta, é o professor também se sente acolhido porque tem algumas situações em sala de aula que não dá para ser tratadas, tem que tirar o aluno em algum determinado momento para conversar. O professor em determinado momento, tudo para preservá-lo. Que mais que a gente faz aqui? Quando o professor não se sente preparado, porque a gente tem um jogo aberto com eles, não é todo mundo que se sente preparado para trabalhar, então traz pra coordenação, traz pra direção da escola e a gente junto vai tratar disso. Quando a gente também não consegue porque às vezes é um assunto muito delicado, aí nós chamamos a equipe de Psicologia do [nome da escola], aí eles vem, nos preparam, e aí é uma rede de apoio. Todo mundo tem uma rede de apoio, né? Pelo menos aqui a gente tem. Então qualquer coisa que foge da nossa capacidade, que é bem isso mesmo, a gente tem que se capacitar para porque a minha geração foi totalmente diferente dessa geração e às vezes a gente ainda se pega reproduzindo algo do passado.

Giovanna: E alguma vez você já abordou a temática sexualidade com os alunos ou com os professores junto ao profissional fora de escola, além dos psicólogos, como você falou?

Cristina: Fora da escola?

Giovanna: Algum profissional de enfermagem, outro profissional de saúde, seja com os professores ou os alunos?

Cristina: Sim, sempre vem os palestrantes. A gente sempre tem muitas parcerias com a prefeitura, parcerias com a [nome da empresa], que vem às vezes e dão. Tudo vai da necessidade do momento. Da necessidade do currículo que está sendo trabalhado então a gente tem alguns parceiros sim que vem, fora a instituição.

Giovanna: Você acredita que aqui a escola oferece um ambiente acolhedor e seguro onde os alunos possam buscar informações para as dúvidas de questões ligadas à sexualidade?

Cristina: Eu acredito que sim. A gente tem assim, acho que uma escuta muito ativa, uma escuta respeitosa. A gente está muito em contato com eles, a gente conversa demais com eles, é no corredor, é fora, eles entram nas nossas salas, marcam horário. A gente tem aqui alguns momentos de assembleia com alguns alunos das das turmas aonde às vezes eles trazem as

temáticas para gente e pedem ajuda. Então acho que podemos melhorar muito ainda, eu acho que tudo a gente pode melhorar, mas eu acho que a gente está no caminho, já é o começo.

Giovanna: Na temática de Educação Sexual, como que você avalia o material didático oferecido pela escola em relação às informações dos conteúdos a serem trabalhados?

Cristina: Como eu avalio?

Giovanna: Essa parte do material que a escola oferece.

Cristina: Então, nós não temos um material específico de Educação Sexual. O que a gente tem são temáticas dentro do material didático deles. São bons, são atuais, são pertinentes, mas é como eu falei, eu acho que como isso é muito dinâmico esse processo. A sexualidade é algo que a gente achou que nunca fosse mudar, mas até isso mudou. Então eu acho que ainda tem muito para crescer, muito para melhorar. O material específico assim a gente não tem.

Giovanna: É um tema transversal.

Cristina: É um tema transversal que ele passa por todas as áreas. Na verdade pelos componentes curriculares.

Giovanna: E na sua visão, qual a postura da comunidade escolar e das famílias em relação às manifestações de sexualidade dos alunos?

Cristina: Ainda é difícil.

Giovanna: Como que as famílias recebem a atuação da escola em relação à Educação Sexual?

Cristina: Eles confiam demais na gente, tanto é que tem certas coisas que surgem lá em casa que eles marcam horário com a gente “é, por favor vocês são mais preparados para falar pro meu filho do que eu mesmo”. Então eles transferem pra nós essa responsabilidade. Eles em casa enquanto pais têm muitos tabus ainda, que precisam ser desmistificados. A gente vai tentando em reuniões de pais, nessas parcerias com palestras, com a psicóloga. A gente vai tentando, mas a comunidade muitas vezes eles transferem para gente essa questão mesmo.

Eles não conseguem enquanto pais, separar que é meu filho, a minha sexualidade, a sexualidade da minha esposa, do meu marido, e a da criança e infelizmente, eles acham ainda que sexualidade está voltado para o sexo.

Giovanna: Que é uma extensão deles, como se a criança fosse uma extensão.

Cristina: Isso, isso. Isso mesmo. Então ainda isso é algo que tem que trabalhar muito com os pais.

Giovanna: Existe algum conflito em determinados assuntos entre a família e a escola?

Cristina: Sim, principalmente quando nós estamos trabalhando a questão dos gêneros. Não que a gente trabalha especificamente os gêneros, mas dentro desse currículo integrado que a gente tem às vezes aparece. Até temas de projeto, né? A gente tem o eixo integrador aqui que tem temas pertinentes a sexualidade, então são coisas em que alguns pais ainda marcam reunião para perguntar “tá, mas vocês não estão incentivando meu filho a mudar de gênero?”. Não, nós não estamos incentivando, estamos explicando que existe isso, que existem pessoas diferentes da gente, com posturas diferentes, com valores diferentes e com sua sexualidade diferente, né? É uma questão de respeito, então existe sim. Já foi pior. Eu acho que nós estamos caminhando, eles estão entendendo que a escola também é para isso, para esse tipo de orientação, de educação, esclarecimento, de debate, de escuta.

Giovanna: Você quer falar mais alguma coisa? Comentar sobre algum assunto que foi perguntado?

Cristina: Não, eu só acho que temos que caminhar muito ainda tem sua escolha em trabalhar sobre isso é algo que eu acho que é para as futuras gerações aí porque é um passinho de cada vez. É um passinho de cada vez, mas muito necessário. É muito necessário porque existem alguns valores aí que a gente precisa desmistificar, nós precisamos ou não só desmistificar, mas ratificar, né? O cuidado do seu corpo, seu corpo é sagrado, aquela coisa de que sexualidade não é sexo, não é só isso, né? É algo muito maior e que transcende, né? Transcende a querência das pessoas o eu quero meu filho seja isso ou seja aquilo. Isso aí não está na nossa mão, na mão de cada um, né?

Giovanna: É individual. Vou encerrar aqui a gravação.

